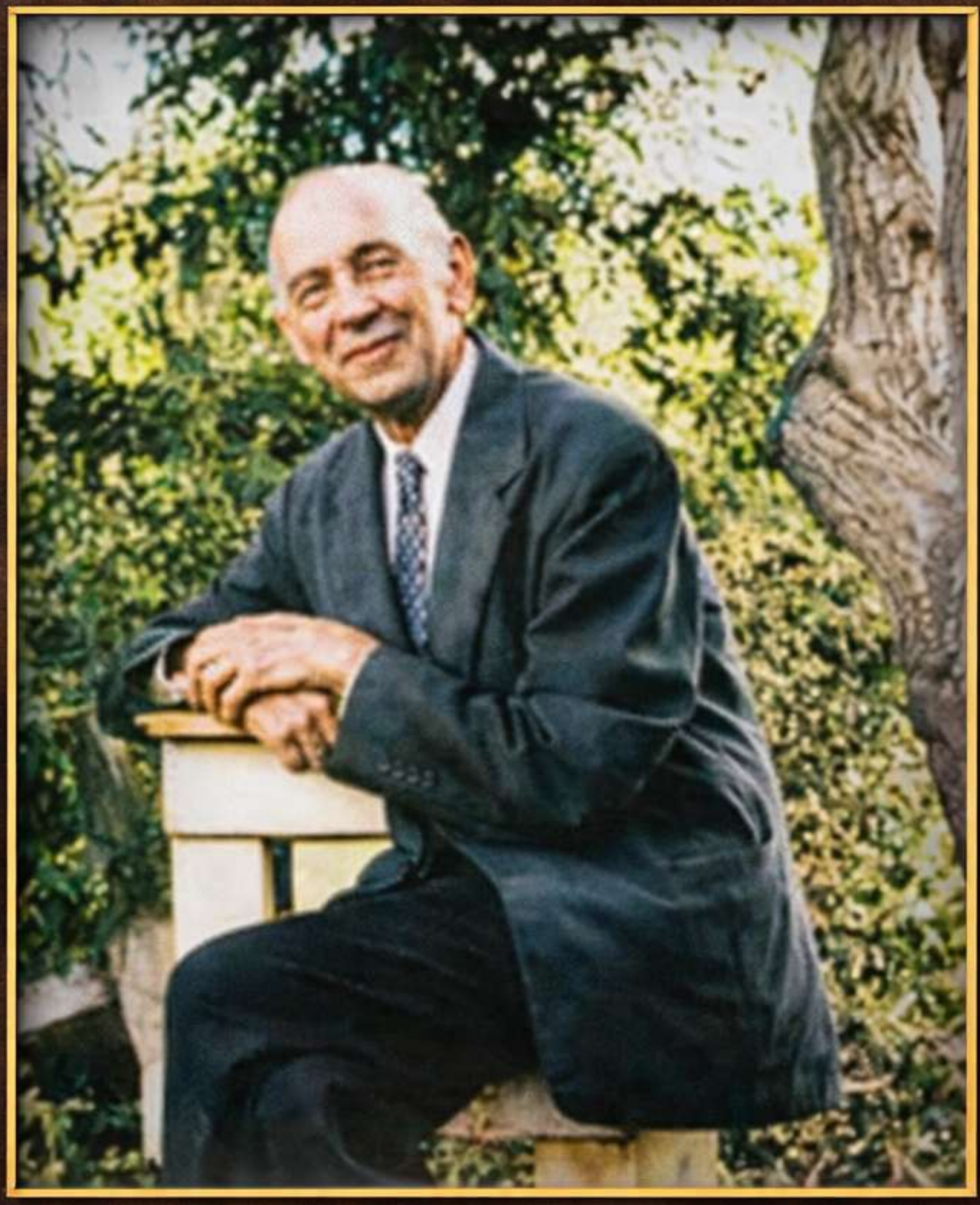
O UNIVERSO DE EDGAR CAYCE I

DOROTHÈE KOECHLIN DE BIZEMONT

Tradução: Amadeu António



O UNIVERSO DE EDGAR CAYCE

Tomo I.

Dorothée Koechlin de Bizemont

Todas as revelações do maior médium americano sobre a reencarnação, a história, a medicina, o futuro...

Edições Robert Laffont, Coleção *Les énigmes de l'univers*, março de 1986

Advertência ao leitor

Que o meu leitor não se espante com o tom "bonacheirão" deste livro: foi o próprio tom de Cayce. Quando falava em estado de vigília, era um homem cheio de humor. E o humor fazia parte da sua filosofia:

Mantenham sempre uma atitude benevolente, jovial, cheia de esperança. Todos os dias, façam rir de bom coração pelo menos três pessoas, contando-lhes algo de engraçado.
Não só isso vos ajudará, como ajudará também os outros! (leitura 789-1).

Cultivem a aptidão para ver o ridículo, para rir. Pois sabei que só aqueles que Deus cumulou com os seus favores possuem a aptidão de rir, mesmo no meio das nuvens de dúvida e de toda a espécie de provações. Porque lembrai-vos de que o Mestre Jesus sorria, e até muitas vezes riu... (leitura 2984-1).

E não vades acreditar que um homem rabugento possa cultivar uma couve ou um tomateiro tão bons e tão belos como um homem que sabe rir e gracejar! (leitura 460-35).

Cayce exprimia-se de forma muito familiar, como um homem simples que nunca frequentara estudos superiores, mas que encantava as pessoas pela sua jovialidade e espírito. Naturalmente, não falava uma língua cuidada, mas antes uma espécie de patois americano que torcia o pescoço, de três em três segundos, à sintaxe inglesa clássica!

E quando se exprimia em estado de transe, "adormecido", o seu estilo não era melhor: sempre muito descuidado, como em estado de vigília. E tão confuso que, atualmente, é preciso reler cada frase várias vezes para compreender o que quis dizer... Os comentadores americanos de Cayce têm primeiro de o traduzir para um americano normal a fim de o compreenderem. Os bibliotecários da Fundação Cayce viram desfilar especialistas do mundo inteiro, de língua inglesa ou não, que todos esbarraram nas mesmas dificuldades.

Ireis notar, ao longo destas páginas, expressões estranhas usadas pelo nosso "profeta adormecido". Por exemplo, os diagnósticos dados aos doentes começam quase sempre por: "Sim, temos aqui o corpo..." Em vez de dizer Deus, como toda a gente, Cayce utilizava circunlóquios estranhos, como as Forças Criativas ou as Forças Universais... Nunca dizia Senhor ou Senhora Fulano; dizia antes "a entidade". Também nunca empregava as palavras marido e mulher: dizia sempre *companion* (no mesmo sentido que em francês). As suas frases são redundantes, verbosas, tão enroladas sobre si mesmas que é extremamente difícil desenrolá-las!

Contudo, nada há nisso de surpreendente. A maioria dos médiuns, quando tem de transcrever o que vê ou ouve, sente grandes dificuldades. A nossa linguagem exprime com dificuldade as suas perspetivas pluridimensionais. Vede Swedenborg, Rudolf Steiner, Blavatsky... As faculdades mediúnicas são regidas, em astrologia, pelo signo inspirado de Peixes, que marcava Cayce. Ora, a escrita é regida por Virgem, oposta a Peixes. A expressão verbal, por seu lado, é regida pelo signo de Gémeos, que não está em melhor acordo com Peixes: os dois signos estão em "quadratura", indicando que as suas vibrações são muito difíceis de coordenar.

Se não sois perfeitamente bilingues francês-inglês, e até mesmo versados no inglês americano, tereis enorme dificuldade em decifrar Cayce no texto original (e também Cayce desperto, quando escrevia aos seus amigos!).

Em certos momentos, cheguei mesmo a achar que não era honesto nem gentil da parte de Cayce ter revelado tão prodigiosos segredos numa linguagem quase ininteligível!

Tinha a impressão de estar perante uma má tradução de alguma língua arcaica! Ora, o próprio Cayce respondeu a essa questão:

Notai isto, de passagem. A interpretação destas informações, é certo, não está traduzida do inglês, nem da língua atualmente falada no Egito.
Mas da língua levada para esse país pela tribo a que pertencia a entidade.
Não o sânscrito, nem sequer o antigo persa. Trata-se antes da língua dos povos originários do país que hoje é o Irão. (leitura 1100-26).

Porquê esta referência ao Egito? Porque todo o ensinamento de Cayce, segundo ele, provém do antigo Egito, onde ele próprio se teria outrora encarnado como sumo sacerdote. Cayce fornece datas para essa personagem: cerca de 10 500 anos antes de Jesus Cristo. O sumo sacerdote em questão teria vindo de regiões situadas entre o Irão e o Cáucaso.

Portanto, tomai estas "leituras" pelo que são: uma tradução do caucasiano antigo adaptado ao americano dialetal falado no Kentucky no início do século! ... Em suma, do "cau-caysiano"!

I

Edgar Cayce antes de Edgar Cayce

— Senhor Cayce, perguntou o procurador do tribunal, é acusado de ter violado o artigo 899 do código penal, que proíbe a prática de adivinhação. Quando está nessas pretensas "transes mediúnicas", sabe o que faz e o que diz?

— Não, Senhor Procurador, respondeu Edgar.

— Não faz a menor ideia?

— Não, Senhor Procurador.

— Isso é demais! Está a troçar da justiça! Agora, vamos ouvir as testemunhas. Senhor David Kahn?

Este apresentou-se na barra do tribunal. Era um homem de negócios conhecido em Nova Iorque, cujas excelentes maneiras impressionaram favoravelmente a assistência.

Kahn explicou que presidia à Associação dos Amigos de Edgar Cayce, ou A.R.E., cujo objetivo era a investigação científica e espiritual. Tratava-se de uma associação sem fins lucrativos, perfeitamente legal, e Edgar Cayce não praticava a "adivinhação". Kahn empreendeu a explicação à honorável assembleia de que o arguido Cayce possuía um dom extraordinário: quando era adormecido sob hipnose, podia ver o interior do corpo humano, cada órgão doente, explicando as causas da doença; depois, se lhe pedissem um tratamento, indicava-o, em geral com medicinas naturais e sem perigo. Kahn afirmou que Cayce já curara milhares de pessoas dessa forma.

— Mas, senhor Kahn, está a falar-nos de exercício ilegal da medicina!

— Não, Senhor Procurador. O arguido Edgar Cayce não faz qualquer comércio do seu dom; é absoluta e totalmente desinteressado!

Depois, David Kahn explicou ao procurador que, para examinar este espantoso fenómeno, reunira juristas, médicos, universitários, cientistas — em suma, pessoas altamente respeitáveis (e a assistência notou que alguns eram bastante conhecidos em Nova Iorque!).

Conseguiu provar que Cayce não tinha qualquer pretensão de se fazer passar por médico, que não dava "consultas", mas apenas — nuance — "leituras". E essas sessões especiais, ditas leituras, eram reservadas exclusivamente aos membros da Associação. Estes aceitavam, por sua conta e risco, participar numa experiência científica.

Os relatórios das leituras, ou seja, as estenografias do que Cayce dissera durante o sono hipnótico, constituíam arquivos sobre os quais podiam trabalhar os investigadores. Os estatutos da Associação definiam, aliás, claramente os seus objetivos: estudar cientificamente os dossiês e as informações fornecidas pelo Sr. Cayce. Kahn explicou que a Associação estava orientada não só para a investigação científica, mas também para a investigação espiritual, numa perspetiva bíblica — o que pareceu extremamente tranquilizador ao procurador, naquele ambiente da América puritana...

Por outro lado, acrescentou Kahn, a Associação era perfeitamente legal, publicava os seus resultados, realizava assembleias gerais regulares, tinha correspondentes em todo o mundo e nada tinha a esconder...

Tudo isso era verdade... Exceto que Cayce, sob o artifício legal de uma associação de investigação científica, praticava de facto o exercício ilegal da medicina (em americano: *practicing medicine without a licence*). Mas quem se queixava? Já curara milhares de pessoas e não cessava de repetir que, se uma única das suas leituras viesse a prejudicar alguém, pararia imediatamente.

Desta vez, era acusado, juntamente com a sua mulher Gertrude e a sua secretária Gladys Davis, de praticar adivinhação — em americano: *fortune telling*. Por outras palavras, de ser um charlatão!

Era 11 de novembro de 1931, no tribunal de Nova Iorque. E o juiz estava perplexo... Quatro dias antes, duas mulheres tinham-se apresentado no hotel onde os Cayce estavam hospedados. Diziam estar doentes e pediam uma consulta — perdão, uma leitura!

Edgar, sempre prestável, não julgara dever recusar.

Tomara, pois, como de costume, as disposições necessárias para dar a leitura: deitado na cama do quarto de hotel, desapertara o colarinho, desatara a gravata, afrouxara o cinto, tirara os sapatos. Depois respirara profundamente. A sua mulher Gertrude, sentada aos pés da cama, como de costume, aguardava o momento em que ele iria fechar os olhos — os últimos segundos antes do sono — para iniciar a sugestão hipnótica. Era um momento delicado, pois, se as

instruções fossem dadas demasiado tarde, Cayce mergulhava num sono verdadeiro, normal, e então já não podia responder às perguntas.

Gertrude Cayce pronunciara então, com voz suave, a sugestão ritual:

— Senhor Cayce, tem diante de si o corpo e o espírito requerente da Sra. Bertha Gorman, presente nesta sala, que vem pedir conselho, solicitar orientações sobre o que deve fazer nos planos mental, físico e espiritual; dará todas as informações que forem úteis a esta entidade hoje e responderá às perguntas que ela colocará em seguida.

A fórmula usada por Gertrude é estranha, mesmo em americano, onde, como em português, se chamam às pessoas "pessoas" e não "entidades"! Mais estranha ainda era a resposta de Cayce:

— Sim, temos aqui o corpo e o espírito inquiridor da Sra. Bertha Gorman, presente nesta sala...

Por vezes dizia apenas: "Sim, temos o corpo", o que soa ainda mais estranho!

Por vezes dizia apenas: "Sim, temos o corpo", o que soava ainda mais estranho! Seja como for, nessa leitura, hoje classificada sob o número 3871-1, começou, como de costume, por descrever o carácter, as tendências psicológicas da consulente, os seus pontos fracos. Quanto à sua saúde, aconselhou-lhe banhos de vapor e diversos tratamentos naturais. A consulente, nada embaraçada, colocou as perguntas que pessoalmente lhe interessavam. Depois, quando Cayce terminou, Gertrude retirou-o do sono hipnótico:

— E agora, senhor Cayce, depois de ter dado uma excelente descrição da Sra. Bertha Gorman, vai, plenamente relaxado e descontraído, despertar dentro de três minutos. Não sofre de qualquer mal-estar de espécie alguma que possa ter sido causado pela doença da paciente, ou pelo próprio facto da consulta, e despertará em plena forma.

A secretária anotara tudo em estenografia. Cayce, conforme lhe fora sugerido, despertara. Como de costume, perguntou:

— Então, como foi essa leitura?

... Foi então que a pretensa Sra. Gorman se levantou, declarando:

— Detenho-vos a todos. Levo-vos para a esquadra. Sou da polícia, e os meus colegas aguardam no corredor. Não me chamo Bertha Gorman...

E o casal Cayce foi conduzido para a prisão. Aí, Cayce mandou avisar todos os seus amigos de Nova Iorque, que acorreram para o defender.

Na prisão, encontrou ainda maneira de se dar uma consulta a si próprio: estendido na cela, adormecido sob a sugestão de Gertrude, declarou em voz alta que "tudo acabaria bem"!

Os jornais da cidade discutiam apaixonadamente o caso. O filho mais novo de Edgar, Hugh Lynn, escreveu-lhe: "É emocionante ter um pai de quem os jornais falam, especialmente quando está na prisão!..." Evidentemente, na família Cayce, que era composta por pessoas honradas, tal nunca acontecera!

O tribunal estava, no entanto, bastante embaraçado. O juiz considerou que tinha perante si uma espécie de igreja de um género novo e que, em virtude da liberdade religiosa concedida a todo o cidadão pela Constituição, era preferível deixar correr. Eis a sentença que proferiu:

"Depois de ouvir as testemunhas de acusação... os arguidos... e os seus defensores; depois de examinar as acusações que lhes são imputadas e de tomar conhecimento dos relatórios que lhes dizem respeito, considerando que o Senhor Cayce e os seus colaboradores não pretendem praticar adivinhação, entendo que declará-los culpados de terem violado o artigo 899 do Código Penal, parágrafo 3, constituiria uma lamentável ingerência nas liberdades e usos reconhecidos às associações eclesiásticas que, como esta, empregam pessoas diplomadas, em conformidade com a lei... Declaro-os, portanto, não culpados."

Assim, o tribunal de Nova Iorque informava-nos: Cayce não era um charlatão!

Mais tarde, David Kahn, nas suas Memórias, ao contar esta história, colocou a seguinte questão: como é que Cayce, que fez tantas e tantas profecias absolutamente exatas, que previu as duas guerras mundiais, como é que este homem, que anunciara antecipadamente a todos os seus amigos financeiros o colapso da Bolsa de Nova Iorque em 1929... Como é que não viu que estava a dar uma leitura a uma agente da polícia disfarçada de doente?

Pois reli a "leitura": nela, faz moral à falsa Sra. Gorman, dá-lhe conselhos sensatos... mas ainda lhe deixa a oportunidade de renunciar ao seu mau intento. Talvez este episódio também tenha sido necessário para dar a conhecer melhor Cayce ao grande público? Porque, afinal, foi esse o resultado!

Um pequeno camponês do Kentucky

Edgar Cayce era, pois, um americano do Sul, esse Sul caloroso e sorridente, tão diferente do Norte puritano. A sua família era de origem francesa, como indica o apelido Cayce, que se pronunciava: "KAY-SSI".

O antepassado francês chegara há muito tempo, provavelmente na época da revogação do Édito de Nantes, com os huguenotes.

Entretanto, perdera-se a grafia original. No Novo Mundo, mudava-se facilmente a forma de escrever o próprio nome. Quando dou uma conferência sobre Cayce, em Paris, há sempre ouvintes que me fazem notar que deveria pronunciar-se "CAISSE"! Sim, em parisiense! Mas, se fosse um nome do Sul, a pronúncia estaria muito mais próxima de "KAYSSI"... Se o *Dictionnaire des noms de famille en France*, de Dauzat, não apresenta nenhum Cayce, já os diferentes dicionários da nobreza francesa falam de uma família de Cays, originária de Arles, cuja pista se perde no século XVII.

O último filho terá emigrado para o Novo Mundo? Seja como for, é um nome raro, tanto na América como em França.

Os pais do jovem Edgar não repararam em nada de verdadeiramente extravagante no filho, que fazia tantas asneiras como os outros! Os biógrafos de Edgar contam que ele teve longas conversas com as fadas e com o seu avô falecido. A avó, um pouco feiticeira, compreendia isso muito bem: no campo, a comunicação com os mortos fazia parte das tradições. Além disso, era a época da grande moda das reuniões espíritas (sob a influência de Allan Kardec), em que as pessoas se reuniam para falar com os defuntos.

Era o campo: a família Cayce vivia numa quinta, perto da pequena cidade de Hopskinville. Levava-se aí uma vida patriarcal e agrícola: cultivava-se tabaco, andava-se a cavalo, pescava-se, caçava-se. A maioria das quintas dos arredores era explorada por primos Cayce. O pai de Edgar fora eleito juiz de paz no concelho, e isso divertia-o muito mais do que a exploração agrícola, porque não era agricultor por vocação. Assim, teria gostado de ter um filho brilhante nos estudos... Ai de mim! não era esse o caso. A escola não interessava ao jovem Edgar.

No entanto, ele aprendera a ler, mas apenas para poder decifrar a Bíblia sozinho. Quando fez dez anos, o pai ofereceu-lhe um exemplar, e Edgar jurou que a releria por inteiro todos os anos! E assim fez... E eis porque encontrareis as citações de Cayce salpicadas de versículos bíblicos!

Dois episódios da sua juventude prenderam particularmente a atenção dos seus biógrafos, porque anunciam os futuros sucessos do "profeta adormecido". Ei-los.

A ciência vem com o sono

Num dia em que o pai de Cayce estava particularmente exasperado por ter como filho o baldas da turma, decidiu fazê-lo repetir a lição. Edgar tropeçava, entre outras coisas, na palavra *cabin* (cabana). Impossível enfiá-la na cabeça... Exasperado, após três horas de esforços vãos, o juiz de paz deu uma bofetada ao filho e foi beber um copo à cozinha para se consolar.

Quando voltou, o jovem Edgar tinha adormecido na poltrona.

— Acorda, idiota, disse-lhe o pai, ainda furioso. Vai para a cama, estou a perder tempo com um imbecil como tu.

— Mas espera, pai, agora já sei a lição! Só precisava de dormir um bocadinho. Faz-me perguntas, vais ver, é verdade!

... E era verdade: desta vez, Edgar sabia a lição de cor, incluindo as ilustrações e até os números das páginas, sem esquecer, claro, a palavra horrível "cabana". O juiz de paz reagiu mal: achou que o filho se estava a gozar com ele. Mandou-o para a cama com outra bofetada...

Mas, a partir desse dia, Edgar tornou-se o prodígio da escola: tinha percebido que lhe bastava dormir em cima dos livros para os saber de cor!

Curar-se pelo sono

Um dia, Edgar teve um acidente: a brincar no recreio da escola com os colegas, foi atingido em cheio por uma bola. Durante toda a tarde, na aula, comportou-se de modo estranho. Voltou para casa, deitou-se... e caiu em coma.

E eis que, de repente, no sono comatoso, Edgar começou a falar, com uma voz forte e clara:

— Recebi um choque; foi aquela bola que me atingiu nas costas!

Depois ordenou à mãe:

— Para me curarem, ponham-me na nuca um cataplasma de cebolas e milho esmagados.

Sabendo que esses dois legumes têm virtudes medicinais, a mãe executou a "receita" e fez-lhe o cataplasma pedido.

No dia seguinte, Edgar acordou fresco como uma alface...

Mais tarde, muito mais tarde, curar-se-á ainda, para sua grande surpresa, de uma afonia. Não há melhor médico do que nós próprios!...

Era no ano de 1900. Edgar era representante da papelaria Morton em Louisville, mas, como ganhava apenas o suficiente para viver, decidiu acumular, além disso, uma carteira de seguros. Nessa altura, estava noivo de Gertrude havia três anos... mas nunca conseguira pôr um tostão de lado para casar com ela!

Pior ainda: à força de acumular trabalhos mal pagos, sobrecarregava-se e o cansaço trazia enxaquecas. Um dia, tocou à porta de um médico para lhe pedir um calmante. Tomou-o com toda a inocência... e acordou no hospital! O pai, ao pé da cama, contou que o tinham apanhado numa estação dos arredores, num estado de total aturdimento. Edgar quis fazer perguntas: não lhe saía som algum da boca. Tinha perdido a voz! Todos os médicos da região passaram à cabeceira: nada a fazer! O corpo clínico decidiu então que era incurável.

Para Cayce, era uma catástrofe: como quer alguém ser representante sem ter voz para conquistar clientes?

O fotógrafo local veio em seu auxílio: aceitava tê-lo como assistente de laboratório. Para isso, não era preciso falar.

Um dia, chegou a Hopskinville o célebre professor Hart: dava uma conferência sobre hipnose. Era a época em que o grande público se apaixonava por essa técnica. Em França, tínhamos tido Mesmer e, no século seguinte, Charcot. Esperavam-se mundos e fundos da hipnose, sem se verem ainda os seus perigos. Hart propôs tratar Edgar. Edgar aceitou e submeteu-se a uma sessão, em casa de um médico da cidade.

Hart sentou Edgar numa poltrona e pegou, na mesa do médico, num objeto de metal brilhante:

— Olhe bem para este bisturi, disse-lhe. Agora vai adormecer... dormir... dormir...

Ao acordar, Edgar soube que falara durante o sono... Mas, mal abriu os olhos, a voz tinha-se-lhe novamente ido embora. Hart repetiu a experiência várias vezes. Mas sem sucesso.

Depois veio um certo Dr. Quackenboss, grande especialista de Nova Iorque. Também sem sucesso. Edgar adormecia, sim, mas, algures, resistia à sugestão. Quackenboss regressou a Nova Iorque e Cayce voltou às fotografias.

Mas havia em Hopskinville um homem inteligente, apaixonado por medicina e por hipnose: Al Layne. Não era médico, mas geria com a mulher uma pequena loja de modas. Disse a Cayce:

— Já sei. Se resiste à sugestão de todos esses professores, é porque é capaz de adormecer sozinho quando quer, ou seja, de se auto-hipnotizar... Devíamos tentar de novo.

Com efeito, Cayce estendeu-se no seu velho sofá e adormeceu sozinho. Então Layne falou-lhe, com voz lenta, baixa, sugestiva:

— Olhe para dentro do seu corpo. Descreva o que não está bem ao nível da garganta... fale com a sua voz normal...

Alguns minutos depois, ouviu-se Edgar pigarrear, provavelmente para expulsar todos os "gatos" que ali tinham marcado encontro! E, em voz alta e inteligível:

— Sim, vemos o corpo. Constatamos uma paralisia parcial das cordas vocais, provocada por uma tensão nervosa demasiado forte. Seria preciso sugerir ao corpo que intensifique, durante alguns minutos, a circulação do sangue na zona doente.

Layne obedeceu à sugestão que lhe era feita por Edgar adormecido e disse:

— A circulação sanguínea vai dirigir-se para a garganta. Vai irrigar o órgão doente e assim curar a doença.

Os presentes puderam observar, nesse momento, uma vermelhidão súbita a tingir a garganta de Cayce. Durou dois ou três minutos. Depois ouviu-se o adormecido afirmar:

— A doença está curada. Agora sugiram à circulação sanguínea que volte ao estado normal e depois ao corpo que acorde.

Foi o que Al Layne fez.

Quando Edgar abriu os olhos, abriu também a boca e ouviu o som da sua voz! Na sua alegria, cantou, uivou, gritou como um louco.

E então Layne disse-lhe:

— Falava como um médico... Talvez possa curar-me também?... Bem precisava! Há anos que tenho dores de estômago. Já vi imensos médicos... e nada mudou.

Cayce aceitou; na euforia de ter recuperado a voz, não conseguia recusar nada a Layne. No dia seguinte, recomeçaram numa nova sessão. Layne preparara uma lista de perguntas. Edgar recusou lê-la:

— Não serve para nada, meu amigo, não percebo nenhuma destas palavras técnicas. Não sei absolutamente nada de medicina!

— Bem, paciência, disse Layne. Vou usar a mesma fórmula de ontem.

E avançou com coragem assim que Cayce começou a pestanejar:

— Tem diante de si, presente nesta sala, o corpo de Al Layne. (Retomava a expressão estranha "o corpo", usada por Cayce na véspera.) Vai examiná-lo... dirá a causa das suas doenças e sugerirá os remédios.

Usando a primeira pessoa do plural, como no dia anterior, Cayce respondeu:

— Sim, "nós" temos aqui o corpo de Al Layne. Eis o que ele tem, tal como o podemos descrever...

E a voz de Edgar enumerou todos os sintomas, todos os males do pequeno homem doentio sentado à sua frente, e toda uma série de remédios.

Ao despertar, Layne, atónito, disse-lhe:

— Descreveu exatamente todos os meus sintomas... de que eu nunca lhe tinha falado! É fantástico! Vou já comprar os medicamentos que recomendou!

— Pare, espere! Tem a certeza de que não se vai envenenar? Se calhar disse disparates a dormir. Nem sequer sei o que disse! E não percebo nada de farmácia!

— Oh, mas eu percebo, disse Layne. Também não sou médico, mas percebo o suficiente para identificar os medicamentos de que falou. Não são perigosos e a maior parte pode comprar-se sem receita!

E Layne saiu a voar nas asas da esperança.

Passou uma semana. Cayce não sabia bem como agir. Sentindo-se vagamente culpado, evitava ir ver Layne. Este irrompeu de rompante no laboratório:

— Estou curado! Veja a minha cara! Toda a gente reparou, felicitam-me, perguntam-me o que fiz... E toda a gente quer consultá-lo! Vamos abrir um consultório, vamos receber doentes, você e eu!

Mas, se Cayce ficou aliviado por ver que Layne sobrevivera, não tinha, contudo, vontade de recomeçar! Layne tranquilizou-o:

— De que tem medo? Eu percebo o suficiente de medicina para saber se um medicamento é perigoso ou não. Eis o que vamos fazer: vou alugar o T2 por cima da loja da minha mulher e, ali, poderemos receber os doentes. Só prescreverá remédios naturais, sem perigo, remédios caseiros... Se falar de um medicamento

que eu não consiga arranjar, pedir-lhe-ei que o substitua por outro que eu possa encontrar. Que lhe parece?

Cayce acabou por aceitar, com uma única condição: que nunca veria o doente e não saberia o seu nome antes de adormecer.

Curandeiro contra vontade

Os doentes acorriam em massa. Muitos ficavam satisfeitos e voltavam depois para agradecer a Layne por os ter curado; enviavam amigos. O pai de Cayce assistia por vezes às sessões e aprovava. A tia de Gertrude, Carrie Salter, encorajava Edgar com toda a sua autoridade. Um dia, muito mais tarde, ele viria a salvar-lhe a vida ao diagnosticar uma oclusão intestinal, complicada com uma gravidez tardia, que nenhum médico soubera ver!

Layne marcava as consultas e preparava ele próprio os remédios indicados; estudara osteopatia e podia praticá-la. Mas continuava sem qualquer diploma oficial. Edgar, esse, vivia angustiado, porque temia ser acusado de exercício ilegal da medicina. E, se provocasse uma única morte, seria arrastado para tribunal e acusado de homicídio...

No entanto, cada vez que Edgar decidia parar as consultas, perdia a voz. Tinha então de voltar a dar-se uma consulta a si próprio, tendo Al Layne como "sugestionador". Cada vez, recuperava a voz... com a condição de aceitar receber novos doentes!

Al Layne aperfeiçoara-se muito na arte de dirigir aquilo a que mais tarde se chamariam leituras, isto é, as consultas dadas por Edgar num estado que parecia ser de sono.

Este continuava a não querer dinheiro. Gertrude, a sua noiva, esperava que ele pudesse assegurar a situação financeira para a poder casar (pois tal era o costume nesse tempo).

Durante muito tempo recusará qualquer remuneração, obrigando os seus a viverem com dificuldades, considerando que esse era o preço da honestidade absoluta. No entanto, está escrito na Bíblia: "O trabalhador merece o seu salário." Ora, cada leitura representava um trabalho. Ao contrário do que se poderia crer, ele não "adormecia" para descansar. Gertrude preocupava-se, porque ouvira dizer que não se podia ser colocado em transe hipnótico muitas vezes, sem risco de fadiga ou de lesões. De facto, os misteriosos informadores que se exprimiam pela voz de Cayce tinham-no advertido várias vezes: não mais de duas leituras por dia, caso contrário perderia a saúde e até a vida.

É exatamente isso que acabará por acontecer quando Cayce, assediado por milhares de solicitantes e não querendo recusar tratar, chegar a dar seis ou sete leituras por dia...

Por enquanto, ainda não se estava aí, e Edgar esperava ainda escapar à sua vocação de curandeiro. Ia até casa de Layne contrariado, quase contra vontade, e só sonhava em ser fotógrafo.

Mas era arrastado pelo sucesso. Um dia, uma doente atrasou-se. Layne, pensando que ela chegaria a qualquer instante, iniciou mesmo assim a sessão, sem sequer dizer a Edgar que a doente ainda não estava lá. Edgar não deixou, apesar disso, de dar um soberbo diagnóstico, embora o "corpo", como ele dizia, estivesse ainda na rua a correr!

Mal tinha terminado, já ela tocava à porta.

Layne começou a refletir sobre esse incidente. Disse para consigo que, talvez, Cayce não precisasse da presença física do doente. Sem ousar dizê-lo, fez experiências. Por exemplo, pediu a Edgar adormecido que lhe descrevesse o que faziam dois amigos seus que tinham ido a Paris visitar a Exposição Universal. Edgar descreveu o seu horário e deu mesmo nomes de lugares em francês. Quando os amigos regressaram à América, Layne pôde verificar com eles que Cayce dissera a verdade, descrevendo hora a hora as suas atividades.

Ousou então confessá-lo a Edgar, que ficou possesso. No entanto, Layne dificilmente podia agir de outro modo, dada a atitude de Cayce: este consentia em dar consultas, mas de forma relutante; não queria saber nada, não queria conhecer nada, nem antes nem depois. Decidira que isso não lhe interessava! Não se pode dizer que Layne tivesse um colaborador entusiasta. Cayce "exercia" apenas contra vontade e porque a família lhe fazia a moral, repetindo que devia tratar o próximo, uma vez que tinha esse dom!

Pouco a pouco, os dois associados habituaram-se, portanto, a dar consultas a ausentes: resultava igualmente bem. Os doentes estavam por vezes muito longe, noutra cidade.

Pedia-se apenas ao doente que dissesse onde estaria no momento da leitura e, se pudesse, que permanecesse nesse lugar durante aquela hora, rezando ou meditando.

Um dia, Cayce fora passear à floresta. Ouviu Layne correr atrás dele:

— Edgar, recebi um telegrama! É uma mulher de Chicago, que está a morrer no hospital; o marido pede uma leitura. É urgente!

— Ah, está bem!, disse Cayce. Se é urgente, fazemos isso já. E deitou-se no chão, sobre a neve (era inverno!). Adormeceu de imediato e declarou que a doente estava a morrer, que fora operada alguns dias antes, mas que a sutura se reabrira após a operação, provocando uma hemorragia interna. Era preciso estancar esta o mais depressa possível; caso contrário, seria a morte. Layne, quase esquecendo a sugestão ritual para acordar Edgar, precipitou-se para o seu escritório a fim de telefonar ao hospital. Mas, quando Cayce o alcançou, disse-lhe:

— Tarde demais! Ela morreu... de uma hemorragia interna, como tu tinhas dito.

O caso Dietrich

O antigo diretor do liceu de Hopskinville, C. H. Dietrich, tinha uma filha de cinco anos, com debilidade mental. Ela não nascera assim, mas os primeiros sintomas tinham surgido após uma gripe, por volta dos dois anos. A criança tinha convulsões frequentes e nenhum médico conseguira tratá-la. O seu desenvolvimento mental parecia ter estagnado.

Cayce aceitou dar uma leitura para a menina, mas recusou observá-la antes.

— Sim, disse ele, uma vez adormecido, é a coluna vertebral... Houve uma queda: o corpo caiu de uma carroça alguns dias antes de a gripe se declarar. O vírus alojou-se na medula espinal da coluna vertebral danificada pela queda. Foi isso que provocou as crises...

E recomendou manipulações osteopáticas. Layne deveria encarregar-se de as fazer, pois tinha conhecimentos na matéria. Depois de uma tentativa, muito prudente, pediu uma nova leitura a Cayce.

— Não, disse este, Layne não procedera como devia. Que recomeçasse, seguindo as instruções! Foi o que ele fez.

Uma terceira leitura disse então que, dessa vez, o tratamento fora correto.

Pouco tempo depois, os pais Dietrich, loucos de alegria, vieram anunciar que a menina voltara a lembrar-se do nome da sua boneca.

No dia seguinte, foi capaz de dizer pai e mãe aos pais. Depois recuperou progressivamente a linguagem e os reflexos das crianças da sua idade. Três meses mais tarde, estava novamente completamente normal.

Curas deste género contam-se às milhares nos dossiês da Fundação Cayce.

II

Edgar Cayce, curador mediúnico

1

Um prodigioso curador mediúnico

A partir de 1924, Edgar Cayce resignou-se a ser o que era: um curador mediúnico... e quão eficaz! Renunciando à fotografia, passou a consagrar todo o seu tempo à clientela. A sua mulher Gertrude, a família, os amigos — toda a gente — repetia-lhe, de todas as maneiras, que devia aceitar honorários: não havia nada de desonesto nisso, já que prestava imensos serviços aos pacientes. Acabou por se decidir...

No entanto, em 1917, o seu amigo David Kahn perdera um irmão novo, Léon. Cayce dera-lhe, sim, uma leitura... mas nenhum médico local quisera aplicar o tratamento nem passar receita para os remédios. Léon Kahn morreu, e Cayce ficou profundamente afetado.

— Edgar, disse-lhe David, enquanto não tiveres um hospital teu, com médicos que compreendam os teus tratamentos, isto pode voltar a acontecer. É preciso construir o hospital Cayce.

— Mas onde arranjar dinheiro? Tu bem sabes que, desperto, não tenho nenhum sentido financeiro!

— E se fôssemos oferecer os nossos serviços aos prospeções de petróleo?, sugeriu Dave.

E eis os dois amigos embarcados para o Texas! Partiram cheios de esperança... e regressaram de bolsos vazios. Porque os meios petrolíferos, sem fé nem lei, não eram para estes dois idealistas. Edgar conseguiu localizar o petróleo na perfeição — e foram outros que lucraram com isso! Alguns meses mais tarde, regressaram a casa muito desiludidos. Edgar decidiu então que, doravante, só usaria o seu dom para curar.

Quanto ao hospital Cayce, seria ainda assim construído, com a ajuda financeira de um jovem agente de bolsa de Nova Iorque, Morton Blumenthal, em Virginia Beach, onde Edgar e a família se instalaram em 1924. É aí, ainda hoje, que

se encontra a A.R.E. (*Association for Research and Enlightenment*), isto é, a Fundação Cayce.

A memória do Universo

As técnicas de diagnóstico de Cayce pareceram, na época, muito estranhas na América. Os doentes curados, os amigos, a família de Cayce aceitavam-nas como "milagres". No entanto, as próprias leituras davam sempre explicações racionais. Hoje, em que a parapsicologia se tornou um conjunto de disciplinas estudadas cientificamente, compreendem-se melhor as técnicas de Cayce.

Antes de mais, porquê este termo "leituras" (em inglês *readings*)? Não poderia Cayce ter dito "consultas", como toda a gente?

A esta pergunta, respondeu que ia buscar as suas informações a uma misteriosa biblioteca, onde tudo o que existia desde o começo do mundo estava conservado. Dizia também que folheava um livro onde tudo estava escrito: a história de cada vida humana, de cada ser vivo, de cada acontecimento... Para designar esse livro, empregava a palavra indiana *Akasha*, que exprime este conceito, ou ainda a expressão ocidentalizada "registos akáshicos". Contou várias vezes o que se passava quando estava adormecido:

Chego a um grande edifício, à sala dos Arquivos, onde uma mão me entrega um livro, aberto na página que diz respeito a tal entidade, ou a tal acontecimento, e eu não tenho mais do que ler o que lhe diz respeito...

A tradição esotérica ocidental não ignora a Akasha, que não é outra coisa senão o Livro da Vida de que fala o Apocalipse. Se ainda não está provado cientificamente, a hipótese de existir uma coleção de registos vibratórios dos acontecimentos relativos ao nosso planeta começa a interessar o mundo científico.

A luz desloca-se no Tempo e no Espaço. E, nesse ecrã situado entre ambos, cada alma escreve o registo das suas atividades através das eternidades. Estas "memórias" são escritas graças à consciência da alma. Não apenas através do seu conhecimento consciente, não apenas na matéria, mas no pensamento... (leitura 815-2.)

No Tempo e no Espaço estão escritos os pensamentos, os atos e gestos de cada entidade. É isso a que por vezes se chamou o Livro da Memória de Deus... (leitura 1650-1.)

Esses registos, portanto, não são exatamente como imagens num ecrã, nem como palavras escritas. São energias que permanecem ativas na vida de uma entidade e que são, como bem se pode imaginar, indescritíveis em palavras. (leitura 288-27.)

De que fonte vêm, e como se podem ler estas memórias das atividades do passado? E como se pode saber que se está sintonizado com uma lembrança verdadeira de um período de que a História não guardou qualquer registo escrito?

A própria entidade estuda a memória da Natureza nas rochas, nas colinas, nas árvores, em tudo o que se chama a genealogia da própria Natureza.
Tão verídico é, pois, o registo que o espírito imprime no filme do Tempo e do Espaço, pelas suas atividades físicas e espirituais. (leitura 487-17.)

O que é um curador mediúnico?

Cayce nunca ousou intitular-se curador. Nos anos de 1911-1912, colocara modestamente na porta do seu consultório uma pequena placa: "Edgar Cayce, *psychic diagnostician*." O que, evidentemente, não é uma profissão — nem em inglês, nem em francês.

Diagnósticos, isso sim, ele dava-os! Quanto ao adjetivo inglês *psychic*, poderia traduzir-se por "mediúnico", palavra que empregamos num sentido muito mais amplo do que os anglo-saxões: alguém com faculdades "psi" muito desenvolvidas, ao ponto de ser clarividente, clariaudiente, sensitivo. É um intuitivo que "vê" no tempo e à distância, no passado e no futuro. Nesse sentido, Cayce foi de facto médium, isto é, em anglo-americano, *psychic*.

Mas, para os anglo-saxões, a palavra *medium* tem um sentido muito mais restrito: descreve aquele que se liga a um espírito desencarnado que o controla e fala ou age através dele. A personalidade do médium apaga-se completamente diante da entidade desencarnada que o invadiu. Este tipo de médium é, de facto, segundo a etimologia latina, um "meio" de expressão utilizado por uma entidade — em suma, um "objeto" manipulado por forças invisíveis —, pelo que, em geral, o médium, neste sentido, tem de "entrar em transe", estado paranormal ainda mal definido, para deixar a entidade desencarnada exprimir-se pela sua boca e pelo seu corpo. Os anglo-saxões chamam a essa entidade *the control*, o espírito-controlador. O problema é que o Além é um vasto saco onde o pior se mistura com o melhor, tal como aqui em baixo. Aliás, quando digo "mistura", é provavelmente inexato, pois cada entidade permanece no plano de vibrações que corresponde ao seu nível de evolução.

Assim, um ser humano pode muito bem ser invadido por um desencarnado estúpido e maldoso; e isso pode chegar à possessão. Esta manifesta-se de forma destrutiva para o vivo assim possuído. Certos humanos emocionalmente desequilibrados entreabrem a porta a essas entidades. Estas, como diz Cayce, passam pelas glândulas endócrinas, que são o ponto de contacto entre o corpo físico e o corpo espiritual. Deste modo, esses humanos, desapossados de si mesmos, não passam de marionetas manipuladas por entidades frustradas, que usam o corpo do vivo para satisfazer os seus impulsos. O fenómeno parece ainda atual, como indica Cayce.

A maior parte dos casos de loucura, de droga ou de alcoolismo resultariam de possessão, e é por isso que a medicina materialista ocidental é impotente para os curar:

— Como explicar que o meu marido não consiga dominar-se?
— Possessão!
— O que quer dizer com "possessão"?
— Queremos dizer "possessão".
— Quer dizer que ele tem crises de loucura, ou a mente transtornada?
— Se a possessão não é loucura, então o que é?
— Quer dizer que se trata de um fenómeno de possessão por outras entidades quando o sujeito está embriagado?
— Ele é habitado por outras entidades quando está bêbedo. Se consentisse em abster-se de beber durante tempo suficientemente longo e se quisesse seguir um tratamento pela eletricidade, poder-se-ia livrar este corpo das entidades estranhas que o habitam. (leitura 1183-3)[1]

É preciso dizer também que, no contexto anglo-saxónico, a noção de "purgatório" não era ensinada pelas igrejas protestantes. Em contrapartida, foi-o durante muito tempo entre nós, em França. Daí a noção, no nosso património cultural, de "almas penadas", defuntos que não encontraram o seu equilíbrio após a morte. Esses, evidentemente, não são aptos a dar conselhos aos vivos. Isto para explicar a desconfiança mais difundida em França quanto à mediunidade, uma vez que, nos países católicos, se considera que existem, no Além, indivíduos malfazejos.

Ao contrário, nos países anglo-saxões, no século XIX, desenvolveu-se uma loucura de sessões mediúnicas em que qualquer um dizia qualquer coisa. Se o movimento "espírita", ou "espiritualista", trouxe aberturas interessantes, os seus excessos foram muito criticados em Inglaterra e nos Estados Unidos.

Daí a desconfiança dos meios espiritualistas esclarecidos em relação aos médiuns que trabalham com um *control*.

Contudo, também não se deveria rejeitar tudo, em bloco: grandes médiuns, como o reverendo Arthur Ford, por exemplo, fizeram um trabalho notável com a ajuda dos seus *controladores* ou parceiros desencarnados. O segredo era que se tratava de personalidades que conheciam bem: Arthur Ford dirigia-se a Fletcher, um amigo de infância prematuramente desaparecido.

Em França, na profissão de médium (que alguns continuam a denegrir como pura charlatanice...), não se trata de ser o brinquedo de um espírito-controlador. A liberdade do médium, teoricamente, mantém-se inteira, até porque muitas vezes ele permanece desperto.

Edgar Cayce, esse, estava adormecido. E tanto mais angustiado quanto não tinha qualquer controlo sobre o que dizia... por vezes com um sotaque estrangeiro! Mas sempre negou ter um espírito-controlador.

Uma médium inglesa muito célebre, Eileen Garrett, encontrou-se com ele em Nova Iorque e propôs-lhe trocar consultas entre colegas.

Dizia ter como *controlador* uma entidade persa de nome Uvani. Quando foi adormecida num sono profundo de transe, perguntou-se-lhe:

— Os poderes mediúnicos de Edgar Cayce vêm-lhe de encarnações passadas?

No caso dele, absolutamente não. Ele utiliza os recursos do seu próprio espírito para ver, ouvir e compreender. Mas isso é-lhe possível porque adquiriu, em vidas anteriores, a inteligência de muitas coisas... (leitura 507-1.)

Mas Uvani, na mesma consulta através de Eileen Garrett, aconselhou Cayce a proceder de outra forma e a fazer-se ajudar por espíritos. Cayce não o fez e, na leitura que pediu para si próprio sobre essa questão — porque continuava sempre a duvidar dos seus poderes —, pôde ouvir-se dizer:

Uvani pretende saber mais do que o Mestre que o fez? (leitura 254-71.)

Sendo "o Mestre" o termo que Cayce usa para falar de Cristo, esta leitura sugere que as outras leituras, pelo menos em parte, teriam sido ditadas pelo próprio Cristo: é o que hoje acreditam as pessoas da A.R.E. em Virginia Beach. O termo "Cristo" não é tomado no sentido estreito do Jesus histórico; tratar-se-ia antes do "espírito eterno do Cristo", *Christ consciousness*, segunda pessoa da Trindade, presente em todas as épocas.

Mais vale, diz o provérbio, dirigir-se a Deus do que aos santos... Se as leituras foram inspiradas pelo Cristo Cósmico, elas ganharam certamente em amplitude de visão!

É isso, aliás, que impressiona na filosofia cayciana: a sua ausência de sectarismo. É uma visão muito mais universal do que a da maioria das igrejas atuais.

No entanto, não se excluem informações dadas por outros espíritos (angélicos? humanos desencarnados?):

— Tem diante de si o corpo e o espírito requerente de Edgar Cayce.
— Queira dizer-nos como o seu trabalho mediúnico se realiza através do seu corpo.

— Temos o corpo, aqui (sempre estas fórmulas estranhas...)
— Já o tivemos antes (trata-se, de facto, de uma série de leituras que Edgar pedira para si próprio).

Neste estado, a inteligência consciente fica submetida ao inconsciente, ou espírito da alma. As informações dadas por este corpo físico são obtidas pelo poder do espírito sobre o espírito (*mind over mind*). Isto é: os poderes do espírito sobre a matéria física, graças à sugestão (hipnótica) que é dada à parte ativa do subconsciente. Ele vai buscar as suas informações ao que recolheu outrora; ou então ao que lhe dão outros espíritos, passados para o Além, que deixam as suas impressões e são postos em contacto pela força da sugestão.

Pois aquilo que é conhecido do inconsciente, ou alma, de alguém, é também conhecido dos outros, estejam eles conscientes disso ou não. O apagamento do espírito consciente, pondo o subconsciente em ação, da forma descrita acima, permite a este corpo obter as informações quando está no estado inconsciente. (Leitura 294, 19 de março de 1919.)

Percebeu? O estilo tão especial não é o da tradutora: é simplesmente Cayce...

2

Os princípios da medicina holística cayciana

Para Cayce, a base de tudo é: *Mind is the builder.* Ou seja: é o vosso espírito que constrói cada célula do vosso corpo.

Não há, por conseguinte, uma única doença que não tenha sido primeiro construída por vós próprios no vosso mental (nesta vida ou numa das anteriores, como veremos no capítulo seguinte).

Uma vez que tivemos o poder de criar em nós a doença, temos também o poder de a destruir, da mesma maneira: primeiro no nosso mental, que inevitavelmente se repercute no nosso físico. Daí a importância de visualizarmos os nossos órgãos em plena força e saúde e de adotarmos um pensamento positivo em relação ao nosso corpo. É essencial acreditar no poder do espírito humano!

A cura é sempre possível.

Esta visão otimista é a das novas medicinas ditas "holísticas". Desde Balint e alguns outros, sabe-se que todo o problema mental ou afetivo se somatiza ao nível dos órgãos físicos. Seria preciso, portanto, resolver primeiro os problemas ao nível da nossa cabeça e do nosso coração; depois, a cura faz-se por si!

A medicina de canalizador, atualmente ensinada nas universidades do Ocidente, trata localmente um órgão e por vezes consegue curá-lo. Mas, como ignora o problema afetivo e mental que fez nascer essa doença, vê-se este reaparecer sob outra forma, noutra doença... A medicina holística, pelo contrário — de que Cayce é um dos pais espirituais — toma o Homem como um TODO indissociável: corpo físico, corpo mental, corpo espiritual, que não param de reagir uns sobre os outros; é, pois, necessário tratar os três ao mesmo tempo!

Cada alma, isto é, o indivíduo, ou entidade, constatará pelos factos que há:
— O corpo físico, com todos os seus atributos que permitem o funcionamento da pessoa nas três dimensões do plano terrestre.
— Que há também o corpo mental, que é essa energia diretora que se aplica ao físico, às emoções e manifestações mentais e espirituais da pessoa (...).
— E que há também o corpo espiritual, isto é, a alma (...), essa consciência de existir, que é eterna, e na qual a entidade individual aprende pouco a pouco a conhecer as suas relações com o ser mental e o ser físico.
Todos esses corpos são UM numa entidade.
Correspondem exatamente ao corpo, ao espírito e à alma, e são UM, tal como Deus, o Filho e o Espírito Santo são UM. (Leitura 2475-1.)

Ainda se ensina aos escolares que o Homem é composto de uma alma e de um corpo: já seria tempo de corrigir esta versão simplificada, que não corresponde à realidade (nem à Tradição greco-latina).

Considera-se tão raramente que a espiritualidade, a atividade mental e o corpo físico são UM, embora possam separar-se e funcionar um sem o outro, e até um em detrimento do outro. Fazei-os cooperar, reuni-os no seu programa. E assim tereis maior energia nas vossas atividades. (Leitura 307-10.)

A consulta dada por Cayce é, em geral, um belo modelo de medicina holística: começa por fornecer uma análise astrológica global do seu cliente, em relação com as suas diferentes vidas anteriores; depois uma análise espiritual, mental, emocional; e, por fim, uma análise do corpo físico. E mostra como este último é afetado na saúde e nas emoções pelo corpo mental e pelo corpo espiritual.

Cayce nunca dissocia este TODO, este *WHOLE*, que é uma entidade. Toda a leitura tem por objetivo ajudar essa entidade a coordenar os seus três corpos, a sincronizá-los, a harmonizá-los, de modo a ser finalmente UMA.

Em última análise, toda a doença, diz Cayce, vem do pecado. É um termo demasiado clerical, de que se abusou verdadeiramente. Mas Cayce usa as palavras do seu tempo. E o que é o pecado? É, diz ele, a violação de uma lei cósmica, da Lei. Toda a lei cósmica violada não pode deixar de se traduzir no nosso corpo físico, que é um eco do Cosmos. Como diz a Tábua de Esmeralda: "Tudo o que está em baixo é como o que está em cima, e reciprocamente..." Eis alguns excertos de leituras sobre isto:

Toda a doença é pecado, não necessariamente no momento, à maneira como o Homem conta o Tempo, mas como um fragmento de uma experiência global (abrangendo várias vidas anteriores).
Somos fisicamente o que digerimos no nosso corpo físico. Somos mentalmente o que pensamos (...). E somos espiritualmente o que digerimos no nosso ser mental. (Leitura 2970-1.)

Toda a doença vem do pecado. É assim, queira isso agradar-vos ou não. A doença é pecado, tenha sido cometido no plano físico, no plano mental, no plano espiritual: é o resultado desses erros manifestados na Terra. (...) Pois o pecado não é senão a rebelião contra a Verdade e a Luz e, assim, afeta o corpo físico. Porque o corpo é o Templo do Deus Vivo. (Leitura 3174-1.)

O que traz a tristeza, a aflição e a doença à Terra é a transgressão da Lei. (Leitura 281-24.)

No entanto, não se deve julgar demasiado depressa, pois há seres de exceção que, na sua encarnação atual, aceitam carregar no seu próprio corpo físico as doenças dos outros, para os ajudar a libertarem-se espiritualmente, como a estigmatizada Marthe Robin, que muitos dos meus leitores conheceram.

Não se pode atingir a perfeição requerida por Cristo ("sede perfeitos como o meu Pai é perfeito") se não se assumir o próprio corpo, pois:

Há tanto Deus no físico como no mental e no espiritual. E estes três corpos deveriam ser UM! (Leitura 69-21.)

Para Cayce, o estado de perfeição que devemos atingir define-se pela unidade absoluta, a correspondência perfeita dos nossos três corpos, finalmente harmonizados e sincronizados. É aquilo a que chama *Oneness*, que se poderia traduzir por integração harmoniosa de todos os nossos corpos num único TODO, impecavelmente coordenado...

Então, seremos deuses! Mas, para isso, o Conhecimento é indispensável. Pois a ignorância, diz o budismo, é a fonte dos nossos males! Por isso terei, muitas vezes neste livro, ocasião de voltar a esta noção pouco conhecida: a Unidade do Homem consigo mesmo, a Unidade do Homem com o Cosmos e com a Terra e a Unidade do Homem com Deus, que é UM. Tudo isso é a "Lei do Um", e é toda a filosofia de Cayce!

Se quiséssemos resumir o pensamento cayciano, poderíamos dizer que:

— todas as nossas doenças têm origem numa má atitude mental, num Eu que se desafinou das leis cósmicas. Uma vez que é o nosso espírito que constrói tudo, a raiz de todos os nossos males físicos, afetivos, psicológicos está, portanto, numa má atitude do nosso espírito.
— rearmonizando o nosso espírito com essas leis cósmicas, o nosso corpo rearmoniza-se também. Essas leis cósmicas são as leis divinas que fazem funcionar tanto as estrelas como as glândulas e os músculos do nosso corpo. Mas todas essas energias que estão em nós estão também ao nosso alcance.

A cura é, portanto, sempre possível, se a quisermos com todas as nossas forças.

Porque a origem de todas as doenças está "na cabeça".

Ninguém pode odiar o seu vizinho sem ter uma doença do estômago ou do fígado. (Leitura 4021-1.)

Ninguém pode ser ciumento e deixar-se levar pela ira sem ter perturbações digestivas ou problemas cardíacos. (Leitura 4021.)

Mas o ódio e o ciúme são filhos do medo:

O medo é a raiz de quase todos os males da humanidade: medo de si, medo do que os outros pensam de vós, da imagem que têm de vós, etc. Ultrapassar o medo é encher o ser mental e espiritual daquilo que afasta o medo, isto é, o amor manifestado no mundo através Daquele que Se deu para pagar o resgate de muitos de nós.
O amor, a fé, a compreensão dessas leis expulsam o medo. (Leitura 1439-31.)

Um aviso para todo o ser humano: a ira é um veneno para todo o organismo. (Leitura 2-14.)

Mantém uma atitude construtiva. Não te deixes dominar pelo ressentimento, porque isso, naturalmente, produz no organismo essas secreções que prejudicam o bom funcionamento dos diferentes sistemas (circulatório, digestivo, respiratório, etc.). E é o caso, especialmente, nas perturbações provocadas pela "neura", que desregula o pâncreas e algumas das funções hepáticas! (Leitura 470-19.)

Se quisermos curar-nos, temos de entrar no jogo a sério e aceitar pagar o preço:

É inútil tratar um corpo doente quando o espírito, os objetivos, os ideais da entidade não se alinham com Ele, que é a paz, a vida, a esperança, a inteligência... (Leitura 3078-1.)

Quando Cayce fala de "Ele", com maiúscula, como teremos muitas vezes ocasião de ver, trata-se do Cristo cósmico: não apenas o Jesus dos cristãos, mas a entidade Cristo, presente em todas as épocas, diz Cayce, que inspirou todas as grandes religiões do mundo e que está encarregada do destino do planeta Terra. Segundo Cayce, essa entidade é, para o homem, o modelo a seguir na forma de aplicar as leis cósmicas no plano terrestre. (Voltaremos a isto mais adiante.)

A não aplicação da Verdade no teu espírito, no teu Eu, pode — e é o que acontece na tua vida — provocar uma insuficiência na eliminação dos resíduos para fora do teu organismo. (Leitura 3070-1.)

Eliminar os venenos para vencer a doença e a velhice

Há uma palavra que volta sem cessar nas leituras: *cleansing*, que significa "limpeza", "purificação".

Como acabámos de ver na leitura acima, os maus pensamentos e os atos destrutivos criam venenos no mental, que depois se somatizam no corpo físico, provocando doenças. Todo o nosso trabalho consistirá, portanto, em eliminar os venenos em cada um dos nossos três corpos (físico, mental e espiritual). As emoções, diz Cayce, pertencem ao mesmo tempo ao corpo espiritual e ao corpo físico. É absolutamente necessário purificá-las para não segregar esses venenos que desregulam o organismo.

Eis, por exemplo, o caso de um consulente que sofria de perturbações cardíacas. Cayce indica a causa: a sua recusa em dar ternura e compaixão, isto é... a sua dureza de coração:

Pois a Lei do Senhor é perfeita e transforma o Homem (...). Mas nem sempre transforma um homem sem coração, uma pessoa que traz ancorados em si hábitos emocionais que deixaram a sua marca em certas partes do seu corpo, nesses órgãos que são trabalhados pela alma e pelo espírito. E de que partes do corpo se trata aqui? Das energias nervosas e sanguíneas. Ou seja, do coração, que é o motor do corpo. (Leitura 3559-1.)

E como se produz esta intoxicação permanente do corpo pelos nossos maus pensamentos? Pela influência do espírito na estrutura atómica das células do corpo:

Cada átomo é um universo, um elemento em si. Ou ele atua no sentido da coordenação das energias, ou cria energias de rutura pelas toxinas que produz. Estas devem ser eliminadas do organismo pelos diferentes sistemas (respiratório, circulatório, digestivo...). (Leitura 759-9.)

Esta eliminação, esta limpeza geral, deve incidir sobre os três corpos:

— no espiritual, alinhando-se com as leis cósmicas indicadas pela entidade Cristo (em cada uma das religiões que inspirou):

Pois, se reconheceres em ti mesmo o que é a Verdade — isto é, o que foi revelado pela Consciência Crística — mudarás as tuas atitudes mentais, em relação a ti mesmo, em relação aos outros, em relação ao mundo que te rodeia. Então verás as mudanças que se seguirão no teu corpo físico, no teu organismo. Pois a ti também Ele disse outrora: "Vai lavar-te e torna-te limpo de alto a baixo!" (Leitura 3078-1.)

Ninguém escapa a esta necessidade de purificação:

Todos devem passar pela lei da purificação, indispensável se se quer dar lugar à influência, à força da Consciência Crística, do mesmo modo que Ele Próprio se submeteu a essa purificação. (Leitura 281-5.)

Devemos igualmente velar por purificar o corpo mental, eliminando os pensamentos derrotistas e, portanto, destrutivos. Mantendo o pensamento positivo, Cayce recomenda visualizar a própria cura:

Se a pessoa quiser ajudar-se a si mesma, ajudando os tratamentos prescritos, esforçar-se-á por se visualizar curada e ajudada pelos tratamentos em questão. Deves saber para que serve cada prescrição médica e visualizar como ela atua dentro de ti. Mantém o teu espírito nessa atitude de visualização que encoraja e sustém as energias continuamente em ação no teu corpo, energias que são como um fluxo incessante, vês? (Leitura 326-1.)

Por fim, quanto ao corpo físico propriamente dito, a desintoxicação faz-se pelos remédios e pela higiene de vida que serão detalhados no capítulo seguinte (as medicinas suaves caycianas).

Se conseguíssemos manter esta desintoxicação a um nível satisfatório, poderíamos viver tanto tempo quanto quiséssemos:

Lembra-te de que o corpo se renova a si mesmo progressiva e constantemente. Não consideres definitiva a doença que existiu em ti; ela pode ser expulsa do teu organismo. (Leitura 1548-3.)

— Senhor Cayce, seria possível permanecer sempre jovem?

Sim, é possível conservar sempre a juventude, se é isso que se deseja, com a condição de se pagar o preço necessário! (Leitura 900-465.)

Existem testemunhos históricos de que certos indivíduos ignoraram a velhice: o caso do conde de Saint-Germain, por exemplo, nos séculos XVIII e XIX. Ou ainda o caso do "Iniciado" relatado por Cyril Scott no início do nosso século. Os casos de não envelhecimento são igualmente muito numerosos nas anais tibetanas. Cayce diz que é possível e explica como. Diz que a assimilação dos alimentos, em particular, cria resíduos; que, se esses resíduos não forem eliminados, há sobrecarga de toxinas; e que é essa sobrecarga, essa intoxicação permanente, que cria a velhice.

— É possível, senhor Cayce, rejuvenescer nesta vida?

Sim, é possível. Pois, como o corpo é uma estrutura composta de átomos, que são unidades de energia, os movimentos dessas energias atómicas reproduzem, no seu esquema, a estrutura do Universo. E como essas energias estruturais de cada átomo do corpo estão programadas para estarem ligadas e unidas às energias espirituais (do Universo), trabalham sem cessar para revivificar, para reconstruir o balanço energético. E como a alma (que é de natureza espiritual) não pode morrer, porque é divina, o corpo pode ser revivificado e rejuvenescido. E, no fim, é esse o seu devir: poderá transcender a Terra e aquilo que pertence à matéria terrestre. (Leitura 262-85.)

Pois o corpo físico é capaz, à partida, desde a sua criação, de se renovar a si mesmo. Assim, cada órgão, cada parte do organismo segrega, segundo a sua vida física, mental e espiritual, tudo o que é necessário ao seu crescimento em condições ótimas. (Leitura 3337-1.)

O prolongamento da duração da vida não é de todo impossível:

Dever-se-ia dizer a cada um que, se velasse por manter um equilíbrio entre assimilação e eliminação — o equilíbrio o mais próximo possível do normal —, então a sua vida poderia prolongar-se indefinidamente, tanto tempo quanto o desejasse! Pois o organismo é construído por aquilo que assimila e é capaz de se "ressuscitar" enquanto não for entravado por uma insuficiência das eliminações. (Leitura 311-4.)

A importância capital das glândulas endócrinas

Elas são, diz Cayce, o ponto de contacto entre os três corpos, o lugar onde se encarnam o espírito e a alma e por onde estes atuam sobre o corpo físico. Se, portanto, se quer curar, toda a cura passa pelo sistema glandular.

— Senhor Cayce, dê-nos um ensinamento sobre as glândulas endócrinas e o seu funcionamento no corpo humano, a sua relação com o corpo físico e com as energias mentais e espirituais.

Um ensinamento, para ser útil, exigiria quinze ou vinte séries de leituras! Pois o sistema glandular é a fonte de todas as atividades humanas, de todas as disposições, de todos os temperamentos e da diversidade das naturezas e das raças.

Ainda se conhecem muito poucas coisas sobre as atividades dessas glândulas (escrito em 1937). Pois estão a ser descobertas ou, melhor, redescobertas. E há ainda muita informação a encontrar sobre isso (...).

Porque o medo, a ira, a alegria — qualquer uma dessas energias emocionais — estão ligadas a uma atividade nas glândulas endócrinas, produzindo nelas secreções (hormonais) que se vão espalhar por todo o organismo. Essas funções do sistema glandular ainda só tinham sido estudadas de modo fragmentário. Só recentemente atraíram a atenção dos especialistas, que as tomaram em consideração porque desempenham um papel em todas as atividades do corpo, sejam elas quais forem. E quais são as funções dessas glândulas endócrinas?(...) O olho, o nariz, o próprio cérebro, a traqueia, os brônquios, os pulmões, o coração, o fígado, o baço, o pâncreas, só podem desempenhar o seu papel graças ao sistema que lhes permite renovar-se, isto é, o conjunto das funções glandulares (...).

Daí o facto de este sistema endócrino ser afetado pelas atividades da alma. E esse é o dom do Criador ao Homem. Vê-se facilmente quão estreitamente as glândulas endócrinas estão associadas à renovação das células, à degenerescência ou ao rejuvenescimento. E isto faz-se não só através das energias físicas, mas também através das energias do corpo mental e do corpo

espiritual. Pois as energias glandulares são, poderia dizer-se, as fontes a partir das quais a alma pode habitar dentro de um corpo. (Leitura 281-38.)

É, portanto, através destas mini-centrais de energia que o nosso corpo mental e o nosso corpo espiritual podem agir sobre o nosso corpo físico. É a partir destas glândulas que se cria a doença — ou a cura!

Lembrai-vos de que as atitudes mentais não são alheias ao facto de ter uma unha do pé a crescer direita, ou os olhos bem direitos, ou à faculdade de conservar a voz apesar das emoções. Pois todas essas manifestações físicas funcionam com o trabalho das glândulas endócrinas (que atuam) sobre o sistema sensorial. (Leitura 3376-1.)

Por outras palavras, são essas glândulas que orquestram todas as atividades do corpo físico: a sua forma, as suas manifestações, as suas perceções, etc.

Quando Cayce fala dos "grandes centros glandulares", designa as principais glândulas endócrinas (isto é, as que segregam hormonas): pineal, pituitária, timo, tiroide, suprarrenais, células de Lyden ou Leydig (pouco conhecidas, mas importantes), gónadas masculinas e femininas. Há outras glândulas no organismo, mas estas correspondem ao que a tradição indiana chama "chakras". Todas as energias espirituais e mentais passam por esses chakras, que são, portanto, as chaves da pessoa humana.

Cada uma dessas glândulas corresponde não só a uma função precisa, mas também a uma vibração colorida e tonal, a um elemento da Terra, a um signo astrológico e à influência de um planeta.

A pituitária é, diz Cayce, a glândula mais elevada do corpo; está ligada à luz e desenvolve-se no silêncio. A glândula pineal é o ponto de partida da construção do embrião no ventre materno. A tiroide entra em ação quando se tem de tomar uma decisão e agir. O timo corresponde ao coração. As suprarrenais são o nosso centro emocional e atuam sobre o plexo solar. As células de Leydig (ou Leyden) são o centro do equilíbrio masculino-feminino e, por fim, as gónadas são o motor do corpo físico.

— Senhor Cayce, é verdade que a ira provoca a secreção de venenos pelas glândulas? Que a alegria teria o efeito oposto? Que, em ambos os casos, seriam as suprarrenais as glândulas em causa? Que desencadeariam reações no plexo solar, reações que se propagariam ao corpo inteiro?

Sim, de facto, as suprarrenais são as principalmente envolvidas, mas todas as outras glândulas participam no processo. Por exemplo, uma ama achará que a ira afeta as suas glândulas mamárias e que o bebé ficará perturbado nas suas

glândulas digestivas. Fígado, rins e todas as outras glândulas (endócrinas ou não) são afetadas. No entanto, é verdade que a reação se produz principalmente nas suprarrenais. (Leitura 281-54.)

— Os planetas colocados no nosso mapa astral têm relação e influência sobre as glândulas, da forma seguinte: a pituitária estaria ligada a Júpiter; a tiroide a Úrano; o timo a Vénus; o plexo solar a Marte; as células de Lyden a Neptuno; as gónadas a Saturno. Está correto?

Sim, é isso. Mas essas relações entre planetas e glândulas variam em cada pessoa consoante as suas experiências de vida. Trata-se de energias variáveis na própria natureza do Homem, pois ele está ligado a todas as energias que existem e a elas reage. Mas lembrai-vos de que não são os planetas que governam o Homem; antes, o Homem, enquanto Homem de Deus, governou os planetas! Pois ele é uma parte deste universo planetário. Assim, como dissemos, esta correspondência entre planetas e glândulas endócrinas é apenas relativa. É relativamente exata. E é nessas glândulas que se joga a aplicação concreta dessas forças planetárias na vida dos indivíduos, em vez de as ver como uma espécie de cobertura que colocaria um "chapéu" sobre cada indivíduo! (Leitura 281-29.)

Nesta série de leituras (281), Cayce dá uma explicação surpreendente do Livro do Apocalipse, que seria, diz ele, uma descrição simbólica do corpo humano (e particularmente do funcionamento das glândulas endócrinas no organismo).

Em 1930, deu uma leitura para uma jovem que sofria de perturbações nervosas. Ao longo dessa leitura, Cayce fez a seguinte observação:

Seria bom que o médico assistente desta doente lesse o Apocalipse e o estudasse, em relação com este caso. (Leitura 2501-6.)

Daí o trabalho do grupo de estudos constituído em Norfolk por Cayce, para estudar essa questão da interpretação médica do Apocalipse. O trabalho desse grupo foi publicado e lança uma luz espantosa sobre o funcionamento dessas famosas glândulas endócrinas (foi dessas leituras que retirei os excertos acima).

Cayce considera, pois, que a doença atinge o corpo através dos venenos segregados nos centros glandulares por atitudes negativas. Inversamente, poder-se-ia provocar a cura — qualquer cura — trabalhando de forma positiva sobre esses centros glandulares. É preciso agir sobre eles, reanimá-los, pôr as suas energias em movimento, despertá-los.

Para isso, Cayce aconselha um instrumento de base: a meditação, à semelhança do que se faz no Tibete, por exemplo. Explica que cada versículo do

"Pai-Nosso" corresponde a um desses centros glandulares e que a recitação meditativa dessa oração pode ter um efeito dinamizador nas glândulas doentes. (O "Pai-Nosso" é, aliás, muito mais antigo do que o judaísmo, pois encontra-se já nas preces de Aquenáton em Tell el-Amarna.)

— Senhor Cayce, o "Pai-Nosso" provoca mesmo a "abertura" desses centros glandulares?

Sim, é exatamente como vos foi dito. Não é o único caminho possível, mas é um caminho que responderá ao desejo daqueles que procuram um meio, um caminho, para compreender como atua a Força Criativa de Deus (sobre o corpo). (Leitura 281-29.)

— Então, a pituitária corresponde à palavra "céus"?

Correto. Pois, em todas as suas atividades, desempenha um papel de desencadeamento.

— A pineal corresponde à palavra "Nome"?

Relativamente, sim.

— A tiroide à palavra "vontade"?

Correto.

— O timo a "mal"?

Correto.

— O plexo solar à palavra "ofensas" (lembremo-nos de que o plexo solar está ligado às suprarrenais, centro das emoções)?

Sim.

— E as células de Lyden à palavra "tentação"?

Correto.

— E as gónadas à palavra "pão"?

Exatamente. (Leitura 281-29.)

— Então, como, na prática, utilizar o "Pai-Nosso", tendo em conta essa ligação de que nos fala com as glândulas endócrinas?

Tentando sentir o fluxo de significações de cada versículo a correr através do vosso corpo físico. Pois produz-se no corpo físico uma resposta às representações do corpo mental: constrói-se uma reação física. (Mesma leitura.)

Isto leva-nos a outra possibilidade de cura: a cura pela meditação e pela oração, cujas diversas formas se desenvolvem atualmente nos Estados Unidos, no Canadá e na Suíça. Também aqui, Cayce foi um precursor.

Notemos ainda que esta forma de recitar o "Pai-Nosso" estava na tradição dos cátaros, que atribuíam a esses versículos (que recitamos sem pensar) um poder de cura extremamente forte.

Ver também a excelente análise dos versículos do "Pai-Nosso" dada por Jean Carmignac no seu livro *À l'écoute du Notre Père*[2].

Correspondência entre os versículos do Pai-Nosso e as principais glândulas endócrinas, dada por Edgar Cayce

"Pai nosso que estais nos céus" abre a pituitária (glândula-mestra do corpo)
"santificado seja o vosso Nome" abre a glândula pineal
"venha a nós o vosso Reino" abre a tiroide
"seja feita a vossa vontade na Terra" abre o timo
"como no Céu" abre a tiroide
"O pão nosso de cada dia nos dai hoje" abre as gónadas (glândulas sexuais masculina e feminina)
"perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido" abre as suprarrenais
"e não nos deixeis cair em tentação" abre as células de Lyden (ou glândulas de Leydig, que não são propriamente uma glândula, mas um conjunto de células que segregam hormonas, localizadas abaixo do umbigo e acima das gónadas)
"mas livrai-nos do mal" abre o timo
"porque vosso é o Reino" abre a tiroide
"o poder" abre a glândula pineal
"e a glória" abre a pituitária
Ámen.

3

A cura "psi"

Falou-se muito dos curadores filipinos e dos seus métodos "psi", isto é, curas obtidas sem recorrer à cirurgia moderna, nem à quimioterapia, nem sequer à assepsia [3]...

Lá, o seu instrumental reduz-se... à mão! Mas as intervenções fazem-se num ambiente de oração intensa. O Ocidental afirma que tudo isto é fraude, porque

se recusa a admitir os poderes curativos da oração. No entanto, Cristo não curou impondo as mãos? Porque é que os padres atuais, que pretendem imitá-lo, já não curam?

Em setembro de 1931, Edgar Cayce teve um sonho que interpretou como um encorajamento a fundar um grupo de cura pela oração. Esse grupo ainda existe na Fundação Cayce e funciona todas as quartas-feiras de manhã. Reúnem-se para meditar, rezar e, em seguida, impor as mãos àqueles que desejam ser curados.

Tendo eu própria sido posta à dura prova pela execrável comida americana e pela angústia do desenraizamento, tive de recorrer várias vezes aos serviços desse grupo. Na minha opinião, é aí que melhor se encontra o entusiasmo da Fundação nos seus primórdios, quando Cayce ainda era vivo. Noutros setores, pode perguntar-se se o espírito cayciano não terá sido por vezes traído. Mas, pelo contrário, este grupo parece ter permanecido fiel ao pensamento do seu fundador e é de uma qualidade rara. Curaram-me ali, na hora!, de males variados: anginas, febre intensa, intoxicação alimentar, reumatismos, gripe, etc. Sentada numa das cadeiras reservadas a quem queria ser curado, senti-me rodeada de vibrações quentes, enquanto aquele que me impunha as mãos rezava em voz alta, pedindo a minha cura.

Para minha grande surpresa, a febre cessou, com os sintomas dolorosos que a acompanhavam. O fenómeno repetiu-se várias vezes. E foi a sessão de cura da quarta-feira de manhã que me ajudou a aguentar durante meses! À quarta-feira ao meio-dia, todos os meus males tinham desaparecido... (Infelizmente, oito dias de infames bistrôs faziam-me regressar, na quarta-feira seguinte, num estado deplorável! A poluição alimentar generalizada, a poluição química e a poluição elétrica não melhoram ninguém!)

Se bem compreendi, não havia ali milagre algum, mas apenas a aplicação de certas leis naturais que o Ocidente esqueceu. Cayce explicou-se longamente sobre isso:

Toda a cura vem da mesma fonte. E quer se faça pela dieta, pelos medicamentos ou mesmo pela cirurgia, é a mesma coisa: trata-se de trazer à consciência essas forças que residem no interior do corpo e que são o reflexo da Força criadora de Deus. (Leitura 2696-1.)

Por outras palavras, a Natureza Medicadora, tão cara aos antigos Gregos: é ela que nos cura; trata-se apenas de lhe facilitar o trabalho.

Antes de mais, nenhuma cura pode fazer-se sem o esforço do curador para se ligar às Forças Criativas Cósmicas, isto é, a Deus, como diz Cayce. No doente, o desejo de ser curado abre a porta a uma mudança espiritual, mental e física.

Antes de tudo, meditar

O primeiro passo para a cura é a meditação:

O que é a meditação? É procurar religar o teu corpo mental e o teu corpo físico à sua fonte espiritual. É pôr o teu físico e o teu mental em ressonância com o Criador, procurando conhecer as tuas relações com Ele. Isso é a verdadeira meditação. (Leitura 281-41.)

A meditação é, pois, oração. Mas é uma oração que vem do eu profundo e não põe em jogo apenas o homem físico, o homem interior, mas a alma, que assim é despertada pelo espírito do homem que medita, no mais profundo de si mesmo. (Leitura 281-13.)

A meditação consiste em esvaziar o teu eu de tudo o que impede as Forças Criativas (Deus) de emergirem das profundezas do teu Eu e de se propagarem por vibração ao longo dos meridianos do teu corpo físico, para se diversificarem através desses centros glandulares que criam as atividades físicas, mentais e espirituais do homem. E, se esta meditação for feita corretamente, deve sair-se dela mais forte mental e espiritualmente. (Leitura 281-13.)

Traduzi "as vias naturais do teu corpo físico" por um termo da acupuntura chinesa: "meridianos" (termo desconhecido nos Estados Unidos no tempo de Cayce e ainda hoje do grande público americano), que descreve as vias ao longo das quais a energia se propaga através do corpo. A energia vital sobe das profundezas do ser e vai revitalizar as glândulas endócrinas, a partir das quais, de facto, toda a atividade física e mental nos é possível.

Sobretudo, reza! Para tudo o que diz respeito ao corpo, confia nas forças espirituais. Pois a oração dos justos curará os doentes. Sabe que toda a força, toda a cura, seja ela qual for, consiste em modificar as vibrações do Eu interior. Curar é pôr os tecidos vivos do corpo em ressonância com as Energias Criativas (Deus). Isso é a cura, quer se faça por um medicamento, por um bisturi cirúrgico ou por qualquer outra coisa. Trata-se de pôr a estrutura atómica da célula viva, essa energia celular, em ressonância com a sua linha de vibração espiritual. Assim, pela oração e se viveres dia após dia na linha da tua oração, poderás ajudar este corpo. (Leitura 1967-1.)

Pois a oração transforma aquele que reza, mentalmente, mas também fisicamente:

A oração consiste em ligar o teu Eu consciente às forças espirituais que se manifestam no mundo da matéria. A oração é um esforço concertado da consciência física para se pôr na mesma frequência que o Criador, quer isso seja feito coletivamente quer individualmente. (Leitura 281-15.)

Por outras palavras, na oração, reunimos as diferentes expressões do nosso corpo físico — gestos, voz, respiração, etc. — para as ligar "de concerto" às Forças Criativas divinas.

— Poderei tornar-me curador? E, se sim, que método deveria usar?

Aquele que te aparecer como a via através da qual outro ser poderá beneficiar do que te é dado.

Incontáveis são as vias por onde a cura pode passar: pode fazer-se pelo contacto individual; pela fé; pela imposição das mãos; por aquilo que a vontade cria no espírito (pois ele é o construtor do ser humano); por um estado de consciência que conduz a um contacto mais estreito com as Forças Criativas do Universo (Deus). Usa o que tens à mão. (Leitura 281-6.)

Quando um ser humano, com o seu corpo (não se trata do corpo do doente), elevou suficientemente as suas vibrações, pode, com a ajuda da palavra, despertar o dinamismo emocional do outro que está doente, de modo a revivificar, ressuscitar, modificar as energias turbilhonares da estrutura atómica do corpo físico — isto é, a sua força vital. Assim, essas energias são recolocadas em movimento.

É assim que atua a força espiritual, ou *psi*, de um corpo sobre outro, quando se traz cura a outro indivíduo. Nesse momento, a pessoa que atua como curador pode fazer emergir essa força no sistema hormonal da pessoa doente — sistema que comanda as energias circulatórias — de tal modo que estas possam encontrar em si mesmas aquilo de que precisam para revivificar ou ressuscitar o corpo doente, entregue à desordem e à aflição. (Leitura 281-24.)

Se se perseverar neste esforço de ligação à energia divina, chega-se a um certo número de experiências surpreendentes:

— Por favor, senhor Cayce, explique estas sensações que se experimentam durante a meditação, estas vibrações que percorrem o meu corpo e que terminam nessa sensação de plenitude na minha cabeça?

Estas manifestações devem ser interpretadas, tanto de um ponto de vista científico como metafísico, como as de uma força emanada da própria Vida no interior do ser (...).

Quando alguém é capaz de fazer surgir em si mesmo tais vibrações e, assim, de fazer passar o seu Eu físico por todas as etapas dessa ressonância, até ao centro que dispensa a energia — isto é, o terceiro olho —, então o corpo desse indivíduo torna-se como um íman que, usado corretamente, traz cura aos outros através das mãos. É assim que a imposição das mãos pode curar eficazmente. (Leitura 281-14.)

Nenhum tratamento médico, seja ele qual for, por medicamentos ou por manipulações mecânicas, é curativo por si mesmo. Os tratamentos médicos servem apenas para religar, para ajustar, as atividades dos órgãos do corpo à Natureza, isto é, às Fontes de vida da Natureza! E toda a cura vem da Vida. Ora, a Vida é Deus. A cura é o ajustamento dessas forças que se manifestam no corpo do indivíduo. O corpo, o esquema corporal, é um recetáculo de todas as Forças do Universo (...).

É a cooperação, a resposta do indivíduo, que é preciso procurar. Sabei que a alma-entidade deve encontrar como, concretamente, vai responder, para se pôr a si mesma, com as suas faculdades, os seus desejos, as suas esperanças, na mesma frequência dessa consciência universal. É assim que a cura se produz... seja qual for a sua natureza (...). Assim, sintonizai o vosso corpo com a frequência de que ele precisa. (Leitura 2153-6.)

— Por favor, senhor Cayce, dê-nos mais informações sobre esta lei natural que provoca vibrações durante a meditação. E diga-nos como podemos compreender e utilizar este fenómeno?

Como já dissemos aqui, e como muitos de vós o experimentaram, acontece isto: quando abrimos o nosso Eu às forças invisíveis que nos rodeiam — e não sem combate entre diversas influências, exceto quando se está na presença da influência Dele —, então as energias que sobem em nós sabem com certeza que provêm da Sua influência protetora, a qual pode ajudar e ajudará a orientar essas vibrações na direção certa. Essas forças emergem para se dirigirem aos indivíduos que se quer curar e atuam até pela palavra. Pois, como muitos compreenderam, as forças ativas, os princípios ativos, são precisamente as potências invisíveis (...).

Essas vibrações que sobem são desencadeadas pelo corpo, que coloca todo o seu ser, o seu Eu profundo, o seu Eu total, nessas frequências e chega assim a um estado de consciência em que está ligado à Força divina. Esta é a própria Vida e é Ela que anima a matéria.

Ao emitir essas energias, esse raio, lembrai-vos de que levam ao doente aquilo de que precisa e da forma mais adequada (...).

(Dizei): Não a minha vontade, Pai, mas a tua. (Leitura 281-7.)

As maiúsculas, como em todo este livro, designam a Entidade crística, isto é, o Cristo Cósmico, a que outros, além de Cayce, chamam também o Cristo de Aquário.

— Por favor, senhor Cayce, dê uma definição de vibração, em relação com o efeito de cura.

Seriam precisos vários volumes para esgotar o assunto. A vibração é, em essência, a consciência do Cristo que emerge, que sobe das profundezas do eu, para poder, a certo momento, escoar-se para o exterior, para a pessoa sobre a qual se quer dirigir esse fluxo de energia. (Leitura 281-7.)

— E porque é que, por vezes, tenho esta sensação nos olhos quando medito?

Como se vê naqueles que trazem cura aos outros, esta, seja qual for, deve primeiro vir em vós antes de ser provocada em outrem. Esta sensação indica a cura do vosso Eu, que se eleva à medida que sobe em vós a visão que pode curar os outros. (Leitura 5749-4.)

O exterior e o interior tornam-se um só quando o desejo do coração faz vibrar cada átomo do corpo físico em ressonância com a consciência, a fé, a confiança na presença do Cristo-Vida, da Consciência Crística Universal. (Leitura 5749-4.)

Quem pode curar?

... Mas toda a gente!

— A cura pela fé deveria ser ensinada nas faculdades de teologia, nos seminários? E, se sim, quem estaria mais qualificado para a ensinar?

Nós indicámos-vos o bom modo de proceder para aqueles que deveriam, pela sua fé, impor as mãos, dar a unção dos óleos, rezar sobre os doentes. Em sentido amplo, essas faculdades de curar são inatas em todo o indivíduo e podem ser despertadas em cada um.

Desde que se queira ligar o Eu profundo às leis relativas a essas forças de cura e que se permaneça puro. (Leitura 262-17.)

A cura pela voz

Como acabámos de ver na leitura 281-24, a cura pode fazer-se sem sequer impor as mãos, unicamente pela voz. Encontram-se múltiplos exemplos disso no Evangelho, onde Cristo cura aparentemente apenas pelo olhar ou pela palavra.

A primeira vez que assisti a uma reunião desses *Glad Helpers*, surpreendeu-me ver cinco membros do grupo, sentados em cadeiras em fila indiana, a enumerarem em voz alta nomes, e mais nomes, durante uma hora! Todos os outros, sentados em círculo, rezavam em silêncio. Era uma maçada! Mas um dia compreendi o que ali se fazia: tratava-se dos nomes de ausentes que tinham pedido para ser curados. Nunca se sabia de que doença, mas tinha-se a sua assinatura atestando o desejo de cura, bem como o seu nome e apelido.

Ora, estes não são indiferentes:

Terá alguém sido chamado John por acaso? Ou Joe, ou Llewelyn, por acaso? Não. Esses nomes próprios estão relacionados com alguma coisa. Do ponto de vista material, podem ter sido dados por causa de um tio ou de uma tia com herança que se chamam assim. Mas essas pessoas, elas próprias, trazem consigo as vibrações desses nomes. E, no fim de contas, um nome próprio é a soma total daquilo que a alma-entidade construiu, com as suas forças vibratórias, perante as Forças Criativas (Deus). (Leitura 281-30.)

Em torno de cada nome construiu-se alguma coisa que contém um significado. Esse sentido simbólico provoca o encontro com aquilo que esse nome sugere. (Leitura 452-4.)

— Qual é o significado dos nomes? Disseram-me que Marthe deveria ser o meu verdadeiro nome. Porquê?

É algo que vem ao espírito dos pais quando têm de dar um nome aos seus filhos. Os nomes, é certo, têm o seu significado. Mas, como diz o poeta, seria a rosa menos bela, menos perfumada, se tivesse outro nome? O que o poeta diz da rosa pode dizer-se também dos nomes (humanos). No entanto, quando foram dados por Ele, o nome tem um significado que indica os objetivos do indivíduo quando decide entrar no plano da Terra.

— Os nomes têm uma influência espiritual sobre as pessoas[4]?

Sim, como acabámos de dizer. (Leitura 457-10.)

A certos consulentes, as leituras aconselham que mudem de nome para os ajudar a progredir espiritualmente. Assim, pode deduzir-se que o nome de uma pessoa indica o seu estádio de desenvolvimento cármico enquanto alma.

E, se alguém enuncia um nome em voz alta, enquanto os outros dirigem o seu pensamento e o seu amor para esse nome, o fluxo de energia assim dirigido pode efetivamente curar o portador desse nome.

Tenho, aliás, um testemunho pessoal a apresentar sobre isto: eu tinha transmitido a este grupo os pedidos escritos de duas mães que solicitavam orações pelo seu filho (um com problemas cardíacos e o outro epilético). Durante todo o mês em que esses nomes figuraram na lista, foram lidos em voz alta, enquanto o grupo rezava por essas crianças desconhecidas. De regresso a França, pedi notícias das crianças: cada uma delas beneficiara de uma melhoria espetacular e inexplicada pelos médicos!

A cura dos mortos...

Alguém morreu, mas isso não quer dizer que esteja perfeitamente bem na sua "pele"... etérica! A experiência milenar de todas as civilizações, incluindo a nossa, mostra que os mortos não estão realmente mortos e que muitas vezes sofrem do outro lado, o que os leva a vir solicitar a ajuda dos vivos. As Igrejas cristãs, católica e ortodoxa, têm por tradição rezar por essas "almas penadas", para as ajudar. É espantoso que Cayce, criado na religião protestante — onde não é costume rezar pelos mortos — o tenha recomendado:

— Senhor Cayce, a entidade viveu a seguinte experiência: uma noite, acordou e sentiu a presença do seu irmão. Gostaria que lhe explicasse o que se passou.

— Foi uma realidade.

— A 2 de junho de 1942, ela ouviu o irmão chamá-la. Era a hora exata em que ele morreu?

— Não a hora exata, mas a hora em que essa entidade pôde encontrar a frequência que lhe permitiu falar contigo.

— Queria ele fazer saber alguma coisa à irmã?

— Sobretudo, precisa dela. Que ela não se esqueça de rezar por ele e com ele, sem procurar retê-lo, mas esforçando-se por ajudá-lo a caminhar para a luz. É assim mesmo. Pois aqueles que morreram precisam da oração dos que vivem: têm direito a ela. (Leitura 3416-1.)

E eis porque a lista de nomes lida em Virginia Beach termina com os dos defuntos.

Eis o que lança luz sobre os estados pós-morte:

— A morte, senhor Cayce, interrompe imediatamente as sensações do corpo físico? E, se não, durante quanto tempo?

Isso pode, de facto, ser um problema. Depende da forma como ocorreu a perda da consciência física ou da maneira como a pessoa se habituou a encarar a morte. A morte é apenas a passagem por outra porta divina. É evidente que há continuidade de consciência, como mostra a aptidão das entidades para se projetarem ou criarem impressões na sensibilidade dos médiuns e de outras pessoas recetivas.

Quanto à duração da morte, mais de um indivíduo permaneceu nesse estado durante anos, sem se aperceber de que estava morto! Os sentimentos, os desejos, os apetites são modificados, ou então o defunto não tem disso qualquer consciência. Habitualmente, é a sua aptidão para comunicar que perturba ou incomoda os outros (os vivos). Quanto tempo? Depende da entidade. Pois, como dissemos, as forças *psi* de uma entidade estão constantemente ativas, quer essa alma-entidade disso esteja consciente quer não (...).

— E se se queimar o corpo por incineração, ele sente?

Que corpo? O corpo físico não é a consciência que pensa. A consciência do corpo físico é uma coisa diferente. Há o corpo mental, o corpo físico, o corpo espiritual. Como tantas vezes dissemos, é o espírito que é o construtor. Pode-se queimar ou incinerar um espírito? Uma inteligência? Mas pode-se facilmente destruir o corpo físico. E estar ausente (...) do seu corpo físico é estar presente com o Senhor, Ele que é a Consciência Universal, o Ideal. Ausente de quê? Que ausência? Ausência da sua consciência física, sim. E quanto tempo se leva a perder a consciência física? Pois bem, isso depende da força dos apetites e dos desejos do corpo físico! (Leitura 1472-2.)

Do bom e do mau uso dos grupos...

Existe, por toda a América, uma rede de *study groups* onde as pessoas se reúnem para ler o pensamento de Cayce e discuti-lo. Na conceção do seu fundador, o grupo de cura pela oração era apenas um complemento desses grupos de estudo. Nestes últimos, estudam-se os textos dados por Cayce e reunidos sob o título *Search for God* ("À procura de Deus"), e que são sublimes.

Mas será necessário estar em grupo para os apreciar? Se for americano, provavelmente. Se for europeu de expressão francesa, é discutível... Nestes grupos, não aprenderá mais do que lendo *The Search for God* sozinho, no fundo da sua cama... Do nosso ponto de vista europeu, estes grupos são de um tédio mortal: as pessoas passam a maior parte do tempo a despejar, sem humor algum, os seus problemas íntimos, que os outros escutam polidamente, como se

estivéssemos no teatro (com a diferença de que as réplicas raramente são boas...).

Não discuto a necessidade dos grupos no contexto americano. Se Cayce criou estes *study groups*, tinha excelentes razões. Porque, na América, ao contrário da Europa Ocidental, as pessoas têm uma vida sociocultural extremamente empobrecida. Eis porquê: na América do Norte, não se sabe o que é uma "cidade", no sentido grego e latino do termo. Uma cidade é um espaço privilegiado, onde se anda a pé, graças ao que se beneficia dos contactos culturais, sociais, artísticos e religiosos múltiplos que a rua oferece. A cidade organiza-se, entre nós, em torno de um espaço livre, o "fórum", que permite trocas intensas... Em latim, essa coisa maravilhosa chamava-se *civis*, a cidade, de onde vem a palavra "civilização". E, em grego, *polis*, de onde vêm a polidez e a política...

Ora, já não há cidades nesse sentido, nos Estados Unidos, exceto Nova Iorque! O automóvel matou a cidade: as cidades não passam de um quadriculado de quarteirões colocados uns ao lado dos outros, em espaços tão vastos que já nem se põe a hipótese de neles andar a pé. O medo, a violência, o racismo fizeram o resto... Constatando este empobrecimento das trocas culturais na cidade, foi preciso inventar algo: foi a "dinâmica de grupo", que presta muitos serviços nos Estados Unidos.

Eu própria, que me aborrecia como um rato, à noite, no fundo do meu subúrbio, estava encantada por participar num *study group*: fazia-me ver gente! Substituía o jantar com amigos no café, de que teria beneficiado em Paris, onde a vida cultural intensa (por tradição e há pelo menos vinte séculos) fervilha de ocasiões de troca livres, espontâneas e apaixonantes. Aqui, não precisamos de grupos artificiais para nos informarmos...

Eis duas opiniões de Cayce sobre a utilidade, mas também sobre os limites, do grupo:

Imprimi cada vez mais no espírito das pessoas que esta força, que deve trazer a purificação, a fé e a esperança aos espíritos, aos corações e às almas, vem DELE. E que toda a confiança deve ser posta n'Ele, NÃO no grupo. O grupo apenas permite a cada indivíduo desenvolver a sua força, a sua aptidão para curar e estar mais consciente das necessidades de cada um nesta busca. (Leitura 281-9.)

O grupo pode ser um álibi cómodo para fugir à sua verdade interior:

Onde prometeu Ele encontrar-te? No teu próprio tabernáculo! Pois o teu corpo, o teu próprio corpo, é o Templo do Deus Vivo. (Leitura 1861-12.)

A igreja está aí, dentro de ti mesmo, e não num papa ou num pregador, seja ele qual for. Nem em qualquer edifício, mas em ti mesmo, uma vez que o teu corpo é o Templo do Deus Vivo... (Leitura 5125-1.)

A base do que foi ensinado por ELE é que o caminho, a verdade e a luz devem estar livremente à disposição de todos. E que as escolhas, hoje como ontem, devem ser feitas por cada indivíduo no seu foro interior e não segundo as diretivas de um grupo. (Leitura 1767-2.)

— Mas diga-nos, senhor Cayce, a ação de curar em grupo é mais eficaz do que a cura operada por um indivíduo isolado e, se sim, porquê?

Quando dois ou três estão reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles. Estas palavras foram pronunciadas pela Vida, pela Luz, pela Imortalidade, e assentam numa lei. Pois a união não faz a força? E porquê? Porque a unidade de objetivos e desejos dinamiza as energias que residem no interior do corpo e põe-nas em movimento. A diversidade de ideias pode gerar confusão, mas as linhas de força reunidas sobre uma pessoa são de natureza a aumentar a eficácia e a influência desta lei universal que produz a cura. (Leitura 281-24.)

Existe em França um sindicato de curadores conhecido pela competência e honestidade dos seus membros. Trata-se do G.N.O.M.A., 12, rue Grange-Batelière, 75009 Paris, Tel. (1) 47.70.36.70. Recorri muito frequentemente ao G.N.O.M.A. para me tratar e nunca me arrependi. Este agrupamento edita uma revista interessante, *Thérapeutiques naturelles*.

4

As medicinas suaves caycianas

É também reconfortante saber que Cayce encorajou este renascimento das medicinas suaves por que lutamos há tanto tempo... Éramos caycianos sem o sabermos!

(Ver *Médecines douces pour nos enfants*, nas Éditions du Rocher, onde se resumem as características de cada uma destas medicinas suaves, bem como a sua utilização prática). Comecemos pela fitoterapia.

As plantas de sempre

O rícino

O óleo de rícino diz-se *Castor Oil* em inglês. Ao princípio, pensei que se tratava de um tipo de óleo de vison e fiquei muito chocada nos meus sentimentos ecológicos... Depois percebi que se tratava do óleo extraído do arbusto bem conhecido chamado em latim *Palma christi*!

A grande originalidade de Cayce é tê-lo recomendado por via externa e muito pouco por via interna (pesadelo de tantos pobres miúdos de antigamente!). A forma de o usar são cataplasmas quentes aplicados sobre a pele. Cayce prescreveu este *Castor Oil* perto de 570 vezes! Dá para ver como o considerava importante! Eu própria experimentei... É genial!

Não é um remédio realmente novo: sabe-se desde sempre que o óleo de rícino é um poderoso catártico, isto é, uma substância que provoca uma catarse, ou reação rápida do corpo para se libertar de toxinas. Eis uma leitura típica:

Aqueça o óleo. Mergulhe nele 2, 3 ou 4 camadas de flanela. Escorra-as e aplique diretamente sobre o corpo. Certifique-se de que uma fonte de calor seco mantém este cataplasma quente durante cerca de uma hora, enquanto estiver em contacto com a pele. Depois, lave e banhe o corpo com uma solução de sabão, para o libertar da acidez e das secreções naturais que terão sido provocadas pelo cataplasma. (Leitura 1034-1.)

Para simplificar, pode também untar-se a pele com este óleo de rícino, que é bastante viscoso, e depois colocar por cima uma faixa de lã (Cayce diz que a flanela de lã era preferível ao algodão) e, por fim, por cima de tudo, uma botija de água bem quente. Deve pedir-se óleo de rícino *Codex* [5], não demasiado "purificado", o mais natural possível. O que se vende em Virginia Beach (na loja *Heritage store*, especializada em remédios caycianos) é excelente: não demasiado refinado, de tom amarelo e com um odor muito suportável.

Que se trata com óleo de rícino por via externa?

Pois bem!... Tudo, ou quase. Furúnculos, verrugas, dermatoses, quistos, tumores benignos... mas também tumores malignos: por exemplo, cancros da pele e da mama (em que Cayce obteve sucessos definitivos). E não apenas as doenças que se manifestam ao nível da pele, mas também desordens internas muito graves, que nem sempre aparecem ao nível cutâneo: cistites e colecistites, cólicas hepáticas e nefríticas, todos os problemas hepáticos e digestivos em geral, colites, cólicas, obstipação, apendicite; reumatismos, dores de cabeça, certas desordens do sistema nervoso como a epilepsia; nefrites e até toxemia gravídica. Todas as febres...

Uma vez que todos esses males provêm de um envenenamento interno, o óleo de rícino desempenha então um papel de catalisador na eliminação dos venenos. Deve aplicar-se o cataplasma vários dias seguidos, durante várias horas nos casos agudos, até obter alívio da dor e melhoria dos sintomas, e na zona que corresponde ao órgão (por exemplo, no fígado em caso de cólica hepática, nos rins em caso de cólica nefrítica e cálculo, etc.).

Uma única contraindicação: não usar cataplasmas de óleo de rícino durante a menstruação.

Muitos médicos que investigaram os remédios caycianos confirmaram a poderosa eficácia do óleo de rícino, que Cayce explica assim:

O efeito destes cataplasmas de óleo é dinamizar, pela absorção através do sistema sudoríparo, as atividades físico-químicas que produzem uma maior quantidade de linfa, aumentando a atividade das trocas à superfície. Isso provoca uma drenagem que permitirá a eliminação dos venenos. (Leitura 631-4.)

O bom azeite das famílias

Esse é um velho amigo e não nos desgostou por uso abusivo. Considerado desde sempre suavemente laxante, é muitas vezes recomendado por Cayce. Por exemplo, aconselha uma "dieta de maçãs", em que se come, durante três dias, apenas maçãs cruas (não tratadas, claro!), terminando esta mini-cura com uma chávena de café de azeite. Esta cura tem um objetivo depurativo: emagrece, corrige a obstipação, drena o organismo à entrada do inverno. A salada niçoise teria encantado Cayce, se a tivesse conhecido!

... Bem se sabe que o azeite é amigo do fígado (desde que consumido cru e que seja azeite virgem, extraído por primeira prensagem a frio). Cayce recomenda-o tanto por via externa como por via interna:

O azeite, preparado como deve ser — azeite virgem puro —, deveria ser sempre usado. É um dos melhores estimulantes da atividade muscular e da secreção das mucosas quando aplicado sobre o corpo. (Leitura 440-3.)

Nos casos de cicatrização difícil, de queimaduras, Cayce recomenda azeite canforado (cânfora natural, claro, produto do canforeiro do Japão). A mistura dos dois, aplicada sobre a epiderme, tem por efeito não só produzir um apaziguamento, um amolecimento, mas estimular a circulação de tal forma que, pouco a pouco, em dois anos ou dois anos e meio, se produza uma renovação completa da pele. (Leitura 440-3.)

Aviso aos grandes queimados e aos que sofrem de cicatrizes queloides, isto é, viciosas. Cayce dá as proporções: azeite e cânfora em partes iguais, mas pode dosar-se a mistura de modo a não ser demasiado forte e não arder (portanto, com menos cânfora). Outros usos ainda deste azeite canforado: constipações, amigdalites, pneumonias, congestões. Ou em massagem para restabelecer a circulação. Peça ao seu farmacêutico que o prepare, mas forneça-lhe azeite "bio"! Por fim, o champô de azeite tem todas as preferências de Cayce, assim como os sabonetes. Fabricam-se em França, no Sul, excelentes! (Uma sorte para nós!)

De modo mais geral, para melhor eliminação de resíduos:

Tome de manhã e à noite pequenas quantidades de azeite puro. Metade de uma chávena de café estimulará a secreção gástrica, que é ativada pelo azeite. (Leitura 1481-1.)

O verbasco

Também chamado *mullein*, ou *Cierge de Notre-Dame*, etc., conhece-o bem: floresce em amarelo, com uma haste floral muito alta. As folhas são muito largas, aveludadas, de um verde amendoado. O seu nome latino é *Verbascum thapsus*. Cayce recomenda beber infusões, em caso de varizes e hemorroidas:

Tome chá de verbasco, feito a partir das folhas verdes, frescas e tenras. Deite um litro de água a ferver sobre 30 gramas de folhas. Deixe repousar 20 a 30 minutos. Depois coe e tome uma chávena por dia. Faça uma infusão fresca de dois em dois ou três em três dias. Isto ajudará muito a circulação e eliminará o excesso de acidez, ajudando a circulação venosa. (Leitura 243-38.)

Cayce dá o mesmo conselho a uma jovem grávida cujas pernas estavam inchadas (Leitura 457-13). Receita útil para muitas mulheres do nosso tempo, que sofrem de problemas circulatórios devidos, não necessariamente a uma gravidez, mas mais frequentemente ao uso diário de collants de nylon e à pílula.

Não dou outras receitas: encontram-se em todos os livros sobre plantas medicinais, incluindo *La Phytothérapie* do Dr. Valnet (Éditions Maloine). Cayce, como Valnet, recomenda o cataplasma de folhas de verbasco (leitura 5037-1) para aliviar cólicas nefríticas e, de um modo geral, para ajudar a dissolver lamas e pedras que bloqueiam as vias urinárias. Com tantos remédios à mão, pergunta-se como ainda há doentes... Mas quem usa plantas sabe bem que os problemas nunca duram muito!

Amêndoas contra o cancro

Fez-se muito barulho em torno de uma prescrição repetida várias vezes por Cayce:

Aqueles que comerem duas ou três amêndoas por dia nunca mais precisarão de temer o cancro. (Leitura 1158-31.)

Na perspetiva cayciana, o cancro não é essa psicose coletiva que é hoje no grande público. Tendo a medicina oficial quase falhado em curá-lo, pessoas pouco informadas entram em pânico. Mas, nos dossiês Cayce, vi muitos cancros curados...

A prescrição de Cayce não tem, aliás, nada de espantoso quando se sabe que a amêndoa é muito rica em cloreto de magnésio e que este é um dos grandes preventivos do cancro (como mostraram os trabalhos do Prof. Delbet; ver os dossiês da Fipiad[6]).

Dito isto, não vá "engolir" qualquer coisa. Para começar, Cayce fala claramente de amêndoas naturais e não dessas coitadas lavadas, secas, desidratadas, salgadas, coloridas, acondicionadas... que se encontram pré-embaladas "para cocktail". Sempre que pode, repete que é preciso consumir produtos puros, não tratados quimicamente... Portanto, faça provisão de amêndoas miolo da Provença!

Por outro lado, a medicina cayciana não é, de modo algum, um conjunto de "pequenos truques mágicos". Cayce repete vezes sem conta que toda a doença se constrói primeiro no plano mental, o cancro como as outras! Insiste incessantemente no trabalho a realizar no nosso mental, no nosso espírito, e no plano da higiene de vida. A doença é, em primeiro lugar, mais uma consequência de uma atitude mental e emocional distorcida! E nenhum medicamento surtirá efeito se não corrigirmos a nossa atitude interior. Mas voltarei a este ponto mais adiante. Só aceitando trabalhar sobre o nosso mental e sobre as nossas emoções temos uma hipótese de ver resultar as receitas. E, em particular, a amêndoa diária, pois contém:

fósforo e ferro, combinados de uma forma mais facilmente assimilável pelo organismo do que qualquer outro tipo de fruto seco. (Leitura 1131-2.)

Cayce recomenda também plantas medicinais conhecidas dos Índios, e cujos nomes pouparei aos meus leitores, pois encontram equivalente na Europa. Inútil, portanto, ir a correr para Virginia Beach (quando temos tudo o que é necessário aqui!).

Os oligoelementos

Para aqueles que redescobriram, com que entusiasmo!, as nossas medicinas ancestrais, Cayce é verdadeiramente encorajador. Ao folhear as suas leituras, não deixei de reencontrar nelas as boas e velhas receitas que outrora recomendara aos meus leitores, depois de as ter, aliás, experimentado eu próprio. Por exemplo, as virtudes da cebola, da uva, do mel, do sal marinho, da areia, da argila, do ouro, do ar, da água… Cayce aprecia particularmente os cataplasmas, que, graças a Deus, ainda conhecemos na Europa (enquanto houver avós!).

Na América, isso está tão esquecido que, na Fundação Cayce, são obrigados a dar cursos para ensinar como se faz um cataplasma! As pessoas angustiam-se perante a ideia de fazer algo de que a televisão não lhes falou! E, além disso, os cataplasmas não são dolorosos nem violentos… É uma medicina totalmente suave: os tratamentos caycianos nunca violentam o doente, nunca lhe impõem um acréscimo de dores, como faz a nossa medicina moderna, que é impiedosa…

Voltando aos cataplasmas, vimos que Cayce prescrevia os preparados com óleo de rícino e com folhas de verbasco. Mas prescrevia também cataplasmas de uva, de tanchagem, de cascas de batata… Os mais originais são seguramente os cataplasmas de areia quente:

"Exponham-se bastante ao sol, isso é bom para o corpo. Façam também massagens com areia, cataplasmas de areia. Isso será benéfico. Aumenta a circulação capilar." (Leitura 357-1.)

"Quando houver areia e banho de mar, é bom cobrir o corpo de areia depois disso, de areia seca! Molhem todo o corpo na água do mar, com o fato de banho!, e depois cubram-no imediatamente com areia seca, não com areia húmida. Cubram o corpo inteiro, exceto, naturalmente, a cabeça e o rosto, que devem ser protegidos do sol, enquanto todo o resto, isto é, o monte de areia, deve ficar em pleno sol. Não deixem a areia pesar demasiado sobre o corpo, ao ponto de criar angústia ou mal-estar, mas deixem o corpo assim coberto durante vinte ou trinta minutos, se o suportarem. A areia nesta localidade não é tão eficaz como noutros sítios onde contém mais rádio e ouro, e elementos semelhantes. Mas, enfim, utilizem o que tiverem à mão. Uma vez por dia, isso estimulará a circulação capilar." (Leitura 849-33.)

A outras pessoas, que tinham problemas cardíacos, Cayce, pelo contrário, desaconselhou o cataplasma total de areia. De modo geral, este só pode praticar-se num clima quente, como acontece em Virginia Beach, cujo clima se assemelha no inverno ao de Nice e no verão ao de Miami! É evidente que, na Bretanha, será difícil encontrar areia suficientemente seca. Nesse caso, será

preferível fazer cataplasmas parciais de areia quente. Para ser fiel ao espírito cayciano, dever-se-ia deitar diretamente sobre a areia ao sair da água, em vez de interpor uma toalha de banho ou uma espreguiçadeira. E nem todas as areias têm o mesmo valor, é também o que diz Cayce. As areias renovadas pela maré, como as que temos na Bretanha, têm seguramente um grande poder curativo. Quanto aos banhos de lama, praticados nas estâncias termais e de talassoterapia, estão perfeitamente na linha cayciana!

Experimentei um banho de areia completo na praia de Virginia Beach: é verdade que a areia pesa bastante, e isso causa uma sensação estranha. Eis por que o bom Cayce dizia que só se devia tomar um banho de areia se a pessoa o pudesse suportar sem angústia. Pois "enterra-se" (ainda que com a ponta do nariz ao ar!).

Esta terapia não tem realmente nada de temível e, pessoalmente, achei que um bom banho de areia deixa a pessoa em forma para o resto do dia. É que as areias contêm, como Cayce sublinhou várias vezes, o que hoje se chama oligoelementos: são os elementos simples de base recenseados pela classificação de Mendeleiev, alguns dos quais estão presentes em quantidades muito pequenas. Oligo significa "pouco" em grego. Foram assim designados porque, na medicina dos oligoelementos do Dr. Ménétrier, considera-se que esses minerais, metais e metaloides são essenciais, mesmo em quantidade ínfima: a sua presença, sob a forma de vestígios imponderáveis, é indispensável, pois desempenham um papel de catalisador na formação dos tecidos [7].

Uma carência de um ou outro desses oligoelementos no nosso organismo provoca doença. Será, portanto, necessário absorvê-los para remediar a carência. A medicina dos oligoelementos administra-os sob a forma de ampolas bebíveis, numa solução aquosa. Por exemplo, a alguém que sofra de certas infeções prescrever-se-á "ouro" e "prata", Argentum, ou combinações simples desses elementos: Argentum nitricum, por exemplo. Nas receitas caseiras de outrora, conhecia-se a maceração de ouro: os camponeses deixavam um objeto deste metal de molho, durante toda a noite, num copo de água. E, de manhã, bebia-se essa água que continha vestígios de ouro…

Na ausência de homeopatia ou de oligoelementos, medicinas desconhecidas nos Estados Unidos, Cayce propôs equivalentes, através de diferentes tratamentos tanto internos como externos. Não os apresentarei aqui, pois temos tudo o que é necessário na Europa (ver mais adiante a hidroterapia pelas águas termais: sulfurosas, ferruginosas, carbonatadas, radioativas, de nascente ou marinhas, estas águas minerais naturais fornecem-nos, por banhos ou por ingestão, esses famosos oligoelementos tão recomendados por Cayce).

As nossas tradições médicas utilizam também a argila — silicato de alumina hidratado — que possui grandes propriedades revitalizantes, cicatrizantes, desinfetantes… Quantas vezes tratei os meus filhos, a mim próprio e os nossos animais domésticos com cataplasmas de argila verde sobre queimaduras, erupções e pequenos males diversos! Ou então com um pouco de argila na água de beber em caso de diarreia (encontra-se argila em todas as farmácias de França e de Navarra!). Cayce fala muito deste último tratamento:

"Não tenham medo de consumir um pouco de argila de tempos a tempos. Devem saber que é preciso ingerir uma certa quantidade se se quiser equilibrar a saúde. É por causa desta falta que surgem todo o tipo de doenças. Pois o Homem é pó e ao pó há de voltar." (Leitura 3352-1.)

— Qual é a melhor forma de tomar essa argila, Sr. Cayce?
"Como o sentirem: na boca, e engulam-na! Não é nada desagradável. O corpo precisa dela, clama por ela! Começará a apreciá-la ao fim de três ou quatro dias!" (Leitura 4740-1.)

Muitas vezes fiz a experiência de pôr uma pitada de argila na água de beber dos animais doentes: garanto-vos que se lançam sobre ela! Quanto a nós, humanos, se dela precisarmos, é verdade que lhe encontramos bom sabor! Cayce recomendou também procurar esses oligoelementos na alimentação, o que, aliás, não ignoramos:

— O que prescreve para tratar esta anemia?
"Não há nada melhor, em caso de anemia, do que o fósforo! Uma sopa de marisco será muito eficaz. E também nada é mais útil para aumentar os glóbulos vermelhos do sangue do que o que encontramos nos frutos do mar: ostras, amêijoas…" (Leitura 698-1.)

A nossa versão da sopa de marisco conhecida nos Estados Unidos é, naturalmente, a sopa de peixe provençal, ou as suas irmãs de outras regiões (como a pauchouse). Quanto à mariscada, parece-me corresponder perfeitamente aos conselhos de Cayce.

Em Virginia Beach, em Norfolk, junto ao mar, há peixe muito bom, de que me deliciei… Mas atenção, se forem lá: não o comam frito, nem excessivamente cozido, nem acompanhado dessas molhos detestáveis que se dizem "french dressing" ou "italian dressing". Peçam apenas uma rodela de limão… Será mais saudável. As ostras são surpreendentes: não são salgadas, pois são cultivadas em águas salobras. Por isso, são melhores cozinhadas! As amêijoas e conquilhas são excelentes, mas as vieiras são sempre servidas sem o coral: o que é pena,

pois é precisamente essa parte vermelha que contém os oligoelementos e, em particular, o iodo.

Cayce adorava o famoso guisado de amêijoas: clam chowder. Mas não o aconselho nos restaurantes de lá, pois acrescentam-lhe brandy e muitos outros ingredientes mais ou menos químicos que acabam por prejudicar fígados sensíveis. Consumam-no apenas em casa de uma anfitriã que o prepare ela própria, a partir de verdadeiras amêijoas.

Na água do mar encontram-se vestígios de todos os elementos simples conhecidos. Eis por que os peixes e os frutos do mar são uma fonte insubstituível de oligoelementos. Cayce recomendou-os inúmeras vezes:

— As ostras fornecem iodo suficiente para este corpo?
"As ostras fornecem uma quantidade considerável de iodo." (Leitura 275-17.)

"Pode ser fornecido por esses alimentos ricos em iodo, que são os frutos do mar e os peixes. (…) Prefiram obter o iodo através desses alimentos, pois é assim que será mais assimilável." (Leitura 257-243.)

Os pescadores bretões vão ficar contentes! E, na minha opinião, a sopa de peixe mediterrânica, que inclui as "aparas" do peixe, isto é, cartilagens, pele e partes que normalmente não se comem, parece-me um verdadeiro festival de oligoelementos! jiman [8]

Quanto ao ferro:

"Este corpo (…) precisa de mais sangue vermelho (…). O seu regime deveria fornecer mais ferro, como o que se encontra na pera…" (Leitura 4834-1.)

— Indique-nos os alimentos que contêm ferro?
"Espinafres, couves, nabos, salsifis, rabanetes (…). Quanto aos frutos: comam peras (…), certas variedades de maçãs, de limões, de laranjas…"

— De que minerais careço mais particularmente?
"São dezanove! Ouro, prata, platina, sílica, ferro, etc."

— Por que razão tenho este apetite de ogre?
"É porque o seu corpo deseja colmatar as carências em minerais." (Leitura 924-1.)

Estes excertos de leituras mostram até que ponto Cayce atribuía importância às carências minerais.

As virtudes da água
Banhos e águas termais

Quanto a estas, as nossas queridas "águas minerais", somos verdadeiramente um país abençoado pelos deuses! E ainda mais por nunca termos esquecido as tradições gaulesas da terapia pela água! As estâncias termais e marítimas de França, da Bélgica e da Suíça correspondem perfeitamente às recomendações de Cayce.

Beneficiámos também (sobretudo na Suíça e na Alsácia) dos ensinamentos do abade Kneipp, que curava tudo com água, quente ou fria, e cujos êxitos foram notáveis. Nos Estados Unidos, pelo contrário, o termalismo foi abandonado. Não se acredita nele (era uma medicina indígena… portanto considerada atrasada!). Era impossível a Cayce enviar os seus pacientes para estâncias termais que já não existiam! Era, pois, necessário encontrar algo que as substituísse. Porque as leituras, às centenas!, insistem na cura pela água, sob todas as suas formas e por todas as vias do corpo.

Para começar, recomendou banhos com adição de "sais de Epsom", à venda nos Estados Unidos, e cuja composição química se aproxima da de muitas das nossas águas termais. Esses banhos eram prescritos em casos de reumatismo, de mau funcionamento glandular, de sequelas de acidentes… Por exemplo:

"Aconselhar-vos-íamos a tomar todos os dias pelo menos um banho de água com sais de Epsom." (Leitura 5169-1)

Não insisto, porque as recomendações e indicações que se seguem são exatamente as de algumas das nossas curas termais… Vão fazer uma cura a Vichy ou a La Bourboule e estarão perfeitamente na linha do pensamento cayciano!

A hidroterapia, em sentido amplo, inclui todas as formas de terapia pela água, externa e interna, e é assim mesmo que Cayce a entende.

Não só os banhos de água mineral (natural ou reconstituída na banheira), mas também os banhos de vapor:

"Recomendamos, em primeiro lugar, o uso de banhos para transpirar… Não tanto os que aquecem o corpo diretamente pelo contacto com a água, mas, neste caso, de preferência, os banhos de vapor." (Leitura 1302-1.)

Cayce recomendará também os "pedilúvios" ou banhos curativos de pés, incluindo os bem conhecidos com farinha de mostarda. Recomendará banhos com óleos essenciais (os que se podiam encontrar na sua época, como o pinho, por exemplo), banhos de sol, banhos de mar, e tudo o que pudesse substituir os banhos turcos, ou banhos mouros, ou banhos finlandeses, que temos na Europa

(cujo princípio é levar o corpo a transpirar, para depois o lavar em água muito fria).

"Seria bom mergulhar os pés e os membros em água muito quente, juntando-lhe mostarda para ativar a circulação nessas partes do corpo (…). E, em caso de gripe, de constipação, mergulhar os pés nessa água com mostarda, até aos joelhos, e mesmo até às coxas. E podem até tomar banhos de assento nessa água com mostarda, mas, nesse caso, não ponham demasiada." (Leitura 1005-15.)

Encontrarão farinha de mostarda em qualquer farmácia ou ervanária. Cayce recomendou também banhos de amido, de farelo, de bicarbonato de sódio e até o cataplasma de água gelada sobre o abdómen em caso de insónia.

Beber muita água

Cayce insiste muito na necessidade de beber água pura (aqua pura, como ele diz), complemento indispensável de toda a hidroterapia:

"Pois, como temos dito muitas vezes, quando qualquer alimento entra no estômago, este torna-se imediatamente um armazém, um laboratório médico onde se criam todos os elementos necessários a uma boa digestão através do corpo. Se este processo for dinamizado logo no início pela ingestão de aqua pura, as reações serão muito mais normais." (Leitura 311-4.)

— Quanta água devo beber por dia?
"Cinco a seis copos grandes cheios." (Leitura 574-1.)

E, noutra leitura, repete que recomendou bem a água pura, de preferência a qualquer outra bebida. Não se deveria, portanto, passar um dia sem beber água…

"Bebam muita água! (…) O cuidado do corpo, de um modo geral, exige que se mantenha muita água nele, tanto por via interna como por via externa (…). É isso que construirá as defesas normais do corpo." (Leitura 583-4.)

"Todas as manhãs, ao levantar, é bom tomar um copo de água quente, cheio a metade ou a três quartos. Não tão quente que seja impossível de beber, nem morna ao ponto de causar repugnância! Mas isso ajudará à eliminação de toxinas (…). Podem, ocasionalmente, juntar-lhe uma pitada de sal." (Leitura 311-4.)

Maldito seja quem nisso vê mal: os enemas…

Cayce não se cansa de insistir nos enemas, de acordo com a medicina ayurvédica, que dá grande importância à limpeza dos intestinos, e perfeitamente em consonância com as nossas medicinas suaves europeias. Porque a doença é sempre criada por uma intoxicação, na maioria das vezes uma auto-intoxicação. Quando o trânsito intestinal, pela sua lentidão, não elimina as toxinas, elas voltam a circular no sangue e, aí, isso pode tornar-se gravíssimo. Essas toxinas provocam um envenenamento geral, muitas vezes insidioso, com um enfraquecimento progressivo da pessoa, que nem sempre se apercebe disso.

Eu acabara de chegar aos Estados Unidos quando conheci Adelaide Crockett na Fundação Cayce. Era uma senhora da América pré-hippie, uma verdadeira senhora, elegante, fina, culta, cortês, com um dinamismo que desafiava os anos. Um modelo americano muito bem conseguido das gerações anteriores. Gostava muito dela pelo seu entusiasmo, pela sua alegria, pela sua paixão por qualquer desporto disponível.

… Portanto, eu tinha encontro marcado para almoçar com Adelaide, na biblioteca da Fundação Cayce, de que ela é um dos pilares.

— Ah, não! — disse-me ela — isso não é possível. Lamento muito. Estou com uma grande constipação, não me sinto nada bem. Por isso marquei no Therapy Department para fazer um "clonic".

— Um quê, Adelaide?

— Um "colonic enema".

— O que é isso?

— Enema. Venha comigo, se quiser, e verá!

Não queria acreditar no que ouvia. *Enema* em inglês quer dizer clister, e o dicionário dizia o mesmo. *Colonic enema* traduzia-se por clister do cólon. E isto na boca de uma senhora quase tão distinta quanto a minha própria avó… Inacreditável! Eu sentia-me embaraçada por ela. Mas ela, nada disso: ria-se!

Depois explicou-me que, na Fundação Cayce, tinham uma máquina para fazer enemas, da qual estavam muito orgulhosos! Já que Cayce insiste tanto nessa forma de higiene… (Na realidade, achei a máquina bastante arcaica, e Cayce não diz em lado nenhum que o tratamento devesse ser feito à máquina!… Mas, na América, têm tal paixão por máquinas que tinham de pôr uma ali também!)

Adélaïde saiu do Therapy Department toda sorridente.

— Então, Adeliade, sente-se curada da constipação?

— Mas claro, *darling*. Agora estou bem, a constipação passou, já consigo respirar. *Isn't marvellous?*

… Ao regressar a Paris, onde o tema é tabu para os intelectuais, reli as "Memórias" de Saint-Simon. Ele descreve a vida quotidiana da Corte do Rei-Sol e fala, sem qualquer inibição, das purgas e dos diversos clisteres que se tomavam… em público. Decididamente, é esse século XIX puritano que está na origem de todos os nossos males… Tabus que se pagam caro do ponto de vista da saúde! Cayce:

"Existem vias naturais para eliminar os venenos, isto é, as energias usadas pelo corpo. Depois de trabalharem sobre os elementos nutritivos vindos do exterior, essas forças usadas são triadas, graças à circulação dos diferentes sistemas, e postas de parte. Os resíduos assim produzidos devem ser eliminados. Eliminamo-los principalmente através da respiração, isto é, da atividade dos pulmões, através da transpiração, através do tubo digestivo, através dos rins (…). As dores de cabeça, por exemplo, são um sinal de que as eliminações não se fazem como deveriam. Além disso, neste corpo em particular, o tubo digestivo sofre de um estado patológico ao nível do cólon, onde se produz uma sobrecarga (…). Daí a necessidade de proceder a irrigações do cólon, de tempos a tempos, e de praticar, de um modo geral, diversas formas de hidroterapia." (Leitura 2602-2.)

"Pois a hidroterapia, tal como as massagens, é tão preventiva quanto curativa; permite a limpeza geral do organismo, restabelecendo o seu funcionamento geral, eliminando venenos e aliviando as zonas congestionadas. Sem isso, as doenças correm o risco de se tornar agudas." (Leitura 257-254.)

Se nunca se deveria deixar passar um dia sem lavar, da cabeça aos pés, o suor segregado por todo o corpo, também não se deveria:

"Deixar passar vinte e quatro horas sem evacuação das fezes. Pois é isso que acumula venenos e resíduos tóxicos que pesam sobre o sistema nervoso, sobre o simpático e o parassimpático, bem como sobre o sistema cardíaco, provocando congestionamento, sobrecarga da atividade do coração. Daí os enemas e a necessidade de melhorar o regime alimentar. Caso contrário, as acumulações de resíduos trazem a doença. Daí também a necessidade de adotar mentalmente uma atitude positiva e construtiva a esse respeito." (Leitura 294-184).

E Cayce aconselha, em vez de laxantes, uma mudança de regime alimentar (de que falaremos mais adiante) e enemas! Para os meus leitores que possam ficar chocados, quero dizer aqui que eu trairia o pensamento de Cayce se

silenciasse algo em que ele tanto insistiu. Este grande princípio de purificação física é essencial na filosofia cayciana. Nas leituras surge constantemente a palavra *cleansing*, que significa limpeza, purificação…

"Pois toda a gente, todas as pessoas, deveria fazer de tempos a tempos um enema interno, tal como se tomam banhos externos. As pessoas sentir-se-iam melhor se estivessem dispostas a fazê-lo." (Leitura 440-2.)

"Limpem o vosso corpo, tal como o vosso espírito, de tudo o que o atravanca. O que atravanca o corpo são as eliminações insuficientes. Ajudem o vosso corpo a eliminar melhor as suas toxinas." (Leitura 2524-5.)

Da importância de exercitar o corpo todos os dias

Um esforço físico quotidiano parece indispensável a toda a gente:

"Como muitas pessoas descobrem, manter-se em forma é um trabalho que vale a pena empreender (…). Para começar, façam o que for preciso para isso: reservem tempo para descansar, fazer exercício, manter-se em boa condição física." (Leitura 849-18.)

Porque, diz Cayce, há tanto de espiritual no cuidado do corpo quanto noutras atividades consideradas, erradamente, como mais nobres. Por isso, não há razão para desprezar a higiene mais terra a terra.

Quando os Antigos diziam *mens sana in corpore sano*, isso queria mesmo dizer que o sábio deve chegar ao domínio do seu corpo. E quem despreza o seu veículo terrestre ainda não atingiu a sabedoria! Do esforço quotidiano para purificar e tornar saudável o nosso corpo, há grandes lições espirituais a tirar. Para começar, Cayce diz que cada um deve absolutamente praticar exercício físico:

"É bom que cada pessoa, que toda a gente, faça exercício para compensar a rotina das atividades quotidianas, de modo que se possa repousar." (Leitura 416-1.)

"Façam mais exercício, ao ar livre!, de modo a pôr em ação as energias musculares do corpo. Não é que a atividade mental deva ficar anquilosada, ou ser eliminada do que se faz com os músculos, mas tudo isso deve contribuir para tornar a pessoa mais equilibrada." (Leitura 341-31.)

Cayce propõe exercícios para curar todas as variedades de doenças: a obstipação, as hemorroidas, a má digestão, as insuficiências glandulares, as doenças hepáticas e renais, as dos ossos, dos dentes, dos dedos dos pés, etc. TUDO, TUDO, TUDO!

Mas qualquer professor de ioga, de tai-chi-chuan, de aeróbica ou de luta bretona vos diz hoje a mesma coisa… Só que Cayce o disse há cinquenta anos! No entanto, nunca se deve forçar nada:

"Nunca fazer trabalhar em excesso uma parte do corpo em detrimento das outras, o que tornaria o exercício mais nocivo do que útil. O exercício é algo de maravilhoso e necessário. E pode fazer-se muito ou pouco, conforme as necessidades, de forma sistemática. Mas é preciso, nisso, usar sempre bom senso e moderação." (Leitura 283-1.)

Como diz o meu amigo Olivier Merlin, grande cronista desportivo no *Le Monde*, ao ver correr os drogados do *jogging* no bosque de Boulogne: "Estou convencido de que uma parte destes tipos encurta o bilhete em um bom número de anos!"

Por outro lado, Cayce insiste na perseverança: no pensamento, é absolutamente inútil fazer exercícios sobre-humanos… É preciso fazê-los com suavidade e todos os dias. O segredo do sucesso é a constância:

"Quando se empreende sistematicamente um exercício, é preciso perseverar." (Leitura 40008-1.)

… Pequena frase que ele repete sempre que fala de exercício.

Cayce recomenda também, muito frequentemente, o que chama "*head and neck exercises*", isto é, uma série de movimentos de flexibilização da nuca. Segundo ele, a prática diária destes movimentos trata, ou previne, um número incalculável de doenças: dos olhos, do sistema simpático, dos dentes, da circulação geral, etc. A tal ponto que, na Fundação Cayce, fazem-nos todos em conjunto à hora da meditação diária, ao meio-dia. Causa um efeito estranho, quando se chega pela primeira vez, ver aquela assembleia de pessoas muito dignas pôr-se a abanar a cabeça em todas as direções… :

"De manhã, ao levantar, comecem os exercícios da cabeça e do pescoço. Façam rodar a cabeça primeiro, muito suavemente, três a cinco vezes para a direita, e o mesmo para a esquerda. Sentados ou de pé, inclinem lentamente a cabeça para trás, tanto quanto puderem, três vezes. Depois o mesmo para a frente, três vezes. Em seguida, três vezes para a esquerda, e depois três vezes para a direita. Tomem o tempo de fazer estes exercícios lentamente, mas fielmente; não como uma rotina, mas como um ato realizado com vista a um objetivo preciso." (Leitura 1131-3.)

Noutras leituras, sublinha a importância da respiração. Ver mais adiante.

Os exercícios da cabeça e do pescoço parecem especialmente importantes por causa do grande número de funções vitais reunidas nesta parte do corpo. "Povo de nuca dura", lê-se na Bíblia, sugerindo assim que o orgulho, isto é, o medo de ter de se mudar a si próprio, se somatiza ao nível do pescoço. Eu próprio pratiquei estes exercícios e, em especial, como se faz na Fundação Cayce, antes de qualquer sessão de meditação, e devo dizer que se sente o benefício imediatamente.

As massagens: uma medicina velha como o mundo

Cayce insistiu muito ainda na importância das massagens. A leitura citada mais acima (257-254) afirmava que a massagem não é apenas curativa, mas também preventiva. Não insistirei muito, por minha vez, nisto, pois Cayce não nos traz nada de verdadeiramente original: em França, as massagens são reembolsadas pela Segurança Social, mediante prescrição médica, o que mostra bem como as consideramos importantes! Qualquer pessoa pode pedir que lhas prescrevam, e obter reembolso!

Cayce recomendava massagens suaves. Emprega muitas vezes a palavra "*gentle*", que significa suave, e não parece ter jamais recomendado tratar o paciente como uma bola de futebol, como se faz com certos métodos como o *rolfing*! Estas massagens, muito agradáveis e relaxantes, são dadas no *Therapy Department* da Fundação. Lá não se é brutalizado; pelo contrário, tudo corre sobre rodas… e em óleo.

Porque, precisamente, Cayce ligava a eficácia das massagens ao uso de óleos vegetais: óleo de amendoim, óleo de oliveira, sobretudo. O óleo de amendoim é uma produção local da Virgínia, e é lá muito bom, bem melhor do que o que temos em França, que é demasiado tratado e, em todo o caso, importado (desde que, na Virgínia, se compre óleo biológico, não tratado, nas *health food stores*). O princípio de Cayce era usar o que a terra em que se vive produz (leitura 4047-1); se faz exceção para o azeite, é porque o considera insubstituível (ver páginas anteriores).

Assim, para respeitar esse princípio, usem antes óleo de amendoim se estiverem na Virgínia, e antes azeite se estiverem na Europa, e em particular no Sul, onde temos a sorte de produzir maravilhosos azeites frutados e pouco tratados.

Mas voltemos às massagens, com a leitura dada para um rapaz de dezoito anos com leucemia:

"A massagem é muito boa, mas nós faze-la-iamos ainda muito mais frequentemente, vê? Sempre que houver a possibilidade de estimular, em todas as partes do corpo, uma melhor atividade dos órgãos. A razão pela qual recomendamos estas massagens merece a vossa atenção: a inatividade provoca um enfraquecimento, um relaxamento de certas zonas ao longo da coluna vertebral, zonas de onde partem os influxos nervosos que vão até aos diversos órgãos. Alguns recebem mais estimulação nervosa do que outros: assim, a massagem restabelece o equilíbrio, ajudando os gânglios a receber o influxo nervoso como deveriam, e isso ajuda a circulação através das diferentes partes do organismo." (Leitura 2456-4).

Em todas as doenças em que o sistema nervoso falha — e são muitas — Cayce prescrevia massagens. Considerava também que era, de qualquer forma, um tratamento preventivo contra os reumatismos:

"Os que recebem uma massagem com óleo de amendoim todas as semanas não têm de temer o artritismo." (Leitura 1158-31.)

Na leitura 1206-13, acrescenta mesmo:

"nem as doenças do fígado e dos rins."

Entre as leituras em louvor da oliveira, eis uma destinada a uma pobre mulher coxa, que sofria de astenia e toxémia:

"Duas vezes por dia, massajem o corpo, especialmente ao longo da coluna vertebral. À noite, usem para a massagem azeite, azeite virgem, onde cada segmento da coluna, cada vértebra, será massageado. Esfreguem bem para fazer o óleo penetrar no corpo. Massajem os membros, especialmente ao longo do nervo ciático e os nervos que vão do plexo até aos braços e aos antebraços; e massajem ao longo do antebraço, por dentro e por fora. Lavem o corpo depois da massagem completa. Esta massagem deve durar pelo menos vinte, vinte e cinco minutos, compreendem? De manhã, massajem o corpo com tintura de mirra." (Cayce explica noutro ponto que é preciso misturá-la com azeite, em partes iguais, para a suavizar, e aquecer um pouco o óleo. A mirra em questão é extraída de uma resina de um arbusto das margens do mar Vermelho, e encontrá-la-ão à venda em farmácias homeopáticas.)

"Isto tem por objetivo tonificar e relaxar o sistema muscular, melhorar a locomoção, ajudar o corpo a libertar-se dos seus venenos e fortalecer todo o organismo em geral. A seguir durante pelo menos quinze dias seguidos, compreendem?" (Leitura 5421-6.)

Para terminar, o Dr. Reilly, autor de um bom livro sobre as terapias caycianas, colocou a questão:

— E quem deve fazer essas massagens?
"Aquele que se sente na mesma sintonia que o tratamento a empreender."

Por outras palavras, se os profissionais de massagem são muitas vezes os melhores, porque escolheram essa profissão!, qualquer pessoa que se sinta dotada, que tenha gosto, pode aliviar outra. Nessa perspetiva cayciana, de massagens suaves, em que nada se força, isso não é perigoso. E, se isto vos interessa, podem inspirar-se em técnicas como o *do-in*, o *shiatsu*, a reflexologia, que são muito próximas das massagens descritas por Cayce. Há apenas alguns princípios a respeitar:

- as massagens fazem-se no sentido ascendente e na direção do coração, com exceção das massagens da cabeça e do pescoço;
- peçam ao paciente que indique o que o alivia ou, pelo contrário, o que lhe parece desagradável e que convém evitar;
- respeitar a lei da simetria: massajar sempre um braço e depois o outro, uma perna e depois a outra, um lado e depois o outro, etc. Todo o movimento do lado esquerdo deve ser repetido do lado direito; tudo o que se faz à frente deve ser contrabalançado por trabalho atrás, etc.

Deitem o paciente numa marquesa, ou numa cama, numa posição confortável. E aí, começando pelas extremidades dos membros, peguem em cada mão, cada dedo, cada articulação, e façam-nos mover suavemente em todos os sentidos em que possam funcionar. Depois, ao longo da coluna vertebral, massajem, com as duas mãos em paralelo, cada vértebra, e sobretudo a zona à volta dela.

Cayce recomendou também as automassagens. Por exemplo, para combater a insónia, massajem cada centímetro quadrado da planta dos pés antes de se deitarem… Mas, para os locais mais difíceis de alcançar, como as costas, usem uma toalha. No entanto, o contacto com outra pessoa é benéfico, pois é a energia dela que estimula a vossa!

A medicina osteopática

Foi tantas vezes recomendada por Cayce que merece que nos detenhamos nela.

Andrew Taylor Still (1828–1889), fundador da medicina osteopática, também ele um pioneiro, tinha muitos pontos em comum com Cayce. E, antes de mais, o

seu ponto de vista holístico: o corpo é um todo (*whole*) e deve ser tratado como tal. Cada parte está ligada ao Todo, que nunca deve ser perdido de vista. Andrew Taylor Still, tal como Cayce, confia na Natureza Medicadora: o corpo é capaz de se defender; basta encorajá-lo, em vez de o privar das suas defesas naturais. Por outro lado, a vida é movimento: tudo tem de circular. O sangue, a água, o ar, os alimentos, o influxo elétrico, a linfa que muitas vezes se esquece, etc.; todos esses fluidos são energias em movimento.

Assim que deixam de circular, surge o bloqueio, que desencadeia a doença — pois esse bloqueio provoca de imediato uma acumulação de resíduos que envenenam todo o organismo. Daí a necessidade, através de massagens e manipulações, de desbloquear essas zonas para restabelecer as diferentes circulações. Para os osteopatas, o contributo do sistema músculo-esquelético para a saúde geral é maior do que se pensa. Músculos e articulações bloqueados impedem todos os sistemas de funcionar.

Eis por que esta medicina se chama osteopática: porque trabalha para restabelecer o jogo natural das articulações, mesmo as fixas e semimóveis, como as do crânio ou do cóccix. Enfim, por força do princípio holístico, quando uma doença se manifesta numa parte do corpo, pode ser controlada trabalhando noutras partes. Por exemplo, uma enxaqueca provém muitas vezes de uma vértebra lombar bloqueada: pode desbloquear-se essa vértebra e a enxaqueca cessa. Por fim, a medicina osteopática utiliza o toque como meio de diagnóstico (bem menos perigoso do que os raios X!). Andrew Taylor Still considerava que as manipulações, quando bem feitas, ajudam a curar quase tudo. E Cayce faz-lhe eco. É bem verdade que cada vértebra está ligada a um órgão do corpo, como Cayce explicava numa leitura que citei mais acima. Mas é também o princípio da reflexologia, e da auriculomedicina, e do pensamento chinês sobre a circulação das energias.

Não insistirei mais na osteopatia, que é bem conhecida entre nós…

No entanto, ela só é eficaz com uma condição: ser praticada por um verdadeiro especialista, que conheça o seu ofício. Ao contrário das massagens, não se pode mandar fazer uma manipulação vertebral por qualquer pessoa! É perigoso. E mesmo médicos competentes podem, por vezes, enganar-se… Eu tinha consultado nos Estados Unidos uma médica considerada excelente: tinha o diploma oficial de "D.O.", *Doctor of Osteopathy*. Manipulou-me as vértebras do pescoço de forma bastante brusca… Eu não tirava qualquer benefício do seu tratamento!

Era uma pessoa áspera, que tinha pouca simpatia pelas outras mulheres (e, à partida, por uma francesa, cuja nacionalidade evocava para ela coisas repugnantes… como o "sex" ou o "Moulin Rouge"). Em todas as medicinas há médicos que se enganam no diagnóstico, mas isso não põe em causa a validade da medicina que utilizam. Assim, um bom conselho: passem o pêndulo sobre o nome do médico que pensam consultar, se não o conhecem. Perguntem se é bom para vós… Só marquem consulta se a resposta for positiva! A radiestesia poupar-vos-á alguns dissabores (ver: *Le Pendule, premières leçons de radiesthésie*, Éditions Solar, Presses de la Cité, 1983). Mas, sobretudo:

"Lembrem-se de que estas manipulações mecânicas, como qualquer tratamento médico, são apenas corretivos. É a Natureza, isto é, a Força divina, que opera a cura." (Leitura 1467-2.)

Que o alimento seja o teu medicamento

Foi Hipócrates quem o disse… sob juramento! E Cayce está de acordo:

"O que pensamos e o que comemos, combinados, fabricam aquilo que somos, tanto fisicamente como mentalmente." (Leitura 288-48)

Cayce dá algumas regras simples:

"Nunca comam quando estão tensos, muito cansados, excitados, ou com raiva. Nunca deveriam alimentar-se nesses momentos, percebe? E também nunca tomar nada de que não tenham vontade." (Leitura 137-30.)

Alerta aos açúcares!

Aviso, portanto, aos pais angustiados que forçam a sua pobre descendência a comer os feijões tão detestados…

Cayce recorda com energia que certos alimentos são muito nefastos: fritos, pastelaria, açúcares, féculas, gorduras animais cozinhadas, pão branco, açúcar branco, etc. Ora, tudo isso nós o sabemos. E ainda me pergunto como é que, após inumeráveis campanhas de informação feitas pelos diferentes órgãos da imprensa médica, ainda há pessoas que acreditam estar a fazer bem ao alimentar os seus filhos com pão branco, massa branca, açúcar branco, arroz branco. Quando já ficou demonstrado, desde Cayce, que esses produtos "mortos", por serem demasiado elaborados, são muito nocivos. Cayce não para de o repetir:

"Sem fritos. Sem pão branco. Não demasiada pastelaria." (Leitura 2415-2.)

— O que é particularmente mau na minha alimentação?
"A tendência para consumir demasiadas féculas. A pastelaria, o pão branco,

deveriam ser totalmente eliminados, sob qualquer forma. Nunca fazem bem ao organismo." (Leitura 416-18.)

"Atenção aos fritos. Nada de batatas fritas, carnes fritas, bifes fritos, peixe frito, nada disso." (Leitura 926-1.)

Infelizmente! estas prescrições caycianas, repetidas vezes sem conta ao longo das leituras, são ignoradas nos Estados Unidos, onde se abusam diariamente das guloseimas e dos fritos. Quanto ao "bife com batatas fritas" dos nossos bistrôs, também parece desastroso… Cayce recomenda mais legumes, saladas, frutos do mar, peixes, lacticínios e açúcares não refinados:

— Quais são os melhores açúcares para o organismo?
"Os melhores para todos são os açúcares de cana não refinados." (Leitura 1131-2.)

— Que tipo de açúcar deverá consumir?
"Mel (…). Compotas feitas com açúcar de beterraba em vez de açúcar de cana, e não em grande quantidade." (Leitura 808-3.)

No espírito de Cayce, quando se relê tudo o que ele disse sobre os açúcares, trata-se antes de mais de consumir açúcar que não seja refinado, seja ele de cana ou de beterraba. Como se experimentou desde então, não é uma ou outra destas plantas que faz a diferença, mas o grau de tratamento sofrido pelo produto final. Acrescenta:

"Os açúcares são necessários para construir o corpo, pois favorecem a fermentação normal no sistema digestivo. Assim, duas a três vezes por semana, tomem mel sobre pão, o que fornecerá o combustível necessário ao corpo." (Leitura 808-3.)

Por outro lado, Cayce não se cansa de insistir nas "verduras"! Teria adorado as nossas entradas variadas, as nossas saladas, as nossas sobremesas de fruta:

"Os legumes reconstroem a matéria cinzenta muito mais depressa do que a carne e os açúcares!"

— Então posso comer legumes como milho, tomate?
"Milho, tomate, excelente. Há mais vitaminas nos tomates amadurecidos na planta do que em qualquer outro legume!" (Leitura 900-384.)

"Todos os dias, tomem pelo menos uma refeição que contenha uma certa quantidade de legumes crus, como couve, alface, aipo, cenouras, cebolas, etc. E tomate na época." (Leitura 2602-1.)

"Um regime normal deve comportar pelo menos três legumes que crescem acima do solo, por cada legume-raiz." (Leitura 3373-1.)

Pouca carne, muito peixe e muitos legumes

Poder-se-ia esperar que Cayce recomendasse um vegetarianismo absoluto. Não vai tão longe, mas desaconselha, no entanto, a carne vermelha:

"Quanto à carne, seria preferível consumir antes peixe, aves, borrego. Bacon ao pequeno-almoço, apenas ocasionalmente." (Leitura 1710-4.)

"Atenção às batatas brancas, às gorduras e aos restos de gordura de todo o tipo. Sem carne, exceto peixe, aves ou borrego." (Leitura 2415-2.) "Sem carne crua, muito pouca carne de porco. Um pouco de bacon, no limite." (Leitura 303-11.)

— Deveria seguir um regime composto de fruta, legumes, ovos, lacticínios? Não será o melhor para mim?

"Como vos foi indicado, consumam o mais possível produtos locais do solo em que vivem. É melhor para o organismo do que um regime particular de fruta ou de legumes." (Leitura 4047-1.)

"Não consumam em grandes quantidades frutas, legumes, carnes, etc., que não sejam produzidos na região onde vivem (…). É a regra geral a seguir por toda a gente. Isso ensinará o organismo a adaptar-se em qualquer lugar." (Leitura 3542-1.)

É sabedoria! Portanto, não peçam *hot-dogs* quando estiverem em Karachi… A carne consumida no tempo de Cayce não era tratada como hoje. Os Ocidentais ainda não se tinham tornado tão viciosos: na Virgínia, nessa época, as pessoas ainda cultivavam a sua horta, incluindo o próprio Cayce, que nisso tinha grande prazer. Ainda não se conheciam esses sinistros criadouros intensivos que são verdadeiros campos de concentração para animais, e cuja carne, privada de sabor e de valor nutritivo, contribui atualmente para as "doenças da civilização"! (de "barbárie", seria mais justo dizer).

Por outro lado, o ensinamento de Cayce, tendo embora valor universal, não deixa de estar adaptado a uma época e a um certo público. É por isso que insiste em certos princípios e deixa outros de lado, que pareciam menos urgentes na época. Se as leituras não falam de vegetarianismo é porque os consultantes de Cayce ainda não tinham a maturidade necessária.

O próprio Cayce teria aceitado renunciar à carne? Provavelmente não. Era muito guloso, muito ligado à sua cozinha tradicional do Sul. Cayce acordado

nunca mudou o seu estilo de vida para se adaptar aos remédios indicados por Cayce adormecido (no que lhe dizia respeito pessoalmente). E depois, a este homem, já extremamente infeliz por se singularizar ao dar leituras estranhas, podia pedir-se-lhe que ainda acrescentasse um regime alimentar oposto aos usos locais?

Cayce, no conjunto das leituras sobre dietética, inclina-se para um vegetarianismo moderado. Por exemplo, dá a entender que a carne favorece a obstipação. Trata-se de um rapaz de onze anos com epilepsia, a quem Cayce diz que o seu estado pode melhorar se se ativarem as eliminações. Seria preciso favorecer:

"tudo o que contribua para uma melhor eliminação de toxinas, impedindo a acumulação de resíduos que perturbam o organismo quando não são evacuados: mantenham o trânsito intestinal em plena atividade. Com calma, um regime apropriado com muitos legumes, muito sumo de fruta, poucas ou nenhumas nozes, sopas, caldos, com alguns legumes. Sem carne." (Leitura 4798-1.)

A cada ocasião, aconselha substituir a carne por peixe e frutos do mar:

"Pelo menos uma ou duas vezes por semana, comam frutos do mar: amêijoas, ostras, lagostas." (Leitura 275-24.)

Cayce critica muito as gorduras, sobretudo cozinhadas:

"Não usem toucinho ou gorduras para cozinhar legumes." (Leitura 303-11.)

"Evitem demasiadas gorduras ou demasiados alimentos cozinhados em gordura, seja de porco, de borrego, de vaca ou de aves. Mas usem antes o magro." (Leitura 303-11.)

"Os alimentos cozidos, assados ou grelhados são muito melhores para a saúde do que qualquer fritura de qualquer espécie." (Leitura 416-6.)

Cayce recomendou muito os lacticínios — leite, iogurtes, leite ribot (a que em inglês se chama *buttermilk*). Eis, por exemplo, uma receita à base de leite para dormir melhor, a tomar à noite:

"Para eliminar venenos e tensões devidas a uma atividade em zumbido, que fatiga o sistema nervoso, eis o que trará um melhor sono: (…) dissolvam uma colher de café de mel puro num copo de leite quente e bebam." (Leitura 2050-1.)

Os queijos, no entanto, são os grandes ausentes da dietética cayciana: é que eram pouco difundidos na América do seu tempo. Ainda hoje, fora das grandes cidades, só se encontram nas lojas comuns queijos de pasta cozida com sabor a

sabão, tipo *cheddar*, e o horrível "*cream cheese*", intragável!, que Cayce, com razão, aconselha a consumir com moderação (leitura 459-11). Em algumas lojas encontra-se também gruyère importado da Europa sob o nome de "*Swiss cheese*" e, mais frequentemente, a sua cópia industrial, desprovida de qualquer sabor e de valor, bem como "*fetta*" onde há comunidades gregas instaladas. Só muito recentemente a moda da cozinha francesa permitiu a importação, para os Estados Unidos, de queijos do Hexágono (incluindo um camembert batizado "La Fayette!"). Os queijos artesanais, que têm um lugar tão importante na nossa alimentação, são desconhecidos do outro lado do Atlântico, e é por isso que Cayce não falou deles.

Quanto aos ovos, Cayce recomenda-os, mas precisa que certas pessoas não suportam a clara, que cria acidez. Aconselha a cozê-los "a ferver" (ovo escalfado não; *à la coque*), e dá prescrições muito diversas conforme os casos. A leitura 1560-1 ordena, por exemplo, ovos crus inteiros, engolidos (ou diluídos em cerveja ou uísque) a uma mulher que sofria de tuberculose, e isso todos os dias. A outros consultantes, diz-se que:

"Os ovos (…) são particularmente indicados para preservar os dentes." (Leitura 1523-3.)

Nos Estados Unidos, atualmente, os ovos não gozam de boa reputação: os jornais acusaram-nos de dar colesterol. Evidentemente, os ovos recomendados por Cayce não eram ovos de criação intensiva como hoje!

Como cozinhar os alimentos?

Cayce recomenda a cozedura a vapor, que destrói menos as vitaminas (Leitura 462-14), mas não fala das panelas de pressão tal como as vemos hoje. Estas estão longe de ser saudáveis, em parte por causa dos metais empregados na fabricação do recipiente:

— A comida cozinhada em utensílios de alumínio é prejudicial ao organismo? "Certos tipos de alimentos, cozinhados em alumínio, tornam-se maus para todos os organismos, sobretudo para os que sofrem de doenças crónicas, por exemplo, hepáticos." (Leitura 1196-2a.)

— Sofro de um envenenamento por arseniato de chumbo, ou por alumínio? "Nem uma coisa nem outra. No entanto, os efeitos do alumínio sobre o vosso corpo, através dos alimentos cozinhados nesse metal, contribuem para deteriorar o funcionamento geral do vosso organismo. Como indicámos aos que sofrem de perturbações digestivas ligadas a problemas nervosos, a uma atividade exagerada dos nervos durante a digestão, dever-se-ia dizer para

evitarem consumir alimentos cozinhados em alumínio. Pois isso produz perturbações ao nível dos rins e da circulação hepática inferior, ao dificultar a eliminação do ácido úrico pelos rins." (Leitura 843-7.)

Em várias leituras, Cayce recomenda a cozedura em recipientes esmaltados ou de vidro. É, naturalmente, o que nos ensinava a cozinha tradicional francesa, que usava muita cerâmica, travessas de barro, em particular para todos os pratos de forno. A intoxicação por alumínio é tratada em homeopatia. A melhor cozedura, segundo Cayce, seria "em abafado", isto é:

"Cozinhem os legumes embrulhados em papel de Patapar. Não os ponham em água para os cozer, mas cozinhem-nos embrulhados nesse papel, ou a vapor, de modo que os legumes larguem o seu sumo sem acrescentar água." (Leitura 133-4.)

O "papel de Patapar" é conhecido em França como "papel vegetal (sulfurizado) (8)". No famoso curso de cozinha "Le Pot-au-Feu", ensinavam-nos a cozinhar os alimentos "a seco" em recipientes de ir ao forno, cujo tampo bem fechado estava concebido para deixar a vapor condensar e voltar a cair sobre o alimento, que assim cozia no seu próprio sumo. É o princípio dos "*tajines*" marroquinos, e é isso que Cayce recomenda. Cozem-se também batatas e outros legumes em "diabos" de barro, em que o papel de Patapar é substituído pela pele natural do legume, o que é ainda melhor. Evidentemente, o uso moderno de embrulhar alimentos em papel de alumínio é extremamente nocivo!

O mínimo possível de conservas!…

Quanto aos processos de conservação, Cayce não é muito entusiasta:

— E os alimentos ultracongelados? As frutas e os legumes? A congelação mata todas as vitaminas? E o que vale isso comparado com frutas e legumes frescos?
"Seria preciso fazer uma lista detalhada. Algumas frutas e legumes são mais destruídos do que outros. As frutas perdem, em geral, menos vitaminas. No entanto, algumas são desnaturadas pela congelação. Quanto aos legumes, muitas das suas vitaminas desaparecem." (Leitura 462-14.)

O valor dos alimentos depende de vários fatores: do tempo de conservação, da data da colheita. Tudo isso modifica o valor da alimentação. Assim, deve saber-se que o café perde o seu valor nutritivo vinte a vinte e cinco dias depois de ter sido torrado. O mesmo acontece com os outros alimentos, em particular com os legumes, que perdem o seu valor nutritivo depois de colhidos, em tantas horas quanto o café em dias… (Leitura 340-31.)

Aviso às donas de casa negligentes que deixam os alimentos a "arrastar" no frigorífico durante dias e semanas. Ao fim de dois dias no frigorífico, nenhum alimento deveria voltar a ser consumido.

Quanto aos agentes conservantes, ainda não se usavam muitos no tempo de Cayce, pelo menos não tantos como hoje. Ele não lhes é favorável:

"Consumam o mais possível legumes crus. Façam saladas, com molhos que incluam o máximo possível de azeite, o que favorecerá a assimilação dos diversos alimentos: alfaces, nabos, couves (…), tomates amadurecidos na planta, ou aqueles que são enlatados sem conservantes, em particular sem adição de benzoato de sódio. Não usem tais conservantes." (Leitura 135-1.)
"felpfe"

Como acabámos de ver, insiste em que os vegetais não sejam amadurecidos artificialmente:

"Os tomates são bons para o organismo, mas apenas se tiverem amadurecido na planta. Não quando foram colhidos verdes e forçados." (Leitura 894-4.)

Algumas 'vedetas' da alimentação cayciana

Já falei do azeite, das amêndoas e das saladas, que são muito importantes tanto para Cayce como na nossa cozinha. Não insistirei, portanto, mais nisso, exceto quanto a três ou quatro alimentos que podem surpreender o leitor francês (tal como, aliás, surpreenderam o leitor americano!).

O topinambo amarelo, chamado em inglês "*Jerusalem artichoke*", mantendo-nos bíblicos, foi vivamente recomendado por Cayce. É um legume-raiz muito delicado, com um sabor a cogumelo.

— Porque é que tenho vontade de me empanturrar de doces?
"É natural: é por causa de perturbações digestivas devidas ao pâncreas. Comam um topinambo amarelo por semana, de mais ou menos o tamanho de um ovo. Cozam-no em papel de Patapar, para não o deixar perder o seu sumo. Temperem-no. Isso melhorará os distúrbios de que sofrem entre o fígado, os rins e o pâncreas, e diminuirá a vossa bulimia de doces. E, sobretudo, nada de chocolate!" (Leitura 3386-2.)

A gelatina: pode parecer estranho que Cayce a tenha recomendado. E, no entanto, aconselhou-a muitas vezes com legumes crus (o que encantará os artistas da nova cozinha):

"O que importa na gelatina não é o seu teor em vitaminas. É o facto de favorecer a atividade das glândulas e ajudá-las a extrair as vitaminas dos alimentos ingeridos." (Leitura 849-75.)

A crer nisso, o inventor do ovo em geleia, tão popular entre nós, leu Cayce! Este recomendou também a gelatina para melhorar a vista (Leituras 5148-1, 5401-1, 3051-6, etc.) e, em particular, as cenouras em geleia, se se comerem cruas, sem deitar fora a parte superior da cenoura (a que fica à superfície do solo).

As cascas de batata: Cayce recomendou-as várias vezes. Atribui-lhes virtudes notáveis em certas afeções: reumatismos, problemas dentários… Diz que previnem o embranquecimento dos cabelos.

"Acrescentem ao vosso regime cascas de batata, mas não demasiada polpa. Seria melhor lavar batatas bonitas, descascá-las e consumir apenas as cascas, cozinhadas. Deitem fora o resto, deem-no às galinhas!" (Leitura 1904-1).

Por outras palavras, as batatas "com casca", em que se consome a pele assada no forno, são muito caycianas (desde que não sejam tratadas).

"Os alimentos que fornecem fósforo são principalmente as cenouras, as alfaces, os frutos do mar, os salsifis e as cascas de batata, se não forem demasiado grossas." (Leitura 560-2.)

"A pele das batatas (…) é excelente. Pois nela há sais minerais que são bons para o organismo. Mesmo que essas cascas de batata sejam cozidas durante muito tempo em água, seria excelente consumir o caldo da cozedura." (Leitura 2179-1.)

"Não comam demasiadas batatas, embora as suas cascas possam ser consumidas sempre. Pois estas são fortificantes, contendo forças, elementos que favorecem as atividades glandulares do organismo." (Leitura 820-2.)

As cascas de batata, aplicadas em cataplasma sobre os olhos, aliviam a fadiga ocular (desde que se mantenham durante duas horas, no escuro, aplicadas sobre os olhos)… Enfim, compreendo por que razão as minhas galinhas se lançavam sobre as cascas de batata!

O equilíbrio ácido-base do corpo e a vacinação

Cayce insiste muito na incompatibilidade de certos alimentos entre si, por causa da necessidade de manter o equilíbrio entre ácidos e bases (alcalinidade) no corpo. Na sua época, era uma perspetiva totalmente nova. Diz que a obesidade, as anginas, os desastres intestinais e estomacais, etc., são causados por um desequilíbrio do pH em todo o corpo.

— O que faz com que eu me constipe? Pode dar-me um método ou uma receita para evitar isso?

"Mantenham a alcalinidade do vosso corpo. Os micróbios que desempenham um papel na constipação (constipação, bronquite, amigdalite, gripe…) não podem viver num meio alcalino (básico). Portanto, não incentivem os excessos de ácido no vosso organismo." (Leitura 1947-4.)

— Quais são os alimentos que criam um meio ácido no corpo?

"Todos os que combinam gorduras com açúcares. As féculas, naturalmente, produzem reações ácidas. Mas um regime normal deve ser 20% acidificante e 80% alcalinizante." (Leitura 1523-3.)

— E quais são os alimentos que restabelecem o equilíbrio criando um meio alcalino (básico)?

"As frutas, frescas e secas, os legumes — exceto as leguminosas como lentilhas, ervilhas secas, feijões… — e os lacticínios."

— Como poderia eu ficar imunizado contra doenças contagiosas, de outra forma que não pela vacinação?

"É possível, se mantiverem a alcalinidade do corpo, especialmente consumindo saladas, cenouras, aipo; assim se criarão condições que imunizarão o organismo." (Leitura 480-19.)

— As vacinas contra doenças contagiosas são necessárias para mim antes da minha partida em setembro?

"Apenas se as disposições legais o exigirem absolutamente. (…) Mas o uso regular de cenouras, todos os dias, como refeição ou parte da refeição, assegurar-vos-á que não contrairão doença contagiosa, que não serão atingidas por infeções com as quais o vosso corpo poderia entrar em contacto."

— A imunização contra doenças contagiosas pode ser adquirida de outra forma que não pela vacinação?

"Como dissemos, se a alcalinidade for mantida no corpo, especialmente graças às cenouras, estas construirão no sangue um sistema de defesa que imunizará a pessoa." (Leitura 480-19.)

— E quais são os alimentos que criam acidez?

"As gorduras animais, os óleos vegetais, os cereais, o pão, os *corn flakes*, os bolos, o arroz branco, o arroz integral é menos ácido, todos os açúcares, os

frutos secos, as leguminosas, as carnes, as aves, as vísceras, as gemas de ovo…" (Mesma leitura.)

Cayce denunciava em especial certas combinações nefastas: há alimentos que nunca se devem juntar na mesma refeição, nem no mesmo dia:

"Não combinem frutos ácidos com féculas que não sejam pão integral. Isto é: limões, laranjas, maçãs, toranjas, nem mesmo sumo de tomate. Não tomem cereais, que contêm o máximo de féculas, na mesma refeição que os citrinos." (Leitura 416-9.)

Isto condena o princípio do pequeno-almoço inglês (no entanto tão bom!), em que se começa por um sumo de laranja e se continua com torradas… Seria preciso, segundo Cayce, tomar os sumos de laranja, limão ou toranja entre as refeições, às dez da manhã, por exemplo. Mas, diz Cayce, esses sumos de fruta podem combinar-se com um ovo.

Cayce desaconselha o café e também o chá (leitura 303-2), sobretudo com adição de leite (leitura 5097-1). Mas isso é bem conhecido dos dietistas. Insiste em que isso é desastroso para o organismo. Também não se deveria misturar sumo de laranja e leite (Leitura 5097-1), mas tomá-los cada um num extremo do dia, nunca juntos!

Outro casamento nefasto: carne e féculas (o que condena o nosso "bife"-batatas fritas!). Cayce chega mesmo a dizer:

"Os açúcares e as carnes tomados na mesma refeição são preferíveis às féculas e às carnes juntas." (Leitura 416-9.)

Então são os chineses que têm razão, com o seu porco agridoce… (Ver sobre este assunto o livro de Robert Masson sobre a cura das doenças infantis pela dietética: *Plus jamais d'enfants malades*, Albin Michel, 1984, e o ensino do Instituto Alain-Rousseaux, 39 rue de Châteaudun, 75009 Paris.)

Deve jejuar-se?

Cayce não encorajou jejuns de muito longa duração, que podem ser nocivos para alguns (por exemplo, quarenta dias). Em contrapartida, encorajou muito os jejuns curtos, de três a cinco dias, em geral.

Mas parece preferir jejuns parciais, à base de sumos de fruta: laranja ou uva, por exemplo.

"Não tomem mais nada durante cinco dias, a não ser sumos de citrinos. Apenas laranjas, ou então laranjas mais limões, nada mais durante cinco dias. E em que quantidade? Tanta quanto quiserem." (Leitura 1713-21.)

As curas de sumos de fruta caycianas terminam sempre com uma toma de azeite:

"Na noite do último dia dessa cura (de laranjas, de que acabou de falar), tomem meia chávena de café de azeite. Isso limpará o organismo das suas impurezas, impedindo a formação de gases e a regurgitação (de toxinas) que se produz na parte inferior do duodeno." (Leitura 1713-21.)

Cayce recomenda esta cura de laranjas contra a obstipação (leitura 1713-17). Uma das suas curas preferidas é também a que se baseia em leite ribot com bananas. O leite ribot, bem conhecido na Bretanha (onde acompanha crepes e galettes), goza do favor de Cayce (leitura 538-60). Esta última cura tem também efeitos de desintoxicação geral e de combate à obstipação. No entanto, uma reserva: as bananas que hoje encontramos em França no mercado são extremamente tratadas, importadas verdes e forçadas em câmaras de maturação industriais; o seu valor nutritivo é, por isso, discutível. No tempo de Cayce não eram assim tratadas. A cura da uva ser-nos-á mais fácil e mais fiel ao princípio cayciano de consumir o que cresce no local. Durante três dias, consome-se tanta uva quanto se quiser, para tratar diversas perturbações do sistema digestivo. Isso pode combinar-se com um cataplasma de uvas esmagadas sobre o ventre (leitura 757-6).

Por fim, o que faz mais sucesso junto dos leitores americanos de Cayce é a cura das maçãs (*apple diet*): três dias de maçãs cruas para trincar, tantas quantas se quiser. Depois, uma chávena de café de azeite na última noite, para terminar. (Leituras 1409-9, 1206-8, 567-7, etc.) Aqui também, prefiram maçãs não tratadas.

A cura pelas pedras

Cayce, retomando uma tradição muito antiga, fala bastante do efeito terapêutico das pedras preciosas, duras e semiduras, usadas em contacto direto com a pele. As pedras, diz ele (leitura 531-3), concentram em si as energias cósmicas, e é assim que se explica o seu poder. Estimulam, ou bloqueiam, as funções do corpo físico e do corpo mental. Mas não todas as pedras, nem para toda a gente. Cada pessoa é sensível a uma pedra que deverá usar, enquanto há outras que deverá evitar.

Nas leituras, Cayce fala muito dos diferentes lápis, por vezes lápis-lazúli, do rubi, da opala, da ametista, do diamante, do cristal de rocha, da topázio, do jade, da ágata, etc. Mas também da pérola e do coral.

Estas leituras deveriam despertar a nossa atenção quanto à natureza das joias que usamos. Não se deveria pôr qualquer coisa em qualquer pessoa, e em

qualquer lugar. Cayce aconselha alguns a usar uma pedra particular à volta da cintura, a outros à volta do pescoço, etc. Aquilo que pomos em contacto com a pele parece influenciar muito a nossa saúde. Há alguns anos, tinha comprado um colar que, à vista, me agradava muito. Ora, sempre que o usava, ao fim do dia ficava com a garganta tomada: rouquidão, ou mesmo princípio de amigdalite! Com a ajuda do pêndulo, fiz a pergunta: este colar é bom para mim? A resposta foi negativa — e muito negativa. Há nele um metal ou uma pedra que me seja nocivo? Resposta afirmativa…

Assim, antes de comprar uma joia, pensem nisso… Se se trata de uma pérola verdadeira, isso parece raramente ser mau:

"A pérola deveria ser usada no corpo, isto é, em contacto com a pele. Pois as suas vibrações curam…" (Leitura 951-2.)

"A pérola foi produzida por irritações (provocadas pela introdução de um corpo estranho no molusco). Daí o seu poder de construir as defesas do organismo." (Leitura 1189-1.)

Quanto ao coral, Cayce recomenda-o ora vermelho, ora branco, ora rosa, conforme as pessoas:

"Que a entidade use sempre coral rosa consigo. As vibrações deste ajudá-la-ão no plano mental e a defender-se de certas influências perturbadoras que, assim, serão menos nocivas." (Leitura 2154-1.)

Estas recomendações têm muitas vezes a ver com as encarnações anteriores de cada consulente, com a sua sensibilidade a certas cores, a certos oligoelementos, a certos influxos planetários que atuam sobre as glândulas endócrinas (ver mais adiante). Eis algumas leituras sobre o rubi:

"Se o rubi for mantido em contacto com o vosso corpo, ele trazer-vos-á potência, força, poder, para assumir os objetivos escolhidos pela entidade." (Leitura 2571-1.)

"Estas forças vibratórias da cor, cristalizadas nas energias da matéria sob a forma de mineral, devem usá-las mantendo-as em contacto com o vosso corpo. Esta pedra vermelha deve ser usada sobre a pele, de tal modo que as forças vibratórias dela vos deem, em conjunto com o vosso pensamento positivo, um ambiente de criatividade." (Leitura 1770-2.)

Assim, não se trata de magia, de amuleto de sorte, como Cayce precisa noutra leitura, mas do jogo subtil das energias cósmicas materializadas no reino mineral. Por exemplo, o lápis-lazúli:

— Dê-me mais detalhes sobre o lápis que me aconselhou a usar em contacto com o corpo?

"É uma pedra azul-esverdeada, que contém depósitos de cobre e cujas vibrações são as mesmas que as do vosso corpo. Assim, esta pedra pode exercer uma boa influência, não apenas como um *gri-gri*, uma amuleta de sorte, mas enquanto energia vibratória favorável à vossa saúde." (Leitura 1651-2.)

— Por favor, Sr. Cayce, dê-me a minha pedra?

"O lápis-lazúli, usado em contacto com a pele, que será bom para a vossa saúde geral." (Leitura 3416-1.)

Lápis-lazúli e jade, pedras verdes, são, segundo Cayce, portadoras de vibrações de cura por causa dessa cor, pois, diz ele ainda, a cor das pedras está em relação com as cores da aura de uma pessoa: e é preciso que haja harmonia entre elas.

A terapia pela cor

Como dizia a leitura 1334-1, a cor desempenha um papel essencial na saúde. Também aqui Cayce foi um pioneiro.

— Por favor, Sr. Cayce, detalhe mais a relação que existe entre as cores e os sete centros glandulares do corpo. As cores ligadas a cada centro diferem de um indivíduo para outro, ou pode associar-se cores a cada centro glandular de forma fixa?

"Ambas. (…) Pois, no mundo material, como se sabe, a vibração é a própria essência, a base da cor. Enquanto cor, e enquanto vibração, ela chega à consciência através destes diferentes centros glandulares, como o indivíduo pode experimentar durante a meditação, e até uma experiência muito precisa. Tal como a raiva é vermelha, ou como a depressão é azul… No entanto, nas suas tonalidades, nas suas nuances, nas suas influências, cada uma é usada de forma diferente conforme os graus de experiência de um indivíduo." (Leitura 281-30.)

A continuação da leitura dá as cores correspondentes a cada centro glandular: o vermelho às gónadas; o laranja às células de Leydig; o amarelo ao plexo solar, portanto às suprarrenais; o verde ao timo; o azul à tiroide; o índigo à glândula pineal; o violeta à hipófise. Cada uma destas cores pode, conforme os indivíduos, aparecer "plumbada", isto é, com tonalidade escura correspondente às vibrações mais baixas, ou brilhante e clara, no registo superior correspondente a

uma evolução harmoniosa que se aproxima da perfeição. E como usar as cores para curar? Eis alguns casos:

"As cores têm uma grande influência sobre a atividade da entidade, especialmente aquelas que não são demasiado vivas: o violeta, o ultravioleta, certos tons de verde, o lilás, o rosa. (…) Os tons pastel, aqueles que se pode qualificar de espirituais, influenciarão mais a entidade. E quando ela estiver prestes a adoecer, essas tonalidades suaves acalmarão os seus males, onde a medicina falharia." (Leitura 773-1.)

"Mantenham junto ao corpo o lilás, o azul-lavanda e objetos brilhantes; juntem-lhe certas músicas harmoniosas (…). Estas vibrações restabelecerão pouco a pouco o estado normal, mental e físico, desde que se persevere no tratamento." (Leitura 2712-1.)

E Cayce sugere um tratamento elétrico com diversas cores, raios violetas em particular.

A luz verde, diz ele, tem um poderoso efeito de cura sobre os cancros:

"Em muitos casos, quando há necessidade de modificar as vibrações (de um corpo doente), a projeção de luz verde é preferível, porque o verde é uma cor com poder curativo. E assim, quando há formação de tumores malignos, a luz verde será mais eficaz do que as outras, ou mesmo do que os raios X, que destroem os tecidos mas, não sendo capazes de eliminar o que foi destruído, provocam o retorno (da doença) sob certas radiações." (Leitura 3370-1.)

Dever-se-ia ter muita atenção às cores que se escolhe usar:

"Cada corpo, cada atividade, cada alma-entidade, vibra mais ou menos com certas cores. Em consequência disso, há tons de verde e de azul aos quais essa pessoa reage particularmente bem." (Leitura 288-38.)

Até o preto pode ter um efeito terapêutico:

"No que diz respeito às cores, a entidade deveria usar muito preto e dourado." (Leitura 1849-2.)

Embora:

"O preto está ligado a tudo o que toca a própria morte." (Leitura 1800-20.)

A morte só é negativa numa perspetiva ocidental materialista. Também simboliza o despojamento, a purificação desejável, a morte simbólica das más paixões do ego. E é para ajudar a essa purificação necessária que Cayce recomenda à pessoa acima (leitura 1849-2) que use preto, por causa:

"dessa necessidade de purificação sentida interiormente, a fim de progredir para os objetivos escolhidos e desejados."

Por outro lado, a cor das paredes, nos estabelecimentos hospitalares, tem importância na cura dos doentes:

— Sr. Cayce, qual seria a melhor cor para as paredes de uma sala de cuidados?

"Entre o verde e o azul." (Leitura 165-17.)

Do mesmo modo, para uma loja:

— Gostaria de criar um lugar requintado, um espaço longe de toda a confusão, de toda a azáfama; uma loja onde se pudesse vir e sentir-se completamente relaxado e contente. Que cores, que mobiliário, criariam as melhores vibrações para mim e para os outros?

"Azul pastel e dourado." (Leitura 2448-3.)

Segundo Cayce, não só as pessoas, mas também as coletividades, vibram em certas nuances:

"Pois cada cidade tem a sua própria cor." (Leitura 1456-1.)

Contribuindo poderosamente para o bem-estar (ou mal-estar) de quem nela vive. Nas leituras, o vermelho é considerado tónico, mas não sem perigo. Deve ser usado com prudência:

"Os redes capilares, a linfa, absorvem certas vibrações. Em consequência disso, para esta pessoa, os vermelhos são venenos, assim como certos amarelos. Exatamente como certas plantas que envenenam o corpo ao contacto." (Leitura 45-3.)

Tratava-se de uma pessoa que sofria de insuficiência de glóbulos vermelhos no sangue! Cayce insiste:

"A pessoa descobrirá que até certas cores, tal como certos alimentos, se tornam imediatamente venenos para o seu corpo, logo que são absorvidos." (Mesma leitura.)

Porque as cores são absorvidas, tal como a luz do sol, pelos olhos, pela pele, pelas mucosas internas quando se come. A leitura seguinte evoca uma reação alérgica:

"Mais especificamente, certas cores afetam esta pessoa da mesma maneira que os pólens podem afetar outras." (Leitura 5511-1.)

A vários dos seus pacientes, Cayce recomendou uma exposição a raios ultravioleta, infravermelhos e a diversas cores. Na época, obtinham-nos projetando luz elétrica através de vidros coloridos. A um anémico:

"Os raios ultravioleta, os infravermelhos e a luz verde, absorvidos (pela pele), terão como efeito um retorno das forças, uma drenagem natural do organismo." (Leitura 5524-1.)

A este doente, Cayce recomendava uma exposição de dois minutos por dia para cada cor.

Mas o tratamento pode fazer-se também pelo raio natural da luz solar. Estas exposições a diferentes raios luminosos, não sendo isentas de perigo, devem ser de curta duração e alternadas. E até:

"Se usarem a luz do sol, ou luz clara, intercalem (entre os tempos de exposição) luz azul." (Leitura 1758-1.)

Noutro lugar, Cayce recomenda intercalar luz verde. Eis por que, depois de um banho de sol, seria bom descansar num quarto azul ou verde. Que lição de vida nos dão esses países muçulmanos em redor do Mediterrâneo, onde as paredes interiores são caiadas de azul e verde, onde os pátios interiores das casas e das mesquitas são decorados com maravilhosas harmonias de azulejos nessas tonalidades! É também o princípio dos azulejos em Portugal, cujo efeito decorativo — e terapêutico! — joga com o uso de matizes de azul.

A cromoterapia não nos é desconhecida. Há alguns anos, eu tinha contado no *Le Guide de l'anticonsommateur* (Éditions Robert Laffont) como tinha curado a minha filha Éléonore de um sarampo, pelas vibrações vermelhas! Isto é: vestindo-a de vermelho dos pés à cabeça, dando-lhe a beber sumos de frutos vermelhos e colocando junto à sua cama uma luz filtrada por um abat-jour vermelho: esse sarampo (apesar de muito forte ao início) durara apenas quatro dias! E a minha filha não sofrera depois qualquer complicação.

(Veja-se também o livro de Gilbert Shakra, *Yoga Nidra*, Éditions Le Souffle d'Or, B.P. 05300 Barret-Le-Bas, que dá indicações muito úteis sobre o uso da cor como terapia.)

Curar tudo pela música, até a velhice.

A música é uma terapia poderosa. Há muito que isso se sabe em torno do Mediterrâneo, nomeadamente em Nápoles, onde, quando grassavam epidemias de febres devidas (acreditava-se) à picada da tarântula, as pessoas dançavam para se curarem. Instalavam-se orquestras nas ruas e tocava-se uma música

desenfreada, a tarantela, de modo que as pessoas pudessem dançar para curar. De qualquer forma, a dança faz transpirar; a transpiração elimina as toxinas; e a eliminação das toxinas é a cura… Mas há ainda mais na música. Cayce conta longamente (ver capítulo III) como, nos Templos da Beleza no Egito, se tratavam os doentes pela música e pelo canto.

"Os sons, a música e as cores podem contribuir poderosamente para a criação de vibrações adequadas aos indivíduos perturbados, quer mental quer fisicamente, isto é, aqueles que estão doentes no corpo ou no espírito." (Leitura 1334-1.)

Uma menina de cinco anos, surda, na sequência de um parto difícil, recebeu esta leitura:

"Toquem para ela um tipo de música de cordas, aquela que lhe for agradável e que provoque nela uma reação emocional. Isso deve fazer parte da sua reeducação." (Leitura 2527-1.)

Para uma mulher cega de um olho:

"Estudem música; isso ajudar-vos-á, pois há muita música na construção do corpo. E essas vibrações musicais ajudarão o vosso organismo a recuperar a visão e a usar as energias do som, que estão ligadas às da visão." (Leitura 4531-2.)

A um professor de música, Cayce aconselhou que utilizasse a sua arte para curar as pessoas. Pois:

"Cada entidade individual vibra em certos comprimentos de onda precisos. Toda a doença, ou perturbação, cria no corpo vibrações opostas, isto é, não coordenadas, em desacordo com o corpo–inteligência–espírito desse indivíduo. E (…) se se utilizarem certas vibrações, vê-se que se produz uma reação. Certas vibrações são necessárias como contraponto; são necessárias para provocar uma modificação (da doença)." (Leitura 1861-2.)

Cayce recomendou muito cantar:

"Cantem quando trabalham, cantarolem, cantem para vós, não para serem ouvidos pelos outros, mas para vós!" (Leitura 3386-1.)

Pois diz que todo o ser precisa de música e que se pode adoecer pela ausência de música. Diz também que certas músicas, pelo contrário, podem adoecer:

"A música é ou uma força destrutiva, ou uma força construtiva no interior da entidade. Depende do que ela procura." (Leitura 3509-1.)

A encantação "A-R-E-I-O-OUM" é recomendada, porque eleva as vibrações de quem a canta. Tem um poder de cura muito forte, que ainda hoje é usado no grupo de "cura pela meditação" fundado por Edgar Cayce em Virginia Beach. Algumas dessas encantações (o A-R-E-I-O-OUM, como o AUM indiano, como o AMÉN) são tão poderosas que, no Egito antigo, faziam parte de um arsenal terapêutico destinado a rejuvenescer as pessoas — leram bem, "rejuvenescer"! Eis um dos textos que alude a isso:

"A entidade viveu até uma idade avançada, pois estava com o Grande Sacerdote quando ele se fez rejuvenescer. Esses rejuvenescimentos operavam-se principalmente segundo métodos em que a própria entidade tinha de pronunciar certas encantações. Estas elevavam a influência das energias espirituais acima das forças da matéria terrestre. Foi assim que a entidade pôde viver até uma idade que hoje se estimaria em 254 anos!" (Leitura 949-12.)

A sílaba sagrada AUM tem impacto nas glândulas endócrinas (ver mais adiante). Pronunciada no tom adequado:

"Ela abre esses centros glandulares, de modo que as forças da kundalini despertem através desses lugares do corpo. Pronunciem-na, e verão o que se passa em vós." (Leitura 2072-10.)

O corpo é um instrumento musical, que é preciso aprender a tocar. Os apaixonados pela musicoterapia ficarão contentes por saber que Cayce falou muito disso: antecipou o interesse moderno neste campo de investigação. Cayce diz que toda a gente deveria exercitar-se a tocar um instrumento; isso parece-lhe essencial para o bom equilíbrio, tanto psicológico como físico, de todos.

A aromaterapia e a importância dos perfumes

Quem vive em contacto com a Natureza sabe a importância dos odores na vida animal e vegetal. Numerosas leituras falam disso, para sublinhar que deveríamos usar mais as essências odoríferas como meio terapêutico:

"Pois o Homem tem a possibilidade de criar odores que influenciarão certos indivíduos ou certos grupos. Inúmeras pessoas reagem aos perfumes, e estes produzem efeitos no interior do seu organismo. Efeitos que psicanalistas e psicólogos durante muito tempo subestimaram, da mesma forma que ignoraram em grande parte a maneira como as Forças Criadoras, isto é, Deus, se manifestam num indivíduo!" (Leitura 274-10.)

"Uma das maiores forças capazes de influenciar o corpo físico do homem ou do animal é a ação dos perfumes sobre os nervos olfativos do corpo." (Leitura 274-7.)

É precisamente sobre esta poderosa ação dos perfumes que assenta a aromaterapia, medicina egípcia muito antiga que o Dr. Valnet retomou e modernizou. Óleos essenciais e perfumes faziam parte dos tratamentos usados no Egito antigo para curar os doentes:

"Pois, para esta pessoa — mas não para toda a gente — os odores facilitam a meditação. Pois a entidade, na sua antiga experiência de vida no templo do Sacrifício, aprendeu a ligar-se muito ao seu olfato. Com efeito, as terapias que eram postas em prática atuavam sobre os nervos olfativos e, daí, sobre os próprios músculos do corpo." (Leitura 2823-3.)

O templo do Sacrifício era esse famoso hospital de que Cayce fala muitas vezes nas suas leituras sobre o Egito antigo (ver o capítulo seguinte). Este conhecimento da poderosa ação dos perfumes nunca se perdeu completamente em França. Como o testemunha esta leitura de vida anterior, para uma pessoa que:

"viveu neste país conhecido como a França (…) durante o período em que Richelieu estava no auge do poder. A entidade era uma pessoa que Richelieu consultava frequentemente e dava conselhos segundo uma técnica de interpretação dos incensos que se queimavam nessa época. (…) E a entidade ganhou e perdeu moralmente através dessa experiência de vida: ganhou no conhecimento da influência dos perfumes, dos odores (…). Perdeu na aplicação prática desse conhecimento sobre os homens. Hoje, deve enfrentar esse carma, trabalhando no bom uso dessas influências e empregando-as para ajudar as pessoas no seu desenvolvimento." (Leitura 1714-1.)

Entre as essências odoríferas mais frequentemente mencionadas por Cayce — e naturalmente produzidas pelo nosso solo — encontra-se a alfazema:

"E a alfazema (…) tem uma influência particular sobre este organismo no momento atual, pois recorda-lhe as suas aptidões para se revivificar e se rejuvenescer a si próprio — alma, corpo e espírito." (Leitura 578-2.)

Segundo Cayce, a alfazema é uma essência extremamente importante, pois eleva as vibrações, provocando uma desintoxicação do organismo (leitura 379-3). Segundo ele, os antigos egípcios faziam grande uso dela para estimular a atividade das glândulas endócrinas e ajudar a eliminar toxinas.

Mas atenção: usem alfazema natural. Cayce rejeita o uso de essências sintéticas:

"Aceitou-se usar perfumes sintéticos… É como se se usasse a sombra de uma coisa real!" (Leitura 274-10.)

Pessoalmente, constatei os benefícios do óleo essencial de alfazema (como desodorizante, em pasta dentífrica, em tisana, etc.), e durmo melhor desde que tenho uma almofada cheia de espigas de alfazema! O melhor óleo essencial pode obter-se contactando a família FRA, produtores biológicos de alfazema, 84400 Lagarde d'Apt, que apenas fabricam produtos naturais).

III: Edgar Cayce e a reencarnação

1: Edgar Cayce descobre a reencarnação… num divã!

Edgar Cayce poderia ter-se contentado com uma belíssima carreira de exercício ilegal da medicina… Mas vai, bem contra a sua vontade, lançar uma bomba-relógio que não parou de explodir: a reencarnação!

Uma descoberta embaraçosa

Em 1923, Cayce viu chegar um homem chamado Arthur Lammers. Este não vinha procurar uma consulta médica: estava de saúde como o "Pont-Neuf"!

Os seus problemas eram de outra ordem: Lammers, tipógrafo de profissão e de espírito curioso, fazia perguntas às quais, pensava ele, um médium poderia responder — sobretudo um médium reputado como Cayce…

— A astrologia, a cabala, a alquimia, o que se deve pensar de tudo isso, Sr. Cayce?

… O Sr. Cayce não pensava nada disso. Abria os olhos redondos como pires voadores. As preocupações esotéricas eram-lhe completamente estranhas. Nunca tinha ouvido falar de nada disso no seu meio. Como perfeito representante do seu meio, pensava que a Bíblia deveria bastar para responder a tudo. Uma tal pesquisa fora dos caminhos bíblicos cheirava a enxofre… No entanto, à medida que Lammers falava, sentia que aquele homem não viera vê-lo por acaso. Sabia que já o conhecia, desde há muito tempo… Lammers era o novo rosto do seu destino.

— Não posso ficar aqui mais do que alguns dias — disse o homem de negócios. — Mas convido-o a Dayton, no Ohio, onde vivo. Alugarei para si uma suíte no hotel Philipps e, aí, poderemos trabalhar!

Lammers, loucamente generoso, tinha oferecido a Cayce um tapete de ouro. Este, sempre com falta de dinheiro, ficara demasiado feliz por aceitar. No dia 11 de outubro de 1923, portanto, instalado no seu hotel de luxo, Cayce vê chegar Lammers todo efervescente, seguido das suas secretárias. Um pormenor que parece insignificante, mas que é capital: é graças a esses registos estenografados que Cayce poderá um dia ser conhecido. Quantos grandes

médiuns fizeram revelações fundamentais, que foram esquecidas porque nunca foram registadas!

— E se começássemos pela astrologia? — propõe Lammers.
— Mas, enfim, eu não sei nada disso! — protesta Cayce.
— Não tem importância — responde Lammers. — Não sabe nada de medicina. Isso impede-o de dar excelentes consultas médicas? Então?

E eis Cayce, sem entusiasmo excessivo, a deitar-se no divã do quarto de hotel, sob sugestão do assistente de Lammers. Este dá a sua data de nascimento…

E Cayce, adormecido, analisa em voz alta o mapa do tipógrafo. Depois acorda:

— O que é que eu disse?
— Bem, parece que há algo de inexato na nossa astrologia — responde Lammers. — Ela não tem em conta a reencarnação.
— A… quê? — pergunta o pobre Cayce.
— A reencarnação: o senhor disse que eu vivi outras vidas antes desta.
— Eu disse isso?
— Disse, sim. Não só confirmou o que eu pressentia, isto é, o valor da astrologia, como ainda falou de reencarnação…
— Quer dizer essa coisa indiana?
— Oh! Acredita-se que é indiana, mas na verdade é universal. Os gregos, os egípcios, os celtas conheciam. Além disso, a minha secretária vai ler-lhe as notas que tomou. Eis o que o senhor disse enquanto dormia:

"Este indivíduo é alguém muito robusto fisicamente. No entanto, é ainda rude, com a potência de uma natureza ainda muito presa ao século. Este indivíduo pode trazer consigo certas forças destrutivas, pelos seus apetites pessoais, a menos que recorra à sua força de vontade, às suas energias espirituais, para se governar (…). Está sob a influência de Júpiter, com Vénus na Casa XII (…). Os seus assuntos de dinheiro são influenciados pela posição de Carneiro e de Septimus (Plutão), que lhe dão a sua força no plano financeiro (…).

"Tem o poder de controlar os homens… Para ele, nenhuma ocasião jamais se perde! É alguém cuja força reside no desenvolvimento do seu ser rumo à mediunidade, às faculdades psi. Deve negociar ao mesmo tempo com as forças da Vida, as da vontade e a posição dos astros; daí a dificuldade de descrever tal indivíduo, os seus desejos, as suas disposições… Enfim, um ser de vontade forte, que só conta consigo próprio, um individualista… Está na sua terceira aparição neste plano. Outrora, foi monge." (Leitura 5717-1.)

Cayce escutava, estarrecido, estas duas últimas frases... Incrível!

Mais tarde, voltarão frequentemente nas suas leituras estas expressões estranhas: o «plano terrestre», ou o «plano material», ou «este plano», para designar o planeta Terra.

Mas não é tudo: com Lammers, irá ainda mais longe... Numa leitura dada um pouco mais tarde para o rico impressor, declarará que Lammers e ele já se tinham conhecido outrora, há muito tempo, em circunstâncias em que estavam associados com um propósito destrutivo.

Quando lhe pediram que precisasse onde, quando e sob que forma, eis o que respondeu:

A única circunstância, do ponto de vista do plano terrestre, em que estas pessoas (Lammers, Cayce e dois outros amigos) se encontraram associadas foi, ao contrário de hoje, em que estão associadas com um propósito construtivo, na guerra de Troia. Lammers não era outro senão Heitor, enquanto Cayce era um soldado (...). Daí provêm essas forças destrutivas que demonstraram em diversas épocas, compreende? (Leitura 5717-5.)

... O propósito construtivo era, evidentemente, ajudar Cayce a tratar os seus doentes... Mas a violência dos temperamentos levou a melhor sobre a associação. Surgiram divergências, Lammers arruinou-se; Cayce e ele separaram-se.

Quanto a esta revelação sobre a guerra de Troia, Cayce, nessa época, ignorava completamente do que se tratava (... visto que a Bíblia não fala disso!). Que essa guerra tenha tido lugar ou não, com ou sem Lammers, era-lhe absolutamente indiferente... A coisa que o perturbava era de outra ordem: «Eu», dizia ele, «só conheço o Sermão da Montanha. Para mim, o resto não existe... Terá Cristo falado de reencarnação? É a única coisa que me interessa.» E Cayce, que sabia a sua Bíblia de cor, sabia também que em parte alguma nela figurava a palavra REENCARNAÇÃO.

Se a palavra não lá estava, talvez a ideia lá estivesse?

Era preciso procurar[9]...

A reencarnação está na Bíblia?

A partir desse dia, e durante os dez anos que se seguiram, Cayce, a sua família e os seus amigos discutirão apaixonadamente, dia após dia, a reencarnação. Está ela na Bíblia? Era isso que seria preciso saber. Relerão cada livro das Escrituras, palavra após palavra, versículo após versículo...

Cayce, profundamente perturbado na sua consciência de cristão, atravessará uma crise dramática. Impossível contornar o problema: as vidas anteriores dos pacientes surgem cada vez mais frequentemente nas leituras. Cada vez que o desventurado Cayce desperta, toma conhecimento das coisas inverosímeis que proferiu durante o sono: é a consternação! Vive num total desconforto intelectual, sem compreender por que razão esta «fantasia indiana» regressa incessantemente à sua boca... Devorado pela incerteza, fará sobre esta questão um enorme trabalho de aprofundamento, com a colaboração de Gertrude; esta colocará perguntas à misteriosa fonte de informações a que Cayce recorre uma vez adormecido. Por exemplo:

— Onde é que a reencarnação é ensinada na Bíblia?

No Evangelho de João, e em todo o resto, de modo geral! (Leitura 452-6.)

Com efeito, no terceiro capítulo do Evangelho de João, Cristo diz a Nicodemos: «Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino dos Céus.» Nicodemos admira-se: «Como pode um homem nascer, sendo já velho? Pode, porventura, entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?» Segue-se uma explicação de Cristo à qual os tradutores das nossas Bíblias tentaram dar um sentido «razoável». Alguns traduziram por «nascer do Alto», nascer simplesmente, explicando que se tratava de um «nascimento espiritual»... Cristo insiste e responde a Nicodemos: «Em verdade te digo: se alguém não nascer de novo, não pode entrar no Reino de Deus.» «Como pode isso acontecer?», pergunta novamente Nicodemos... recebendo uma repreensão: «Tu és mestre em Israel e não sabes estas coisas?»

Antes de retomarmos em detalhe algumas passagens interessantes do Novo Testamento, detenhamo-nos um instante para perguntar por que motivo a palavra REENCARNAÇÃO nele não figura.

Pois bem! Não pode figurar, pela simples razão de que é recente: foi inventada no século XIX por Allan Kardec. Para os teólogos católicos que prepararam as traduções modernas da Bíblia, era impensável utilizar o vocabulário dos espíritas, esses abomináveis hereges!

Sim, mas... Há uma outra palavra, a dos filósofos gregos: é METEMPSICOSE. Foi geralmente traduzida por «transmigração das almas»; o seu sentido é «reencarnação», em geral humana ou eventualmente animal. (Voltaremos a este ponto.) Esta palavra poderá ter figurado nas nossas Bíblias nos primeiros séculos... Mas sabe-se que estas foram posteriormente expurgadas de forma bastante vigorosa. Os textos que chegaram até nós foram, sem dúvida, reescritos...

Contudo, certas passagens escaparam aos censores!

Por exemplo, no capítulo IX de João, o episódio do cego de nascença. Os discípulos perguntam a Jesus: «Mestre, por que razão nasceu este homem cego? Quem pecou, ele ou os seus pais, para que isto lhe acontecesse?»

A pergunta dos discípulos mostra que acreditavam que se pode renascer enfermo por pecados cometidos anteriormente. Uma vez que a criança nasceu assim, não foi nesta vida que poderá ter pecado.

A resposta de Jesus, no texto original, era certamente compreensível. Já não o é no texto que nos chegou: «Nem ele nem os seus pais; mas isto aconteceu para que se manifestem nele as obras de Deus», o que não responde à pergunta dos discípulos.

Outra passagem, desta vez do Apocalipse, capítulo XIII: «Se alguém leva para o cativeiro, para o cativeiro irá; se alguém matar à espada, importa que à espada seja morto.» Ao que faz eco Mateus (capítulo XXVI, 51-52): «E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou da espada e, ferindo o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha. Então Jesus disse-lhe: "Embainha a tua espada, pois todos os que pegam na espada, pela espada morrerão."»

Ora, conhecemos centenas de assassinos que morreram tranquilamente na sua cama. Teriam, então, escapado à Lei?

Cristo teria dito disparates? Mas se admitirmos o princípio da reencarnação, esta passagem obscura esclarece-se: o efeito de boomerangue recai sobre o assassino na vida seguinte!

Há também a questão do regresso de Elias, que surge em várias passagens dos Evangelhos. Em Mateus (capítulo XVII), os discípulos colocam esta pergunta a Jesus: «Porque dizem, então, os escribas que Elias deve vir primeiro?» E Cristo responde: «É verdade que Elias há-de vir e restaurar todas as coisas. Mas eu digo-vos que Elias já veio, e não o reconheceram!»

O texto implica aqui absolutamente que os discípulos acreditavam no regresso físico de certas personagens, portanto na reencarnação. Várias leituras de Cayce afirmam a identidade de João Baptista e de Elias, por exemplo:

A Entidade chamada João Baptista, isto é, Elias, aquele que devia regressar. (Leitura 1000-4.)

... E Cayce explicará mesmo a morte de João Baptista, causada por uma mulher, como um carma criado enquanto Elias. Pois este, embora profeta de

Yahvé, deixara-se dominar pelo medo e pelo ódio de uma mulher: a rainha Jezabel...

Para a época de Cristo, temos também o testemunho de Flávio Josefo: «Não sabeis que aqueles que deixam a vida (...) depois de se terem libertado da sua dívida para com Deus, alcançam a vida eterna (...). E que a sua alma permanece na pureza e na obediência, depois de ter obtido um lugar no céu, de onde, por efeito da revolução dos tempos, desce de novo para habitar corpos sem mácula?» («A Guerra dos Judeus», Livro III, capítulo 8.)

Como é que o Ocidente esqueceu a reencarnação?

Questão interessante... Cayce fez que Gertrude a colocasse, no decurso de uma série de leituras. A resposta, em resumo, foi a seguinte: as paixões eram tão violentas (como se vê, por exemplo, na história dos Merovíngios!) que a Igreja só podia ensinar verdades muito elementares. Pois as almas que carecem de maturidade utilizam a reencarnação como pretexto para evitar trabalhar sobre si próprias... Já que têm todo o tempo! Tantas vidas quantas quiserem!

O nível moral tinha descido bastante desde os Gauleses cujo César tanto admirava a coragem «a qual era devida, dizia ele, ao facto de acreditarem que a alma não morre, mas passa, depois da morte, para outro corpo». («De Bello Gallico», Livro VI.)

O pensamento gnóstico

Ora, os Evangelhos oficialmente reconhecidos hoje não são senão uma seleção entre todos os que foram escritos, refletindo as diversas facetas dos ensinamentos de Jesus. Foram encontrados no Egipto, em Nag Hammadi, os manuscritos dos cristãos gnósticos. Estes, principalmente em torno de Alexandria, representavam uma corrente de pensamento bastante diferente da tradição romana de que somos hoje, em França, herdeiros.

A doutrina dos gnósticos (que ressurgirá sob a forma de catarismo no sul do Languedoque) afirmava a reencarnação. Os gnósticos troçavam da ingenuidade dos cristãos romanos, que acreditavam que algumas horas de martírio permitiam automaticamente sentar-se, para a Eternidade, à direita do Todo-Poderoso! Quanto a eles, sabiam que a perfeição só se alcança após várias vidas de purificação... E vários martírios!

A esta corrente mística, para a qual a relação interior com Deus era mais importante do que as formas exteriores, opor-se-á a corrente «romana»: um cristianismo simplificado, reduzido a alguns princípios, a algumas regras, segundo uma «linha de pensamento correto». Esta será imposta de modo

autoritário: os hereges serão queimados, exterminados, os seus livros destruídos... Esta caça às bruxas começa muito cedo. Logo após a proclamação oficial do cristianismo por Constantino, os antigos mártires transformam-se imediatamente em perseguidores... Perguntou-se a Cayce:

— O cristianismo gnóstico é o que mais se aproxima da doutrina cristã tal como é transmitida por esta fonte de informação (as leituras)?

Há um paralelismo. O cristianismo gnóstico era o mais comummente aceite, até que alguns começaram a estabelecer regras para permitir compromissos... E, na doutrina de Cristo, não há compromissos... (Leitura 5749-14.)

Teodora não quer reencarnar

Para a reencarnação, o momento decisivo foi o século VI d.C. Nessa época, a Igreja, aliada ao Estado, perdera em santidade o que ganhara em poder político.

A imperatriz Teodora quer ser divinizada após a sua morte, como os antigos imperadores romanos. Há algo que a incomoda: os ensinamentos de Orígenes, o grande especialista cristão da reencarnação. Segundo ele, aqueles que assassinaram o seu próximo terão de reencarnar para pagar os seus crimes. Ora, Teodora tem sangue nas mãos... Orígenes é o seu inimigo número um! (Felizmente para ele, já tinha morrido há muito tempo, em 254.)

O imperador Justiniano, esposo de Teodora, reúne então, em 553, o segundo concílio de Constantinopla, para condenar uma série de proposições retiradas de Orígenes. O papa e os bispos, mortos de medo, assinam e votam tudo o que lhes é pedido: o terrível casal imperial já mandara assassinar pelo menos dois papas e alguns bispos... Sem contar com o pequeno clero!

Mas estes decretos, promulgados sob pressão, só podem ser nulos do ponto de vista canónico. Além disso, importa notar que este concílio, tal como nenhum outro, não condenou a reencarnação em si mesma. Em 553 foram condenadas apenas «proposições» a ela relativas.

Este êxito político imperial teve como consequência uma revisão «dilacerante» dos Evangelhos, de onde toda a menção da reencarnação foi apagada. E eis por que razão desapareceu dos nossos catecismos desde o século VI!

A redescoberta da reencarnação pelos Ocidentais

... Cátaros e Rosacruzes, que a tinham reencontrado, foram queimados.

Muito mais tarde, em 1911, foram publicadas *As Vidas Sucessivas do Coronel de Rochas* (1837–1914), administrador da Escola Politécnica. As suas investigações

sistemáticas sobre a reencarnação, sob a forma de inquéritos e experiências, podem ser consideradas os primeiros trabalhos científicos ocidentais sobre a questão.

Os trabalhos de Rochas tiveram algum impacto, mas é certo que Cayce nunca tinha ouvido falar deles antes da famosa leitura dada para Lammers.

As fontes de informação sobre a reencarnação são, em grande parte, nessa época, de origem parapsicológica. Devem-se essencialmente aos escritos de três grandes místicos que, cada um na sua esfera, tiveram um enorme impacto.

— Allan Kardec (1804–1869), antes de mais. Difundira em França e depois no mundo a doutrina do «espiritismo». Tratava-se de um ensino religioso esotérico, complementar da Bíblia (mas de modo algum oposto a ela no espírito do seu autor). Esse ensino era obtido através de um diálogo com misteriosos «espíritos» informadores, entidades-guia desencarnadas. O desventurado Kardec, num país tão ferozmente racionalista e materialista como a França do século XIX, desencadeou uma tempestade de condenações. A Igreja católica tê-lo-ia muito gostosamente queimado numa fogueira!

Escândalo também na intelligentsia francesa, cujo triunfalismo científico Kardec denunciava. Uns e outros fizeram tudo para o ridicularizar: conseguiram-no tão perfeitamente que, ainda hoje, em França, ninguém ousa já usar a palavra espírita. Ora, Kardec fala imenso de reencarnação, que integrara plenamente na sua fé cristã. Estava convencido de ter sido um druida na época celta, sob este nome: Allan Kardec, que retomou para assinar os seus livros.

— Um pouco mais tarde, Helena Petrovna Blavatsky (1831–1891) falará com brilho da reencarnação. A sua doutrina, a teosofia, terá um forte impacto nos meios intelectuais ingleses e americanos. Contudo, Madame Blavatsky remete para os livros sagrados da Índia. Assim, a reencarnação, vista sob o ângulo teosófico, conservará sempre um «selo de origem» oriental.

E é ainda assim que muita gente a vê. Pensam que anda a par das vacas sagradas, do caril de carneiro e dos encantadores de serpentes: todo um exotismo de pacotilha!

— Por fim, Rudolf Steiner (1861–1925), primeiro discípulo de Madame Blavatsky, afastou-se depois da família teosófica para fundar o seu próprio grupo: os antroposóficos. Contemporâneo de Cayce, tem a mesma envergadura, o mesmo fôlego profético, a mesma visão universal. Tal como Cayce, falou longamente de reencarnação. Mas Steiner é um intelectual da Europa renana. E, como tal, foi sobretudo ouvido na Suíça e na Alemanha.

Cayce, por seu lado, não conhece nem Kardec, nem Steiner, nem Blavatsky: é Lammers que lhe explicará o que é a teosofia! Mas ele não quer saber. É um perfeito americano, um filho desses «Pais Peregrinos» que desembarcaram com a Bíblia na mão e não querem conhecer mais nada.

Cayce não fala nenhuma língua estrangeira, a sua mulher também não, a sua secretária ainda menos. São uns beócios, que verdadeiramente nunca puseram os pés fora de casa: mal sabem que o mundo exterior existe! Para nós, europeus, é difícil de conceber.

E é precisamente essa incultura densa, paquidérmica, que será a sorte de Cayce: a sua falta de instrução favorecerá a sua audácia de pensamento e permitir-lhe-á ir muito longe, reintegrando a reencarnação no seu pensamento cristão. Mas ainda bem que, de início, ele não sabe nada: não se poderá acusá-lo de plágio! Terá de se reconhecer que as suas leituras não «copiam» ninguém.

O génio particular de Cayce é a reencarnação desembaraçada dos seus adornos indianos.

Se, mais tarde, Cayce adotar duas ou três palavras indianas, entre as quais carma, é por utilidade: a palavra carma descreve uma realidade para a qual o inglês dificilmente tinha um termo específico. Quando Cayce emprega as palavras carma e akasha, não se trata, no seu pensamento, de budismo, mas de uma lei cósmica universal que supera em muito todas as religiões.

Em suma, a reencarnação, versão Cayce, não obriga ninguém a enrolar-se num sari enquanto entoa «hare Krishna» nas esquinas das ruas!

A grande inovação de Cayce é, pois, a reencarnação integrada na nossa vida cultural, nas nossas tradições, e liberta do exotismo indiano. Assim apresentada, todas as ciências humanas ocidentais podem beneficiar dela: a psicologia, a história, a medicina...

A reencarnação, made by Cayce...

Cayce sairá, portanto, da terrível crise de consciência em que se debatera durante anos. A luz total far-se-á no seu espírito em estado de vigília: sim, a reencarnação é cristã! Não só é compatível com o ensino de Cristo, como, mais ainda: dele fez parte na origem.

Despojada do seu invólucro indiano, a reencarnação torna-se universal, acessível a todo o homem de boa vontade. Dá uma resposta às angustiantes questões que colocamos, questões às quais as Igrejas oficiais são incapazes de responder.

Por exemplo, o problema do Mal: por que razão Júlio nasceu inválido, ao passo que Jim goza de uma saúde de ferro? Por que permite Deus, na Sua bondade, tamanha desigualdade? Porque é que uns nascem ricos e outros pobres?

Os cleros das diferentes Igrejas respondem: «São os mistérios da Vontade divina; é preciso inclinar-se sem os compreender.» Uma resposta dessas já não é aceitável no século XX: é, de facto, tomar os fiéis por débeis mentais!

Pelo contrário, a filosofia cayciana da reencarnação não tem medo de responder a estas questões. Oferece uma explicação clara, coerente, lógica, aceitável para espíritos científicos ocidentais.

A reencarnação poderia ser compreendida como uma variante da «teoria da Evolução». Mas é preciso explicar um pouco esta palavra estranha: carma, que é sânscrito e significa «ação e reação».

Eu tenderia a traduzi-la por «balanço», o qual resulta, com efeito, dos diferentes atos anteriores. O carma é o princípio ativo da Lei da Evolução; é, em si mesmo, um programa de transformação contínua. Cayce explicou-se sobre isto muito frequentemente e longamente. Segundo ele, o que se fez de mal ou de bem regressa-nos necessariamente numa vida seguinte. É a «Lei do Bumerangue» que o Antigo Testamento formulara: «Olho por olho, dente por dente.» (Não para incitar as pessoas à vingança, mas para as fazer refletir um pouco sobre as consequências dos seus atos.)

Esta «Lei de causa e efeito», segundo Cayce, é automática, tal como as leis da física:

Cada alma paga pelos seus próprios erros, NÃO pelos de outra pessoa. (Leitura 1056-2.)

Um dos grandes princípios de base, que está a tornar-se o de toda a psicologia holística, é: *Mind is the builder*, frase que Cayce repete incansavelmente. Ou seja: «É o espírito (humano) que constrói.» O nosso corpo físico não é senão o resultado da atividade do nosso mental... Mas também todas as circunstâncias exteriores da vida que encontramos. A reencarnação segundo Cayce põe a tónica na nossa responsabilidade total.

Cada pensamento mau gera um ato mau, e o mesmo acontece com cada pensamento bom. Aliás, o pensamento, por si só, é um ato. Cada ato mau gera consequências em nós próprios, que projetamos no exterior. Não somos vítimas, nunca, de ninguém, senão de nós mesmos e dos nossos atos passados. O

bonzinho que «só tem desgraças» talvez tenha sido um monstro há dez mil anos: enfrenta hoje as consequências do seu passado cármico.

Isto quer dizer que somos, antes de mais, filhos das nossas obras. Evidentemente, é uma filosofia que obriga a manter-se de pé. O que não agrada a toda a gente!

A filosofia indiana não admite qualquer exceção à rigidez da lei cármica de causa e efeito. Assim, no pensamento religioso da Índia, a «roda» das reencarnações sucessivas gira sem fim durante séculos, até que a última migalha de carma seja paga. Duro, duro, duro... É como um exame que seria preciso repetir todos os anos e, ao menor deslize, reprova-se: é então preciso repetir o ano e até triplicar, quadruplicar!... Há quem desanime... E recomece interminavelmente os mesmos erros!

A Lei da Graça

Pelo contrário, o pensamento cayciano introduz uma nova dimensão: a «Lei da Graça». A graça é o amor gratuito, a ternura de Deus por cada alma. A confiança e o amor podem libertar-nos dessa impiedosa lei do carma. Cayce resume o princípio da Lei da Graça em poucas palavras:

O que semeias, isso colherás, a menos que tenhas passado da lei carnal, isto é, a lei do carma, para a Lei da Graça. (Leitura 5075-1.)

A alguém que lhe pergunta: Que dívida tenho eu para com John?, responde:

Apenas a que tu constróis na tua própria consciência. (Leitura 1298-1.)

Com efeito, há pessoas que usam a noção de carma, ou de «dívida cármica», como desculpa fácil para a sua passividade: «Não posso fazer nada, é uma dívida cármica», dizem quando não têm coragem de tomar as decisões necessárias. Assim, eis a resposta de Cayce a uma pessoa que lhe colocava a questão:

— Existe entre os meus dois pais e eu própria, ou com um deles, uma dívida que tenha de ser liquidada? Deverei ficar com eles até conseguir amolecê-los em relação a mim?

O que é uma dívida cármica? Tu misturas tudo! Confundes esta ideia no teu espírito! O que é a Vida, senão um dom do teu Criador, para que possas plenamente ser Um com Ele? As tuas relações com o teu próximo, através das diferentes experiências das encarnações terrestres, esclarecem-se à luz das Forças Criadoras, na tua relação com o ato em si. E, mais precisamente, nas tuas relações pessoais com o teu pai, a tua mãe, o teu irmão, ou qualquer outra pessoa, o que conta É OLHARES-TE DE FRENTE, no quadro das relações postas

em prática pelos teus próximos. Não se trata de uma dívida cármica entre os teus pais e tu, mas de uma DÍVIDA CÁRMICA CONTIGO MESMA. Esta dívida que deve ser trabalhada por meio das relações familiares que existem hoje!

Isto é verdade para toda a alma. (Leitura 1436-3.)

Segundo este texto, a primeira dívida cármica é para consigo próprio: livrar-se de todos os sentimentos de egoísmo, de ciúme, de agressividade, de todas as inibições que parasitam e enfraquecem o Eu. É isso que gera, de vida em vida, uma memória negativa. Cayce diz muitas vezes: *Self is being met*, o que significa que será preciso, um dia, «encarar-se a si mesmo», isto é, tomar consciência dessa memória negativa.

Não haveria, pois, propriamente falando, dívida cármica entre dois indivíduos, mas antes uma dívida em relação a si próprio a trabalhar na situação de vida em que se está e na relação com o outro. Os atos negativos destruíram, noutras vidas, uma parte do nosso Eu, que assim se desuniu das Forças Criadoras, isto é, Deus. As relações humanas na nossa vida actual têm por finalidade curar o nosso Eu, ajudá-lo a voltar a harmonizar-se com as leis divinas. A expressão dívida cármica deveria ser substituída por memória cármica, a qual deve ser purificada se for negativa. Numa outra leitura, Cayce diz ainda:

Só Jesus é o modelo estrutural de cada alma. Ele é o teu carma, se quiseres pôr n'Ele a tua confiança. (Leitura 2067-2.)

Pode-se enfrentar o seu carma, quer em si mesmo, quer n'Ele. (Leitura 2990-2.)

Por outras palavras, enfrentar a sua memória negativa, os seus maus reflexos inconscientes, é menos duro se o fizermos na luz de Cristo do que se ficarmos na velha Lei de Causa e Efeito:

Enfrentar estas coisas que foram chamadas cármicas...

Contudo, lembrar que, com a Lei da Graça, elas podem reduzir-se a um simples impulso interior. E, se se harmonizar a vontade com o Caminho de Cristo, pode assim impedir-se que a desgraça aconteça; podem superar-se as dificuldades e fazer as boas escolhas, as que trazem alegria, amor e felicidade para toda a vida. É preferível, em vez de escolher a Lei de Causa e Efeito, que obriga a uma confrontação de si mesmo com tudo, do modo mais duro. (Leitura 1771-2.)

No fundo, era isto a «Boa Nova» do Evangelho!

Quando é que se reencarna?

Pois bem, de modo nenhum ao sabor da sorte! Neste assunto, não há nem acaso nem lotaria, mas ciclos precisos, que ainda conhecemos mal, mas de que Cayce fala.

O nosso Tempo terrestre é definido por circuitos de astros: Sol, Lua, planetas e estrelas fixas das constelações.

«E disse Deus: Haja luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite; e sejam eles para sinais, tanto para as festas como para marcar os dias e os anos...» (Génesis, I.)

Estes corpos celestes, para nós, vão marcando o Tempo. O regresso periódico da mesma posição de uma estrela, ou de várias em conjunção, é um ciclo: assim os regressos periódicos da Lua, do Sol, de Sírio, de Saturno, etc. Estes corpos celestes marcam ciclos de dias, de anos e de séculos.

A estadia terrestre, repetida tantas vezes quantas as necessárias, teria, portanto, como objetivo uma aprendizagem prática das lições aprendidas... noutros planos planetários.

Pois não se entra por acaso na estadia material da Terra. Mas nasce-se aqui com vista a um objetivo preciso. E cada alma é atraída para aqui pelas influências que pôde visualizar desde Lá de Cima. (Leitura 3128-1.)

Ou ainda:

Pois cada ciclo é mais um grau na experiência da entidade, ou alma. E, quando tem de o trabalhar, surge-lhe o desejo imperioso de se encarnar na matéria nesse momento. (Leitura 1703-3.)

Portanto, é claro: compreende-se que as almas se encarnem segundo ciclos, que são como ciclos escolares!

A encarnação na Terra é uma oficina de trabalhos práticos das lições cósmicas. A encarnação faz-se segundo datas que correspondem a ciclos astronómico-astrológicos, em função das necessidades espirituais de cada entidade. Ela escolhe, por si própria, o seu momento.

— No que diz respeito à vida noutros planetas e à permanência neles entre duas vidas terrestres, disseram-nos que a entidade Edgar Cayce (...) tinha estado no sistema de Arcturus e depois regressado à Terra. Isto é um estádio de evolução normal ou anormal para uma Alma?

Como dissemos, e isso foi também dado por outros, Arcturus é o que se poderia chamar o centro do Universo, através do qual os indivíduos passam no período da sua escolha; e aí devem também escolher para onde devem regressar

para completar o seu estágio, isto é, no nosso sistema planetário, o nosso Sol, com a nossa Terra e o seu sistema de planetas... Ou se passarão para outros sistemas. (Leitura 5749-14.)

— É necessário terminar o percurso do sistema solar antes de ir para outros sistemas?
É necessário terminar o percurso do sistema solar.

— Deve terminar-se o ciclo do sistema solar pela Terra, ou deve completar-se com uma permanência noutro planeta; ou então cada planeta tem um ciclo próprio, que deve ser percorrido completamente?

O que foi começado na Terra deve ser terminado na Terra. O sistema solar a que a Terra pertence é apenas uma parte do todo. Pois, no que diz respeito ao número de planetas que gravitam no mesmo sistema que a Terra, esses planetas formam um todo e estão ligados uns aos outros. É o ciclo do sistema no seu conjunto que deve ser terminado, compreende? (Leitura 5749-14.)

Não se pode dizer que isto seja muito claro, mas voltaremos a esta questão com mais detalhe no capítulo sobre astrologia.

Quantas vezes se reencarna?

Platão acreditava que as almas se reencarnavam de mil em mil anos. Na *República*, conta a história de Er, o Panfílio, uma extraordinária reportagem do Além, por um homem que de lá voltou. Er, o Panfílio, relata como, dado por morto num campo de batalha, foi levado para os Campos Elísios (a morada dos mortos para os Gregos). Aí, pôde assistir à distribuição das futuras encarnações, em que cada alma tirava à sorte e escolhia a sua nova vida terrestre...

Cayce dá sequências de vidas muito mais próximas no tempo... ou então, pelo contrário, muito mais espaçadas.

— Senhor Cayce, nas leituras de vidas anteriores que deu, há grandes diferenças nos intervalos de tempo que separam duas encarnações. Explique-nos porquê. Será porque nem todas as encarnações são dadas nas leituras, ou porque alguns progridem o suficiente numa vida para já não precisarem de se reencarnar durante muito tempo? Por exemplo, a primeira aparição na Terra que deu para o Senhor X foi há dez milhões e quinhentos mil anos. A seguinte, há doze mil anos. Significa que a entidade em questão não teve nenhuma aparição na Terra entre essas duas encarnações?

As suas aparições no plano terrestre foram dadas por completo. Nos intervalos, desenvolveu-se noutro lugar que não no plano terrestre. Pois é

muitas vezes em sistemas planetários diferentes do nosso que a entidade teve a sua residência: estes tiveram influência na sua vida. Assim, é correto dizer que, no desenvolvimento das almas, pode haver intervalos mais ou menos longos, ou curtos!, de uma vida para a outra. (Leitura 139-1, 2.)

Portanto, eis um nativo que está apenas na sua terceira vida... como Lammers. Recorda-se que este estava na sua terceira aparição neste planeta. O que supõe algum turismo planetário! No outro extremo, há as 547 reencarnações de Buda Gautama... Cayce deu, para si próprio, uma sequência de vidas anteriores.

Demorar-se-á longamente em algumas, que veremos com detalhe um pouco mais adiante. Diz ainda:

A perfeição não é possível num corpo material sem ter regressado pelo menos umas trinta vezes! (Leitura 2982-1.)

Grupos cármicos: reencarnamos todos juntos, é mais divertido!

A maioria dos Americanos do século XX que foram consultar Cayce já o tinham conhecido numa das suas vidas anteriores, e alguns muito de perto. A sua mulher, a sua secretária, os seus filhos, os seus melhores amigos, parecem ter estado envolvidos, de perto ou de longe, nas suas aventuras noutras vidas. Ao princípio, isso pareceu-me uma coincidência estranha. Depois refleti: se se reencarna por ciclos, segundo «afinidades eletivas», seria lógico que, nas mesmas épocas e nos mesmos lugares, se reencontrassem periodicamente pessoas que têm algo a fazer em conjunto. São sensíveis às mesmas vibrações. Reencontram-se as mesmas velhas conhecenças que faziam parte das mesmas promoções...

Como muitas almas que entraram neste ciclo de 1910, 1911, ou durante este ciclo, a entidade foi Atlante... (Leitura 2428-1.)

Voltaremos, no capítulo seguinte, a estes ciclos históricos, ou pré-históricos, de reencarnações coletivas.

Os indivíduos na Terra evoluem de ciclo em ciclo, na sua própria linha de desenvolvimento, nas suas relações com os outros e nas atividades que devem empreender nesta ou naquela vida terrestre. Cada um segue o seu caminho em circunstâncias bem definidas. (Leitura 993-4.)

Cada ciclo leva a alma-entidade a uma nova encruzilhada, onde se sente impelida interiormente para uma ou várias atividades na Terra. Mas essas atividades foram escolhidas de propósito, para que a entidade compreenda porquê: fazem parte necessária da sua experiência total. (Leitura 3128-1.)

Personalidade e individualidade

As sequências de vidas anteriores dadas por Cayce não são necessariamente completas:

As vossas vidas anteriores não vos são dadas por completo, mas apenas as que têm relação com as atividades e os problemas da experiência de vida atual. (Leitura 2460-1.)

É preciso compreender que, em cada encarnação, não pomos em jogo todos os nossos recursos, mas apenas uma parte deles. É por isso que a nossa PERSONALIDADE presente pode ser muito diferente das anteriores: exterioriza apenas uma parte da nossa INDIVIDUALIDADE, do nosso Eu completo (que é um universo por si só!).

Assim, Cayce, na sua encarnação anterior, não tinha de modo algum manifestado as suas faculdades mediúnicas. Nessa vida, diz ele, os seus dons tinham permanecido latentes, não manifestados.

Eis uma leitura que exprime bem por que razão a personalidade expressa numa vida é apenas um fragmento da individualidade total:

— Poderia, Senhor Cayce, enumerar as minhas encarnações na Terra desde o tempo das cruzadas. Alguma delas influencia a minha vida atual?
Nem todas têm influência atualmente. Mas isso depende também do que decidir fazer (...). As coisas passam-se assim: pode estar-se num estado, encarnado numa experiência de vida precisa, e, no entanto, não trabalhar nas direções exploradas anteriormente. É que não se sente necessidade disso. Ou então, não se está consciente dessas atividades anteriores, ou não se é influenciado por elas. As das suas vidas que têm um impacto direto na sua vida atual foram-lhe apresentadas. (Leitura 1602-4.)

Nenhum amor se perde jamais

Bem entendido, reencarna-se também em família! Para o melhor e para o pior. Mas que todos os que perderam um ser amado se consolem: poderão reencontrá-lo!

Pergunta: Há alguma razão pela qual o meu irmão e eu tenhamos escolhido a mesma mãe?

Resposta de Cayce: Essas experiências de vida na antiga Palestina tinham-vos ligado estreitamente e criado relações tais que escolheram reencarnar juntos. (Leitura 2454-3.)

Trata-se de duas pessoas que, depois, tinham estado associadas no mesmo trabalho, na América do século XVIII, antes de reencarnarem ainda uma vez juntos no século XX!

Eis ainda o caso de uma menina de cinco anos, cujos pais tinham pedido uma leitura:

Antes, a entidade pertencia à família Audubon. Aí, já era filha da sua mãe atual, mas não tinha vivido muito tempo: pois, nessa vida, tinha morrido jovem num acidente de automóvel. (Leitura 1635-3.)

Assim, eis uma mãe desolada por ter perdido a sua criança e que, na vida seguinte, a reencontra nas mesmas condições: continua a ser a sua filhinha e no mesmo país (os Audubon sendo uma família americana conhecida na época colonial).

Mas não é tudo... Pois, de uma encarnação para outra, pode mudar-se de sexo! Uma vez que, como diz Paulo, «na Jerusalém celeste não há judeu nem grego, nem escravo nem homem livre, NEM HOMEM NEM MULHER». Estas condições são apenas temporárias. Muitos casos de mudança de sexo aparecem, aliás, ao longo das leituras:

Antes, a entidade estava no Império Romano, num período de expansão marítima para outros países. Aí, a entidade era um homem, um marinheiro, um capitão que comandava a frota romana nas paragens da Irlanda e da Inglaterra. (Leitura 2454-3.)

Ora, hoje é uma mulher. Porque se encarnou desta vez no sexo feminino? Porque:

Se tinha adquirido grandes talentos de professor, de chefe, de instrutor, de diretor — talentos que conserva hoje — tinha pouco conhecido a vida de família. E é por isso que regressou hoje, para a experimentar.

Mais curioso ainda, não é a sua primeira mudança de sexo:

Antes, a entidade estava na Pérsia, nos meios dirigentes. Vivia na corte de Semíramis, de quem era confidente — dir-se-ia hoje a secretária. Na realidade, um cargo de decisão. (Mesma leitura.)

Assim, pode escolher-se um sexo diferente, conforme o programa desejado.

Alguém que amou apaixonadamente uma mulher com quem não pôde casar poderá certamente reencontrá-la na vida seguinte como esposa, mas também como sua irmã, sua mãe... ou até como seu marido, se ele próprio se reencarnou em mulher! Como todos somos chamados a tornar-nos deuses, e Deus, como diziam os gnósticos, é Pai e Mãe, masculino e feminino, devemos, pois, experimentar as duas polaridades.

Em certas vidas, encarnamo-nos como homens e aprendemos a manejar vibrações masculinas, como soldado, marinheiro, lenhador ou limpa-chaminés... Ao fim de algum tempo, tendo dominado as situações masculinas, aspiramos naturalmente a conhecer a vida no feminino. Por exemplo, o que se sente ao dar à luz uma criança, alimentá-la, tratar de toda uma casa, etc. E isto para que nada do que é humano nos seja estranho. Não se é, portanto, homem ou mulher por toda a Eternidade. É apenas um estado temporário de encarnação.

Assim, os homossexuais não seriam senão entidades em transição entre dois corpos de sexo diferente, e não anormais ou perversos. Mas, mais simplesmente, entidades que mudaram recentemente de sexo e ainda não estão completamente habituadas ao seu novo corpo!

Eis uma leitura muito bela de Cayce sobre a necessidade de atravessar múltiplas experiências, em todos os estados, todos os sexos, todos os países:

A alma, expressão do desejo de Deus de ter companhia, deve encontrar por si mesma a sua expressão. E, com esse propósito, as almas de homens e mulheres foram chamadas à existência, para que cada alma possa tornar-se companheira/companheiro de Deus, perfeitamente adaptada(o) a esse reino divino. É necessário, pois, que a alma humana se aperfeiçoe através de múltiplas experiências; deve percorrer todos os reinos existentes.
Isto, para que a alma, tendo atingido a sua perfeição, não se encontre desafinada em relação ao reino de beleza, de harmonia e de força divina onde é chamada a tornar-se companheira/companheiro dessa Força criadora (Deus, em linguagem cayciana!).

Daí a necessidade dessas experiências de vida, que não são senão ocasiões de crescer; com efeito, qualquer que seja o nível de consciência a que cada um de nós pense ter chegado, o Pai deseja que cada alma continue a desenrolar o fio de ouro da sua força consciente, para se elevar até Ele.
(Leitura 805-4.)

Esta leitura faz-nos compreender por que razão mudamos frequentemente de sexo de uma vida para a outra.

Mas existem também entidades que se encarnam apenas em corpos masculinos, ou apenas em corpos femininos. Depende do seu programa.

Por exemplo, Cayce dá, para si próprio, uma série de encarnações exclusivamente masculinas, mas nas quais a vida familiar é experimentada.

Segundo Cayce, o próprio Cristo só teria tido encarnações masculinas: como Adão, como Melquisedeque, como Josué, como José, etc. (mas voltaremos a este assunto). A razão é que tinha um programa de iniciador. Aquele que deve mostrar o caminho, que deve ser o Primeiro, o Cordeiro Primogénito de Deus, corresponde aos valores masculinos de Carneiro. Enquanto Maria, sua Mãe, reencarnação de Eva, só teria tido encarnações femininas, pois deve mostrar a outra face do amor criador, a polaridade feminina, que é Terra, fruto, recetividade, silêncio, alquimia secreta necessária ao parto das almas.

Contudo, as encarnações repetidas num só sexo têm também inconvenientes:

A entidade é uma das que nunca mudaram de sexo. Assim, é mulher até à ponta dos dedos, dependente e, no entanto, nem mais nem menos livre do que outras da necessidade de um companheiro... Mas a entidade não consegue compreender essas emoções nos outros (do outro sexo); tal como estes não compreendem as suas emoções e a sua maneira de ser... (Leitura 2390-1.)

A escolha do sexo faz-se livremente, segundo o desejo de cada alma:

Depende dos desejos que foram formados pela entidade desde o início da sua encarnação anterior (...). O desejo, quando é alimentado e mantido, pode mudar um universo! Pois dos desejos do coração nascem as atividades do cérebro e as do ser físico, bem como a forma deste. (Leitura 276-3.)

Os gémeos

Há um caso especial: os gémeos. Verdadeiros ou falsos, a tradição esotérica diz que são seres que se amaram loucamente numa vida anterior e não quiseram separar-se nesta. Podem também ter-se odiado e escolhido esta oportunidade de se reconciliar no amor fraterno. Tal parece ser o caso dos gémeos da Bíblia, Esaú e Jacob (Génesis, XXV, 19), de que Cayce fala:

Embora concebidos ao mesmo tempo, nascidos no mesmo dia, estavam muito afastados no seu programa de vida; um, Jacob, harmonizava o seu espírito e a sua alma através do corpo físico que é a sua expressão. O outro, Esaú, tinha um só objetivo: satisfazer os seus apetites... (Leitura 281-48.)

E Cayce explica que esses seres tão diferentes foram atraídos juntos pela falta de unidade dos seus pais. E, se esses gémeos «já lutavam no seio da mãe», é porque já eram inimigos numa vida anterior.

De todas as raças, de todas as nações, de todas as religiões...

Segundo Cayce, é preciso, portanto, experimentar todas as facetas da vida terrestre: não apenas sexos diferentes, mas ainda países, raças e religiões variados...

Isto, para aprender tudo, por meio de três dimensões, que são:

- o Tempo;
- o Espaço;
- a Paciência.

É o que diz Cayce. Os dois primeiros termos são-nos bem conhecidos, pois usa-se cada vez mais a noção de espaço-tempo. O terceiro surpreende.

O Tempo, o Espaço e a Paciência são os meios que permitem ao Homem, enquanto espírito limitado, tomar consciência do Infinito. (Leitura 3161-1.)

A Paciência não significa simplesmente esperar, mas é a atitude daqueles que fazem a sua natureza harmonizar-se com as leis da Natureza. Assim, com paciência, cumpre o teu trabalho segundo as leis da Paciência, que são amor, propósito preciso, fé, esperança, caridade, exprimindo essas leis nas associações com aqueles que encontrarás diariamente no teu caminho. (Leitura 1968-5.)

Assim, a paciência permite-nos fazer o melhor uso possível do Tempo e do Espaço. Permite-nos trabalhar sobre nós mesmos atravessando os séculos...

Para isso, é útil que experimentemos religiões diferentes, a fim de compreender que cada uma desenvolve uma faceta da Verdade total.

Eis, por exemplo, o caso de uma menina que vem de uma vida indiana:

A entidade viveu no Extremo Oriente e pertenceu, em Poona, ao grupo Brahma Samaj (na Índia entre 1800 e 1878?).

Daí o facto de estar absorvida nas suas visões (...). Não a atormentem com as vossas perguntas, mas anotem o que ela vos diz. Encorajem os seus sonhos e as suas visões, mas não adotem uma atitude de inquisidor.

Quando a entidade tiver 13-14 anos, dar-vos-emos indicações mais completas sobre o que pode realizar, se quiser orientar-se pela estrela de Belém, e não mais

pela de Poona!
(Leitura 5043-1.)

Assim, para cada um de nós, a mesma procura espiritual prossegue, mas sob formas religiosas variadas, de vida em vida.

Mozart já terá sido músico numa vida anterior?

É a pergunta que se pode fazer, a propósito dele e de todas as crianças-prodígio que parecem ter vindo ao mundo já dominando uma arte ou uma ciência... Parece haver uma progressão lógica nas atividades terrestres das almas humanas. Através das «sequências» de encarnações dadas por Cayce, encontra-se frequentemente a mesma profissão exercida de vida em vida, em civilizações diferentes.

Cayce, por exemplo, bastante surpreendido por ter este dom de médium, tinha perguntado (numa leitura para si próprio) de onde vinha isso. Foi-lhe respondido pela sua própria voz, em estado de sono, que, se agora tinha essas faculdades mediúnicas excecionais, era porque outrora atingira um desenvolvimento espiritual muito elevado.

Depois disso, vivera uma série de vidas pouco brilhantes... e esses poderes já não se tinham manifestado.

Contudo, havia um facto preciso: numa das suas encarnações, fora ferido num campo de batalha. Agonizando sozinho durante vários dias, incapaz de fazer um movimento, só lhe restava o espírito como arma contra a dor. E, pouco antes de morrer, conseguira finalmente sair do corpo em projeção astral.

Esse esforço enorme libertara nele poderes psi, uma aptidão para se desprender da matéria libertando o espírito. (Muitos médiuns o tornaram-se na sequência de uma experiência semelhante.)

Esses poderes psi, utilizados ao serviço do próximo, podiam permitir-lhe voltar a subir ao seu antigo nível espiritual. Mas, se essas faculdades fossem usadas para fins egoístas ou destrutivos, poderia cair nos piores abismos.

Cayce, aliás, tinha um mapa marcado pelo signo ambíguo de Peixes: capazes do melhor e do pior, dão místicos irradiando amor e bondade, ou então traidores que fogem às suas responsabilidades... (Este signo de Peixes explica também a dificuldade de Cayce em exprimir-se claramente por palavras: Peixes opõe-se a Virgem, signo dos escritores!)

O exemplo de Cayce mostra bem que é preciso mais do que uma vida para se tornar um bom médium; e que, do mesmo modo, é preciso mais do que uma

vida para dominar uma arte ou uma profissão. As leituras caycianas deixam entender que nos aperfeiçoamos, ao longo das existências, numa ou em várias profissões.

Um agente de seguros americano, de trinta e cinco anos, pedira a Cayce uma consulta:

Não é por acaso que cada entidade entra na estadia material, mas para que a entidade, como parte do Todo, ocupe o lugar que nenhuma outra alma ocuparia tão bem. (...) No plano da consciência mercuriana, pode ver-se a atividade mental da entidade, a sua necessidade de analisar tudo à sua volta — as pessoas, os acontecimentos, o meio — e a sua necessidade de dirigir tudo isso... Daí o seu gosto pelas estatísticas, pela análise de dados, pela classificação e pela interpretação de factos e pessoas. Antes, a entidade vivia no país da sua atual natividade (os E.U.A.).

Mas num lugar diferente e no período da guerra da Independência. Aí, a entidade era uma personalidade conhecida, cuja influência e poder não foram suficientemente estudados. No início, era um filósofo; depois um instrutor, um agricultor, um general do exército, deixando a charrua e os bois para ir defender um ideal; teve de lutar, de se defender contra os ataques daqueles que tinham um ideal diferente.

Nesta experiência, a entidade ganhou não só no plano material nas suas empresas e na realização dos seus ideais, mas também no plano espiritual, tornando-se cada vez menos egoísta, cada vez mais preocupada com o interesse geral. A sua grande preocupação era ajudar os homens a tornarem-se livres. Dessa experiência, eis o que lhe ficou: o amor pela História, o gosto de procurar factos históricos pouco conhecidos; o interesse por livros que falam dos pioneiros, fundadores de novos movimentos, de novas correntes de pensamento, de novas ideias... Estes gostos são uma expressão atual da entidade. Nessa vida anterior, o seu nome era Israel Putnam. (Leitura 2533-1.)

É, portanto, essa preocupação com o bem geral, adquirida enquanto Israel Putnam, que conduziu o nativo de hoje para os seguros. E também o gosto mercuriano de analisar os factos, de trabalhar com estatísticas... Mas não fica por aqui:

Antes disso, a entidade estava no país iraniano (...), num mundo ao mesmo tempo grego e romano. Nesse tempo, a entidade fazia parte dos Romanos cujo trabalho era analisar as atividades dos habitantes, os seus lares, etc. A entidade não era um soldado, mas antes um conselheiro político. (...) Agia como inspetor

dos assuntos sociais e conselheiro nessa matéria junto das autoridades regionais (...).

Esse trabalho desenvolveu na entidade o gosto pelas análises sociais, pelo estudo das relações de causa e efeito nas atividades dos grupos ou dos indivíduos — diríamos hoje: sondagens de opinião e estudos de motivação! Daí, hoje, a competência da entidade para tudo o que diz respeito a inquéritos sobre grupos, famílias, indivíduos; para tudo o que é análise económica e social, ou por vezes política. É através de tais análises que a entidade está melhor em relação com os outros. (Mesma leitura.)

Pois a profissão atual deste homem implica análises económicas, estudos de mercado e estatísticas bastante aprofundadas, porque, evidentemente, não se faz um seguro a qualquer pessoa, de qualquer maneira... E a qualquer preço!

Mas voltemos atrás, a uma existência ainda mais antiga:

Antes, a entidade vivia na Pérsia, num período de conflitos entre os Beduínos, ou tribos árabes, e os Persas! (...) A entidade era intérprete e tinha como função guardar o tesouro do rei Creso. Pois a entidade tinha feito uma análise económica das diversas populações do reino, de modo a saber quando, como e sob que forma se podia taxar os habitantes (o que hoje se chamaria estabelecer a matéria coletável dos impostos!).

Mas eis ainda uma outra vida, recuando no Tempo:

Antes disso, a entidade estava no Egipto. Aí, durante um período de reconstrução, o seu papel consistira em... SEGURAR as famílias e os grupos de trabalhadores em certos serviços. Isto, para que o Estado assumisse as crianças e as famílias dos operários, em caso de morte, acidente ou diversos riscos que pudessem surgir no seu trabalho, ou por causa dele. Foi assim que se desenvolveram o que hoje chamamos seguros, para proteger aqueles que estavam empenhados num trabalho de alto risco, ao serviço da coletividade (...).

Daí os ramos em que a entidade é hoje competente: a estatística, a análise social e política, os seguros. Daí vem a sua aptidão para redigir relatórios escritos para aqueles que trabalham nesses sectores, aptidões que a entidade poderia desenvolver se quisesse. Pois tem uma grande facilidade natural para as estatísticas e para as apresentar de uma forma útil a outrem... Como fizera no antigo Egipto para defender energicamente os pobres trabalhadores desse tempo. (Mesma leitura.)

Só apresentei aqui uma parte desta espantosa sequência de biografias, em que se descobre que os seguros já existiam no tempo dos faraós, as estatísticas

entre os Gregos e as sondagens de opinião entre os Romanos! (Ver capítulos seguintes sobre essas civilizações.)

O conhecimento das vidas anteriores poderia ajudar as pessoas na escolha da sua profissão? Foi nesse sentido que Cayce trabalhou. Pediam-lhe com bastante frequência leituras para crianças muito pequenas. Depois de levantar um canto do véu do seu passado anterior, acrescentava, em substância: «Incentivem esta criança nesta ou naquela profissão; será competente porque já a conhece; já a exerceu!» Eis o caso de uma menina, de quem já falámos mais acima (Leitura 1635-3), outrora encarnada na família americana dos Audubon:

É um temperamento de artista, que precisa de se exprimir pela arte, não exatamente no desenho comercial, mas antes na decoração, na arquitetura de interiores, ou na arte do papel de parede... As atividades da entidade, como veremos, estiveram ligadas aos tecidos, aos têxteis de mobiliário... Essas atividades antigas podem ser-lhe úteis na decoração de interiores, no mobiliário...

Mas, antes de ter sido essa pequena Audubon, morta na flor da juventude:

A entidade vivia em França, quando os reis Luís tinham como emblema simbólico a flor-de-lis (em francês no texto). Aí, a entidade trabalhava para a Corte; tornou-se não só criadora e desenhadora de tecidos, mas mais especialmente decoradora de interiores: o seu domínio eram as paredes, as cortinas, os reposteiros, as tapeçarias e o estofo dos assentos, a passamanaria, a roupa de cama, os drapeados... Hoje, a entidade gosta muito de se ocupar de mobiliário. E, se lhe derem ocasião, vê-la-ão atarefar-se a estofar móveis e a forrar paredes... Seria preciso encorajá-la nesse caminho, que deveria tornar-se a sua profissão nesta vida. Pois a entidade deve absolutamente ter uma profissão. Mesmo que se case cedo, não descansará enquanto não desenvolver uma carreira profissional...

Portanto, preparem-na para o seu futuro ofício! Deem-lhe ocasião de desenvolver os seus dons inatos (...). A entidade, nessa época, era conhecida pelo nome de Mlle Rheulicheu (ortografia da leitura tal como foi transcrita, com toda a inocência, pela secretária de Cayce!... Os nomes franceses, infelizmente, ficam todos reduzidos a papa: ninguém no círculo de Cayce falava francês... Mas Cayce, no seu sono, acrescenta: Não, nenhuma relação com o Cardeal (de Richelieu), mas quase o mesmo nome, com uma variante na maneira de o soletrar.

... Eis trabalho pela frente para um arquivista que quisesse reencontrar esta senhora, a quem talvez devamos uma parte dos esplendores de Versalhes, ou do

Museu da Estampagem em Mulhouse (pois pode ver-se nesse museu a obra dos grandes decoradores e desenhadores de papel de parede e tecidos do século XVIII).

E, como parece que nós, franceses, temos laços especiais com o Egipto, como se verá mais adiante, a nossa decoradora é uma reencarnação egípcia:

Antes disso, a entidade estava no Egipto, na época em que os filhos da Promessa (feita a Abraão) deixaram essas cidades egípcias. A entidade era ela própria dessa nação, não da que se chamou Judeus ou Hebreus (...). O seu nome era Shalmahr e ocupava um cargo importante. O seu companheiro e os seus associados eram dirigentes desse país.

Mais uma vez, encontramos a entidade a ocupar-se de decoração: mas aí tratava-se de barcos, do que dizia respeito à navegação de recreio; desenhava as velas, as esculturas, a decoração e o arranjo interior desses barcos. Hoje, verá que a entidade quer sempre apanhar um barco para ir a algum lado! Isso faz parte das suas experiências vividas. (...) Antes, numa vida mais antiga, a entidade estava também no Egipto. Aí, associada ao Grande Sacerdote, ocupava-se da fabricação de papéis e de tecidos, não apenas tecidos de algodão, mas de diferentes materiais que se cultivavam no Egipto. Daí o seu interesse atual pelo desenho de tecidos e, especialmente, pelos tecidos tecidos à mão. O que ela também gostará de fazer ela própria. (Leitura 1635-3.)

E eis por que a França é o país da Alta-Costura! O génio do belo vestuário vir-nos-ia do antigo Egipto...

Esta leitura é interessante porque dá uma «sequência de encarnações» típica dos dossiês caycianos.

As sequências de encarnações

A natureza, já se notou, gosta de transições: vê-se bem na zoologia e na botânica, onde se passa de uma espécie a outra por características intermédias. O mesmo se passaria com as vidas anteriores: parecem ter sido previstas transições profissionais, geográficas, sociais. Muito frequentemente, nota-se, nos dossiês de Cayce, que as pessoas não passam bruscamente de uma civilização para outra, mas progressivamente. A pequena Audubon citada acima não passou bruscamente de uma vida francesa do século XVIII para a vida totalmente americana de hoje: entre as duas, teve uma encarnação numa família culta do sul dos Estados Unidos, de tradição francesa. Há como que uma evolução, de etapa em etapa, a alma encarnando em civilizações derivadas umas

das outras: a América está enxertada na velha Europa, a qual é herdeira do antigo Egipto através dos Gregos e dos Judeus.

É por isso que, nesta sequência típica, aparecem essas civilizações. E também porque o próprio Cayce, como veremos mais adiante, é um exemplo disso: antigo Egipto, Pérsia antiga, Grécia, Israel, Roma, Inglaterra, França do século XVIII, América do Norte. Ainda não se conhecem as leis gerais que parecem reger essas sequências de encarnações. Cayce fala sobretudo desta sequência mediterrânico-atlântica: disse que as pessoas que o foram consultar tinham quase todas vivido (e muitas vezes com ele) numa ou noutra dessas civilizações.

A leitura dada à pequena Americana que foi Macie Audubon levanta também o problema da mobilidade social ao longo da sucessão de vidas. A tradição esotérica pretende que se encarna uma vez rico, outra vez pobre... Mas, nas leituras caycianas, há uma grande variedade de condições, sendo cada uma escolhida pelo interessado para lhe permitir um progresso preciso. A leitura acima dá uma sequência de vidas excecionalmente brilhantes do ponto de vista social: a entidade esteve sempre entre os poderosos do seu tempo, os reis e os faraós! E até na América, repare bem, escolheu uma família de notáveis! Parece ter tido qualidades de decisão que a empurravam sempre para o primeiro lugar:

Ela é muito decidida e tem possibilidades intelectuais muito elevadas (...) pois trata-se de uma entidade bastante excecional, que irá longe, se decidir fazer carreira. (Leitura 1635-3.)

Esta mulher, que, segundo Cayce, teria várias vezes imposto a moda no seu tempo, nunca terá tido uma vida obscura, como, por exemplo... simples operária, ou costureirinha em ateliers de costura dirigidos por outros? Nunca terá sido costureira ao domicílio, como essas pobres mulheres que iam trabalhar para as ricas burguesas no século XIX?

As pessoas têm tanta tendência para acreditar que foram alguém importante, Tutancâmon ou Cleópatra, por exemplo, que se torna ridículo.

Cayce nunca dá TODAS as vidas anteriores de uma pessoa, mas apenas as que influenciaram a sua vida atual. Uma parte inteira da entidade pode assim ficar na sombra, em latência, sem se exprimir, durante uma encarnação, ou durante uma série de vidas obscuras.

Quando é que a alma entra no corpo?

Questão muito debatida. A alma entra no corpo no momento da conceção, ou durante a gravidez, ou mesmo no momento do nascimento?

A escolha dos pais pela criança faz-se no momento da conceção, ou antes? Aqueles que se amaram outrora podem pôr-se de acordo com muita antecedência para que um venha um dia encarnar no outro?

Segundo Cayce, escolhe-se o seu corpo físico em função de um programa cármico. Se tem olhos castanhos ou azuis, se é alto ou baixo, reumático ou cardíaco, é porque o escolheu. Trata-se, claro, da hereditariedade dos seus pais; mas esses pais, esse «terreno» físico hereditário, foram escolhidos por si antes do nascimento, por serem adequados ao seu programa. É-lhe aliás livre modificá-lo depois por todos os meios possíveis. Mas não acuse ninguém: é a sua escolha.

Em muitos casos, os pais são usados apenas como um canal, como um meio adequado para a criança atingir o seu objetivo.

Noutros casos, a criança só regressaria para reencontrar os pais, amá-los de novo, resolver com eles problemas antigos, saldar dívidas recíprocas, ajudá-los nos seus problemas atuais. Nesse caso, a criança fica muitas vezes com eles até à morte.

Eis a pergunta que foi colocada a Cayce:

— Pode dizer-se que a atitude (dos pais) no momento da conceção atrai esta ou aquela alma em particular, porque lhe oferece aproximadamente as condições de existência em que deseja trabalhar?

Em parte. Não completamente. Pois a entidade individual, ou alma, se lhe derem ocasião, manifestará a sua própria vontade para trabalhar à sua maneira sobre os problemas trazidos por esse casal de pais escolhido. Assim, a união física dos pais atrai a entidade individual oferecendo-lhe uma oportunidade de se exprimir. (Leitura 5749-14.)

Muito se tem perguntado sobre as crianças nado-mortas e sobre as crianças que morrem em tenra idade: por que desaparecem tão depressa? É muitas vezes um drama para a mãe, que não compreende a razão. Segundo as regressões feitas por alguns psicólogos (nomeadamente pela doutora Helen Wambach), regressões em que se pede ao paciente que conte o seu nascimento, parece que certas almas se desencorajam das dificuldades terrestres logo nos primeiros minutos.

O acolhimento é, em geral, pouco amável: luz violenta, ruído, indiferença às dores do bebé em estado de choque, pessoal médico sem consideração pela mãe e pela criança (contra o que reagiram os doutores Leboyer e Odent). O bebé é tratado como uma coisa insensível, quando, pelo contrário, parece ser nesse momento hipersensível e frágil. Observa os que o rodeiam... As almas que

não têm assim tanta vontade de encarnar e que chegam a esta frieza, a esta atmosfera de falta de amor ou de recusa, por vezes partem imediatamente.

Mas há também fetos mal formados, tecnicamente, que, não sendo viáveis, não podem servir de veículo.

Cayce explica-se sobre isso:

Então, chega à carne uma alma que foi atraída, que foi chamada, por todas essas influências e atividades que iniciaram o processo da gravidez. (...) Muitas almas procuram entrar (no plano terrestre), mas nem todas são atraídas. Algumas podem ser repelidas. Algumas são atraídas e depois subitamente repelidas. E, nesse caso, a sua vida na Terra dura apenas alguns dias; muitas vezes, atribui-se a morte do bebé à doença, à negligência nos cuidados, ou a qualquer outra coisa. É verdade também, mas havia, ainda assim, no início, essa atração, não é?

Daí a dizer que o corpo é, de qualquer modo, construído pela entidade a partir do outro mundo, não, isso é falso. Mas essas forças físicas e mentais que foram construídas são justamente necessárias para permitir que a alma entre na Terra. (Leitura 281-53.)

O que se compreende, através destas duas leituras de Cayce, é que o próprio ato de união física entre duas pessoas de sexo diferente tem um poder de atração sobre as almas. O «Livro Tibetano dos Mortos», o famoso *Bardö-Thodol*, fala dos «ventres abertos» que procuram atrair o candidato à reencarnação com sons agradáveis, cores e formas atraentes... O *Bardö-Thodol*, que considera a reencarnação um mal menor, explica ao «recém-morto» como não se deve deixar atrair para qualquer lado...

Quanto à contraceção mecânico-química, ela implica uma contradição fundamental entre a união física, que tende a atrair as almas, e a recusa dessas almas.

Como perdemos a memória?

«Se eu tivesse tido vidas anteriores, lembrar-me-ia delas!», ouve-se dizer (por pessoas que não se lembram mais do seu primeiro biberão!). Como esquecemos as nossas existências anteriores?

Resposta de Cayce:

Quando o Homem toma consciência da sua existência no mundo material, a materialidade invade o seu espírito e apaga frequentemente a sua consciência de ser uma alma. (Leitura 262-89.)

Eis uma leitura que resume os objetivos deste mecanismo chamado reencarnação:

Cada entidade era, é chamada a tornar-se companheira/companheiro dessa Força Criadora a que chamamos Deus. Assim, cada entidade é uma criança desse Deus e uma parte do Todo. Por isso, os desejos latentes e realizados são meios de expressão para a entidade nas diferentes etapas da sua tomada de consciência. Na estadia material na Terra, esses desejos encontram a sua expressão e a sua realização através de três dimensões: corpo, mente e alma, para cada entidade. Essas dimensões, ou etapas, representam os três atributos espirituais acessíveis à inteligência daqueles que estão encarnados no plano terrestre.

Contudo, à medida que o mental e o espiritual ganham em expressão e em força, controlando cada vez melhor as experiências terrestres, a entidade desperta para outras dimensões durante a sua estadia na Terra. Por conseguinte, a alma consegue exprimir-se cada vez melhor através e por meio da matéria; manifesta cada vez melhor a sua mente e a sua alma. Embora o corpo dependa de todas as influências materiais, pode ser controlado — e também as emoções — pelo mental. E o mental deve ser dirigido pelo espírito. O espírito é essa porção da causa primeira que encontra a sua expressão em tudo o que é duradouro, no nosso mental e também na matéria. (Leitura 2533-1.)

Assim, cada entidade deve exprimir os seus desejos, isto é, a sua personalidade, a sua individualidade particular, a sua busca pessoal, através de um corpo que vai controlando cada vez melhor à medida das encarnações; em cada vida, aprende um pouco melhor a dominar as vibrações da matéria... Depois, desprende-se dela pouco a pouco. Por fim, regressa à Fonte Divina.

Carma e doenças

Para Cayce, como vimos, nenhuma doença acontece por acaso: somos nós que a desencadeámos nesta vida ou numa vida anterior, ao violarmos uma lei cósmica. O efeito de bumerangue alcança-nos então, mais cedo ou mais tarde... nesta vida ou na seguinte.

Evidentemente, nem todas as doenças são cármicas: se tiver uma indigestão no dia seguinte a um dia de festa em que se empanturrou de foie gras regado com Champanhe, o carma não tem nada que ver com isso... Contudo, atenção: ceder demasiadas vezes à gula hoje trará perturbações digestivas numa próxima vida. Arrisca-se a renascer com um corpo físico doentio, cujo «terreno» deficiente corresponde a uma antiga atitude mental errada. Será então obrigado

a trabalhar sobre essa atitude mental incorreta, isto é, em desarmonia com certas leis cósmicas e somatizada no seu corpo.

Um grande número dos casos analisados por Cayce parece demonstrar que cada doença física corresponde a um carma particular.

Por exemplo, a esterilidade, feminina ou masculina, corresponde a um carma criado numa vida em que se abandonou uma criança. Os que sofrem de hemorragias graves ou crónicas são os que, outrora, derramaram o sangue do próximo. Os que são atingidos de cegueira atualmente são os que, numa existência antiga, fecharam os olhos ao sofrimento alheio, etc.

Eis o caso de uma pessoa atingida de surdez porque, outrora, fechara os ouvidos aos pedidos daqueles que sofriam:

As reações profundas deste temperamento são de natureza cármica. Concretamente, pode melhorar, enfrentando essas condições cármicas na sua relação com os outros (...).
(...) Portanto, não feche mais os seus ouvidos, o seu espírito e o seu coração àqueles que vêm pedir-lhe ajuda! (Leitura 3526-1.)

Nos dossiês de Cayce, parece haver doenças mais ou menos cármicas. Por exemplo, encontram-se vinte e três casos de epilepsia cujas leituras afirmam ter uma causa anterior a esta vida.

Em todos esses casos, a epilepsia era relacionada com um carma de abuso sexual numa vida anterior. Quando se tratava de jovens doentes, o carma em causa não dizia respeito apenas à criança doente, mas também aos pais. Tal é o caso deste pequeno rapaz:

Assim, frequentemente, como no caso presente, os indivíduos são reunidos novamente, uma e outra vez... para que cada um deles, na sua experiência de vida atual, possa tomar consciência dos erros que cometera enquanto indivíduo nas suas experiências passadas, de vidas encarnadas na matéria; e para que lhes possa fazer face.

Esta entidade (o jovem rapaz) veio ao mundo num ambiente materialista. O que tem como consequência que não só ele, mas também aqueles que foram — e são — responsáveis pelo nascimento desta alma, devem enfrentar um conjunto de más condições tanto no plano físico como no plano mental. Que chegue finalmente o dia em que os homens compreendam a necessidade de se prepararem interiormente antes de dar a uma alma a possibilidade de nascer. Pois esta alma, este pequeno corpo, não foi desejado pelos pais.

Contudo, veio, neste ambiente, nessas atitudes mentais e nesses desejos físicos que provocaram o seu nascimento. E tudo isso deve ser enfrentado (pelos pais). Mas, se aderirem conscienciosamente ao que lhes indicámos, a doença poderá ser em grande parte eliminada, sobretudo na adolescência, quando ocorrerem essas mudanças internas no corpo (...).

Antes desta vida, a entidade estava na região de Salem, na cidade de Providence Town, quando havia perturbações e agitação, e se procurava suprimir certas pessoas que viviam experiências (místicas), acompanhadas de manifestações espirituais. A entidade esteve entre os que não só fizeram tudo para desacreditar essas pessoas (as famosas bruxas de Salem), como tentaram suprimi-las, elas e as suas manifestações. E não só explorou aqueles e aquelas que eram perseguidos, como abusou deles para satisfazer os seus impulsos sexuais. (Leitura 693-3.)

Ao pequeno doente desta leitura, Cayce recomendou não só um tratamento médico, mas também uma atitude de oração. Contudo, a criança, após uma melhoria, recaiu num estado pior. O tratamento era simples, mas fastidioso: os pais desanimaram. Ainda assim, vi outros dossiês de epiléticos na A.R.E. que mostram curas definitivas, atestadas por médicos, em casos em que os doentes seguiram as prescrições de Cayce. Nestas doenças cármicas, quaisquer que sejam, dizia Cayce, não se podia esperar qualquer melhoria sem uma mudança da atitude interior do doente (e/ou dos seus próximos).

Eis uma leitura dada para uma mulher de trinta e sete anos que sofria de um cancro do fémur; descrevia a dor como uma sensação contínua de dilaceração na carne:

Sob o reinado de Nero, em Roma, na parte final do seu reinado, a entidade pertencia à casa de Parthesias. Teve então ocasião de encontrar numerosos adeptos do cristianismo, no momento em que eram perseguidos e obrigados a descer às arenas para aí combater. A entidade assistia a esses combates porque estava sob a influência daqueles que os incentivavam. A entidade sentia, no fundo de si, que esses desgraçados expostos no Circo significavam algo mais profundo do que um espetáculo e, no entanto, pôs-se a rir de uma das jovens raparigas levadas para a arena, porque pensava que isso era indispensável para agradar aos seus companheiros. Depois tomou consciência do sofrimento físico dessa jovem rapariga. (...) Daí vem ter de enfrentar hoje o mesmo sofrimento. (Leitura 275-19.)

Outra leitura diz ainda, sobre a mesma pessoa:

A entidade pertencia à casa de um dos homens no poder, uma alta personalidade que tinha influência sobre as pessoas nessa época. Daí o facto de a entidade ter visto mais de um indivíduo perecer na arena, e é isso que hoje lhe traz este sofrimento de sentir os membros como se estivessem a ser rasgados... Nisto, a entidade decaiu moralmente. (Leitura 275-11.)

— Qual é o nome dessa jovem rapariga de quem me gozei cruelmente? — perguntou a doente.

Essa pessoa, que sofreu a tortura sob os dentes das feras, é hoje, para ti, um ser querido e muito próximo. (Leitura 275-22.)

Com efeito, a jovem rapariga em questão era hoje a sua cunhada, que cuidava dela com grande devoção.

— E por que tive eu de esperar por esta encarnação para liquidar esse carma romano?

Porque isso não podia ser feito antes! (Leitura 275-25.)

— E que ideia, ou que ideal, vindo da época romana, nos decidiu a reencarnar hoje, nesta relação familiar?

... Cada alma procurou o meio, a ocasião de exprimir o que era necessário ao seu próprio desenvolvimento espiritual, nesta vida, e em relação com a outra alma. (Leitura 275-38.)

Na primeira leitura, a doente perguntou se havia esperança de cura. Cayce respondeu:

Depende inteiramente da resposta deste corpo. O seu despertar, a sua tomada de consciência interior das forças acumuladas nela, pode levar as forças do mental a aplicarem-se com sucesso às forças da matéria. (Leitura 275-1.)

Ou seja, a cura dependeria do pensamento, da atitude mental da doente, do seu poder de controlar as reações do corpo. Mais tarde, Cayce acrescentou:

A resposta positiva do corpo a essa atitude mental não será rápida ao início; mas, uma vez iniciado o processo, a melhoria é segura e certa.

A jovem mulher tomara consciência de que, ao enfrentar essa doença, enfrentava, na verdade, uma má atitude interior criada por si própria outrora. Levou muito a sério os conselhos de Cayce: meditou, rezou, esforçou-se por se esquecer de si e por progredir espiritualmente. E, finalmente, o cancro curou completamente!

Em Julho de 1926, Cayce recebeu um pedido de socorro de um jovem, antigo mineiro de fundo das minas de carvão da Virgínia:

— Fui ferido num acidente de automóvel há quatro anos (...). E aqui estou, paralisado da cabeça aos pés. Fui operado três vezes, mas sem resultado. Os médicos não entendem nada do meu caso.

No mês seguinte, Cayce deu para ele a seguinte leitura:

A vida atual desta entidade, através do seu estado físico, é a continuação normal das suas experiências terrestres. E esta vida é mais interessante do que a doença em si mesma (...). Pois muitos dos seus males atuais foram merecidos por ele: são uma consequência dos seus pensamentos e das suas ações...

E, no fim da leitura, as testemunhas ouviram Cayce dizer, numa voz tão baixa que mal se podia ouvir:

Veja, este homem é Nero. (Leitura 33-1.)

Cayce pouco prometera em termos de melhoria, mas encorajou antes o inválido a progredir espiritualmente e moralmente. Numa outra leitura dada para alguém que conhecia esse homem, Cayce declarou:

Não pudemos fazer-lhe nenhum bem no plano físico. Contudo, as informações que lhe foram dadas (pela sua leitura) puderam despertar um pouco o espírito deste homem, considerado analfabeto. Esta entidade, no seu subconsciente, torna-se progressivamente consciente de que enfrenta em si mesma essas forças destrutivas que outrora manipulou e fez pesar sobre a humanidade, noutra fase da sua experiência terrestre. (Leitura 900-295.)

Em 1940, esse homem morreu. Tinha vivido dezoito anos completamente impotente, inteiramente a cargo de organizações caritativas... cristãs! A sua vida dolorosa, totalmente falhada e aparentemente inútil, provavelmente ajudara-o a liquidar uma parte do carma acumulado enquanto Nero.

E, como se reencarna em grupo, encontra-se também uma das amantes de Nero nos dossiês de Cayce! Trata-se de uma consulente que sofria desde sempre de uma malformação das costas e de várias mutilações acidentais:

Sendo uma das companheiras desse homem que perseguiu a Igreja tão profundamente e mandava tocar violino enquanto Roma ardia. É essa a razão por que a entidade foi desfigurada no seu corpo desde o nascimento. (Leitura 5366-1.)

Assim, nunca somos vítimas de ninguém, senão de nós mesmos. E, se as aparências imediatas parecem levar a crer que é vítima, isso é sempre falso à luz

das leis do carma: colhe apenas o que semeou nesta vida ou numa vida anterior. As afirmações de Cayce sobre a origem cármica das doenças suscitaram um grande número de trabalhos de investigação. E, se é difícil verificar uma vida anterior na época romana, por falta de documentação, é possível verificar vidas anteriores mais recentes. Foi o que fez o Dr. Ian Stevenson, na Universidade de Charlotteville, na Virgínia (E.U.A.).

Os seus trabalhos puderam confirmar esta hipótese da origem cármica de certas doenças. O Dr. Stevenson dedica-se há anos a conduzir inquéritos em diferentes países do mundo; estuda aí, em particular, as marcas de nascença que as crianças trazem ao nascer e as deficiências ditas também de nascença. Analisa-as à luz do que a própria criança diz, quando ainda é muito pequena, assim que começa a falar. Não se podem ler estes inquéritos sem ficar impressionado. Por exemplo, o caso do pequeno Witjeratne Hami, no Ceilão, nascido com uma mão paralisada, que dizia: «Foi com esta mão que matei a minha mulher antes de nascer aqui.»

A reencarnação pode ser provada cientificamente?

De entre várias centenas de casos estudados no mundo, o Dr. Stevenson escolheu vinte, os mais impressionantes, que reuniu sob o título *Vinte casos que sugerem a reencarnação*[10]. Estes inquéritos minuciosos, de um rigor científico indiscutível, talvez não provem a reencarnação a cem por cento... mas não se lhes conseguiu encontrar qualquer outra explicação lógica! A equipa do Dr. Stevenson considerou sistematicamente que estes casos poderiam explicar-se por telepatia, sugestão, manipulação, fraude, etc., mas não encontrou nada disso.

Mas, se é relativamente fácil obter relatos de vida anterior recente e verificá-los, é muito raro ter meios de verificar vidas anteriores antigas: quem lhe poderá provar que foi um escravo atlante ou uma carpideira egípcia? Em contrapartida, se se tratar de uma personagem conhecida, há provas da sua existência... Mas pode também supor-se que o sujeito que afirma ter sido essa personagem leu uma biografia! E que estes supostos «recordações» de uma vida anterior não passam de uma memória de leitura, ou de um filme, etc.

Em suma, as pessoas conhecidas são demasiado conhecidas, e os desconhecidos impossíveis de verificar! Uma grande parte das vidas anteriores descritas por Cayce cai neste último caso.

No entanto, para os últimos dez séculos, existem arquivos.

Em França, pode ir-se muito longe: penso, por exemplo, nos processos da Inquisição que conservaram os testemunhos dos Cátaros do Languedoque. Esses processos precisos, tão detalhados, que neles se pode ler o nome, a idade, o sexo, a profissão, o domicílio de cada suspeito interrogado (nos séculos XII e XIII!) existem ainda (ver Jean Duvernoy, *Histoire des Cathares*, Éditions Privat, Toulouse, 1979). Foi assim que um médico inglês, o Dr. Arthur Guirdham, pôde verificar as «recordações» cátaras de uma das suas pacientes, que se lembrava de ter sido queimada por volta de 1250 (*Les Cathares et la Réincarnation*, Éditions Payot, Paris, 1971).

Para vidas anteriores americanas, há muito menos arquivos do que para a Europa. Contudo, puderam efetuar-se algumas verificações dos dossiês Cayce. Por exemplo, no caso desse músico cego (que, aliás, recuperou a vista graças aos conselhos de Cayce!), que tinha uma paixão pelos caminhos-de-ferro e mostrava também um vivo interesse histórico pela guerra da Secessão. Cayce disse-lhe que ele tinha sido um soldado sulista, no exército do general Lee; que, na vida civil, fora ferroviário; a leitura dava o seu nome: Barnett Seay. E acrescentava que os arquivos da Virgínia guardavam o registo. Esse homem foi verificar. Encontrou, com efeito, menção a um certo Barnett Seay, porta-estandarte do exército de Lee, correspondendo ao sinalamento.

«Parece difícil insistir em dizer que tudo isto não passa de pura imaginação da parte de Edgar Cayce: estamos aqui perante um documento tangível, que confirma a história. Se se quisesse explicar o caso pela astúcia de uma vidente que captaria os interesses vitais do seu consulente e o seu temperamento, acrescentando-lhes muita imaginação, isso é insuficiente. Seria também necessária uma vidência especial para ir remexer nos registos do Estado da Virgínia um processo desconhecido...»

Tomei estas linhas do excelente livro do Dr. Cerminara sobre a reencarnação: *Muitas vidas, muitos amores* (Edições Adyar, Paris, 1984).

É certo que não se pode negar em bloco nem a reencarnação em geral — sobre a qual se acumulam atualmente documentos — nem varrer com um gesto de desprezo os dossiês Cayce, sob pretexto de ainda estarmos longe de poder verificá-los todos. Cayce talvez não tenha dito a verdade a cem por cento. É certo que há nesses dossiês erros e incoerências. Serão devidas a erros de transcrição? Ainda assim, poder-se-ia conceder a Cayce o benefício da dúvida: uma vez que as leituras médicas foram tantas vezes corretas, resistindo tão bem ao inquérito científico feito hoje, por que não pensar que as leituras de vidas anteriores podem ser exatas na mesma proporção?

Aliás, se considerarmos que foram dadas:

- por um homem que, durante muito tempo, não acreditou na reencarnação;
- que era totalmente desprovido de cultura literária ou histórica;
- que durante muito tempo chegou mesmo a recusar-se a receber pagamento.

Então, como explicar essas fantásticas revelações científicas e arqueológicas, em que Cayce falou do laser antes de ele ser conhecido, dos Essénios antes de se traduzirem os «Manuscritos» do Mar Morto e do planeta Plutão antes de ele ser descoberto?

Carma e acidentes

Como acabámos de ver na leitura dada para esse inválido que teria sido Nero, também os acidentes poderiam ter uma causa cármica. É o que afirma Cayce, acrescentando que aqui também a lei natural do Carma — «olho por olho, dente por dente» — cede o lugar à Lei da Graça de Cristo... se a entidade nisso consentir. E os acidentes podem assim ser evitados!

Retomemos o caso dessa menina de que falei mais acima, que fora decoradora na Corte de França e depois uma pequena americana morta num acidente de automóvel no século passado. Eis o que a leitura ainda diz:

Na vida atual, ela tem tendências latentes para acidentes. E deve avisar-se a entidade e preservá-la disso, não a impedir de viajar, mas saber com quem vai de viagem e em que condições. Caso contrário, pode haver acidente de automóvel, ou em qualquer viagem, e risco de ficar parcialmente inválida. Isso faz parte do seu carma, A MENOS que observe a Lei da Graça, que permite que o carma não se concretize numa experiência vivida. Daí a importância extrema, a necessidade de ajudar a entidade a desenvolver a sua confiança nas Fontes Divinas, a entregar-se a elas; a confiar os seus objetivos, todas as suas esperanças a essas forças da natureza divina. (Leitura 1635-3.)

Mais adiante, Cayce diz que:

A entidade sempre gostou de viajar e, no entanto, como dissemos, terá de ser prudente, particularmente de automóvel, quer se trate de um carro automóvel quer de uma carruagem de comboio. Haveria mais segurança para ela em viajar de avião. (Idem)

Cayce não precisa exatamente por que razão os acidentes fazem parte do seu carma, mas descreve essa menina como colérica e impulsiva... Hoje, se a

deixarem seguir sem precauções, o acidente pode acontecer. Mas se, voluntariamente, mais tarde, ela se esforçar por entrar, diz Cayce, na Lei da Graça, já não terá de sofrer a dura Lei do Carma. Trabalhando sobre si mesma segundo os ensinamentos de Cristo, as consequências impiedosas da Lei de Causa e Efeito serão anuladas. Aprendendo a dominar a impulsividade e o egoísmo, evitará o acidente: o carma permanecerá em estado latente.

Muitos acidentes acontecem por impulsividade: pode aprender-se a controlar-se, a canalizar o fogo interior, a suavizar o egoísmo primário. Penso nos condutores que querem a todo o custo passar à frente dos outros...

Correm ao encontro de um acidente, nesta vida, por simples Lei de Causa e Efeito, ou na vida seguinte, por Lei do Carma. Se compreenderem quão egoísta é a sua atitude, se perceberem a tempo que os outros também existem, então o acidente deixa de ser indispensável. Torna-se inútil assim que a lição é compreendida. O acidente cármico só se produz como choque que permite a tomada de consciência. Pode, portanto, ser evitado...

E quando é que se acaba de reencarnar?

Muitas almas antigas sentem um grande cansaço de viver. Quando começam a despertar no plano espiritual, reencontram impressões de «entre-vidas» e lembram-se de que conheceram mundos melhores. Homens e mulheres de grande qualidade disseram-me: «Reencarnação? Horror! Eu não quero voltar a este planeta!» — um «já não posso mais» característico daqueles que já viveram um grande número de vidas terrestres. Sim, mas enquanto lhes restar uma lição a aprender aqui:

Tudo o que foi começado na Terra deve ser terminado na Terra. (Leitura 5747-14.)

Alguns conseguem.

No exemplo citado acima, o bando do Nero!, tratava-se de um grupo de almas caídas muito baixo. No entanto, uma delas:

pode ser posta à parte. Pois, através das suas experiências na Terra, avançou. Partindo de um grau muito baixo, evoluiu até já não ter necessidade de se reencarnar na Terra. Não é que tenha atingido a perfeição, mas existem reinos onde essa entidade poderá continuar a sua instrução, se se agarrar ao ideal daqueles que outrora desprezou (trata-se dos mártires cristãos do tempo de Nero)... Pois esta entidade decidiu: «Que os outros façam o que quiserem; quanto a mim, servirei o Deus vivo.» (Leitura 5366-1.)

Reencarnar ou não depende, portanto, da vontade de cada um. Conforme o grau de realização a que chegou, uma outra vida será ou não necessária:

— Em média, mais ou menos de metade das almas realiza o que tinha previsto?
Como se trata de um avanço contínuo, mais de metade.

— A hereditariedade, o ambiente e a vontade pesam de igual modo para ajudar ou atrasar o desenvolvimento de cada entidade?

A vontade é o factor mais importante, pois pode dominar qualquer outro factor, desde que seja posta em acordo com o programa de vida, compreende? Pois nenhuma influência hereditária, nenhuma pressão do ambiente, ou outra, é mais forte do que a vontade. (Leitura 5749-14.)

Progride-se automaticamente de uma vida para a outra?

Relendo certas leituras de Cayce, notei uma frase que volta muitas vezes: A entidade ganhou e perdeu nesta experiência de vida (ou então apenas ganhou, ou apenas perdeu...).

É evidente, segundo inúmeras leituras — incluindo as de Cayce para si próprio — que se pode regredir moralmente:

Nessa vida, a entidade ganhou, depois perdeu. Pois, quando certos falavam dela criticando-a, ela podia muito facilmente, graças às suas funções importantes, semear o terror à sua volta. Era temida, e aqueles que não lhe mostravam deferência suficiente sofreram com isso. (Leitura 1700-1.)

... Pois, se os nossos programas terrestres são feitos para nos ajudar a progredir, certos seres não avançam e, até, fazem durante bastante tempo «gazeta»! É assim que se encontram almas antigas que ainda arrastam, após dezenas e dezenas de vidas em que sempre se atolaram nos mesmos sulcos... Essas almas são hoje fortemente encorajadas, pelos seus guias espirituais, a encarnar para progredir agora mais depressa. Já que, como diz Cayce, caminhamos para um novo tipo de humanidade, os atrasados são encorajados a evoluir:

Pois, como foi indicado, nos próximos anos entrarão na Terra muitos daqueles que devem preparar o caminho para uma nova raça de homens, para as novas experiências do Homem. E isso será parte das atividades, dos abalos, que prepararão o Dia do Senhor. (Leitura 3514-1.)

Se a nossa geração não compreende muito bem do que se trata, os futuros leitores de Cayce compreendê-lo-ão melhor.

Na sua perspetiva otimista, acaba-se sempre por lá chegar. Ele repete muitas vezes:

Ele quer que nenhuma alma pereça, entendendo com isso que Deus, no Seu amor, nunca se cansará de ir «estender a mão» aos extraviados.

O que equivale a dizer que o Inferno eterno dos católicos não existe na perspetiva cayciana. É, aliás, uma das razões que explicam o desaparecimento da reencarnação no ensino das Igrejas cristãs: o Inferno eterno pareceu mais dissuasor! (Ver também, sobre este tema, o livro de J.-F. Crolard, *Renaître après la mort*, Éditions Robert Laffont, 1979.)

Segundo as leituras, muitos homens e mulheres parecem ter vivido outrora vidas notavelmente elevadas no plano moral. Mas era apenas a graça da infância, a inocência dos principiantes... Essas almas, ainda muito jovens, estavam muito próximas — explica Cayce — da sua origem divina. Guardavam a lembrança da sua criação. Mais tarde, deixaram-se ir... Quantas crianças encantadoras se transformam em frutos secos, em falhados, na idade adulta... É que, sob o encanto da infância, escondiam tendências negativas. Ou então, tendo sido demasiado mimados pelo seu meio, adquiriram hábitos de indulgência consigo próprios. Não há, pois, nenhuma autocomplacência a cultivar por se ter sido «alguém de bem» mil anos antes! Pode ter-se sido um «santo», segundo Cayce, e cair depois muito baixo... Imagine a minha surpresa ao ler as duas leituras seguintes:

— Senhor Cayce, tenha a bondade de responder (...) às perguntas que lhe forem colocadas sobre a presente entidade (trata-se de um menino de sete anos, nascido a 11 de Novembro de 1935, em Chicago):

Sim, temos aqui os dossiês relativos a esta entidade. São bastante insólitos. Trata-se de uma personagem totalmente invulgar na sua individualidade, e a personalidade desta entidade encontra-se num contexto muito diferente do de outrora. Se considerarmos as atividades desta entidade ao longo das suas estadias anteriores na Terra, isso pode chocar alguns (...). Pois, antes desta vida, a entidade foi um santo padroeiro de França! E, no entanto, alguém bastante preguiçoso, segundo as normas de hoje...

Experiência que pareceria bastante contraditória com a sua vida atual, se não a reencontrássemos a influenciar o presente. A entidade verá apresentar-se diante de si certas oportunidades; deem-lhas, essas oportunidades e esses trunfos!, permitindo-lhe desempenhar um papel dirigente nas relações diplomáticas entre os povos de França, as Igrejas, os povos da América... Pois a entidade deveria estudar para ser diplomata. Terá um papel a desempenhar nas

relações que um dia se desenvolverão com vista ao desenvolvimento espiritual e material dos povos... E isso acontecerá quando atingir a idade de cinquenta e quatro anos. Muitas mudanças se terão produzido então. Mas o corpo chamado hoje Sr. X está preparado para isso. Pode enfrentá-las como o fez na Gália, quando se chamava Martinho, nessa vida em que o fizeram santo padroeiro! (...)

Interessar-se-á especialmente por línguas, em particular o francês, o latim e o espanhol, que deveriam fazer parte do seu programa escolar. Não numa perspetiva clerical, mas com vista às relações diplomáticas entre as nações, relações que devem ser inspiradas pelos princípios de Cristo.

Mercúrio e Júpiter, bem como Saturno, são aqui as forças mais influentes. A entidade, se não lhe ensinarem a canalizar essas forças, a dirigi-las, arrisca-se a tornar-se uma pessoa indolente, preguiçosa. Daí a necessidade de começar a estudar essas tendências, a fim de motivar a entidade; graças ao que se interessará pelo que foi e talvez vá até ao fim daquilo que a interessar.

Antes, a entidade vivia quando o Mestre caminhava sobre a Terra, na casa de Cornélio, que foi mais particularmente dirigido e ensinado por Pedro. Daí o interesse da entidade por tudo o que é insólito e misterioso (...) e pelos princípios do cristianismo. (...)

Antes disso, a entidade estava no Egipto numa época em que se formavam diplomatas para missões no estrangeiro. (...) A entidade foi preparada para ser enviada como emissário aos países do Templo do Ouro (a Mongólia, como veremos mais adiante). (...) Assim, esta criança interessa-se pelas coisas orientais, especialmente pelo que vem da China e da Indochina. Pois, nesses países e nessas épocas, atingiu um grande poder. Sem jamais, contudo, esquecer os ideais religiosos que trouxera do Egipto (...).

Portanto, eduquem esta entidade na direção para onde deve ir... Pronto para as perguntas. (Leitura 3202-1.)

E pronto! A leitura é tal como eu lha traduzi. A avó da criança, que pedira a consulta, colocou perguntas:

— Quando e onde é que esta criança conheceu a sua avó atual?
Na Terra Santa: ela era sua professora, ensinava-o. E no Egipto, onde ele era seu filho.

— E por que razão esta entidade escolheu este corpo?
Para encontrar as condições, as circunstâncias, que lhe permitirão desenvolver uma escolha de atividades que constituem a sua experiência ao longo das diferentes vidas na Terra.

— E a entidade esteve associada ao seu avô paterno?
Na vida imediatamente anterior (portanto, como São Martinho de Tours). Ele era o seu adjunto, o seu ajudante, e instruíam-se mutuamente. Preparem esta criança (Cayce diz: «este corpo»!) para o trabalho que terá de fazer. Terminada esta leitura. (Dada a 9 de Setembro de 1943.)

... O mais engraçado, para um leitor francês, é que a avó da criança não se preocupa minimamente em saber quem é São Martinho: não faz qualquer pergunta sobre isso! Visivelmente, o nome desta personagem é-lhe totalmente desconhecido. Para Cayce e os seus consulentes, a Europa era «terra incognita»! Quanto a França, as pessoas que vi na Fundação Cayce, na sua imensa maioria, ignoravam que este país tivesse continuado a existir depois de La Fayette...

Eis uma outra aparição, vinda do Egipto — como muitas encarnações francesas — e não menos surpreendente:

Na vida anterior, encontramos a entidade a viver durante esse período do reino de França em que uma mulher surgiu como chefe deste país. Era ela, a entidade, que se tornou, no espírito de muitos, um modelo de força e de beleza. Contudo, foi perseguida e, nessa vida, ganhou tudo e perdeu tudo, ganhando e perdendo no plano espiritual; o seu nome era Joana d'Arc. Assim, na vida presente, procura sempre guiar, conduzir, dirigir. No entanto, a força dos seus talentos parece ainda não se aplicar na direção certa.

Na vida anterior (...) a entidade foi a mãe de Aquiles (...). Perdeu no plano moral pelo seu gosto do poder (...).

Na vida ainda anterior, encontramos a entidade no que é conhecido como o Egipto, quando divisões dilaceraram o país. E a entidade era o líder desse país, quando o rei do Norte então no poder depôs o soberano; a entidade guiou-o por um mau caminho, num mau uso do poder popular. O seu nome era Isdio. A entidade perdeu moralmente durante a primeira parte da sua vida, ganhando depois quando o seu povo foi atacado (...). E, nos seus últimos dias, ajudou muito o seu povo no caminho da compreensão entre conquistadores e conquistados, entre poetas e camponeses, entre mestres e escravos (...). Sempre com essa devoradora necessidade de ação... Sempre ativa, ativa, ativa... (Leitura 302-1.)

A 29 de Outubro de 1927, o próprio Edgar Cayce escreveu:

«Pois bem! Esta leitura para a menina X caiu-nos em cima como uma pinha da árvore de Natal...»

Mas a pessoa em causa não se comoveu minimamente com esta extraordinária revelação: «Obrigada por esta leitura, que li e reli. É realmente interessante e faz-me desejar compreender melhor o vosso trabalho, que espero poder um dia aprofundar. Devo confessar, contudo, que algo me desiludiu um pouco: não me diz se encontrei a minha profissão ideal para o futuro. No entanto, interessa-me muito e estou certa de fazer dela o sucesso da minha vida.» Ela era *saleswoman*, isto é, vendedora!

Cayce talvez ignorasse São Martinho de Tours, mas os anglo-saxões, em geral, ouviram pelo menos falar de «Joana d'Arc». O que, uma vez mais, espanta acima de tudo é a reação da vendedora — ou antes, a sua falta de interesse no que diz respeito a Joana d'Arc: terá ela percebido que se trata de uma das grandes figuras da História? Seguramente não; caso contrário, teria feito perguntas sobre a sua dívida cármica enquanto Joana d'Arc...

Evidentemente, como diz Cayce, isso é chocante. Quando a Igreja católica canoniza um santo, poderá realmente estar em condições de julgar? Sabe-se que Calvino e Lutero lhe contestaram essa competência. As canonizações na Idade Média foram muitas vezes atos políticos — e já no tempo de São Martinho de Tours...

Quanto a Joana d'Arc, a sua canonização é tardia: durante muito tempo houve «dúvidas». No plano teológico, a atribuição oficial de um certificado de santidade é extremamente discutível — e discutida. Terá Cristo Jesus alguma vez falado em canonizar quem quer que fosse?

Enfim, quer se tenha sido a Pucela quer apóstolo das Gálias:

Nunca é tarde demais para corrigires o teu caminho. Pois a vida é eterna. E, se hoje és o que és, é por causa do que foste. Durante anos, és cocriador com o teu Criador, para que um dia possas estar presente no Seu advento, com todos os que O amam. (Leitura 5284-1.)

Almas velhas, almas jovens e futuras encarnações

À medida que as almas progridem para a luz, encarnam em personalidades mais complexas e mais luminosas. Os seus talentos, as suas aptidões, desenvolvidos de vida em vida, exprimem uma percentagem maior da entidade total e de forma mais harmoniosa. É assim que se diz de alguns: «É incrível, é bom em tudo!» Trata-se tipicamente de «almas velhas», isto é, pessoas que experimentaram tantas situações e viveram tantas aventuras que nenhuma situação lhes parece verdadeiramente nova. Em cada circunstância, em cada pessoa, reencontram algo de conhecido. Pelo contrário, as «almas jovens», as

que ainda têm pouca experiência no plano terrestre, têm de aprender a manejar as suas vibrações.

Quando um indivíduo se atol(a) nos mecanismos da matéria, as suas aptidões intelectuais, artísticas, físicas, parapsicológicas, etc., atrofiam-se e ele aparece como uma personalidade muito rudimentar.

O que faz a alma entre duas encarnações? Veremos isso no capítulo da astrologia: Cayce diz que cada entidade deve percorrer todos os planos planetários — os lugares planetários, se preferirmos — do nosso sistema solar, para aprender todas as suas vibrações. Deve tornar-se ela própria um sol no fim do percurso!

O conhecimento das vidas anteriores nem sempre é isento de perigo para almas imaturas. Depois de ter dado numerosas leituras de vidas anteriores, Cayce compreenderá melhor que a reencarnação não é para pôr em todas as mãos. Vê-se isso em certas terapias: há pessoas a quem não faz bem nenhum desenterrar os seus cadáveres... Mais vale deixá-los dormir nos armários! É também a razão pela qual Cayce não dava todas as vidas anteriores dos consulentes: é inútil carregar-se de recordações que não servem para nada!

Algumas pessoas já se preocupam com as suas futuras encarnações. Ora, encontram-se muito poucas respostas sobre isso nos dossiês Cayce. E é normal, porque, em última análise, isso dependerá da forma como se tiver conduzido esta vida.

— Onde e quando me reencarnarei da próxima vez? E estarei associado às mesmas pessoas de hoje? E quais?
Mais valeria preparar-se para se reencarnar em boa forma. Tudo isso depende muito da maneira como se usam as oportunidades oferecidas pela vida presente. O que será de uma vida para a outra não foi definido desde tempos imemoriais...

O Criador tinha criado o Homem com a intenção de o fazer Seu companheiro, quer no céu quer na Terra, ou em qualquer plano de consciência... Para chegares a tornar-te companheiro das Forças Criadoras, onde quer que estejas, quanta vontade, que força de querer terás de pôr nisso? É também uma Lei. O que semeias, isso colhes (...). Portanto, tens de começar onde estás atualmente. Que nos foi ensinado? Que era preciso começar com o que se tinha à mão! Portanto, desde hoje, se ouvires a Sua voz, não feches o teu coração.

(Leitura 416-18), dada a um homem que tinha problemas de audição porque, sugere a leitura, não «ouvia» a sua voz interior...

Eis outro caso, excecional, pois Cayce nele prediz muito claramente uma futura encarnação:

No que diz respeito às vidas anteriores desta entidade, viveu na corte de Alfredo, o Grande, em Inglaterra. E, na sua vida atual, pode ver-se a influência disso nesta aptidão para compreender tudo o que toca ao Direito escrito. Assim, na sua próxima vida, reencontraremos esta entidade como advogado. (Leitura 304-5.)

Carmas diferidos e carmas coletivos

O leitor lembrar-se-á dessa consulente que tinha um carma a liquidar, datado da Roma antiga (leitura 275-25, citada acima). É o que se chama um «carma diferido»: a entidade espera vários séculos para se encontrar na situação adequada, isto é, aquela em que as condições lhe permitirão trabalhar no sentido que deseja e com as pessoas por ela escolhidas.

Cayce diz que muitas almas atlantes se reencarnam atualmente porque encontram na nossa época um nível tecnológico que as recoloca nas mesmas condições que na Atlântida: condições em que tinham de escolher entre o progresso científico para fins egoístas ou o serviço do próximo, implicando um controlo espiritual da ciência. Mas voltaremos a isso um pouco mais adiante.

Existem também «carmas coletivos», que dizem respeito a toda uma coletividade, tanto no plano da saúde como no dos acidentes ou das guerras...

Um exemplo: quando as almas que participaram numa guerra e criaram um carma de violência regressam à mesma nação, pode ter-se a certeza de que haverá uma nova guerra feita a essa nação. Isso é o que diz a tradição esotérica... mas também Cayce! Os jornalistas dirão, eles, que tal país agrediu tal outro. Na realidade, os agredidos de hoje tinham sido os agressores de ontem.

Os desgraçados que se reencontraram reunidos nos campos de concentração eram, certamente, em primeiro grau, vítimas. Mas, se se examinassem as suas encarnações anteriores, seria possível reencontrar essas mesmas vítimas na posição de agressores? Segundo os princípios da filosofia cayciana, é provável que sim. E que aqueles que se encarnaram numa nação, ou num grupo social destinado a ser vítima, o sabiam de antemão; escolheram o seu destino para liquidar um carma antigo...

A 24 de Junho de 1938, Cayce deu uma leitura geral sobre a situação internacional. Quando o interrogaram sobre Espanha, onde a guerra civil grassava, declarou:

Isto é uma consequência do que foi semeado há muito tempo... (Leitura 3976-19.)

E, segundo ele, se esta guerra de Espanha foi particularmente violenta, é porque correspondia a um período de reencarnação de conquistadores e de almas atlantes... Quando o interrogaram sobre França, disse:

Em França, veja, há uma velha dívida que um dia se terá de enfrentar... (Mesma leitura.)

Essa dívida iria tomar a forma da invasão alemã!

A 5 de Junho de 1943, Cayce disse ainda:

Como muitas vezes foi dito, em certos períodos chegam à Terra os indivíduos pertencentes a certos grupos de almas. Assim, entre '09, '12, '10 e '11 (1909 a 1912), chegou um grande fluxo de Atlantes, que teve — e tem atualmente — uma enorme influência no mundo de hoje. Pode dizer-se que não há um só homem célebre desta guerra atual que não tenha sido um Atlante, vivo ou morto! (Leitura 3029-1.)

Se acreditarmos em Cayce, Hitler seria então atlante?

O problema do mal e a reencarnação

Para terminar, eis as respostas dadas por Cayce a algumas grandes questões eternas... Thomas Sugrue, seu biógrafo, perguntou-lhe:

— O mal, as trevas, a negação, o pecado, como se diz... pode afirmar-se que isso era um elemento necessário da criação? E que as almas, uma vez dotadas de livre-arbítrio, se viram com o poder de abusar dele, isto é, de o empregar para a sua perdição?

Foi o livre-arbítrio que foi usado para se perder (enquanto a alma vivia) na relação com Deus.

— E a queda do homem? Era algo inevitável no destino das almas humanas? Ou era algo que Deus não desejava, mas que não impediu depois de ter dado ao homem o livre-arbítrio? O problema é reconciliar a omnisciência de Deus — o facto de Ele saber tudo — com a livre escolha da alma e a sua queda em desgraça.

Deus não impediu nada, depois de ter dado às almas o livre-arbítrio. Pois, desde o início, criou as entidades individuais, ou almas. E os começos do «pecado», para elas, foram procurar a sua expressão fora do plano previsto por Deus para elas. Assim, foi um erro dos indivíduos, veja? Tendo-lhes dado o livre-

arbítrio, portanto, embora sabendo de antemão o que iam fazer e tudo o que ia acontecer, porque Ele é Omnipresente e Todo-Poderoso. Só quando a alma, que é uma parte de Deus, faz a sua escolha, é que Deus sabe como isso vai terminar!

— E a presença do homem na Terra? Estava previsto, na origem, que as almas ficassem fora das formas terrestres? Tornaram-se necessárias as raças humanas para reparar o erro?

A Terra e as suas manifestações de vida eram apenas, para Deus, um meio de Se exprimir, mas não necessariamente um lugar de habitação para as almas humanas, até que o Homem fosse criado para responder à necessidade das circunstâncias.

— Ao estudar as leituras de vidas anteriores que dá, tem-se a impressão de que há uma tendência para a decadência: desde as encarnações mais antigas há um deslizar para mais materialismo e menos moralidade... depois, uma subida, acompanhada de sofrimentos, paciência, esforços de compreensão e de inteligência... é esse o percurso normal? Um percurso em que o progresso se obtém aplicando a livre vontade e o pensamento para reencontrar a unidade com Deus?

Correto. É o esquema que ele estabeleceu.

— As condições criadas pelos pais no momento da conceção atraem uma alma específica, por lhe oferecerem aproximadamente o ambiente no qual deseja trabalhar?

Mais ou menos. Mas não definitivamente. Pois a entidade individual — o indivíduo, ou alma — uma vez que lhe foi dada essa oportunidade, dispõe da sua própria liberdade para trabalhar, ou não, sobre os problemas trazidos pela união desse casal parental. Contudo, essa união abre uma via, isto é, oferece a uma entidade individual a sua oportunidade de se exprimir.

— A alma carrega, ao chegar, obrigatoriamente, uma parte do carma dos seus pais?

Na medida da sua relação com eles, sim. De resto, não.

— Há vários programas de desenvolvimento possíveis para uma alma? Conforme o grau de evolução no qual deseje trabalhar. E, nesse caso, uma alma pode escolher uma ou outra das diversas personalidades que convêm à sua própria individualidade?

Exato.

— Outro problema: sobre os factores da evolução da alma. O espírito construtor (*mind, the builder*) deve desenvolver-se por último, porque não pode desdobrar-se se não tiver uma base sólida de equilíbrio emocional?

Sim e não: ambos. Se acontecer que a alma aplique toda a sua vontade a esse desejo de estar unida a Deus, então é necessário que, antes de atingir esse fim, reconheça que o espírito é o meio.

— As almas ficam presas na engrenagem de outros sistemas como ficam no nosso sistema solar?

Noutros sistemas análogos, onde existe algo comparável ao que a Terra representa para nós.

— É absolutamente necessário terminar a evolução no sistema solar antes de ir para outros sistemas?

É preciso terminar o ciclo do sistema solar.

— A unidade com Deus pode ser atingida — isto é, o termo da nossa evolução — em qualquer sistema estelar, ou tem de ser num sistema particular?

Depende de em que sistema a entidade entrou, ao certo. A evolução pode ser concluída em qualquer um dos numerosos outros sistemas estelares. (Leitura 5749-14.)

Isto leva-nos à teoria cayciana das «estadias planetárias»: o que fazem as almas entre duas encarnações na Terra? Pois bem: vão explorar outros planetas. Voltaremos a isso no capítulo sobre astrologia.

Em todo o caso, a filosofia cayciana da reencarnação tem algo de maravilhoso: reconcilia destino e vontade. Por outras palavras, a predestinação e o livre-arbítrio. O que acontece nesta vida não é o resultado de uma predestinação cega: fomos nós que o escolhemos, decidimos e provocámos noutras vidas e nesta (mesmo que, muitas vezes, o tenhamos esquecido!).

Cayce insiste muito no poder do livre-arbítrio; é também o sentido da frase que repete sem cessar: *Mind is the builder*, isto é, que «é o vosso espírito», que é livre, que «constrói TUDO».

A reencarnação animal

Questão muito debatida, sobre a qual os grandes médiuns não estão de acordo. Talvez haja verdades que não somos suficientemente maduros para aceitar...

Os humanos reencarnam em corpos de animais?

Na Índia, muitos pensam que sim.

Era também o ponto de vista admitido em certas escolas de iniciados na época grega e romana. Testemunho disso é o episódio em que Apolónio de Tiana fala com a alma do faraó Amásis, aprisionada no corpo de um leão como punição das suas faltas. E o leão começa a chorar diante da multidão... São Justino (morto em 165) ensina que: «As almas que se tornaram indignas de ver Deus, em consequência dos seus atos durante encarnações terrestres, retomam corpos de animais inferiores.» (Em Dr. Berthollet, *La Réincarnation*, Ed. Rosicruciennes.)

Já que o poder do nosso espírito é tão grande, por que lhe seria impossível encarnar-nos num corpo animal, se disso houver necessidade?

Cayce não se pronunciou claramente sobre isto. Deus sabe que há, contudo, coisas claras na sua filosofia — coisas que repetiu tantas vezes que não há dúvida. Mas aqui é preciso admitir que as leituras permanecem obscuras:

— A minha alma-entidade fez a experiência de transmigração através dos reinos menores, o animal e o vegetal?

Esses reinos pertencem à Alma-Consciência Universal. Cada alma-entidade foi criada, isto é, começou no princípio com o Pai. (Leitura 1641-1.)

Esta resposta aponta o complexo de superioridade do consulente face a esses reinos que ele trata por «menores» (neste texto: *minor plant and animal kingdom*).

Daí a resposta: não são menores, pois pertencem à Alma-Consciência Universal — por outras palavras, a Deus — e comportam igualmente almas-entidades criadas pelo Pai. A este consulente pouco evoluído, Cayce dá apenas uma resposta muito geral, para evitar o chocar.

Há, na civilização americana, esse embaraço, esse sentimento de insegurança perante os animais — o que surpreende sempre o visitante europeu. Nos Estados Unidos, os animais são objeto de um violento racismo, tal como os Negros ou os Índios. Pior ainda: o branco americano percebe o Negro e o Índio «como um animal». Uma atitude semelhante é muito menos marcada na Europa, onde o animal está melhor integrado, desde há milénios, na vida quotidiana.

Pode explicar-se esta mentalidade pelo facto de a Natureza americana ser mais agressiva, mais aterradora do que a nossa: entre nós, a Natureza está há muito tempo domesticada, e criámos uma simbiose com ela... Uma simbiose que não existe de todo nos Estados Unidos, onde se desconfia da Natureza, tanto

animal como vegetal. Vive-se aí um medo obsessivo do micróbio e do inseto, bem como do sexo considerado «animal», isto é, «sujo» (leia-se, a este propósito, em *Muitas vidas, muitos amores*, *op. cit.*, o capítulo terrível consagrado à vida animal nos Estados Unidos).

Cayce falou disso várias vezes: como veremos nos capítulos seguintes, explica a mentalidade americana atual pela reencarnação dos Atlantes e pelas dificuldades que tiveram em combater os grandes animais que invadiram o planeta. Há também a famosa história dos robôs meio-humanos, meio-animais... que veremos mais adiante. Portanto, tendo em conta a mentalidade dos seus consulentes, Cayce não tinha razão nenhuma para gastar tempo a falar de animais a um público que os desprezava.

Para nós, leitores europeus, que vivemos numa amizade e num conhecimento mais estreito do mundo animal, darei as leituras em que Cayce tratou esta questão (quase a contragosto, ao que parece!).

Os animais reencarnam?

Uma senhora pedira uma leitura de vida para si e para o marido. Foi-lhe respondido que ela tinha sido uma nobre romana, e o seu marido atual, na mesma época, um gladiador de força hercúlea. Combatera na arena para defender os cristãos, e foi aí que se tinham conhecido... (Um sítio engraçado para conhecer o futuro marido!) Ela perguntou:

— Onde e quando já conheci a minha cadelinha Mona?

Nessa mesma vida.

— A vida romana?

A vida romana.

— A Mona era uma cadelinha nesse tempo?

Um leão! (Leitura 268-3.)

E eis a leitura dada para o marido da senhora, o ex-gladiador:

— Que relação tinha o meu marido com a cadelinha Mona?

Combateu-a corpo a corpo nessa experiência em Roma.

— O que era a Mona então?

A leoa que combateu com esta entidade (o marido, hoje!) e com aqueles que mataram um grande número das pessoas (os cristãos) que a entidade procurava defender. (Leitura 280-1.)

Ainda nesta família excecionalmente interessada pelos animais, uma menina de onze anos, sobrinha da senhora ex-romana, perguntou:

— Em que vida anterior conheci a Mona, a cadelinha da minha tia?

Em Roma.

— A Mona será sempre uma cadela?

Isso depende da conjuntura e das circunstâncias. Não.

— Poder-se-ia obter uma leitura de vidas anteriores para esta cadelinha da minha tia?

Talvez. Mas isso poderia ser muito diferente do que imagina. Arrisca-se a não compreender, a menos que fale «cão»!
(Leitura 406-1.)

Extraordinário, não acha? Mas não fica por aqui. Uma amiga da família veio também pedir a Cayce uma leitura de vidas anteriores. Ora, essa amiga sentia uma simpatia particular — e recíproca — pela cadelinha em questão.

— Que tipo de associação pode ter existido, numa vida anterior, entre mim e a Mona, a cadelinha da minha amiga?

Não encontramos nenhuma.

— Então, por que razão esta cadelinha parece estar tão atraída por mim?
Por causa das altas frequências vibratórias de cada uma de vocês.
(Leitura 1318-1.)

Há também dívidas cármicas entre animais e humanos:

— Por que é que esta criança tem medo quando está perto do cão da casa? O que se deve fazer? Afastar o cão? Ou ajudar a criança a ultrapassar o medo?
Este estado de coisas é em parte cármico. Seria melhor livrarem-se do cão, pois a sua presença cria um ambiente muito insalubre, não só fisicamente para a criança, mas também para o cão. Este já não pode ser útil.
(Leitura 2963-4.)

Outra história é extremamente interessante. Só darei alguns excertos. Trata-se de alguém que viveu 10 500 anos antes de Cristo, como uma princesa árabe.

Chamava-se Valtui e pertencia à casa real, estreitamente associada ao rei. Nesta estadia terrestre, as suas atividades consistiram em domesticar e utilizar a vida animal — aqueles que mais tarde se tornaram os animais domésticos, auxiliares do Homem — e os animais selvagens. Ocupava-se de toda a espécie de animais, de cavalos, desde as espécies anãs até aos grandes cavalos de tração e aos corcéis; domesticava lobos... A entidade tinha vinte e dois anos quando começou a reinar (...).

Esforçou-se então por encorajar os seus súbditos a desenvolver-se social e comercialmente, fazendo maior uso do reino animal.

O que se pode saber desta alma é que, pelo uso que fez da vida animal, inconscientemente, trouxe ao Homem os companheiros domésticos que o haviam de ajudar nos tempos futuros. Mas, no uso consciente da sua influência, inspirada pela relação entre a Força Criadora (Deus), a criatura humana e os seus irmãos animais, entre a Criatura e o Criador, esforçou-se por trazer harmonia às suas relações com o mundo animal. Procurava fazer-se obedecer pelos animais, não pelo medo, mas pelo amor: encantava-os usando a flauta e o pífaro, instrumentos de que ainda hoje se toca e que criam um ambiente alegre. E tocava-os, não de modo a excitar os instintos carnais mais baixos, mas de forma a despertar em cada um a música do espírito (...).
(Leitura 276-6.)

Mais tarde, Valtui reencarnou:

Noutro país, a que hoje se chama Roma; aí, a entidade aceitou os ensinamentos que vinham da Judeia.

Era capaz de controlar as feras pela força do seu pensamento (...), quer nos campos, quer nas suas tocas, quer nas arenas... E ganhou muitas vezes a sua liberdade física graças a esses poderes, o que lhe permitiu sobreviver para continuar a ensinar às pessoas (o cristianismo).
(Leitura 276-2.)

Chamava-se então Phoebia, e esses estranhos poderes:

permitiam-lhe caminhar com os habitantes da floresta sem medo; e também caminhar no meio das feras, em liberdade e nas arenas, sem temer. E nunca lhe veio mal algum por ação dos animais, mas apenas por ação dos homens, que tinham caído mais baixo do que as feras... Pois estas podem ser domadas, mas o homem ainda não domou a sua língua. Isto passava-se no século I.
(Leitura 276-3.)

Na sua encarnação atual, a entidade tem um carma particular a cumprir junto dos humanos: despertar neles o amor pelos animais. Tem o dever:

de chamar a atenção dos humanos para os animais, mostrando-lhes quanto estes dependem, nos seus diversos habitats, do homem que os possui ou com eles convive. De mostrar aos homens quanto as atividades animais lhes podem ser benéficas. Pois, como foi dito no princípio, «sede fecundos, multiplicai-vos e sujeitai a Terra», fazei tudo o que for possível para realizar e completar esta promessa no sentido do Amor.

Deve entender-se no seguinte sentido: o Homem deve estar unido às Forças Criadoras do Universo na forma como utiliza todas as possibilidades do mundo material. E, como toda a criação na Terra é amor materializado, a expressão do amor divino, que se manifesta a todos estes seres, que devem ser «um» com o Criador, assim, o amor que se vê expresso nos reinos inferiores na sua expressão e no seu desenvolvimento no plano material, esse mesmo amor deverá ser manifestado pelo Homem aos animais. E a entidade deverá advogar em favor dos animais, defender a sua causa, dando a conhecer tudo o que recebeu deles. (Leitura 276-3.)

Por fim, para terminar, esta pessoa perguntou:

— Se a alma, consciência de um dos seus animais de outrora (enquanto Valtui), não se teria encarnado no seu cão atual, Peggy?

Cayce respondeu que sim.

— Qual?

Era um dos animais do lar, da casa.
(Leitura 276-6.)

Leitura absolutamente excecional, pois a transmigração é muito pouco evocada em Cayce, e nunca de forma clara. Também não lhe fizeram muitas perguntas sobre isso...

Na verdade, os problemas dos animais são aqueles que nós lhes causamos pelo nosso egoísmo. Ao trabalhar para melhorar o Homem, Cayce contribuía indiretamente para melhorar a sorte do animal.

Infelizmente, na nossa civilização, os animais são mortos com prazo: eliminam-se progressivamente das grandes cidades e depois dos campos (veja-se o que diz Roland de Miller no seu livro apaixonante: *Les Noces avec la Terre*, Éditions Scriba, 2, rue Raspail, 84800 l'Isle-sur-Sorgue). Cayce falava a cristãos e judeus. Ora, o judaico-cristianismo é, na sua evolução atual, lamentavelmente

deficiente na sua teologia do animal. O zoroastrismo, o budismo, a religião dos druidas foram muito mais avançados.

Felizmente, o centro espiritual de Findhorn, na Escócia, veio em parte colmatar esta lacuna. Mas estamos ainda muito longe da tomada de consciência a que um dia teremos de chegar... antes de termos transformado o planeta num deserto!

2: A reencarnação como chave da história

Um arqueólogo profissional disse-me um dia: «Quando estou no terreno, sei exatamente em que sítio devo escavar. Advinho muitas vezes o que vou encontrar: uma cerâmica, moedas, etc. "Sinto" os objetos antigos que estão enterrados no solo!» Não se julgava médium... e no entanto praticava o que na América se chama *psychic archeology*, isto é, arqueologia mediúnica, em que as informações obtidas por vidência completam os dados científicos.

Algumas pessoas têm a faculdade de reviver acontecimentos passados, de descrever civilizações desaparecidas. Foi o que fez, por exemplo, Ana Catarina Emmerich. E escavações conduzidas a partir das suas célebres visões chegaram mesmo a resultados.

A mesma faculdade parece encontrar-se em Cayce: descreve-lhe uma reunião internacional na Atlântida, há 50 722 anos... como se lá estivesse. Um único problema: é impossível de verificar! (por enquanto).

Na verdade, quem diz reencarnação diz também História. Aceito que me digam que fui tocador de flauta no Egipto há dez mil anos... mas então que me expliquem como era a vida nesse tempo! Quando o meu rapazinho de seis anos me explicava que tinha sido «muvian», «do país de Mû», isso não me dizia nada. Pois eu não tinha a menor noção arqueológica sobre essas antigas civilizações do Pacífico. Para situar as vidas anteriores dos seus consulentes, Cayce deu, pois, com muita lógica, imensos pormenores históricos e pré-históricos.

Alguns desses pormenores puderam ser confirmados por descobertas arqueológicas: por exemplo, o papel importante desempenhado pelos Essénios, insuspeitado antes da descoberta dos «Manuscritos» do Mar Morto em 1947 (após a morte de Cayce).

Outras leituras ainda não puderam receber qualquer confirmação. Cayce viu bem? Ou era completamente mitómano? O tempo o dirá.

Do conjunto das leituras emergem algumas grandes frescas históricas:

- o continente perdido da Atlântida e o de Mû;

- o Egipto do XI milénio antes de Jesus Cristo;
- as civilizações desaparecidas do Gobi e da Indochina;
- a Pérsia oito mil anos antes de Alexandre;
- o mundo grego da guerra de Tróia, depois da época helenística;
- o Médio Oriente, Roma e o Egipto no tempo de Cristo;
- a França dos séculos XVII e XVIII;
- a América dos primeiros colonos... para citar apenas as principais.

Estas frescas históricas, dispersas nas leituras, apareceram ao longo dos anos, em consultas dadas a indivíduos que não suspeitavam minimamente ter sido muvians ou persas...

Foi preciso reunir essas leituras, classificá-las por épocas e por países e tentar situá-las cronologicamente. Tarefa difícil, pois as datas dadas por Cayce estão longe de coincidir com a História oficial!

O leitor ficará surpreendido ao constatar que Cayce recua para um tempo muito antigo certas civilizações extraordinariamente brilhantes, como o Egipto das pirâmides ou a Pérsia de Zoroastro...

Segundo Cayce, os homens primitivos eram mais inteligentes e mais civilizados do que nós... que nos tornámos muito decadentes. Estamos apenas a começar a redescobrir os seus fantásticos poderes.

Eis, pois, essas espantosas leituras históricas, de que a reencarnação nos dá a chave.

3: A Atlântida volta à superfície!

Quando o meu amigo Louis Hermand me falou da Atlântida, fiquei céptica: agora que já não se acredita no Pai Natal, é preciso encontrar outra coisa para sonhar um pouco... Então, Atlântida ou charutos voadores, tudo o que nos faz flutuar acima das margaridas é bom!

Mas Louis Hermand, grande leitor de Rudolf Steiner, afirmava que, pelo contrário, a Atlântida estava na ordem do dia. Que esse continente estava sob o mar dos Sargaços, de onde iria emergir iminente. Cobri as suas palavras... com um mar de sarcasmos!

Voltou à carga alguns meses depois, com um livro de Edgar Cayce, o primeiro que eu alguma vez vira. Foi há dez anos. Agora tenho remorsos em relação a Louis Hermand: ele era, na altura, um dos raríssimos franceses a ter visitado a

Fundação Cayce em Virginia Beach. Um pioneiro... e, por isso, merecia todo o meu respeito! Pois apercebo-me agora de que muitos cientistas se interessam pela Atlântida, sem por isso serem iluminados.

Não sei se, de facto, esse continente emergirá de novo das águas do Oceano, como afirmou Cayce. Das janelas da Fundação, onde trabalho, vigio o mar. Por enquanto, está liso como um parque de estacionamento... Mas tudo pode acontecer: viu-se bem, em 1901, ao largo da Sicília, surgir uma nova ilha saída debaixo das ondas! É certo que desapareceu antes de as nações interessadas poderem nela plantar a sua bandeira.

Sobre a Atlântida, oficialmente, só temos Platão: os dois textos soberbos do *Crítias* e do *Timeu*... Mas há também uma literatura muito vasta, tanto científica como histórica e esotérica.

As visões de Cayce não devem nada a um trabalho científico. É inteiramente obra de um visionário. Ele não tinha lido Platão nem os seus comentadores quando começou a falar da Atlântida em 1924. A biblioteca da Fundação Cayce conserva actualmente 2 500 leituras relativas à Atlântida... todas mais surpreendentes umas do que as outras! Foram dadas a cerca de 1 600 pessoas diferentes e descrevem uma encarnação na Atlântida. Há também uma grande leitura geral, *The lost continent of Atlantis* (o continente perdido da Atlântida), que dá a história e a descrição do continente mítico.

Se é fácil aceitar o Cayce das medicinas suaves, que provou pelos seus sucessos a justeza dos seus diagnósticos, é mais difícil para alguns segui-lo no terreno da reencarnação.

Mas que dizer da Atlântida? Cayce, tal como Júlio Verne, terá certamente pressentido descobertas que viriam depois da sua morte. Mas a Júlio Verne perdoa-se tudo, porque escolheu muito habilmente fazer disso romances. Evitou assim os ataques dos meios científicos. Cayce, pelo contrário, correu o risco de entregar as suas intuições tal como eram, colocando-se desde logo na categoria extremamente discutida dos profetas! Seguem-se alguns excertos significativos dessas leituras ao mesmo tempo arqueológicas e proféticas.

O reino do homem vermelho

Para começar, um pouco de geografia. Onde se situava o continente desaparecido? Cayce, tal como Platão, o abade Moreux, Steiner, Paul Le Cour e Ignatius Donnelly, inclina-se para uma Atlântida atlântica:

O continente da Atlântida situava-se entre o golfo do México, por um lado, e o Mediterrâneo, por outro.

Podem encontrar-se vestígios visíveis desta civilização nos Pirenéus, em Marrocos, no Honduras britânico, no Iucatão, na América.

Certas terras avançando sobre o mar, ou emergindo, fizeram, num momento ou noutro, parte desse grande continente. As Antilhas britânicas, as Bahamas, são uma porção dele, visível hoje. Dever-se-iam fazer sondagens geológicas em alguns desses lugares, em particular em Bimini e nas imediações da Corrente do Golfo. (Leitura 364-3.)

No entanto, a geografia do mundo não era a de hoje:

Muitas terras desapareceram. Muitas apareceram e depois voltaram a desaparecer... (Leitura 5748-3.)

Os oceanos estavam dispostos de maneira diferente: já não trazem o seu nome de origem. O que é agora a parte central deste país, os Estados Unidos — isto é, a bacia do Mississippi — estava então inteiramente sob o Oceano. Só emergia o planalto, isto é, as regiões que são agora em parte o Nevada, o Utah, o Arizona (...). O que é hoje a costa atlântica era a orla externa, isto é, as planícies baixas, do continente atlante. (Leitura 364-13.)

Seria Virginia Beach já uma estância balnear atlante? E o Sol, que nasce sobre o mar à minha frente, nasceria então sobre as planícies da Atlântida? Talvez...

O clima seria diferente do de hoje?

A Atlântida, mais do que uma zona tropical, era muito mais uma zona temperada. (Leitura 5750-1.)

É que isso se passava... antes do Dilúvio.

— Em relação à história da Atlântida que nos apresenta, Sr. Cayce, onde situa o dilúvio contado na Bíblia, com Noé e a arca? Em que época se produziu? Durante o segundo período de erupções vulcânicas (na Atlântida), isto é, dois mil, dois mil e seis (22 600 anos?) antes da vinda do Príncipe da Paz, segundo a cronologia atual em «anos-luz»... (Leitura 364.)

A história da Atlântida estende-se por um período de cerca de 200 000 anos-luz, como se contam hoje. (Leitura 364-4.)

Como veremos mais adiante, Cayce descreve três séries de destruições maiores que, em três tempos separados por milhares de anos, destruíram o continente atlante. Quanto aos «anos-luz» de que fala, não se sabe como eram medidos: a duração da revolução da Terra em torno do Sol provavelmente não era a mesma que hoje.

— E diga-nos, Sr. Cayce, o continente atlante era grande?
Como a Europa, incluindo a Ásia da Europa — não a Ásia, mas a Ásia da Europa. Essa era a sua dimensão depois do primeiro dos cataclismos, como se diria hoje (...). No extremo sul desse continente, formaram-se ilhas na sequência dos primeiros abalos vulcânicos que trouxeram a destruição do conjunto (...). Era um grande continente, antes de ser abalado pelas primeiras erupções. (Leitura 364-4.)

— E qual era o nome das principais ilhas atlantes, na época da destruição final?
Poséidia, Aryan e Og. (Mesma leitura.)

Mas o continente atlante deverá um dia ressurgir:

... A terra atlante, que se afundou, que emergirá de novo. E que está a emergir! (Leitura 2012-1.)

Aparecerá terra firme ao largo da costa leste da América!

Poséidia estará entre as primeiras terras da Atlântida a emergir de novo, por volta de '68 ou '69, dentro de não muito tempo. (Leitura 958-3.)

Encontrar-se-ão documentos, que são cópias dos que foram engolidos com a Atlântida, pois esta, com as mudanças que hão

de vir, deve elevar-se de novo. (Leitura 378-16.)

Aviso aos promotores imobiliários!

Ora, a Atlântida regressa também pelo jogo da reencarnação: haveria atualmente, como já dissemos, uma chegada maciça de almas atlantes:

Cada vez mais almas atlantes estão a reencarnar hoje. Elas trazem uma convergência de energias às atividades terrestres. (Leitura 528-14.)

Como dissemos, os Atlantes são todos excecionais. Dominam o pior e o melhor, a destruição ou, pelo contrário, um grande desenvolvimento. A sua influência sente-se quer o indivíduo o reconheça quer não. (Leitura 1744-1.)

As influências mercurianas e uranianas que afetam a Terra durante esses ciclos de encarnação, de 1909 a 1913, e até ao fim da vida desses nativos, devem-se ao facto de terem sido atlantes numa das suas estadias terrestres. E de terem experimentado as seduções do mal, o uso que se pode fazer das potências mentais e o abuso das forças da carne exercidas sobre outrem... Pois, nessas encarnações na Atlântida — e para muitas delas — a gratificação excessiva do ego foi a sua falta. Assim, na sua vida de hoje, têm a oportunidade de exercer

uma influência capital sobre os grupos humanos, sobre a Terra atualmente, com o poder de governar ou de destruir. (Leitura 518-1.)

Cayce diz algures que:

As almas atlantes são extremistas.

Ver-se-á, mais adiante, como esses Atlantes levaram as coisas a tais extremos que fizeram explodir o seu continente:

Os Atlantes foram aqueles que chegaram a um grande avanço, pois lhes tinham sido confiadas, na Terra, atividades divinas. E, como fez esta entidade, esqueceram de Quem recebiam toda a sua vida e todo o seu ser; o que trouxe, neles próprios, a destruição do seu corpo, mas não da sua alma. (Leitura 2794-3.)

Segundo Cayce, a Atlântida não é apenas uma história fascinante do passado. Interessa-nos porque:

A influência dos Atlantes marcou a vida dos povos nos países onde se refugiaram. E, hoje, quer pela influência direta daqueles que se reencarnaram na Terra, quer pela influência mental sobre os pensamentos dos indivíduos, eles ainda são capazes de influenciar atualmente as nações, os grupos, as pessoas. (Leitura 364-3.)

Mas quem eram esses terríveis Atlantes? Retomemos a história da Atlântida tal como Cayce a viu. Nessa terra vai aparecer o Homem Vermelho:

Nessa época da existência do Mundo — e até ao tempo presente — passaram-se dez milhões e meio de anos. Quando o Homem veio ao plano terrestre como senhor desta esfera, apareceu em cinco lugares diferentes ao mesmo tempo. (Leitura 5748-1.)

Depois de explicar que as cinco raças (branca, castanha, negra, amarela, vermelha) correspondiam aos cinco sentidos do nosso corpo, Cayce precisou:

Sim, Atlantes e Americanos, a raça vermelha. (Leitura 364-13.)

A cor da pele, em cada uma dessas raças, explicava-se pela influência do meio natural:

A sua cor refletia a do ambiente, um pouco à maneira do camaleão hoje. Daí a aparição dessa forma humana (...) conhecida mais tarde como a raça vermelha. (Leitura 364-3.)

Gente precoce, que se vai desenvolver muito depressa:

Esses povos (da raça vermelha), capazes de utilizar na sua evolução progressiva todas as forças da Natureza à sua volta (...), encontraram assim nesse ambiente facilidades para o seu desenvolvimento. Este fez-se muito mais rapidamente nesta parte do globo do que nas outras. (Leitura 364-3.)

Assim, ao tentar interpretar a época poseidiana — isto é, a Atlântida — é preciso compreender que era apenas um dos grupos humanos representados na Terra; e, nesse tempo, era aquele que tinha atingido o estágio de avanço mais elevado entre as almas ou entidades então encarnadas na estadia terrestre. (Leitura 877-26.)

No entanto, esses Atlantes não eram exatamente como nós:

Quanto às formas dos corpos nesse tempo, eram mais da natureza de formas-pensamento, isto é, capazes de se projetar na direção em que o seu desenvolvimento tomava forma em pensamento... Um pouco como faz a amiba hoje, que projeta os seus pseudópodes nas águas estagnadas. (Leitura 364-3.)

As entidades encarnadas começaram por ser hermafroditas:

Na Atlântida, nesse tempo, antes de Adão estar na Terra, a entidade estava entre aqueles que se projetavam em formas-pensamento, e o seu ser físico comportava a união dos dois sexos num só corpo. (Leitura 5056-1.)

Precoces, também, neste domínio:

Foi na Atlântida que teve lugar a primeira separação dos sexos. (Leitura 2753-2.)

A era dos robôs

Entre as mais espantosas dessas leituras estão as que descrevem robôs meio-humanos, meio-animais, a que Cayce chama as «coisas» (em americano: *the things*). Essas desgraçadas criaturas eram aparentemente escravos, robôs ao serviço dos apetites dos poderosos:

Nesse tempo, não se trabalhava para ganhar a vida como hoje. Mas certos Atlantes eram servidos por autómatos, isto é, «coisas» que pertenciam quer a particulares quer a grupos. E essas coisas faziam o trabalho em casa, nos campos, ou trabalhavam como artesãos... (Leitura 1968-2.)

Como é que essas pobres «coisas» (que, segundo Cayce, tinham apesar disso almas humanas) tinham chegado a tal ponto?

Esses indivíduos que, durante as suas estadias na Terra, enquanto almas, se tinham projetado na matéria para se tornarem entidades autónomas, não se

tinham preocupado em aprender a dirigir-se a si próprios... Poderiam ser comparados aos animais domésticos de hoje, como o cavalo, a mula, o cão, o gato, no seu estádio atual de desenvolvimento (...), em que são dependentes dos seus mestres para a sua vida material e mental. (Leitura 2464-2.)

Noutra leitura, Cayce explica que essas «coisas» eram entidades que se tinham projetado em corpos animais para satisfazer as suas pulsões físicas... e que se tinham encontrado presas (Cayce diz *entangled*) nos mecanismos da reprodução animal. A sua vida era miserável e Cayce compara-as aos intocáveis da sociedade indiana:

A entidade estava então no país atlante, na época em que se colocava a questão, como se diria hoje, do reconhecimento das castas, num país em que os intocáveis não eram mais considerados do que cães pelas castas altas. (Leitura 333-2.)

Os que tinham uma forma completamente humana dividiam-se em dois grupos: os Filhos da Lei de Um e os Filhos de Belial. Os Bons e os Maus! Eis o retrato destes últimos, gente sem fé nem lei, que só tinha uma ideia:

... a satisfação do seu ego, o uso das coisas materiais para a sua gratificação pessoal, sem qualquer consideração pela fonte divina (desses prazeres), nem pela dor experimentada por outrem. Ou, por outras palavras, o que hoje se chamaria gente desprovida de qualquer preocupação moral. Os Filhos de Belial não tinham princípio algum, senão o de engrandecer o seu Eu. (Leitura 877-26.)

É essa rivalidade que vai trazer, como veremos, o fim da Atlântida:

Os Atlantes tornavam-se decadentes, enfraquecidos pelas disputas entre os Filhos da Lei de Um e os Filhos de Belial. (Leitura 470-22.)

A etiqueta Bélial, nesta história, parece cristalizar todas as forças negativas. Ao que tudo indica, os Filhos de Bélial usavam e abusavam das pobres «coisas» para satisfazer os seus vícios; enquanto os Filhos da Lei de Um procuravam, pelo contrário, reconhecer a dignidade dessas criaturas miseráveis que, contudo, abrigavam uma alma humana. No capítulo seguinte, sobre o Egipto, darei as leituras que descrevem em pormenor esses híbridos meio-animais, meio-humanos:

A entidade estava entre os Filhos da Lei de Um, que se preocupavam com a felicidade dessas «coisas». (Leitura 3579-1.)

A entidade estava na Atlântida antes de Adão, e era o capataz daqueles que eram chamados as «coisas», isto é, os escravos, os trabalhadores. Sentia bem a

necessidade de uma reforma que desse a cada indivíduo o direito de escolher, em plena liberdade, a sua condição. (Leitura 5249.)

Essas entidades eram então os produtores, como diríamos hoje, isto é, os lavradores, os camponeses, os artesãos, aqueles que estavam na mesma situação do que hoje chamaríamos máquinas (...). E foi a propósito das suas relações com aqueles que tinham o poder que surgiram as contestações. (Leitura 877-26.)

Na Atlântida, entre o segundo e o último cataclismo, quando havia um violento antagonismo entre os Filhos de Bélial e os Filhos da Lei de Um, a entidade foi uma sacerdotisa que se ocupava da classe laboriosa. Procurava fazer reconhecer a dignidade dos trabalhadores e suavizar a sorte daqueles que eram considerados como coisas e não como almas de pessoas. (Leitura 1744-1.)

No decurso de uma leitura em que lhe pediram que descrevesse a aparência física dos Atlantes na época arcaica, Cayce explicou que eles prosseguiam a sua evolução em direção à forma humana atual. Tanto as «coisas» como os Atlantes de aspeto humano

eram de estatura muito variável, desde os anões até aos gigantes. Pois havia gigantes na Terra nesse tempo, homens que mediam até dez ou doze pés de altura[11], e bem proporcionados em toda a parte. Entre todos esses corpos, alguns tinham uma forma mais bem adaptada do que outros; tinham a estatura ideal, tanto masculina como feminina, pois a separação dos sexos já tinha começado. E o modelo mais perfeito, como se diria hoje, foi Adão, quando apareceu. (Leitura 364-11.)

Aqueles que eram construídos segundo o modelo adâmico sentiam um desprezo total por aqueles que se tinham extraviado em corpos animais. O racismo tem raízes pré-históricas... tal como o medo neurótico da vida animal:

Por que razão, Sr. Cayce, sinto tanto nojo ao contacto com os animais, ao tocar-lhes no pêlo e nas penas? Por que tenho a impressão de me sujar ao contacto com eles?

A origem desta fobia encontra-se numa experiência de vida na Atlântida (...) em que a entidade tinha visto essas «coisas», mais ou menos animais, tomar uma forma ameaçadora. (Leitura 288-29.)

A reencarnação maciça dos Atlantes na América do Norte explicará essa fobia da contaminação animal que lá grassa? Fobia que se traduz pela omnipresença de desinfetantes, venenos químicos, microbicidas; pelo medo obsessivo das moscas (uma dona de casa sentir-se-ia desonrada se houvesse uma única em sua

casa!); pela proibição de qualquer animal doméstico em muitos contratos de arrendamento de prédios e, claro, por essa invenção atroz que é a criação em bateria?

O animal tem sempre de estar *under control* e, em geral, é *non wanted*. Mas nós próprios, em França, não tivemos um certo Pasteur, que via nos micróbios a fonte de todas as doenças e a medicina como uma guerra declarada aos agentes infeciosos de origem animal?

A medicina pasteuriana não retomará, sob um disfarce científico, o nojo atlante por toda a vida animal? Pois houve, na Atlântida, uma concorrência dramática entre o Homem e o Animal:

Lembrem-se de que a Terra estava povoada por animais antes de estar povoada pelo Homem. (Leitura 364-6.)

Os filhos dos homens não eram os únicos a crescer e multiplicar-se: os animais pré-históricos também! Ao fim de alguns milénios, estes tornaram-se tão perigosos e ameaçadores em toda a Terra que foi organizada na Atlântida uma cimeira. Todos os chefes de Estado se reuniram para concertar a forma de purgar o planeta dessa fauna invasora:

... A entidade estava entre aqueles que se reuniram para discutir como livrar a Terra dos enormes animais que a tinham invadido. (Leitura 5249-1.)

E em que data teve lugar essa reunião?

Foi em 50.[12] (antes da nossa era). (Leitura 262-39-)

Durante essa reunião das nações para combater as forças do reino animal que tornavam a vida dos homens cada vez mais difícil, a entidade esteve entre aqueles que propuseram usar os elementos do ar, do oceano, da terra e deles extrair as energias necessárias para combater os do reino animal. Daí o facto de, na sua experiência de vida atual, a entidade já ter sido capaz de compreender as razões do desaparecimento dos animais pré-históricos. (Leitura 2893-1.)

Foram propostos diferentes meios, mas, por fim:

O gelo, a Natureza, Deus, mudaram o eixo dos pólos e os animais foram destruídos. (Leitura 5249-1.)

E eis como foram congelados os mamutes da Sibéria... Cayce fala várias vezes da mudança do eixo dos pólos:

The turning of the axis (leitura 364-13), que parece ter ocorrido já várias vezes na História da Terra... e dever ocorrer de novo.

Como os Atlantes fizeram explodir o seu continente

A reunião citada acima teria trazido:

o início dos explosivos (no texto: *explosives*), que foram inventados nesse período em que o homem tentou controlar as formas animais. (Leitura 364-4.)

As leituras descrevem uma sociedade tecnologicamente muito avançada, mas de uma imprudência louca:

A entidade chamava-se então Deui, e a sua atividade consistia em registar mensagens e dirigir certas forças — não apenas raios solares amplificados por cristais, mas uma combinação de várias formas de energia — pois eram esses gases, que hoje se usam para aquecimento, iluminação, produção de energia, isto é, fenómenos de radiação, combinações elétricas, energia do vapor, etc., usados para o conforto moderno (...). A utilização dessas energias pelos Filhos de Bélial trouxe então o primeiro dos cataclismos, pois, ao captarem os raios do Sol, usados pelos Filhos da Lei de Um, num cristal para produzir energia, os Filhos de Bélial provocaram o que se chamaria uma erupção vulcânica e a terra desfez-se em várias ilhas, cinco ao todo. Poséidia (...) tornou-se uma dessas cinco ilhas. (Leitura 877-26.)

Os Filhos de Bélial não o conseguiram à primeira: repetiram a tentativa três vezes para fazer explodir o continente! As leituras falam, portanto, de uma primeira destruição, por volta de 50 000 antes da nossa era, depois uma segunda, por volta de 28 000, e por fim a terceira e última, por volta de 10 000. A tecnologia atlante não parava de se aperfeiçoar, colocando nas mãos desses inconscientes armas cada vez mais poderosas...

Na Atlântida, nessa época que marcou o apogeu das técnicas, isto é, dos diferentes meios de oferecer o máximo de conforto às pessoas — como o aeroplano, como se diria hoje — e também os barcos aéreos, pois não navegavam apenas no ar, mas também nos outros elementos. (Leitura 2437-1.)

Em Poséidia, a entidade habitava entre aqueles que eram responsáveis pelo armazenamento das energias motoras provenientes dos grandes cristais que concentravam os raios luminosos. Isso para alimentar de energia certas formas de atividade, como o telecomando de barcos no mar e nos ares, assim como comodidades práticas como a televisão e a gravação da voz. (Leitura 813-1.)

Na leitura acima, há mesmo, no texto de origem, as palavras *television* e *recording voice*.

Noutro lugar, supõe-se que Cayce fala de energia atómica:

Os mistérios da aplicação destas forças chamadas o lado noturno da vida (em americano: *nightside of life*), isto é, a utilização das energias do Universo tal como eram compreendidas nesse tempo. (Leitura 2896.)

Esta leitura data de 1930 e retoma a mesma expressão estranha que outra de 1928:

Essas forças que pertencem ao lado noturno da vida.

(Sabe-se que, em astrologia, Plutão rege o plutónio e a energia atómica.) Ora, Plutão é também, na mitologia antiga, o símbolo do mundo subterrâneo, das forças da noite: Hades Plutão reinava sobre os Infernos, o mundo dos mortos, supostamente habitando as profundezas obscuras da Terra... Outra leitura fala explicitamente da desintegração do átomo e do «raio da morte».

... A faculdade de usar (...) certas fontes de informação (...) sobre esses elementos que estão no interior das energias do Universo trouxe, nessa época, forças que provocaram a destruição do próprio país (...). E eles (os Atlantes) produziram essas forças destrutivas, que se conhecem hoje, em gases, com o que é chamado o raio da morte (no texto: *death ray*), o que provocou, a partir das entranhas da própria Terra (...), essas destruições de uma parte do continente (...). E, no entanto, o poder de tais energias é aquele que faz nascer os mundos... (Leitura 364-11.)

— Descreva-nos, Edgar Cayce, com mais pormenor, os efeitos da destruição da parte da Atlântida agora imersa sob o mar dos Sargaços.
Certos indivíduos introduziram então o uso de gases (...), e os «elementais» (no texto: *elementals*) eles próprios, acrescentados ao que era usado sob a forma hoje conhecida como energia solar, ao raio que provoca a desintegração do átomo; nas energias gasosas assim constituídas, tudo isso trouxe a destruição de uma parte do país, hoje imersa no local do mar dos Sargaços. (Leitura 364-11.)

Eis ainda uma leitura em que Cayce usa a palavra «atómico»:

A entidade hesitou nas suas escolhas (entre os Filhos da Lei de Um e os Filhos de Bélial). E, muito pouco tempo antes da destruição trazida pelo uso dessas radiações, a entidade fez mau uso dessas técnicas. Daí a influência das energias atómicas, ou da corrente elétrica de qualquer natureza, sobre essa pessoa hoje, para o melhor e para o pior. (Leitura 1792-2.)

Energia atómica? Mas talvez não exatamente sob a mesma forma nem com as mesmas aplicações que hoje. Em todo o caso, o raio laser e a energia solar aparecem aqui:

... Na Atlântida, na época do desenvolvimento das energias elétricas aplicadas aos transportes de engenhos de um lugar para outro; à fotografia à distância; à leitura de inscrições através das paredes, mesmo à distância; às técnicas que permitem escapar à gravidade; à preparação do cristal — o terrível e poderoso cristal! — todas essas técnicas foram em grande parte responsáveis pela destruição. (Leitura 519-1.)

Dada em 1934, esta leitura descreve descobertas que começavam apenas a ser aplicadas e que, evidentemente, conhecemos muito melhor hoje. Precisemos ainda que Cayce, que não tinha de todo formação de engenheiro, não as conhecia em estado consciente. E quando o funcionário da alfândega do aeroporto vê o que contém a minha mala fechada no seu ecrã luminoso... faz algo que nem Cayce nem o seu meio podiam conceber na época!

Todo o poder atlante assentava nesse cristal que produzia o raio laser. Eis a descrição de uma central de energia atlante construída em torno de uma «pedra de fogo» (no texto americano: *firestone*)... (... Se encontrar uma tradução melhor, diga-me!)

No centro de um edifício isolado, como se diria hoje, com um material não condutor, uma rocha próxima do amianto (...), nesse edifício, portanto, que tinha uma forma oval e era construído por cima dessa famosa rocha, o teto formava uma cúpula, cuja parte «descapotável» se abria de modo a deixar passar as influências estelares, a concentração das energias emitidas pelos corpos celestes, que são eles próprios de fogo, com os elementos contidos na atmosfera e fora dela.

A concentração através dos prismas ou do vidro, como diríamos hoje, fazia-se de tal modo que atuava sobre os instrumentos que estavam ligados aos diferentes meios de transporte. É um pouco o que atualmente se chamaria direção telecomandada por rádio (...).

Apenas especialistas eram iniciados na manipulação dessa bolsa; e a entidade estava entre aqueles que dirigiam a energia assim produzida por radiação, sob a forma de raios invisíveis ao olho, mas que atuavam sobre as próprias pedras como agente propulsor. E isto quer se tratasse de um avião propulsionado por gases, quer de veículos de turismo e de lazer que evoluíam perto do solo, ou de engenhos que evoluíam sobre e sob a água. Todas essas máquinas eram propulsionadas por um feixe de raios concentrados a partir da rocha ígnea situada no coração da central (...).

Foi então que a entidade introduziu forças destrutivas, quando estava encarregada de distribuir essa energia pelas diferentes regiões do país, graças a

instalações que proviam às necessidades das pessoas nas cidades, nas aldeias, nos campos em redor: sem o fazer de propósito, a tensão foi regulada demasiado alta; e foi isso que conduziu ao segundo período de destruição do país. O solo fraturou-se, quebrou-se em várias ilhas, aquelas que mais tarde se tornaram o cenário de outro cataclismo. (Leitura 440-5.)

Descrição que evoca lamentavelmente os acidentes nucleares...

E eis a forma como era construída essa rocha: era um grande cristal cilíndrico, como diríamos hoje; era talhado em facetas de tal modo que a ponta na extremidade superior concentrava toda a energia que se reunia entre as duas extremidades do cilindro. Como já dissemos, os detalhes técnicos da sua construção estão registados algures: podem ser encontrados em três países: na zona submersa da Atlântida, ou antes de Poséidia, onde os restos de um templo podem ser descobertos sob os sedimentos acumulados no fundo do mar; é perto do que é agora Bimini, ao largo da Florida; em segundo lugar, nos arquivos de um templo no Egito (...). E, em terceiro lugar, nos documentos atlantes que foram transportados para o Iucatão, na América, onde essas pedras, sobre as quais se sabe tão pouco, estão agora prestes a ser descobertas nestes últimos meses (...). Serão levadas para a América, aqui, para os Estados Unidos. (Leitura 440-5.)

Assim, esses Atlantes, aprendizes de feiticeiro como nós, tinham forçado as suas centrais nucleares, pois acreditavam ter dominado completamente a utilização dos geradores elétricos na fissão do átomo, para libertar a energia... (Leitura 364-4.)

E por que cometeram essa imprudência fatal? Porque, aparentemente, os Filhos de Belial eram superconsumidores, profundamente empenhados na corrida ao conforto que amavam acima de tudo. (Leitura 37-1.)

Essas pessoas, ao nível da sua vida quotidiana, tinham atingido um estádio ainda mais desenvolvido do que aquele que hoje conhecemos na vida material, aquilo a que se chama a "civilização"! Mas, entre eles, o material sufocava o espiritual. (Leitura 38-1.)

E Cayce insiste no facto de que esse mesmo dilema, voragem de consumo a qualquer preço ou progresso espiritual, é aquele que enfrentamos agora. A um consulente antigo Atlante, disse:

É preciso primeiro saber em que e em quem deposita a sua fé. Quem quer servir, e porquê. E qual o caminho que escolhe: o espírito da Lei do Um, ou a satisfação, o engrandecimento do seu pequeno ego. Pois, do mesmo modo que

numa vida na Atlântida tinha escolhido os dois ao mesmo tempo, nesta vida atual será confrontado com o mesmo tipo de escolha. (Leitura 263-4.)

Fazer explodir todo um continente!... É preciso fazê-lo! Provocar erupções vulcânicas (leitura 4219-4), sismos (leituras 1849-2, 3479-2, 1626-1, etc.), será possível?

Pois os Filhos de Belial dispunham de fontes de energia de potência infinita, que transformaram em meio de destruição. (Leitura 1792-2.)

Nesse país a que agora se chama Atlante (...), no caos que se seguiu às erupções vulcânicas provocadas pelo mau uso das energias destrutivas, as quais não apenas desmembraram o continente e alteraram o clima que, de temperado, se tornou tórrido, mas também modificaram o próprio equilíbrio da Terra. (Leitura 884-1.)

Recorda-se que, no Critias, o sacerdote egípcio diz a Sólon:
"Vós, Atenienses, só vos lembrais de um dilúvio, quando houve vários." E o sacerdote evoca os desvios que ocorreram no curso aparente dos corpos celestes e as deflagrações que abalaram a Terra... As leituras caycianas têm muitos pontos em comum com as descrições do "Crítias" e do "Timeu" de Platão.

No entanto, ao contrário deste último, Cayce fala de sobreviventes que tinham pressentido a iminência da catástrofe:

Quando os Filhos da Lei do Um perceberam que a sua Poséidia atlante se iria desintegrar definitivamente, começaram a partir. Emigraram sob a condução dos seus chefes para outros países. (Leitura 1007-3.)

Emigração que não se fez em pânico, mas foi organizada metodicamente, pois Cayce fala de um Atlante que, antes da destruição final, coordenou os programas de partida. (Leitura 914-1.)

Muitos deles chegaram a bom porto, quer na América Central, quer no País Basco... quer no Egito, onde os reencontraremos no capítulo seguinte. Quanto aos Filhos de Belial, que nada suspeitavam e continuavam

a não ter como religião senão o seu ventre, e como deuses os prazeres do mundo material. (Leitura 3654-1.)

... desapareceram com a Atlântida.

Um mito que tem vida dura.

Pode causar espanto que um mito tão antigo como o da Atlântida tenha chegado até nós e suscite tantas paixões!

Pode causar espanto também que tantos eruditos e sábios "distintos", como se diz, considerem esse mito como uma realidade histórica. Quando atualmente não dispomos de nenhuma prova incontestável, isto é, aceite unanimemente pelos cientistas.

Poder-se-ia extrair de tudo isto um magnífico romance de ficção científica... e até um romance filosófico, pois os problemas atlantes evocados por Cayce assemelham-se aos nossos: a exploração do Homem pelo Homem, a manipulação das forças da Natureza, o racismo, a ânsia de consumir...

Seja qual for a opinião que se tenha sobre esses textos caycianos, também aqui a sua coerência interna é notável. Pense-se que essas leituras foram dadas ao longo de quase vinte anos... Por um homem adormecido! Se já é difícil não se contradizer de um ano para o outro, quando se está acordado, quem entre nós é capaz de dar assim um curso de arqueologia pré-histórica sob hipnose, sem jamais se contradizer? Ora, a quase totalidade das leituras sobre a Atlântida, assim como as sobre o Egito (ver adiante), apresentam uma concordância interna nas grandes linhas. O que é mais vago são as datas, em certos casos. Por exemplo, a ilha atlante que deveria reaparecer em frente à Florida, nos anos "68 ou 69", parece ter faltado ao encontro! A menos que se trate dos anos 2068 ou 2069? O que não é mais do que uma insignificância em comparação com os milénios citados. De um modo geral, as datações caycianas são surpreendentes. No entanto, a data que ele avança para a última catástrofe atlante já foi indicada por numerosos atlantólogos, desde Platão, que concordam quanto ao XI milénio antes da nossa era.

Não sou competente para discutir a realidade ou a irrealidade do continente atlante. Remeto, portanto, os meus leitores para os livros publicados pela Robert Laffont, na coleção "Les Portes de l'Étrange", em particular a excelente série de Albert Slosman (Le Grand Cataclysme, Les Survivants de l'Atlantide, etc.), bem como na coleção "Les Énigmes de l'Univers" (excelentes livros sobre a América pré-colombiana, sobre todas as últimas descobertas arqueológicas, em particular sobre o "muro" de Bimini, que poderia fazer parte das ruínas atlantes de que falou Cayce, etc.), e para o excelente livro de J.-Y. Casgha, Les Archives secrètes de l'Atlantide, Édition du Rocher, 1980. Quanto à associação Atlantis (30, rue de la Marseillaise, 94300 Vincennes), ela fixou como objetivo encorajar estudos sérios neste domínio.

4: Os mistérios do Egito.

Uma das surpresas que os textos caycianos reservam é um conjunto de leituras sobre o Egito antigo. A visão que Cayce tinha da Atlântida era, num certo sentido, mais fácil de aceitar, pois ia no mesmo sentido que Platão.

Quanto ao Egito, é bastante diferente. Talvez fique surpreendido com os textos de Cayce. Contudo, a egiptologia também não está ao abrigo das "revisões dilacerantes": no mundo científico, uma teoria substitui outra... Assim, nada deveria ser rejeitado a priori. Naturalmente, as leituras que se seguem foram dadas por um homem que, em estado desperto, ignorava em que parte do mundo corria o Nilo!

Antes de lhe apresentar uma seleção dessas leituras, gostaria de recordar que a egiptologia moderna começa com a expedição de Bonaparte ao Egito, em 1798-1799. Expedição arriscada e difícil, na qual milhares de soldados franceses pereceram de sede, de fadiga ou de doença. Mas Bonaparte levara consigo uma centena de sábios e um grande artista, Vivant Denon. Este, munido do seu bloco de desenhos, seguia o exército esboçando apressadamente esfinges, pilones ou pirâmides... Regressado a França, publicou a sua famosa Description de l'Égypte em 24 volumes. Era a primeira vez que o público culto da Europa tinha diante dos olhos uma "reportagem" sobre esses fabulosos monumentos egípcios. A Description de l'Égypte continua a ter um altíssimo interesse arqueológico, pois é por vezes o único testemunho de monumentos que desde então desapareceram.

Bonaparte fez trazer do Egito um grande número de amostras e documentos... entre os quais a célebre "Pedra de Roseta". Esta permitiu mais tarde a Champollion decifrar finalmente os hieróglifos que os sábios europeus procuravam em vão compreender.

Durante o Consulado e o Império, a moda foi o Egito: no vestuário, na arquitetura, no mobiliário, no papel de parede, floresceram esfinges e papiros... Encantadores, mas aproximativos! Eram inspirados nos desenhos de Denon, mas muito poucos viajantes os tinham visto na realidade. Ainda se podem ver esses motivos egípcios do final do século XVIII em numerosos monumentos franceses dessa época.

Ao longo do século XIX, e depois do XX, multiplicaram-se em França as vocações de egiptólogos. Entre estes, um dos mais famosos é Mariette, "Mariette Paxá", como lhe chamavam, pois tornou-se o primeiro conservador-chefe dos monumentos do Egito, ao serviço do governo otomano (entre 1858 e 1881). Protegeu o património nacional egípcio: com ele cessaram as escavações selvagens dos profanadores de túmulos e dos caçadores de tesouros. Foi

Mariette quem desenterrou as patas da Grande Esfinge, soterradas sob a areia. Inumeráveis foram as estátuas, os templos, os túmulos que pôs a descoberto... A sua obra foi continuada por Gaston Maspero, que redescobriu o Vale dos Reis e fez avançar muito a egiptologia.

O interesse apaixonado dos Franceses pelo Egito culmina com a inauguração do canal do Suez, em 1869, que foi aberto pelo francês Ferdinand de Lesseps. Foi inaugurado por Napoleão III e pela imperatriz Eugénia, no meio de festas deslumbrantes.

Pergunto-me muitas vezes se um grande número de cidadãos franceses dos três últimos séculos não terão sido reencarnações de antigos Egípcios? Caso contrário, como explicar essa curiosidade nacional por uma civilização tão distante? Trabalhei sobre os 280 dossiês de encarnações francesas descritas por Cayce. Desse número, 225 tinham tido anteriormente uma encarnação egípcia, ou seja, mais de três quartos! Cayce diz que o interesse recente pela arqueologia egípcia está ligado a um fenómeno de reencarnação em grupo, de entidades outrora egípcias:

— Como, senhor Cayce, se poderia fazer progredir a egiptologia?

Encontrando os elementos necessários para completar o que já se sabe. E ainda será necessário reencontrar muitas coisas... Muito, muito mais do que se pensa. A história egípcia deverá ser apresentada na sua relação com a época atual, pois há uma correlação entre as influências egípcias e a civilização moderna. O Tempo aqui é apenas simbólico. Pois eis que regressa um ciclo que traz novamente entidades (...) cujas experiências de vidas anteriores diversas estão numa relação de causa e efeito com o seu ambiente atual (...). Estamos, portanto, num período particularmente interessante para aqueles que desejariam fazer progredir com êxito a egiptologia. (Leitura 254-47.)

A maioria das 1.159 leituras caycianas sobre o Egito antigo menciona-o de forma indireta. Ao descrever a encarnação do seu consulente nas margens do Nilo, Cayce fornece, de passagem, pormenores concretos sobre a civilização egípcia (sobretudo pré-dinástica).

As origens: imigrantes caucasianos e atlantes.

O Egito antigo parece ter sido, desde a mais alta Antiguidade, um refúgio para os povos "sinistrados" das épocas de grandes convulsões. Na verdade, as leituras caycianas só se interessam pelo Egito a partir da imigração de uma obscura tribo caucasiana:

Os povos de Ararat (como a montanha do Cáucaso) tinham estabelecido aquilo a que hoje se chamaria uma comunidade, nesse país mais tarde conhecido por esse mesmo nome de Ararat, onde o Dilúvio trouxe depois essas pessoas que repovoaram a Terra. (Leitura 294-147.)

A tribo caucasiana tinha um velho rei, Ararat ou Aarat, que parece, portanto, ter deixado o seu nome à montanha em questão. Mas era, na realidade, dirigida por uma espécie de profeta chamado Ra-Ta. Foi ele quem decidiu a migração para o Egito:

Porquê o Egito? Este país tinha sido escolhido (...) não pelo Rei, mas pelo guia religioso, como sendo o centro ativo das Forças Universais da Natureza, bem como das forças espirituais. E também como sendo o país mais estável, o menos exposto a cataclismos geológicos como aqueles que tinham provocado a destruição da Lemúria, depois da Atlântida e, mais tarde, o Dilúvio. (Leitura 281-42.)

No entanto, a geografia desses países não era de modo algum a mesma de hoje:

Nessa época (...), o Nilo, em vez de correr para norte, desaguava no Atlântico. As águas do Tibete e do Cáucaso desaguavam no mar do Norte. (Leitura 5748-1.)

As leituras associam a Pérsia e o Cáucaso, o que é normal; e com os Cárpatos, o que se compreende menos, pois ficam muito mais a oeste:

As mudanças (...) na posição da Terra, que tinham provocado o dilúvio, levaram Ra-Ta às montanhas cáspias e caucasianas. (Leitura 294-151.)

... Os invasores que vieram da Pérsia, isto é, do país dos Cárpatos, conduzidos pelo sacerdote Ra-Ta. (Leitura 3189-2.)

Interrogou-se Cayce:

— Onde ficava a região dos Cárpatos?
Respondeu: Aarat.
— Mas poderia situá-la no mapa atual?
Na parte sul da Europa, da Rússia e da Pérsia, e as montanhas caucasianas. (Leitura 364-13.)

O mar Negro é, do ponto de vista geológico, um abatimento recente. Antes desse abatimento, a cadeia do Cáucaso seria o prolongamento dos Cárpatos? Hoje estão separados pelo mar Negro. Assim, eis a nossa tribo caucasiana no caminho da guerra, sob a égide do tal Ra-Ta, o qual tinha "poderes" especiais:

Dizeis que tal entidade era um deus? Oh, não! Dizeis isso apenas porque hoje já não se compreende o que eram os homens dessa época (...). O homem moderno já não tem as faculdades que lhe permitem conceber o que sai dos limites do seu Eu individual... O indivíduo naquele tempo não estava tão estreitamente prisioneiro da matéria como hoje. (Leitura 281-4.)

Talvez seja por isso que todos os folclores falam de uma época em que viviam na Terra os deuses e, depois, os semideuses? Quanto ao Egito:

Era muito mais fértil do que hoje, mesmo depois da cheia do Nilo. Pois existia apenas um terço do atual Sara, o qual era argila arenosa, com lodo, em parte utilizável para a agricultura. (Leitura 275-38.)

Quanto aos indígenas:

Não era um povo guerreiro. Não estavam preparados para se defender. As únicas armas existentes eram as ferramentas agrícolas e as ferramentas utilizadas para construir as casas. Era tudo o que tinham! Os meios de transporte consistiam em carros de rodas puxados por bois e outros animais domésticos ou agrícolas... (Leitura 900-277.)

— E de que cor eram esses egípcios?
Quase da mesma cor do que hoje se chamaria um Chinês autêntico!... Embora a fisionomia fosse totalmente diferente... (Leitura 849-45.)

— E os invasores caucasianos?
Como o nome Ra-Ta indica (?), ele estava entre os primeiros homens de raça branca pura na vida terrestre de então... (Leitura 294-147.)

As filhas de Ra-Ta, mais tarde, serão belezas loiras:

Iso era bela de corpo e tinha cabelos loiros... (Leitura 275-38.)

Mas os invasores caucasianos não eram os únicos a interessar-se pelo Egito. Um fluxo contínuo de imigrantes atlantes, de raça vermelha, ali desaguava:

A entidade estava entre esses Atlantes que se instalaram no Egito. (Leitura 1574-1.)

Uma leitura dá mesmo a descrição física de um deles, que mais tarde desempenharia um papel importante e que voltaremos a ver:

Hept-Supht, o Atlante, tinha cerca de 1,73 m e pesava aproximadamente 72 kg. Cor da pele: como ouro castanho. Mas o olhar penetrante, de cor cinzenta; alerta, ativo, o olhar agudo que magnetizava aqueles que dele se aproximavam. (Leitura 275-38.)

Atlantes e caucasianos não eram os únicos estrangeiros no Egito. As leituras mencionam também imigrantes indianos, árabes, persas, mongóis, assírios... Mas Ra-Ta e os seus montanheses estavam fortemente equipados:

Essas pessoas, que chegavam das suas montanhas, utilizavam armas como a funda, ou então treinavam animais selvagens que eram lançados contra o inimigo para o destruir, o que mais tarde se tornou uso no Egito: touros, ursos, leopardos, falcões... Quanto aos seus meios de transporte, era o fim da época dos engenhos mais leves do que o ar. Para a guerra, tinham jangadas flutuantes, de madeira, embarcações, bestas de carga. Quanto à infantaria, ia a pé! (Leitura 900-277.)

Essa mosaico de tribos de todas as cores apresentava a mesma estranha particularidade que os Atlantes: a saber, uma certa proporção de híbridos meio animais, meio humanos. Aliás:

Nesse tempo, a maioria das pessoas tinha uma cauda de animal, vede, sabeis? (Leitura 5748-6.)

Na época, os indígenas egípcios tinham penas nos seus membros. (Leitura 585-12.)

Leu bem: penas! Outros tinham pelo no corpo, patas, garras... Para complicar a situação, os imigrantes atlantes tinham importado consigo as suas "coisas", escravos meio animais, meio humanos, cuja aflição vimos:

Nesse tempo, quando o solo da Atlântida tinha começado a desagregar-se, chegou um fluxo de gente, ou antes, de "coisas", (...) proveniente do continente Atlante. Foi no tempo em que o Nilo, então chamado o Noie, desaguava naquilo que agora é o oceano Atlântico, do lado do Congo. (Leitura 5748-6.)

Isso, os geólogos sabem-no... Quanto aos Egípcios, tinham encontrado um modo de remediar esse estado de "coisas" (se assim se pode dizer!): a seleção genética por um planeamento autoritário da procriação. Nem pensar em ir fazer um filho não importa onde e não importa com quem: devia submeter-se ao controlo estatal dos nascimentos:

As relações matrimoniais de então não eram vividas, como as nossas, num lar individual: tratava-se antes de um companheirismo nomeado, cujo objetivo era o serviço do Estado (...). Fazia-se isso muito mais por decisão da administração do que por escolha pessoal.

Todos os nascimentos tinham lugar num edifício especial, que comportava câmaras especialmente destinadas à conceção das crianças. (...) Todas as

mulheres de um clã alojavam-se juntas, à noite, no templo, enquanto os homens dormiam no exterior. (...) Todos estavam submetidos à mesma lei de Estado (...). As crianças que nasciam eram, desde os três meses, retiradas à sua família e criadas em grupo noutros edifícios. (Leitura 294-149.)

No entanto, à chegada dos invasores caucasianos, o Egito estava sem defesa militar. Tinha um rei, de nome Raai, que preferiu não se opor à invasão:

A entidade, sob o nome de Raai, recusou ouvir os conselhos daqueles que o instavam a defender-se contra as hordas de invasores vindos do norte, os povos de Arart. A entidade combateu muito pouco esses novos chegados, submetendo-se antes do que fazer correr o sangue do seu povo. Isso valeu-lhe ser mal julgado por todos, incluindo pelos seus. (Leitura 1734-3.)

A dinastia dos faraós caucasianos.

Depois do apagamento voluntário do rei Raai, os invasores tomaram as rédeas do poder:

Uma nova ordem foi instaurada, novas leis foram promulgadas, um novo sistema de impostos foi posto em vigor... No entanto, alguns indígenas fizeram objeções. (Leitura 275-38.) Este novo estado de coisas provocou perturbações entre os indígenas das classes dirigentes, entre aqueles que tinham ambições políticas... (Leitura 294-148.)

Por fim, foi concluído um acordo entre os mais influentes dos Egípcios e o rei Arart. Organizou-se uma colaboração entre os diferentes grupos étnicos. Arart, para compor as coisas, abdicou:

Araaraart, seu filho, que foi o segundo dos reis do Norte, sucedeu ao seu pai Arart e reinou a partir do seu décimo sexto ano. (Leitura 341-9.)

A colaboração entre este segundo faraó caucasiano e os sábios egípcios, sempre sob a égide de Ra-Ta, conduziu a uma era de reformas. Propuseram:

Uma base de igualdade para todos perante a Lei.
... Um respeito igual por todo o ser vivo no plano material; oportunidades iguais de promoção para cada indivíduo, permitindo-lhe progredir, a fim de que cada um se considere como estando ao serviço dos outros. (Leitura 341-44.)

Graças a esta preocupação democrática, obteve-se a paz, bem como a prosperidade:

Araaraart abriu as minas de Ofir, naquilo que mais tarde foi chamado Kadesh, ou ainda na Pérsia, e naquilo que é atualmente a Abissínia, e nas regiões pouco exploradas do alto Nilo. Aí, havia minas de pedras preciosas ou duras, como o

ónix, o berilo, a sardónia, o diamante, a ametista, a opala. As pérolas provinham do mar, perto do que hoje se chama Madagáscar. No norte (...) do Egito, havia minas que produziam quantidades de metais: ouro, prata, cobre, chumbo, zinco, estanho, etc. (Leitura 294-148.)

E até este facto espantoso:

Exploravam-se gases que se encontravam nas colinas. (Leitura 299-148.)

A equipa Araaraart, Ra-Ta e os seus associados egípcios:

estabeleceram armazéns e também aquilo a que hoje se chamaria bancos. (Leitura 299-148.)

Segue-se: O nível tecnológico era muito avançado, a julgar pelo que se segue:

A entidade era especialmente competente para extrair de pedras, de nuvens, de elementos naturais, um fluido destinado a acelerar os fenómenos da Natureza nos usos práticos para o Homem, aquilo a que hoje se chama eletricidade. (Leitura 699-1.)

Nessa época, viajava-se muito:

Nesse tempo, os Atlantes vinham ao Egito, iam e vinham entre os dois países. (Leitura 275-38.)

As comunicações faziam-se:

por caravanas, com, em parte, uma sobrevivência da técnica perdida dos engenhos mais leves do que o ar, e as forças, de que já falámos, que permitiam a propulsão na água. (Leitura 953-24.)

Pois mesmo nesse tempo, e apesar de tudo o que se tinha perdido, mesmo entre esses povos, havia correntes de intercâmbios culturais entre os diferentes países, como Poséidia, Og, bem como os Pirenéus, a Sicília e também países que agora se chamam Noruega, China, Índia, Peru, América... Não eram esses os seus nomes nesse tempo, pois havia apenas uma língua (em toda a Terra), que permitia compreender-se. Ainda não tinha havido divisão das línguas nesse país... Isso começava apenas na Atlântida (ou Poséidia). (Leitura 294-148.)

No entanto, à medida que o fluxo de imigração atlante se acentuava, a instabilidade política regressou.

Revolução de palácio e exílio de Ra-Ta.

Porque é que Cayce nos fala tanto deste Ra-Ta, que é a figura central de toda esta história? Porque... essa personagem teria sido uma encarnação anterior do

próprio Cayce! Repetiu vezes sem conta que era a reencarnação desse sacerdote caucasiano que mais tarde haveria de desempenhar um papel importante no Egito.

Voltando à história deste período egípcio, era demasiado bom para durar: as fações recomeçaram a agitar-se. Um partido de invejosos procurou desacreditar Ra-Ta:

Procuraram diferentes maneiras de apanhar em falta o Grande Sacerdote. (Leitura 294-148.)

Ora, Ra-Ta fizera promulgar leis suprimindo a ditadura do Estado sobre a vida privada dos cidadãos. Tinha encorajado estes a casar segundo a sua livre escolha

e a estabelecerem-se em lares individuais. (Leitura 294-147.)

O Grande Sacerdote tentara apresentar essa reforma de tal modo que a escolha de um companheiro ou de uma companheira não se fizesse apenas numa base física, mas também mental e espiritual. (Leitura 849-45.)

Incentivando a monogamia, ele próprio tinha tomado mulher para dar o exemplo. (Por outras palavras, que não se tenha em conta apenas o eugenismo pré-natal, destinado a produzir espécimes perfeitos da raça... Prática que nos recorda desagradáveis memórias hitlerianas!)

Por outro lado, Ra-Ta tinha criado templos-hospitais para tratar os infelizes subprodutos dos cruzamentos com os animais. Nesses estabelecimentos:

... perdiam gradualmente as penas das pernas, a pelagem dos corpos (...), as caudas, as protuberâncias variadas; as patas, as garras, os cascos eram progressivamente transformados em pés e em mãos. (Leitura 294-149.)

A estada dos indivíduos no Templo do Sacrifício assemelhava-se ao que hoje se chamaria uma hospitalização. (Leitura 281-44.)

Ora, os inimigos de Ra-Ta encontraram o seu ponto fraco: organizaram-lhe um encontro com o espécime humano feminino mais perfeito do tempo, uma certa Isris, filha de um sacerdote. O pretexto, claro, era eugénico: um homem muito belo como Ra-Ta e uma mulher muito bela como Isris poderiam produzir espécimes humanos perfeitos...

Aparentemente, Ra-Ta caiu na armadilha, tomou Isris como amante, apesar de já ser casado, e provocou assim um enorme escândalo, dado que:

não era permitido ao Grande Sacerdote ter várias mulheres, e o facto de o Grande Sacerdote ter tomado como concubina a filha do segundo sacerdote,

responsável pelos Sacrifícios, e, além disso, favorita do rei, deitou fogo à pólvora. (Leitura 341-10.)

Por fim:

O Grande Sacerdote e a sua concubina foram banidos e enviados para sul do país, para a Núbia. Não partiram ambos sozinhos, mas acompanhados por um grupo de 231 almas. (Leitura 294-149.)

Isto é, os indefetíveis fiéis de Ra-Ta, entre os quais o Atlante Hept-Supht. Ra-Ta teve de deixar como refém a filha dos seus amores ilegítimos, Iso, que morreu em tenra idade longe dos seus pais.

Ora, todos os que acompanharam Ra-Ta no seu exílio reencarnaram hoje e cruzaram a sua vida enquanto Edgar Cayce. Consulentes, família, amigos, colaboradores: foi para eles que Cayce deu as leituras de encarnações no Egito antigo.

Por exemplo, a dançarina Isris, amante de Ra-Ta e causa do seu banimento!, era, no século XX, a esposa legítima de Cayce! (É o que diz a leitura que ele lhe dá.)

A sua pequena filha Iso reencarnou numa certa Gladys Davis, que as circunstâncias levaram a tornar-se secretária de Cayce. O faraó Araaraart, que, cedendo à pressão, exilou Ra-Ta, reencarnou em... filho de Cayce, Hugh Lynn, que teve de lutar toda a vida para defender a obra do pai (ficou a lembrança de alguém que por vezes se tomava por um faraó!). O Atlante Hept-Supht e toda a sua família foram amigos dos Cayce, etc. (Embora os nomes, por razões de discrição, tenham sido substituídos por números e apagados das leituras, acaba-se, mesmo assim, ao trabalhar na Fundação, por saber quem era quem!)

Tudo isto, certamente, pode parecer surpreendente. No entanto, está na lógica do sistema da reencarnação por grupos, que traz juntas as mesmas entidades para refazerem o mesmo trabalho... Quando Cayce e os seus amigos decidiram fundar uma associação, que viria a tornar-se a A.R.E., pedir-se-ia a Cayce uma leitura sobre esta questão. E Cayce repetiria no seu sono que todos os que vieram colaborar com ele nessa associação, nessa obra, são a reencarnação dos seus colaboradores egípcios de outrora, quando ele era o Grande Sacerdote Ra-Ta:

Para benefício deles, deveria pôr-se em evidência o laço especial entre esta história egípcia e aqueles que estão empenhados neste trabalho (a Association for Research and Enlightenment, isto é, a Fundação Cayce). Pois uma grande parte do que hoje se tenta foi tentada nessa experiência egípcia. Eis que

regressa um ciclo do tempo, que traz uma vez mais, hoje, indivíduos que outrora foram reunidos na Terra para um trabalho bem definido (...).

E ninguém é atraído para esta obra, cujo objetivo é estabelecer uma relação mais estreita com a verdade de Deus na Terra, através das suas aplicações espirituais, mentais ou materiais, que não tenha já, anteriormente, participado na mesma empresa no Egito... (Leitura 254-42.)

O princípio da reencarnação de grupo verifica-se primeiro para o próprio Cayce:

E quando o sacerdote Ra-Ta foi restabelecido, após o seu regresso do exílio, desenvolveu essa pesquisa, esse conjunto de estudos, que é o próprio objetivo da obra fundada hoje, num país distante (do Egito: os Estados Unidos!). (Leitura 254-42.)

É certo que as pessoas da Fundação Cayce são fascinadas pelo Egito antigo. Mas isso, por si só, não é uma prova científica! Eu própria, que traduzo Cayce, estou perfeitamente segura de uma encarnação egípcia, que me deixou memórias visuais. Mas isso também não é uma "prova"!

Mas voltemos a Ra-Ta, exilado pelo rei — e que regressará. Entretanto, Araaraart tinha muito que fazer. Era contestado por todo o lado, inclusive pelo seu jovem irmão, que se colocara à cabeça de uma rebelião. E, para agravar as coisas, os Atlantes não simpatizavam muito com os Egípcios:

A entidade, de nome Ax-Tell, era representante da Lei do Um. À sua chegada ao país, encontrou pouca assistência, não estando de acordo nem com o rei nem com o Grande Sacerdote. Considerava que o nível de vida deste país era muito inferior ao do seu país de origem, a Atlântida. (Leitura 487-17.)

Como esses Atlantes tinham trazido consigo "coisas", ou indivíduos, ou entidades, que eram pobres seres sem motivação, sem objetivo na vida, funcionando como autómatos (...), os indígenas egípcios ficaram com a impressão de que eram julgados como valendo pouco mais do que essas "coisas"! (Leitura 281-43.)

Os Atlantes, cada vez mais influentes, representavam um poder temível:

Começaram a exercer uma influência sobre a vida moral e cultural dos Egípcios. (Leitura 281-43.)

Mas não havia apenas bons Atlantes:

Sane-Naïd era belo, e a sua beleza tentava as pessoas com quem se relacionava, especialmente os Filhos de Belial que se tinham infiltrado com os seus compatriotas atlantes no Egito... (Leitura 989-2.)

Em suma, uma bela confusão:

Levantou-se um grande tumulto entre os sacerdotes dos diferentes serviços; muitos tiraram partido da situação e aprenderam a atacar e a defender-se (...). Começaram tempos perturbados, durante muitos, muitos sóis. Foi preciso esperar pelo menos nove estações para que surgisse um início de apaziguamento, e não realmente antes de ser proposto um arranjo que comportava o regresso do Grande Sacerdote. (Leitura 294-149.)

O regresso triunfal de Ra-Ta

Quanto ao ex-Grande Sacerdote, acompanhado pelos seus fiéis, soubera agradar a uma princesa núbia:

A entidade era um dos dirigentes, um príncipe do país para onde o Grande Sacerdote fora banido. No início, hostil às suas ideias, evoluiu e tornou-se mais tarde um dos seus admiradores. Embora nessa época fosse o sexo oposto que governava, a entidade era príncipe e usou do seu poder (...) para favorecer o avanço do Grande Sacerdote junto dos próximos da princesa. (Leitura 816-3.)

Ra-Ta teve tanto êxito que, em poucos anos, se tornou o conselheiro da princesa reinante e a mais alta personalidade do país:

Os seus companheiros de exílio, as 231 almas, tornaram-se os seus guarda-costas, os seus assistentes, os seus intérpretes — não da língua, mas a sua atividade consistia em interpretar as instruções do Grande Sacerdote para aqueles que não podiam aproximar-se dele pessoalmente. (Leitura 294-150.)

Tornara-se tão importante que já não se podia aproximar dele sem passar por todo um aparelho hierárquico que fazia barreira! Esteve na origem de um grande movimento de renovação do país núbio, estimulando as ciências e as artes, a investigação em todos os domínios, em particular na astronomia, astrologia, geografia e agricultura. (Mesma leitura.)

Em contrapartida, no Egito, as coisas corriam mal. Ouviu-se falar dos sucessos de Ra-Ta na Núbia, sobretudo por intermédio do seu amigo Hept-Supht:

O grande número de Atlantes que agora permanecia no Egito, e aqueles que continuavam ainda a entrar, pois as profecias sobre o fim da Atlântida começavam a tornar-se evidentes, e o Egito fora escolhido para aí depositar os

arquivos atlantes, tudo isso foi a causa do regresso do Atlante (Hept-Supht) ao fim de apenas três anos de exílio. (Leitura 275-38.)

Hept-Supht aconselhou o rei a chamar de volta Ra-Ta, o único que poderia restabelecer a unidade do país, face à ameaça atlante e à desordem geral:

As diferentes fações, cansadas da guerra civil, acabaram por concordar no chamamento de Ra-Ta. Arranjaram as coisas de tal modo que lhe fosse confiada a autoridade sobre todo o país: assim, tornou-se aquilo a que hoje se chamaria um ditador ou um monarca absoluto de pleno direito. (Leitura 294-149.)

No entanto, alguns achavam o Grande Sacerdote bastante decrépito:

Os enviados dos diferentes grupos políticos iam e vinham (entre o Egito e a Núbia) durante as negociações destinadas a restaurar o poder do Grande Sacerdote. A alguns pareceu um homem idoso, gasto, fisicamente incapaz de continuar... E começou-se a recear que lhe faltassem as forças para assumir os encargos do poder. (Leitura 294-150.)

Mas, na realidade, Ra-Ta era forte, pelo poder do seu espírito, da sua inteligência e pela sua aptidão para coordenar os conhecimentos e as verdades necessárias ao progresso e à condução dos povos para o seu avanço nesse tempo. (Leitura 1925-1.)

— E em que espécie de veículo regressaram Ra-Ta e o seu séquito ao Egito? Naquilo a que hoje se chamaria carros propulsionados por gases. Foram os Atlantes que os construíram. (Leitura 275-38.)

Antes das suas novas funções oficiais, Ra-Ta:

começou por se retirar, por fazer um retiro, para que a regeneração do seu corpo pudesse operar-se, para que o seu corpo se decantasse das suas fraquezas físicas. E, bebendo nessas fontes de regeneração, re-criou o seu próprio corpo nas suas forças elementais, a fim de poder assumir materialmente a sua tarefa política. (Leitura 28294-150.)

Outras leituras sobre o mesmo assunto, não menos espantosas:

A entidade ajudou o Grande Sacerdote, na época em que procedeu a uma regeneração do seu corpo, libertando-o (do vestígio) dos anos de prova e de luta que atravessara; e a entidade rejuvenesceu ela própria ao mesmo tempo. (Leitura 696-1.)

O Grande Sacerdote, como foi dito, em toda a sua estatura uma vez regenerado, isto é, com mais de cem anos de vida terrestre, tinha seis pés e uma polegada de altura (isto é, cerca de 1,83 m); e, como diríamos hoje, em peso,

pesava cento e oitenta e uma libras (cerca de 82 kg). Um belo tom de pele claro, poucos cabelos na cabeça, nem pelos na face e no corpo. A pele quase branca. (Leitura 275-38.)

Estes três textos afirmam que os antigos Egípcios tinham encontrado o segredo das técnicas de rejuvenescimento, aquilo que os gerontólogos atuais ainda procuram. Mas:

nesse tempo, a esperança de vida ultrapassava os cem anos, ou várias centenas de anos. (Leitura 2533-4.)

Nesta experiência terrestre, a entidade permaneceu em atividade mais de 454 anos (quatrocentos e cinquenta e quatro anos), como hoje se contariam os anos. (Leitura 1472-10.)

A civilização atlanto-caucasiana.

Ra-Ta, uma vez "rejuvenated", como diz Cayce, assegurou o poder absoluto:

O país foi obediente às suas diretivas. (Leitura 294-14.) No domínio do que se pode chamar a política, este regresso trouxe bastantes mudanças. (Leitura 294-11.)

Isris, ou Ísis, concubina e depois esposa de Ra-Ta, viu crescer a sua autoridade:

Ocupou uma posição tal que aqueles que queriam ter acesso ao Grande Sacerdote, que solicitavam os seus conselhos, tinham de passar por ela. Só se chegava ao trono propriamente dito através de Ísis. Não que a sua autoridade fosse superior à do rei, mas era uma evolução necessária para a promoção da mulher. (Leitura 294-151.)

O país foi purgado de revolucionários, e Ra-Ta empreendeu reformas:

As pessoas começaram cada vez mais a ter casas individuais. E, onde antes só havia fortalezas ou templos, divididos em diferentes secções, e onde também se desenrolava a vida comercial, foram-se construindo pouco a pouco casas que abrigavam famílias, lares, como hoje, com a diferença de que não havia apenas um só cônjuge. (Leitura 294-151.)

A poligamia e a poliandria parecem ter sido comuns:

— Eu era um homem, nessa encarnação em que estava com aqueles que construíram a grande pirâmide?
Antes uma mulher, que tinha autoridade e dirigia os homens; e que teve muitos maridos! (Leitura 993-3.)

Os Atlantes, pelo contrário dos Egípcios, sabiam o que era uma casa individual:

A entidade foi o primeiro Atlante nascido em solo egípcio, pois a sua mãe estava grávida dele quando entrou no país a que hoje se chama Egito (...). Com o nome de Atlanteus, a entidade alcançou um cargo muito importante: controlava um vasto setor da construção, pois os Atlantes construíam casas privadas em pedra e madeira e, portanto, eram competentes nesse setor. (Leitura 984-1.)

Cayce dá mesmo uma descrição dessas casas egípcias de então:

Os invasores (caucasianos) estavam mais habituados a viver sob a tenda, enquanto os Egípcios viviam em edifícios coletivos em "durável": casas baixas que protegiam do frio e da chuva, como sempre foi. Mas a maior parte da vida privada passava-se no telhado, como se poderia chamar. As atividades tinham lugar nessa terraço que formava o telhado. (Leitura 798-4.)

Os refugiados atlantes colaboraram muito ativamente nesta civilização nova:

A construção de casas individuais representava uma evolução; era o prolongamento dessas experiências inovadoras que tinham provocado o banimento do Grande Sacerdote. Este programa de construção tinha sido igualmente proposto pelos chefes atlantes, Ax-Tell e Ajax, que diziam tê-lo já experimentado na Atlântida antes da destruição desse continente, e que tal programa favorecia a unidade nacional. (Leitura 2533-4.)

Quanto à vida económica, as leituras dão muitos pormenores:

Como então não existiam comerciantes, havia uma única loja comunitária, para todos. (Leitura 294-149.)

A entidade estava então encarregada de gerir aquilo a que chamaríamos os celeiros coletivos, isto é, as reservas de cereais. A entidade ocupava-se também das negociações com o estrangeiro: esses grãos eram trocados por especiarias nalguns países, por perfumes noutros, ou por ouro. (Leitura 1587-1.)

O crédito, os seguros, a segurança social existiam:

O seu objetivo era assegurar os indivíduos, cobrindo os seus riscos. Era, em parte, o ofício da entidade. (Leitura 2533-4.) Trabalhava a avaliar as necessidades dos diferentes distritos e o montante do crédito que a administração poderia conceder às diversas coletividades. (Leituras 2399-1.)

Cayce emprega a palavra *insurance* (seguros) e fala mesmo de sindicatos:

Aquilo a que se poderia chamar seguros, ou caixa de segurança mútua, organizada pelos diferentes grupos. Os trabalhadores do Estado, os professores, os funcionários, os agricultores, bem como os fabricantes de papel ou os pedreiros, etc. Cada um desses grupos sociais beneficiava de uma forma de seguro mútuo. E era (...) aquilo a que hoje se chama os sindicatos. (Leitura 2533-4.)

O coletivismo egípcio é explicado assim:

As pessoas trabalhavam em conjunto, para melhorar a coletividade, e não para alguns indivíduos capitalistas e exploradores. Nada disso existia nesse tempo. Pois era o costume deste país que cada um desse de si, como hoje! Os que não trabalhavam não comiam, exceto os doentes ou aqueles que ainda não tinham idade para prover às suas necessidades. Assim se formaram associações para assegurar esta forma particular de serviço que mais tarde se chamará cooperativas. Mas eram todos livres, vede, sabeis? (Leitura 2533-4.)

Tudo o que existe hoje já existiu outrora.

É o que diz a leitura seguinte:

Lembrai-vos de que não há nada hoje que não tenha existido desde o começo. Apenas a forma, o modo de utilização, mudam... Perderam-se muitos segredos técnicos (...). E muitas descobertas de hoje não passam de redescobertas e faziam então parte do saber comum da maioria dos iletrados! como lhes chamaríamos nos nossos dias. (Leitura 294-148.)

Os Atlantes, a quem as leituras qualificam muitas vezes de "engenheiros", trouxeram a sua poderosa tecnologia ao Egito:

A entidade, um matemático, estabeleceu-se no Egito; associado com Ajax e Ax-Tell, chamava-se Pek-Al. Fez os cálculos para a construção de barragens no Nilo, destinadas a regular o caudal das águas. (Leitura 2677-1.)

O Atlante Ax-Tenuel desenvolveu as aplicações da química e da eletricidade. (Leitura 1135-1.)

Consagraram uma grande parte do seu tempo a estudar as forças elétricas e a eletricidade estática (...), procurando demonstrar que se podia empregá-las utilmente, em vez de para destruir, sobre a Natureza e os indivíduos. Voltaram-se para a eletrometalurgia. Assim, foram capazes de fundir o cobre e o latão, com a liga de ouro e arsénio, utilizando a corrente elétrica. Eram capazes de refinar esses metais para fazer deles instrumentos cortantes (...) em particular instrumentos cirúrgicos. (Leitura 470-33.)

As terapias muito sofisticadas do Egito pré-dinástico.

Estas pesquisas levaram ao emprego da corrente elétrica para trabalhar os metais, por processos de carburação, e tratando-os de maneira a produzir correntes magnéticas aplicáveis ao corpo humano. O objetivo era tratar este provocando modificações nas energias do corpo. Em suma, a possibilidade de re-ionização e de rejuvenescer pela medicina energética. (Leitura 470-22.)

As leituras dizem que os Egípcios tinham igualmente encontrado técnicas para modificar a pigmentação da pele permitindo branquear os Negros:

De cor bronze quando entrou ao serviço, tornou-se de um branco puro depois de ter sido tratada. (Leitura 275-28.) A entidade estava entre aqueles que sabiam como mudar a cor da pele, mudando as suas reações por meio de certos minerais de que se utilizavam as vibrações. Estas atuavam também sobre os odores corporais. (Leitura 1616-1.)

As técnicas descritas são tão sofisticadas que nem sempre se tem a certeza de compreender do que se trata. Mas eis-nos bem longe dos "homens primitivos", em todo o caso do "Cro-Magnon coberto de peles de animais"... Pelo contrário:

A entidade era hábil em utilizar o equipamento elétrico desse tempo para a cirurgia. Como o bisturi elétrico tinha uma forma especial, devida à natureza dos metais empregados, permitia uma cirurgia sem derrame de sangue: o emprego da corrente coagulava o sangue no local onde grandes artérias ou veias tinham de ser incisadas. (Leitura 470-33.)

A cirurgia elétrica era usada também para tratar os pobres monstros:

A entidade (Asphar) fez uso das suas aptidões de engenheiro construindo máquinas para tratar o corpo humano, quando era preciso libertá-lo das suas excrescências animais; ou mudar-lhe o sangue; ou utilizar as forças vibratórias para o libertar quando estava possuído de más influências. (Leitura 470-22.)

Pois procurava-se igualmente produzir

corpos mais simétricos, de proporções mais harmoniosas, por meio de regimes alimentares. (Leitura 275-33.)

A fitoterapia e a aromaterapia desempenhavam um grande papel:

E também as essências odorantes que contribuem para elevar as vibrações, como a lavanda e a íris, foram as que tinhas escolhido no Templo do Sacrifício. (Leitura 379-3.)

Há também numerosas referências à musicoterapia:

Ligavam-se às vibrações musicais da época; a viola, afinada com as vibrações dos fogos da Natureza, pode ser ou destrutiva, ou suavizante, ou ativar a combustão. Assim, no Templo do Sacrifício, oficiavas, pondo a tua competência ao serviço daqueles que desejavam purificar o seu corpo. Queimavam não apenas os seus desejos carnais, mas também os apêndices animais que desfiguravam o seu corpo. E assim, graças aos teus esforços, nasceu o Homem, tal como hoje se vê, que se mantém de pé, que já não tem cascos, como os bovinos, nem hastes, como o veado, nem cornos, como a cabra. Que já não se assemelha a um porco (...), etc. Mas a um filho de Deus: já não se destrói pelo abuso dos prazeres físicos, já não se atolha no desespero com os filhos dos homens, mas conserva confiança e fé. E tu ajudava-los fazendo música afinada com a das esferas celestes, que os purificava das influências nocivas (...) arrancando da matéria aquilo que impedia o indivíduo de estar unido a Deus, a Força Criadora. (Leitura 275-43.)

Medicina e psicologia holísticas no Egito antigo.

No contexto descrito por Cayce, a medicina nunca está separada nem da psicologia nem da religião.

Os templos são hospitais, seminários, universidades:

O Templo do Sacrifício, no qual foram realizadas as primeiras operações cirúrgicas, como diríamos agora. (Leitura 2329-3.)

A passagem dos indivíduos, segundo a sua livre escolha, é certo!, pelo Templo do Sacrifício, assemelhava-se muito ao que hoje se chamaria uma hospitalização. (Leitura 281-44.)

No Templo do Sacrifício, o homem libertava-se dessas influências, sequelas da época antiga em que se projetara na matéria para satisfazer os desejos da carne num corpo animal (...). E ali tinha lugar a purificação dos desejos carnais; cada alma, para apagar essas taras, oferecia-se a si mesma sobre o altar do sacrifício; os fogos deviam queimar esses desejos, trazendo uma purificação da carne. (Leitura 275-43.)

O programa de desintoxicação incidia, portanto, não apenas sobre o corpo físico, mas também sobre o corpo mental e sobre o corpo espiritual:

O Templo do Sacrifício era uma experiência física, enquanto o Templo da Beleza dizia mais respeito ao mental (...) e ao espiritual. (Leitura 281-43.)

Cayce dá descrições detalhadas dos dois templos, das liturgias que aí decorriam, associando, como se vê, a medicina, a psicologia e o desenvolvimento espiritual à arte sob todas as suas formas:

As pessoas começavam pelo Templo do Sacrifício; depois, tendo aí eliminado os atributos animais que as incomodavam, vinham em seguida ao Templo da Beleza para aí procurar o conhecimento (...). Para se fazerem iniciar, isto é, para se prepararem para receber o ensino dos mestres. (Leitura 281-25.)

Centrada na Lei do Um, como na Atlântida, a antiga religião egípcia era, pois, monoteísta, o que os egiptólogos atuais começam a considerar, desde o cónego Drioton.

As iniciações faziam-se com grande recurso a danças, músicas, cores, perfumes. Os Templos tinham um papel de universidade:

No Templo da Beleza eram ministrados um ensino e uma educação comparáveis aos dos atuais colégios e universidades. (Leitura 2533-4.)

As leituras descrevem abundantemente o vestuário dos Egípcios. Havia até costureiros... Em todo o caso, um artesanato já brilhante:

Quanto às vestes da época, quer para o serviço no Templo, quer na vida privada, eram sempre de tecido de linho e, como já foi indicado, de cor branca e púrpura. Homens e mulheres não estavam vestidos de forma muito diferente, exceto os Atlantes, que usavam calças mais ou menos compridas conforme o seu estatuto social. (Leitura 275-38.)

(Anotar-se-á esta menção interessante das calças dos Atlantes, a relacionar com as bragas dos Gauleses... e com a tese da origem atlante dos Celtas.)

Foi nessa época que começou a fabricação do tecido de linho, que ainda não tinha atingido a perfeição que viria a ter mais tarde. Trabalhava-se o algodão, o cânhamo, as flores de papiro e de lótus. (Leitura 294-151.)

Os instrumentos musicais eram refinados:

Nessa época, El-Ke-Dun foi o primeiro a combinar o pífaro e a lira, isto é, um instrumento de cordas para acompanhar arranjos de canções atlantes e egípcias. (Leitura 1476-1.) Foi um dos primeiros a tocar harpa, ou lira, como lhe chamaram mais tarde. Mas nesse tempo era antes uma harpa, da mesma forma que hoje, mas um pouco mais pequena, e com apenas seis cordas. (Leitura 275-33.)

O Livro dos Mortos e as bibliotecas de Alexandria.

Duas bases importantes da cultura egípcia... As leituras dizem:

A entidade, nessa época, vivia reclusa atrás dos muros do templo, ensinando o canto para os defuntos. E foi ela que escreveu em parte o Livro dos Mortos. (Leitura 115-1.)

Quanto às famosas bibliotecas de Alexandria, teriam datado do tempo de Ra-Ta, de quem uma das filhas:

estava associada com a sua melhor amiga na fundação de um centro cultural, no lugar hoje conhecido como Alexandria. Começaram a reunir arquivos, livros, documentos do mundo inteiro. (Leitura 2835-1.) A entidade era então um dos responsáveis administrativos da terra chamada Deoshe, agora Alexandria. Esteve entre aqueles que lançaram as fundações daquilo que se tornou a maior coleção de livros e manuscritos alguma vez existente na Terra... A entidade foi a sua iniciadora, e a sua obra foi depois enriquecida pelas gerações sucessivas dos seus descendentes. (Leitura 412-5.)

Sabe-se que as duas bibliotecas de Alexandria, que totalizavam mais de 700 000 volumes, foram destruídas, uma pelo fogo em 47 a.C., aquando da entrada de Júlio César no Egito; a outra, no decurso das guerras civis e religiosas de 200 e 391 d.C. A história oficial diz que tudo se perdeu. No entanto, Cayce ecoa tradições secretas que afirmam que certos manuscritos ainda existem. Os bibliotecários teriam posto a salvo os livros mais preciosos, que um dia serão reencontrados:

A maior parte do que ele escreveu ali foi destruída durante o século II. Eram compilações que fizera na Grande Biblioteca de Alexandria. Alguns manuscritos ainda estão intactos; podem ser encontrados nas ruínas do lugar e restaurados. (Leitura 452-5.)

Papel pergaminho na tábua para os caçadores de tesouros!

Uma outra leitura dá uma data precisa para a fundação da Grande Biblioteca e diz que Cristo veio ao Egito já na idade adulta:

O Atlante Apex-El (...) associou-se às atividades daqueles que reconstruíam o Egito. E, como se verá pelo que ainda pode ser encontrado em Alexandria, merece ser chamado o primeiro fundador da Biblioteca do Saber em Alexandria; e isso, dez mil e trezentos anos antes de o Príncipe da Paz (Jesus Cristo) entrar no Egito para aí sofrer a sua primeira iniciação. (Leitura 315-5.)

A Grande Pirâmide... e as outras!

Existiam pirâmides no Egito antes de Ra-Ta, é o que diz a leitura 993-1. Teriam estado situadas mais a sul. A Grande Pirâmide, dita "de Quéops" pelos Franceses e "de Quéops/Khufu" pelos Anglo-Saxões, teria sido construída:

Sob a autoridade de Ra-Ta (...) e de Hermes como guia, isto é, como arquiteto, segundo o termo atual, que trabalhou em concertação com o Grande Sacerdote. E com Ísis (como ela se fazia agora chamar), enquanto conselheira. (Leitura 294-15.)

Não se deveria crer que foi construída ao acaso; pelo contrário, num local matematicamente escolhido:

Se se examinarem as redes das linhas de força à superfície da Terra com precisão matemática, perceber-se-á que o epicentro fica muito perto do lugar onde se situa a Grande Pirâmide. (Leitura 281-42.)

Durante uma leitura particularmente consagrada à Grande Pirâmide, Gertrude Cayce colocou a Edgar um certo número de perguntas:

— Qual foi a data de construção da grande pirâmide?

A sua construção durou cem anos. Foi começada e terminada sob o reinado de Araaraart, com Hermes e Ra (isto é, Ra-Ta, que assim se fez chamar no fim da sua vida).

— Mas a data "antes de Jesus Cristo"?

De 10490 a 10390 antes de o Príncipe da Paz entrar no Egito. (Leitura 5748-6.)

Esta data reaparece, idêntica, em várias outras leituras dadas por Cayce; e o que é notável é que ele nunca se contradisse quanto a isto (embora isso tenha acontecido, devo dizê-lo, em casos bastante raros noutros domínios):

A construção deste monumento durou, pois, cem anos, como hoje se contam. A sua forma foi concebida a partir dos trabalhos de Ra-Ta, em relação com a posição das diversas estrelas neste lugar, que gravitam em torno do sistema solar que é o nosso, e que vão para quê? Para a constelação da Balança. (Leitura 294-15.)

Quanto a esta última leitura, ninguém tem a certeza de a ter sabido traduzir, nem mesmo os comentadores americanos de Cayce. O universo estaria em expansão para um ponto situado na direção da Balança? Em inglês, esta constelação diz-se, como em latim, "Libra". E Cayce acrescenta:

O mesmo nome que o país para onde fora banido o Grande Sacerdote, isto é, a Líbia. (Em inglês: "Libya".)

Esta palavra era utilizada na Antiguidade para designar os países saariano(s), com fronteiras menos estreitas do que a Líbia de hoje (mas talvez seja por isso que Kadhafi sonha com a "Grande Líbia"?). A reflexão de Cayce esclarece-se pelo facto de esses países dos confins saariano(s), a atual Líbia, bem como o Alto Egito, serem desde sempre, em astrologia, regidos pelo signo da Balança! Quanto à Grande Pirâmide:

Em certos momentos precisos, podem traçar-se linhas abstratas entre a entrada da Grande Pirâmide e a segunda estrela da Ursa, chamada a Polar. Em outubro, poder-se-ão ver as mudanças que começam a tornar-se visíveis na posição da Polar, em relação com as linhas da Grande Pirâmide. A Ursa muda com as linhas da Grande Pirâmide. Ela muda pouco a pouco e, quando essa mudança se tornar nitidamente visível — como se pode calcular a data a partir da Pirâmide — então virá o início da mudança nas raças (humanas). Haverá um maior influxo de almas provenientes das civilizações atlante, lemuriana, etc. (...) Esses acontecimentos estão indicados na mudança de direção quando se progride no interior da Pirâmide. (Leitura 5748-6.)

Naturalmente, reencontra-se ainda aqui a extraordinária tecnologia atlante:

Os Atlantes trouxeram a sua ajuda à criação daquilo a que se chama a Pirâmide, na qual estão registados todos os acontecimentos da Terra desde o começo dos tempos e até que venha a nova ordem do mundo vindouro. (Leitura 281-43.)

E eis uma figura familiar, o Atlante Hept-Supht:

Tornou-se mais tarde um dos responsáveis pela construção dessa pirâmide... que ainda hoje permanece um mistério. (Leitura 378-12.)

Os Atlantes, conscientes do desastre que ia abater-se sobre o seu continente, queriam aparentemente salvar os seus arquivos da destruição e tinham escolhido pô-los a salvo no Egito, no conjunto monumental constituído pela Esfinge, as Pirâmides e outros edifícios ainda não exumados à data de hoje:

Esta entidade atlante fazia parte dos Filhos da Lei do Um que vieram ao Egito com o objetivo de conservar os arquivos nacionais (...). Trazendo a experiência profissional que adquirira em Poséidia, tornou-se o engenheiro-chefe dos trabalhos de escavação e de terraplanagem. Estudava os velhos documentos e preparava a construção do monumento que devia albergar os arquivos atlantes, bem como a casa da iniciação, isto é, a Grande Pirâmide. (Leitura 2462-2.)

Cayce afirma que esta não é o túmulo de alguma personagem ilustre. Diz (leituras 294-152 e 5748-6) que a Grande Pirâmide é um "memorial", isto é, um

monumento destinado a conservar certos conhecimentos para a instrução do público. Do público da época, certamente, mas também dos tempos vindouros, os nossos...:

... Esta (a Grande Pirâmide) recebeu em depósito todos os dados históricos, desde o começo dos Tempos, tal como foram legados por Arart, Araaraart e Ra, até esse período em que se verá uma mudança na posição da Terra e o regresso do Grande Iniciado a esse país e aos outros, para o cumprimento das profecias aí inscritas. Todas as mudanças que ocorreram no pensamento religioso do mundo aí são mostradas, nas diferentes estruturas do corredor ascendente, que sobe da base até ao alto, isto é, até ao túmulo aberto (...). Essas mudanças são descritas de forma simbólica tanto pelas estratificações da alvenaria, como pela cor das pedras e também pela direção em que o corredor gira. (Leitura 5748-5.)

O período atual é representado pela passagem rebaixada, com uma cavidade que mostra uma tendência para baixo, como o indicam as diversas qualidades de pedra empregue. (...) A era durante a qual se prepara uma nova raça humana, que vai aparecer... (Leitura 5748-6.)

No que respeita às pirâmides, o objetivo da sua construção na época do regresso do Grande Sacerdote, cerca de 10 500 anos antes da chegada de Cristo a esse mesmo país (do Egito), era, em primeiro lugar, uma tentativa de restaurar e desenvolver o que já tinha começado com aquilo a que se chama a Esfinge, e o conjunto dos edifícios entre esta e o Nilo; tentativa de conservar os arquivos legados por Arart e Araaraart nessa época. Então, com Hermes e Ra, que retomaram o projeto de Araaraart, começou a construção do que hoje é Gizé. Esta empresa foi conduzida de acordo com as profecias que já tinham inspirado a construção do Templo dos Arquivos e do Templo da Beleza. Assim foi edificado aquilo que estava destinado a ser a Sala dos Iniciados. (Leitura 5748-5.)

A Sala dos Iniciados, isto é, a Câmara do Rei com o seu túmulo vazio e a montanha de pedras acrescentadas por cima!

Cayce declara com grande nitidez:

A Grande Pirâmide era o edifício onde tinham lugar as iniciações. (Leitura 2390-7.)

Assim, esta loucura de pedra tinha um duplo objetivo: ser, para as gerações futuras, um livro de História gigante, com capítulos de granito vermelho... e um "lugar santo", o laboratório secreto onde operava a química das almas e dos corpos que atravessavam as provas da iniciação. O iniciado, encerrado durante vários dias nessas profundezas de granito, entregue às suas angústias, tinha de

travar uma série de combates cuja natureza não nos chegou. Se falhasse, arriscava a morte ou a invalidez para a vida. Se saísse, tornara-se outro homem, com poderosas faculdades normais e paranormais.

— E qual é o significado do sarcófago vazio?
perguntou Gertrude Cayce ao marido adormecido:

Que não haverá mais morte. Compreendei bem: o significado da morte tornar-se-á evidente e claro. (Leitura 5748-6.)

Pois a Pirâmide sofreu os ultrajes das gerações posteriores, mesmo na época dos faraós históricos:

Quanto ao período vindouro, entre 1950 e 1958 (...), há partes (da Pirâmide) que foram deslocadas por aqueles que profanaram muitos outros lugares no mesmo país; em particular por esse faraó que impedia as pessoas de sair do país. (Cf. o Faraó da Bíblia e de Moisés.) (Leitura 5718-5.)

— E como foi construída a grande pirâmide de Gizé?
Pelo uso dessas forças da Natureza que permitem ao ferro flutuar. Do mesmo modo, deslocavam-se as pedras através do espaço aéreo. Isso será descoberto em '58! (Leitura 5748-6.)

— E qual era a fonte de energia que foi empregue para construir essas pirâmides e esses templos?
As forças ascensionais desses gases que são cada vez mais empregues na nossa civilização atual. (Leitura 5750-1.)

— E é verdade que Cristo teria sido iniciado na grande pirâmide?
Nessa mesma pirâmide, o Grande Iniciado, o Mestre, alcançou os mais altos graus da iniciação, na companhia de João, o Precursor. Nesse mesmo lugar (nas paredes da Pirâmide), pode ver-se também inscrito o anúncio da entrada do Messias em 1998. (Leitura 5748-5.)

— Descreva a iniciação de Cristo no Egito, e os versículos do evangelho que falam dos "três dias e três noites no túmulo" indicam uma iniciação especial?

Uma parte da iniciação, uma parte da passagem através da qual toda a alma tem de passar para atingir o seu desenvolvimento, tal como o Mundo através de cada período da História da Terra; assim, a memória da Terra, como está indicado no corredor que conduz ao túmulo no interior da Pirâmide, representa aquilo por que cada entidade, cada alma, como um iniciado, tem de passar antes de alcançar a sua libertação. E como o indica esse túmulo vazio, que nunca foi

preenchido, vede, sabeis? Pois só Jesus era capaz de o quebrar, o que aconteceu, indicando o Seu cumprimento. (Leitura 2087-7.)

Este texto misterioso parece indicar que se selava o túmulo sobre o iniciado, pela duração da iniciação... E que Cristo foi o único capaz de quebrar esse túmulo selado (ao qual, aliás, falta um pedaço, como hoje se pode constatar a olho nu!).

E não é tudo... Existiriam ainda outras pirâmides que ainda não foram descobertas...

Os seus escritos foram destruídos com as bibliotecas do templo e de Alexandria. No entanto, ainda resta algo nos alicerces de uma pirâmide que ainda não foi descoberta. (Leitura 31-1.)

Haveria mesmo várias dessas pirâmides, pois certas leituras põem a palavra no plural.

— E onde estão elas, então?
Entre aquilo a que se chama o "Mistério dos Tempos" (nome da Esfinge no vocabulário cayciano!) e o rio. (Leitura 2124-3.)

Por outras palavras, parece que uma pirâmide, que não é a de Quéops, servia de sala de arquivos.

— Em que pirâmide se encontram documentos sobre Cristo?
Naquela que ainda não foi descoberta. (Leitura 5749-2.)

Outras leituras dão uma descrição pormenorizada da inauguração:

Para esta cerimónia, pareceu inteiramente indicado (...) escolher alguém que representasse ao mesmo tempo o tempo antigo e o novo; alguém que representasse os Filhos da Lei em Atlântida, na Lemúria (...) e que continuava a velar sobre os arquivos. É por isso que foi escolhido Hept-Supht para proceder (...) à cobertura da Pirâmide. (Leitura 378-14.)

Durante os últimos acabamentos da Pirâmide da Iniciação, Hept-Supht selou-a com o selo (...) dos Atlantes, o que fez também para os arquivos que um dia serão descobertos (...). A inauguração solene começou com uma procissão de sacerdotes e de iniciados alinhados em filas segundo a sua pertença à Lei do Um. (Leitura 378-16.)

A Lei do Um: Cayce insiste no facto de que o Egito pré-histórico era monoteísta.

O topo que coroava a Pirâmide, que desde então foi arrancado (...). O coroamento da ponta era metálico. Tinha sido feito para ser indestrutível; era uma liga de cobre, de latão, de ouro, com outros metais em uso nesse tempo... (idem.)

Uma vez esta obra-prima concluída, Ra já não tinha razão para viver; a sua morte é descrita de forma enigmática:

Chegou um tempo em que a Pirâmide, isto é, o memorial, estando terminada, ele, Ra, subiu para o interior do "monte" e foi levado para longe. (Leitura 294-152.)

O texto diz: *was borne away*, sugerindo que o Grande Sacerdote morreu escolhendo o seu lugar e a sua hora... O monte de que o texto fala é a Pirâmide, que a leitura 457-2 qualifica de monte sagrado construído em frente da Esfinge.

... E quando se visita o planalto de Gizé, efetivamente, os únicos montes que despontam no horizonte são as pirâmides!

O mistério dos mistérios: a Grande Esfinge.

É este o nome que lhe dá Cayce, que também a chama: o Mistério das Eras, o Guardião, a Sentinela, ou ainda simplesmente o Mistério, o que deixa supor que ainda não acabámos de lhe dar a volta. Numa leitura sobre o faraó Araaraart (esse nome impossível que Cayce soletrou várias vezes à sua secretária), ele situa sob o seu reinado a construção da Grande Esfinge de Gizé:

Araaraart, o segundo dos reis do Norte, tendo tomado o poder aos dezasseis anos, reinou sobre o país durante 98 anos (...). E foi sob o seu reinado que foram lançadas as fundações dessa construção emblemática a que se chama a Esfinge. (Leitura 341-9.)

Interrompida pela guerra civil, a sua construção foi retomada por Ra-Ta após o seu regresso do exílio:

Quando o Grande Sacerdote voltou ao Egito, empreendeu a sua reconstrução. E isso, cerca de 10 500 anos antes da vinda de Jesus ao país. Houve, portanto, nessa época, uma primeira tentativa de restaurar e completar o que se tinha começado sobre a Esfinge, como hoje se lhe chama. (Leitura 5748-5.)

Segundo este texto, Cayce considera, portanto, que a Grande Esfinge é anterior à Grande Pirâmide. Dá pormenores bastante excitantes para os arqueólogos e entreabre uma porta sobre os mistérios da Esfinge:

A entidade Arsrha trabalhava como escultor, na pedra, e também em pedras duras e preciosas, para o rei Araaraart. Ensinava também geometria, pois era

matemático, um pouco astrólogo e vidente. Trabalhou nos primeiros monumentos que foram restaurados e construídos nesse lugar, sendo o construtor daquilo que é o Mistério dos Mistérios, hoje chamado a Esfinge.
— E como procedeu para a construir?

A entidade desenhou os planos geométricos e lançou as fundações desses edifícios ligados à Esfinge. Nas abóbadas que estão na base da Esfinge encontrar-se-ão os documentos referentes a essas construções. Vê-se que esta Esfinge foi construída do seguinte modo: o solo foi escavado nas planícies acima do lugar onde se erguia o Templo de Ísis durante o Dilúvio, ocorrido alguns séculos antes (quando este povo tinha descido do país do Norte para se instalar como senhor no país do Egito, à época da primeira dinastia) (...).

A base da Esfinge assenta sobre canais de drenagem; e, no ângulo que fica voltado para Gizé, podem encontrar-se os textos que explicarão como foi feita esta construção, com a história do primeiro rei invasor. (Leitura 195-14.)

A Grande Esfinge seria um retrato, o de Asriario, conselheiro do rei:

A sua figura representa esse conselheiro. Isso, e outras coisas, poderão ser descobertos na base da pata dianteira esquerda. (Leitura 953-24.)

Mas não é tudo. Cayce diz que a Esfinge guarda um tesouro que ainda não foi descoberto: os arquivos atlantes, armazenados numa misteriosa Sala dos Arquivos (em inglês: "Hall of Records"), cuja entrada ela defende:

Esses arquivos (atlantes), a entidade Ax-Ten-Tna foi o seu primeiro conservador, que os colocou, para os preservar, em salas que ainda não foram encontradas. Estão a meio caminho entre a Esfinge e a Pirâmide dos Arquivos, que também ainda não foi exumada. (Leitura 1486-1.)

A entidade deveria fazer escavações nos três lugares onde esses arquivos foram preservados: um, em solo atlante, que foi submerso e vai em breve emergir de novo. Outro, no Egito, num esconderijo cheio de documentos, que vai da Esfinge até à Sala dos Arquivos. Outro, no Iucatão, num Templo. (Leitura 2012-1.)

— E onde estão os documentos que contam a minha vida egípcia, que eu poderia estudar?

Na Tumba dos Arquivos, pois o túmulo desta entidade fazia então parte da Sala dos Arquivos que ainda não foi descoberta. Encontra-se entre, ou ao longo, dessa entrada que vai da Esfinge ao templo, ou à Pirâmide, uma pirâmide especial, naturalmente (e não a Grande!). (Leitura 2329-3.)

— E quando serão reencontrados esses arquivos?

Ao mesmo tempo que o edifício onde os arquivos são conservados (...). Uma câmara, ou antes um corredor, parte da pata direita da Esfinge até essa entrada da Sala dos Arquivos, ou Tumba dos Arquivos. Mas não se pode entrar ali sem ter a inteligência desses mistérios. Pois aqueles que foram deixados como guardiães não deixarão passar antes de estar cumprido o período de regeneração (...) dos homens numa nova raça. (Leitura 5748-6.)

... Quem são estes misteriosos Guardiães do Limiar? Cayce não o diz. E com que finalidade foi construída a Grande Esfinge de Gizé?

Na construção da Grande Pirâmide e daquilo a que agora se chama o Mistério dos Mistérios (a Esfinge), o objetivo era construir um memorial (...). Com o regresso do Grande Sacerdote, um pouco mais tarde, a construção que tinha sido interrompida foi retomada por Ísis, a rainha, e por uma das filhas de Ra, com a ideia de representar, para instrução do povo, as relações do Homem e do mundo das forças animais (...). Pode ver-se isso nas diferentes representações dos diversos esfinges, como lhes chamam, noutros lugares do país. Vêem-se combinações de leão e de homem, as diferentes formas de asas, etc., nos seus diferentes estádios de desenvolvimento; essas construções eram a representação de um estádio de evolução do Homem, no tempo em que ele se tinha projetado na matéria, e depois do desenvolvimento por etapas que o conduziu progressivamente ao Homem de hoje. (Leitura 5748-6.)

Alguém perguntou a Cayce se esses famosos arquivos atlantes, escondidos numa sala murada, estavam na Câmara do Rei, isto é, na Grande Pirâmide:

A sala murada, que contém os arquivos, fica noutro lugar; não nesta pirâmide. (Leitura 378-16.)

— E o que contém essa sala murada? Que arquivos exatamente?

Os arquivos da Atlântida desde o começo dos tempos em que o Espírito tomou forma e começou a descer sobre esta terra. Com o desenvolvimento dos povos durante a sua permanência nesse continente, com as primeiras destruições, as mudanças que ocorreram (...). A História, também, de todas as nações da Terra.
(...) A história da destruição final da Atlântida e a construção da Pirâmide da iniciação, tudo isso com os nomes dos indivíduos, dos lugares, com as datas e as razões de tudo. Assim como profecias relativas à data e aos tempos em que esses arquivos que relatam a catástrofe da Atlântida serão novamente abertos... Pois, com a mudança dos tempos, o templo deve erguer-se de novo...

Eis a sua localização:

No momento em que o sol se eleva acima das águas, a linha de sombra, ou de luz, cai entre as patas da Esfinge, que ali foi colocada como uma sentinela, como um guardião do limiar, e na qual não se poderá entrar, nas câmaras que a ela se ligam a partir da sua pata direita, senão quando os tempos estiverem cumpridos e se tiverem visto produzir grandes mudanças na experiência do Homem sobre a Terra. (Leitura 378-16)

Arqueólogos, às vossas picaretas!

O Egito de uns não é o Egito de outros.

O Egito descrito por Cayce não é de todo o dos manuais de egiptologia oficial. Admite-se que a civilização egípcia resulta de uma síntese de várias civilizações anteriores... Mas não se fala dos Atlantes!

As leituras caycianas diferem da egiptologia oficial em pontos importantes:

O monoteísmo

Comecemos por aí. Apaixonadamente discutido, rejeitado por uns, aceite por outros, é o monoteísmo do antigo Egito. Concorda-se em geral que Akhenaton impôs em Tell el-Amarna o culto de um deus único, Aton. Mas os egiptólogos não sabem se esse monoteísmo foi uma novidade revolucionária imposta por esse faraó ou se foi, pelo contrário, a ressurgência tardia de um monoteísmo muito mais antigo. Ora, Cayce descreve a religião da Lei do Um no Egito como o monoteísmo mais estrito. Acrescenta que os dogmas dessa religião assentavam em:

Esses mesmos princípios de base que foram dados por Aquele que disse: Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra. (Leitura 254-42.)

A datação

A egiptologia clássica faz recuar as primeiras dinastias (Antigo Império), no máximo, ao IV milénio antes de Jesus Cristo. Cayce, pelo contrário, afirma que é preciso recuar ao XI milénio! No entanto, os egiptólogos oficiais estão longe de estar de acordo entre si: por exemplo, o primeiro faraó supõe-se ter sido Menés. Alguns estimam que viveu em 5867 antes da nossa era; outros em 2320... Três milénios de imprecisão é, ainda assim, muito! É que as listas de faraós dadas pelos historiadores antigos e pelos documentos gravados na pedra (tábuas de Abidos, de Carnac, de Sacará) são incompletas.

A pré-história do Egito é-nos desconhecida...

Do mesmo modo, a data de construção da Grande Pirâmide e o faraó que a mandou construir: os egiptólogos não estão de acordo, porque, no fundo, ninguém tem a certeza de nada! Heródoto atribui este incrível monte de pedras a um certo Quéops, alias Khoufou, faraó da quarta dinastia, por volta de 2700 antes de Jesus Cristo. Mas esta atribuição continua duvidosa (ver, sobre esta questão, o excelente livro de William Fix, *Pyramid Odyssey*, editado pela Mercury Media Inc., P.O. Box 222, Urbana, Virginia 23175, U.S.A.).

Alguns historiadores da Antiguidade, contudo, dão as mesmas datas que Cayce. Manéton, escriba egípcio que viveu no século IV antes de Jesus Cristo, dividia a história egípcia em três períodos: o dos deuses, o dos semideuses (ou heróis, 11 000 anos antes da nossa era) e o dos homens. Heródoto chega também a uma datação de 11 340 anos para o começo da história faraónica.

Os historiadores árabes Abou Bakr (século IX da nossa era) e Massoudi (século X) acreditavam que as pirâmides de Gizé tinham sido construídas antes do Dilúvio, para preservar os conhecimentos da época, como uma espécie de museu do Saber. A opinião destes historiadores árabes é geralmente desprezada pelos egiptólogos ocidentais, porque são tardios, é verdade, e também porque são árabes! No entanto, não se deveria esquecer que nessa época os sábios árabes estavam muito melhor informados do que os seus confrades do Ocidente. Segundo Massoudi, pois, foi Sourid, faraó de antes do Dilúvio, quem construiu a Grande Pirâmide. Estes historiadores árabes associam igualmente Hermes à sua construção, como faz Cayce. Não se avança muito com isso, pois não é mais do que um nome, mesmo que seja um nome de deus!

As leituras dizem igualmente que a Pirâmide de Quéops nunca foi um monumento funerário. Com efeito, há uma sepultura... mas de múmia, nada! Que se saiba, nem arqueólogo nem saqueador de túmulos jamais encontrou o menor material funerário naquilo a que se chama a Câmara do Rei. Quanto à iniciação de Cristo na Grande Pirâmide, Cayce não é o primeiro a falar disso (ver mais adiante).

E a famosa Sala dos Arquivos? Já Jâmblico, no século III da nossa era, escrevia que: "A Esfinge marca a entrada de corredores subterrâneos nos quais se encontram inscrições, que estão na origem de todo o saber humano." Amiano Marcelino, por volta de 390, diz também: "Os Antigos afirmavam que existem inscrições nas paredes de galerias subterrâneas, em redor das pirâmides; e que estas deviam conservar os conhecimentos de antes do Dilúvio."

A tecnologia futurista de há onze mil anos...

Os textos caycianos têm por vezes um ar de ficção científica: carros propulsionados a gás, engenhos aéreos mais leves do que o ar, centrais de energia alimentadas pela radiação cósmica, laser e maser... Impensáveis há algumas décadas, certas afirmações de Cayce poderiam hoje servir de hipóteses de investigação.

Começa-se a suspeitar que os Antigos conheciam as viagens aéreas. Por exemplo, levantam-se questões sobre os mapas do almirante turco Piri Réïs (1513) e de Oronteus Finaeus (1531), que mostram o detalhe das costas da América do Sul e da Antártida com tal precisão que os especialistas da marinha americana pensam que só poderiam ter sido feitos a partir de observações aéreas.

Quanto à eletricidade, Andrew Tomas, no seu livro *Os Segredos da Atlântida*, publicado pela Robert Laffont, descreve a descoberta de baterias elétricas numa sepultura antiga, durante escavações arqueológicas conduzidas no Iraque pelo engenheiro alemão Wilhelm König, alguns anos antes do início da Segunda Guerra Mundial. Esta história não prova nada quanto à existência dos "engenhos mais leves do que o ar" de que fala Cayce, que levaram os Atlantes ao Egito. Mas significa que os Antigos eram talvez menos primitivos do que geralmente se pensa!

Quanto ao problema técnico da construção da Grande Pirâmide, é atualmente insolúvel. Os engenheiros que a examinaram não cessam de se espantar com a perfeição do talhe desses enormes blocos; com a finura das juntas; com a precisão, ao milímetro, das suas dimensões, tanto externas como internas (as quais representam todas as coordenadas geográficas da Terra, com uma exatidão eletrónica!). As suas conclusões: querer-se-ia refazer a Grande Pirâmide, com todos os meios modernos de que hoje se dispõe... e não se conseguiria! Mesmo supondo (!!!) que se dispusesse das enormes verbas necessárias, há problemas técnicos que permaneceriam insolúveis.

Então, devemos acreditar em Cayce quando afirma que os blocos foram transportados por teleguiamento através do ar?

O génio médico dos antigos Egípcios

O que Cayce descreve parece-nos bastante incrível: o bisturi elétrico no XI milénio antes de Jesus Cristo, o rejuvenescimento dos idosos, os processos para branquear a pele dos Negros... Não dispomos, por enquanto, de qualquer meio para verificar estas afirmações. A nossa ciência médica ainda não é capaz de analisar o material encontrado nos túmulos egípcios. O principal obstáculo reside no facto de o "Homo occidentalis" do século XX estar intimamente

persuadido de que, em medicina, inventou tudo! Recordemos, no entanto, que o médico grego Demócedes sabia curar o cancro da mama, como relata Heródoto, e que o extraordinário estado de conservação de certas múmias indica conhecimentos médicos muito avançados...

As "coisas" existiram?

Que pensar deste zoo meio animal, meio humano, que Cayce faz desfilar diante de nós? É certo que basta passear hoje pelo Egito para ver surgir por toda a parte essas esfinges, essas mulheres com cabeça de vaca, esses homens com bico de falcão... Do lado dos Gregos, a mitologia está repleta de misturas: faunos meio cabritos meio rapazes, sátiros meio bodes meio homens, centauros meio cavalos meio cavaleiros... (Todos com a reputação de serem obsessivos sexuais!)

Quanto à mitologia babilónica, apresenta magníficos leões alados com cabeça de homem barbudo; a epopeia de Gilgamesh fala dos homens-escorpião que guardam o Reino dos mortos...

De onde terão os Antigos retirado estes monstros? Será possível que sejam o testemunho de uma época desaparecida, em que tais híbridos realmente existiram? Tratamo-los como ficções poéticas. Mas não era esse o ponto de vista dos autores da Antiguidade, que deles dão descrições pormenorizadas e acreditam na sua existência (numerosos exemplos em Estrabão, Diodoro da Sicília, Heródoto, etc.).

Não temos nós próprios, em França, um bestiário fantástico com animais em parte, ou a tempo parcial!, humanos? Até ao século XIX, por exemplo, viram-se nas nossas costas sereias, razão pela qual eram representadas na proa dos navios. A fada Melusina, ancestral dos Lusignan, transformava-se todos os sábados em serpente... Caso frequente no nosso folclore (e até ao século XVIII, quando um famoso processo, com testemunhos e abundância de documentos escritos!, terminou com a execução de uma castelã acusada de se transformar periodicamente em loba... Fora apanhada em flagrante delito!).

Defendemo-nos destes monstros decidindo que, "racionalmente", não podem existir...

Cayce traz algo de novo: a compaixão. Pela primeira vez, alguém fala destes horrores com piedade. Até então, provocavam medo (a palavra "pânico" vem do deus Pã, homem com patas de bode). Mas enquanto não se encontrar o esqueleto completo de um destes híbridos, nada será provado!

Finalmente, a origem da palavra "Atlas", que não é árabe, nem latina, nem sequer, ao que parece, grega. Platão diz que o "oceano Atlântico" recebeu o

nome de Atlas, filho mais velho de Posídon, fundador do reino submerso que se chamou Atlântida. Heródoto chama aos habitantes das montanhas do Atlas... os Atlantes! O facto estranho é que existia, aquando da chegada dos Espanhóis, perto do istmo do Panamá, uma pequena cidade que se chamava em língua indígena "Atlan". Que as lendas mexicanas dão uma versão do Dilúvio em que um certo Coxcox, que poderia chamar-se Noé!, desembarca com a sua arca em Atlan. Que os habitantes da Cidade do México acreditam descender de um império fabuloso chamado "Aztlan". Que o Popol-Vuh, livro sagrado dos Maias traduzido pelo abade Brasseur de Bourbourg, conta a história de um império submerso que se assemelha muito à Atlântida de Platão... Etc. Coincidências?

O leitor poderá igualmente ler com proveito os apaixonantes livros de Albert Slosman (já citado), que afirma, por exemplo, que todos os topónimos berberes de Marrocos e do Sara (Ta-Ouz, Tidikelt, Taoudeni, etc.) podem ser escritos em hieróglifos egípcios. E isso constitui, para ele, uma prova da migração dos Atlantes, desde a costa atlântica de Marrocos até ao Egito. Outros autores franceses antigos tinham já dado, no século XVIII, um mapa da Atlântida (o abade Moreux, por exemplo). Gattefossé e Donnelly insistem no estranho parentesco entre os Guanches das Canárias, os antigos Egípcios, os Ameríndios... e os Bascos. Terá Cayce plagiado todos estes eruditos autores? A sua família afirma que ele ignorava até o nome da Atlântida... O que creio de bom grado!

Na América, não é como entre nós, onde os rapazes de Nîmes brincam ao jogo do eixo nas arenas com dois mil anos... Onde os rapazes de Marselha ainda se chamam Numa ou Marius como os heróis romanos. Vivemos ainda nas vibrações desse mundo antigo que nunca deixou de nos deslumbrar. Não encontrei nada de semelhante nos Estados Unidos, e é normal. Lá, os Cayce dificilmente teriam o subconsciente sobrecarregado com as leituras de Platão sobre a Atlântida! Além disso, Cayce fornece uma multidão de pormenores precisos e apaixonantes que não existem nem no "Timeu" nem no "Crítias". Para mim, a sua visão da Atlântida é original e nada deve a todos os eruditos autores que trataram o tema antes dele.

Os Atlantes no Egito

Um grande número de atlantólogos considera que os Egípcios, tal como os Índios pré-colombianos, descenderiam de Atlantes sobreviventes da catástrofe. Para além das múmias e das pirâmides que se encontram de ambos os lados do oceano, os atlantólogos observaram:

- A concordância das espécies animais e vegetais entre as duas margens do Atlântico, nas mesmas latitudes;

- o facto de os Egípcios se designarem como os "homens vermelhos". Ainda se podem ver as figuras masculinas pintadas dessa cor nos baixos-relevos. Os Atlantes, diz Cayce, eram a "raça vermelha"... A relacionar com a designação "Peles-Vermelhas" atribuída aos Ameríndios;

- que, para os Egípcios, o "Amenti", ou País dos mortos, se situava a oeste. Do mesmo modo, os Guanches das Canárias e os Homens de Cro-Magnon enterravam os seus mortos com o rosto voltado para oeste;

- que certos nomes de localidades se encontram tanto na América Central como na Europa, em particular no País Basco (nomes indígenas que os Espanhóis encontraram ao desembarcar, com grande espanto). Os linguistas notaram o estranho parentesco entre o basco e certas línguas pele-vermelha da América do Norte.

Existem, contudo, alguns arqueólogos franceses que interpretam a civilização egípcia na mesma linha que Cayce. São R. e I. Schwaller de Lubicz (Le temple dans l'homme, Dervy-Livres, Le miracle égyptien, Flammarion, Her-Bak, mesmo editor) e Christian Jacq (Pouvoir et sagesse selon l'Égypte ancienne, Le voyage dans l'autre monde, nas edições du Rocher, Akhenaton et Nefertiti na Robert Laffont).

5: A Lemúria submersa e o ouro de Gobi

A Lemúria, ou "país de Mû"

Cerca de vinte leituras mencionam outro continente perdido: a Lemúria, ou país de Mû. Este continente teria conhecido uma evolução comparável à da Atlântida: uma civilização brilhante, depois a decadência trazida por uma decomposição dos valores espirituais. Finalmente, o cataclismo, com violentas erupções vulcânicas, terramotos e, por fim, o afundamento no fundo do oceano. A sua localização: no meio do Pacífico. Ilhas como a da Páscoa, ou as Marquesas, etc., seriam os restos dos antigos cumes do continente submerso.

Dedico estas páginas ao meu filho Gilles que, quando era muito pequeno, repetia: "Sou um muviano do país de Mû." (E eu que não compreendia nada do que ele dizia!)

Mû teria existido muito antes da Atlântida e teria afundado por volta de -200 000 anos antes da nossa era, na época em que o continente Adante, pelo contrário, começava a desenvolver-se.

Eis então um excerto de leituras sobre esta misteriosa Lemúria:

Anteriormente, encontramos esta entidade encarnada num dos países onde se refugiaram as pessoas de Mû, que agora é o Arizona e o Utah. (Leitura 816-3.)

Anteriormente, encontramos esta entidade no país agora conhecido como a América, numa época de convulsões geológicas que tinham provocado a submersão de Mû, isto é, da Lemúria, e a migração dos seus povos. E a entidade era uma princesa do país, que ensinava a lei do Uno. (Leitura 351-2.)

A entidade vivia nesse país que hoje se chama Mû, isto é, o continente desaparecido do Pacífico, o Pacífico (no texto americano: "the vanished land of the Pacific, the Peaceful"). Era na época em que muitos dos que tinham alcançado o poder foram banidos e se preparavam para se refugiar noutros lugares para sobreviver. Pois sabiam que o seu continente em breve se desintegraria. E a entidade esteve entre aqueles que viajaram desde Mû até ao que é hoje o Oregon. (Leitura 630-2.)

Foi dada uma leitura para um consulente ex-Atlante, que teria encontrado refúgio no Iucatão e aí teria construído templos:

... Pois também houve cataclismos no país de Mû, isto é, na Lemúria (...). Os primeiros templos construídos por Iltar e os seus fiéis foram destruídos (no Iucatão) por convulsões geológicas. Aquilo que atualmente se está a redescobrir, parte do qual em ruínas desde há muitos séculos (...), é a obra combinada de pessoas vindas de Mû, de Oz e de Atlântida. (...) Os Incals eram eles próprios os sucessores dos povos de Oz, ou Og, no Peru, e dos povos de Mû. (Leitura 5750-1.)

Tal como na Atlântida, parece ter existido na Lemúria monstros meio humanos, meio animais. Uma leitura fala:

do que chamaríamos associações materiais com corpos animais. Pois as projeções (de almas humanas) para estes tinham vindo dessas influências chamadas "Lémures", ou Lemurianas, ou originárias do país de Mû. (Leitura 877-10.)

Esta palavra lémures designava entre os Romanos os fantasmas que vagueavam pelas casas aparecendo sob formas monstruosas, protegendo ou aterrorizando os vivos, conforme o caso. Quanto à tradição de um continente submerso no Pacífico, é muito antiga. Segundo certos autores, a ilha da Páscoa, tal como as inúmeras ilhas montanhosas do Pacífico, são os antigos cumes desse continente colapsado. O leitor interessado por Mû poderá ler as obras do coronel Churchward (editadas por Ives Washburn, Nova Iorque), bem como Le Paradis Perdu de Mû, de Louis-Claude Vincent (nas Edições Copernic, ou na

livraria Nature et Progrès, Château de Chamarande, 91730 Chamarande) e, por fim, Fantastique Île de Pâques, de Francis Mazière (Robert Laffont, 1965).

A cidade do ouro sob as areias de Gobi

Segundo Cayce, a civilização de Mû teria florescido um pouco por toda a parte em redor do Pacífico. Talvez a Lemúria tivesse colónias? Depois, os refugiados teriam levado a sua cultura para os países onde se instalaram, isto é, segundo Cayce, na costa Oeste das Américas e no Extremo Oriente. As leituras falam de duas civilizações extremamente brilhantes: a Mongólia e a Indochina:

Esse país (Cayce fala do Gobi), sob a influência de Mû, atingiu aquilo que hoje se chamaria um nível muito elevado de desenvolvimento: as realizações materiais práticas, o conforto, eram muito desenvolvidos. (Leitura 877-10.)

Uma longa série de leituras fornece pormenores espantosos sobre esta civilização desaparecida e completamente esquecida! Tal como a antiga Lemúria e a Atlântida, mas mais recentemente, a civilização mongol de Gobi teria conhecido uma idade de ouro, depois a decadência, e por fim o desaparecimento total, mas não pela água e pelo fogo. Como dizia Valéry: "Sabemos agora que as civilizações são mortais." (Porque, na sua época, havia quem acreditasse que duravam para sempre...)

Mas eis antes o que diz Cayce:

... No país agora conhecido como Gobi vivia a entidade, numa época em que esses povos eram extremamente poderosos. Pois possuíam em quantidade muito abundante aquilo que tantos homens procuraram, aquilo a que tantos seres humanos sacrificaram a sua vida, o seu ser, a sua existência: o ouro e as pedras preciosas. (Leitura 1256-1.)

Um número considerável de leituras fala de um "Templo do Ouro" e de uma "Cidade do Ouro":

No país agora conhecido como Gobi, onde se encontrava a Cidade do Ouro. (Leitura 1951-1, mas também as leituras 1969-2, 2402-2, 2420-1, 3004-1, etc.)

Não se compreende claramente se este Temple of Gold se situa na City of Gold; por vezes uma ou outra expressão é empregue indistintamente. O que é marcante, em todo o caso, é a menção do ouro na maioria das leituras, o que não acontecia nem para a Atlântida nem para o Egito. E tudo isso, aparentemente, ainda dorme sob o deserto de Gobi:

Antes disso, a entidade vivia em território chinês, ou antes mongol, em cidades que foram apagadas do mapa pela areia e pelos insetos. (Leitura 3541-1.)

Eis outra leitura dada a uma arqueóloga americana, que tinha sido sacerdotisa em:

(...) o país mongol, ou aquilo que desde então se tornou o deserto de Gobi (...). Nesse país (...), a entidade poderá agora contribuir para descobrir, sob as areias de Gobi, uma cidade (...), com um templo, que ela havia mandado construir outrora. (...) Presentemente, a entidade pode ajudar a realizar as mais maravilhosas descobertas arqueológicas. Pois há toda uma civilização enterrada com esse templo. (Leitura 873-1.)

Outra consulente:

A entidade foi sacerdotisa no Templo do Ouro, que ainda está por descobrir, para que se conheçam melhor essas coisas que são antigas como a própria Terra... Pois o amor de Deus manifestado às almas dos homens na Terra é tão antigo como a própria Terra... (Leitura 2402-2.)

Esta civilização mongol pré-histórica teria atingido um nível muito elevado de civilização material e moral. Eu resumo o que dizem as leituras: uma sociedade sem classes, verdadeiramente democrática, com cidadãos que se autogovernavam sem necessidade de governantes... nem de sacerdotes. Cayce compara-os aos Quacres, que, nas suas assembleias, admitiam que cada um se exprimisse livremente segundo a inspiração do Espírito. Esta sociedade praticava também a igualdade entre os sexos, bem como a monogamia. Toda a gente trabalhava e recebia como salário de um dia uma moeda de ouro de forma quadrada, com um buraco ao meio. O seu valor de um dia de trabalho aplicava-se a qualquer categoria de cidadãos (mesmo às mulheres e às crianças). Portanto, uma sociedade sem discriminação social, sem escravos... no início. No entanto, a idade de ouro não parece ter durado. A leitura 1416-1 sugere uma decadência, pois fala de um indivíduo que:

sendo secretário das finanças do país de Gobi, se ocupava dos cuidados prestados aos indigentes e aos trabalhadores da casta, ou classe, mais baixa, isto é, aos trabalhadores que trabalhavam dia após dia.

Portanto, progressivamente, aparecimento de castas e de trabalhadores explorados... A Lei do Uno, o monoteísmo originário, esboroou-se e, finalmente:

Na época em que esta entidade exercia uma atividade nesse país, ela avisou mais de uma vez os povos contra esse espírito de rebelião que se propagava, espírito esse que teve mais tarde como consequência a progressão devastadora das areias... E estas, por fim, cobriram o Gobi. (Leitura 877-1.)

Então, é muito simples: é só escavar. Isso levanta menos problemas do que a arqueologia submarina!

Os esplendores da antiga Indochina

O Império mongol parece ter englobado a Indochina. Uma série de leituras descreve também aí uma civilização que tem ouro de sobra e que desenvolveu uma criatividade artística muito grande. As leituras falam de escultores, gravadores, ourives, artesãos e artistas têxteis, que trabalham a seda, etc. Também aqui, no início, uma civilização monoteísta. As mulheres desempenhavam um papel dominante:

Nessa época, eram as mulheres que reinavam. (Leitura 2067-4.)

Foi dada uma leitura muito interessante, em 1 de outubro de 1940, a uma mulher-autora que queria escrever um livro sobre a Indochina:

Pois a entidade era então uma sacerdotisa de grande envergadura. Era uma personagem imponente, tanto fisicamente como moralmente, nas suas decisões e nas suas empresas, embora, muitas vezes, tenha sido mal compreendida (...). A sua crença fundamental era: "O Senhor é Um." Ainda se podem encontrar, nas ruínas, vestígios desta entidade, que se chamava então Tehexutz.

- Em que época vivi como Tehexutz?

Isso depende do sistema de cronologia adotado. Segundo a era cristã, em 926 antes de Jesus Cristo.

- A cidade (...) de que fala é agora Angkor Vat? E tive alguma participação na construção dos seus templos? E construí o quê?

Tudo isso é consequência disso. Mas não no período considerado. (Leitura 2067-1.)

Recorde-se que Angkor Vat tinha desaparecido, tinha sido esquecida. A cidade foi redescoberta em 1850 pelo missionário francês Charles Bouillevaux e depois pela missão diplomática de Doudart de Lagrée. Angkor, capital do país Khmer, estava no seu apogeu no século X da nossa era.

Várias princesas são indicadas como reinantes, ao passo que noutros países e noutras épocas os soberanos são antes homens. (Leituras 2762-1, por exemplo, ou 2163-1, ou 2946-2.)

Uma delas:

era uma princesa que deu um ensino religioso naquilo que é hoje a Indochina. Aí estabeleceu o estudo da Lei do Uno (...) que se encontra nos primeiros tempos dos Ming, lei essa que viera do ocidente. (Leitura 2946-2.)

Esta civilização, tal como a de Gobi, era herdeira da extinta Lemúria, como indicam as leituras 1648-1 e 2067-1. A antiga Indochina parece igualmente ter sido poderosamente rica:

O país do Ouro, isto é, aquilo que é hoje a Indochina. (Leitura 5259-1.)

Havia também aí um Templo do Ouro (leitura 1219-1) e:

A Cidade do Ouro, naquilo que é hoje a Indochina. (Leitura 3237-1, mas também 2946-2 e 1533-2.)

A entidade estava no país da Indochina, nesse período em que a cidade e os templos estavam decorados com marfim e ouro. Aí, a entidade era um decorador, parente da rainha desse tempo (...). Daí, hoje, a sua habilidade no teatro, nos figurinos, em tudo o que diz respeito aos cenários. (Leitura 348-1.)

A entidade estava naquilo que é hoje a Indochina numa época de progresso na aplicação prática das leis (físicas e químicas) da Natureza. Por exemplo, utilizando os fogos eternos para os tornar combustível, como o carvão e o carvão vegetal; utilizando o ouro e os metais como meio de troca. (Leitura 420-6.)

E como terminou esta brilhante civilização? Dizimada pela doença:

A entidade estava nesse país agora conhecido como o Sião, ou antes uma região da Indochina, que eram então províncias do grande império mongol. E eis a estranha aventura ocorrida nesse grande país: como se pode hoje descobrir, os insetos infligiram uma derrota total ao homem e às suas empresas. Pois, devido às atividades humanas, hordas de insetos invadiram o país, transformando-o num pesadelo para os seus habitantes, fisicamente, no seu corpo. E o país esvaziou-se dos seus habitantes... (Leitura 1298-1.)

- Devo ir em expedição ao Sião com o Dr. tal? perguntou a consulente:
  Sim (...). Mas tenha cuidado, ao permanecer lá, com esse inseto. Não aquele que agora se chama mosquito, mas antes esse parasita que se incrusta na pele. (Mesma leitura.)

Os leitores interessar-se-ão pelo relato de uma viagem à Ásia central, contado por Gurdjieff pouco antes da última guerra mundial (mas publicado muito mais tarde, em 1960, por Julliard em Paris, em Rencontre avec des hommes remarquables):

"Depois de termos deixado Tachkent, chegámos a F..., pequena localidade no limite das areias de Gobi (...). Começámos a conviver... com os habitantes dessa

localidade, e eles revelaram-nos todo o tipo de crenças relativas ao deserto de Gobi.

A maior parte dos relatos afirmava que aldeias, e mesmo cidades inteiras, estavam sepultadas sob as areias do deserto atual, com inúmeros tesouros e riquezas que tinham pertencido aos povos que tinham habitado esta região, outrora próspera. O local dessas riquezas, diziam, era conhecido de certos homens das aldeias vizinhas. Era um segredo transmitido por herança, sob a fé do juramento, e quem quer que violasse esse juramento... devia sofrer um castigo.

Ao longo dessas conversas, foi mais de uma vez feita alusão a uma região do deserto de Gobi onde, segundo muitas pessoas, uma grande cidade tinha sido sepultada sob as areias...

"O Gobi", disse-nos o geólogo Karpenko, "é um deserto cujas areias, como afirma a ciência, são de formação tardia" (p. 202 e seguintes)."

... Interessante, não é? Encontra-se também menção a esse ouro enterrado sob a areia em Heródoto, o historiador grego. E o escritor francês Michel Peissel, no decurso de uma expedição aos confins do Tibete, pôde interpretar o relato de Heródoto, que parece assentar em bases verídicas (Michel Peissel, L'Or des fourmis, Paris, Robert Laffont, 1984.)

Como se vê, Cayce opõe-se diametralmente ao triunfalismo dos historiadores do século XX. Tínhamos acreditado que os povos "pré-históricos" ou "arcaicos" eram "primitivos" e que a História era um progresso constante. Pelo contrário, Cayce apresenta-nos uma sucessão de civilizações incrivelmente antigas, e que ultrapassam de muito o nosso nível, tanto moral como tecnológico...

Ele vê antes a História como uma sequência de decadências e não parece achar que nós sejamos assim tão brilhantes! Hoje, os progressos da arqueologia põem em causa a nossa autossatisfação de Ocidentais. Há provérbios que soam cada vez mais falsos. Por exemplo, que "não se pára o progresso"! Pois bem: pelo contrário, segundo Cayce, ele pára-se muito mais facilmente do que se pensa! Todo o progresso é uma questão de ética, isto é, dos valores que se procura promover. Para Cayce, os valores espirituais que fazem avançar a civilização são os da Lei do Uno (da qual repete que é, em substância, a mesma que a dada pelo Jesus histórico, por Moisés, por Buda, etc.).

6: A Pérsia de antes das Mil e Uma Noites

Cerca de 680 leituras dizem respeito a encarnações na antiga Pérsia. Muito mais próximas de nós no tempo, já não descrevem senão homens

completamente humanos. Os monstros da Atlântida desapareceram: robôs, gigantes e animais pré-históricos parecem desta vez extintos para sempre.

A Pérsia antiga é descrita em diferentes épocas:

- nas origens da cidade de Susa;
- no período aqueménida, o dos "Grandes Reis": Nabucodonosor, Dario, Ciro, Xerxes, etc.;
- na época de Alexandre, o Grande;
- finalmente, no tempo de Cristo, começando pelos Reis Magos...

O leitor ficará surpreendido, como anteriormente, com a geografia muito particular de Cayce:

O país hoje conhecido como a Pérsia, isto é, a Arábia, diz ele repetidas vezes.

Para nós, hoje, estes dois países, separados pelo golfo Pérsico e pela Mesopotâmia, não se podem confundir. E tanto mais quanto o Irão não é um país de língua árabe. Mas, nas épocas antigas descritas por Cayce, a Pérsia parece ter sido palco de conflitos violentos entre sedentários e nómadas. Em certas épocas, os nómadas vindos da Arábia submergiam as cidades persas. Cayce fala dessa oposição permanente entre:

Os nómadas, que viviam dia a dia, procurando apenas sobreviver e satisfazer os seus apetites físicos, e os mercadores, os comerciantes vindos da Índia, do Egito, da Indochina, etc. (Leitura 2091-1.)

Quando os reis do que é hoje a Arábia invadiram a Pérsia (...) a população persa foi atacada e dizimada, e muitos cidadãos mortos, no momento em que os nómadas tomaram posse do país. (Leitura 2740-2.)

Ao longo de toda esta história, o mesmo conflito se repete; as tribos árabes são por vezes designadas como "Beduínos":

Nesse país, quando os Beduínos chegaram em força para o destruir. (Leitura 2713-5.)

A rota da seda

As leituras fazem ressuscitar diante dos nossos olhos uma cidade lendária, designada como A cidade nas Colinas e nas Planícies (em americano: "City in the Hills and in the Plains"), que talvez seja o seu nome de origem em persa antigo. Evidentemente, isto não é muito original para nós, uma vez que as cidades antigas da Europa foram construídas sobre colinas para fins defensivos. Para os

Americanos é menos banal, porque a maior parte das suas cidades é construída em terrenos planos como a palma da mão!

Assim, esta cidade antiga estava em parte construída nas alturas, para servir de refúgio; estendia-se também por uma planície, que foi durante milénios uma das grandes rotas do mundo: a "rota da seda", como veremos. Era o itinerário das caravanas que trocavam especiarias, seda... e informações!, entre o Oriente e o Ocidente.

A cidade (...) situava-se nas proximidades do que hoje se chama Shustar, na Pérsia ou Arábia. (Leitura 991-1.)

Basta abrir o seu atlas na página do Irão: a cidade de Shustar existe de facto. E, ao lado, ruínas: Susa, a capital dos Grandes Reis aqueménidas.

As leituras falam das origens de Susa:

Esta cidade nas colinas e nas planícies desenvolveu-se a partir de uma simples etapa para as caravanas que viajavam de leste para oeste, ou vice-versa, do Egito para a Pérsia, para a Índia e até à Mongólia e à Indochina. A cidade tornou-se progressivamente um lugar de trocas, um centro comercial e religioso, uma cidade de cura, de cuidados para os doentes. (Leitura 2091-2.)

Um centro comercial e religioso, regido por leis morais que se tornaram mais tarde uma grande parte da religião zoroastriana. Estas atividades faziam da cidade um cruzamento de raças, um centro cosmopolita, com pessoas vindas de toda a parte, onde reinava um ambiente muito democrático. (Leitura 1211-1.)

Essa época viu uma mudança no habitat, passando os povos da tenda para uma estrutura permanente na cidade. (Leitura 553-1.)

A entidade estava na Pérsia, nessa cidade hoje chamada Shustar, que foi primeiro uma cidade de tendas, depois um centro de oração e um lugar de encontro para pessoas vindas dos quatro cantos da Terra, o que ofereceu (à entidade) uma oportunidade de compreensão fraterna. (Leitura 406-1.)

A cidade não era ameaçada apenas pelos nómadas da Arábia. Era também objeto da cobiça dos Gregos e dos Cretenses:

Ele era aquilo a que hoje chamaríamos o administrador da Cidade, isto é, o presidente da câmara. Contudo, durante os maus dias trazidos pelos Gregos, a entidade foi aquele que, por negligência, deixou os saqueadores de Chipre e de Creta invadirem a Cidade. (Leitura 406-1.)

Encontramos a entidade no país hoje conhecido como persa, ou árabe, na época em que os reis da Pérsia procuravam lutar contra os nómadas, a fim de

manter abertas as vias de comunicação comercial entre a Pérsia, a Índia, o Egito, o mar Egeu e o Cáspio, e os povos do Norte, no que é hoje a Ucrânia e a Grécia. (Leitura 1571-1.)

Pois esta cidade, Susa, e esta nação, a Pérsia, tinham um Rei. Cayce dá-lhe o nome: Creso. O que não deixa de nos surpreender, pois esse nome é conhecido como o de um tirano lídio (isto é, grego da Ásia) entre 560 e 546 antes de Jesus Cristo. O Creso da História, tido por fabulosamente rico, exercia a sua "tirania" não na Pérsia, mas muito mais a oeste, nas costas do mar Jónio. No entanto, as leituras repetem o seu nome com insistência, apresentando-o como rei da Pérsia:

A entidade estava então no país dos Persas, ou Árabes; era meio persa, meio medo, sob o reinado dos primeiros reis conhecidos como Creso, no que é hoje a Pérsia. (Leitura 1125-1.)

A leitura 870-1 fala da linhagem dos Cresos, que a leitura 962-1 situa numa época muito antiga:

A entidade estava entre os guardiões do tesouro real sob o reinado do primeiro e do segundo Creso, pois esta encarnação foi das primeiras da entidade, cerca de 7000 a 10 000 anos antes de Jesus Cristo. (Leitura 962-1.)

Por fim, eis o retrato de um dos reis desta dinastia:

A entidade, encarnada como Creso, era um homem de coração duro, dispondo de muito poder que usava mal (...) Era na Pérsia, e a entidade era aí rei, (...) nas funções do segundo Creso. Tinha riqueza, poder, renome... e abusava disso. (Leitura 5001-1.)

Outro consulente de Cayce tinha sido, numa encarnação anterior:

o terceiro Creso, aquele que, pela primeira vez, fez uso de gases e de metais ainda não utilizados, como o bórax, o estanho, o enxofre... em aplicações práticas. Pois a entidade, nessa encarnação, controlava a maior parte das riquezas do país. (Leitura 1265-1.)

Esse Creso parece ter sido multimilionário... O seu ministro das finanças:

guardião do tesouro de Creso, tinha analisado a situação económica dos diversos povos nas diferentes regiões e como se podiam daí extrair impostos (...). E, nessa encarnação, a entidade possuía a maior coleção de pérolas do golfo Pérsico (...). Traga sempre uma consigo, hoje, (...) por causa das suas vibrações positivas. (Leitura 2533-1.)

Contudo, por mais rico que fosse — ou talvez por causa disso! —, Creso tinha muito que fazer contra os saqueadores do deserto:

... A entidade estava nesse país a que se chama a Pérsia. Foi dos refugiados, num período de invasão, sob o reinado de Creso, e sofreu muito com o invasor. Ajudou as populações (...) e agora conserva, dessa encarnação, um dom de piedade, o dom de pensar naqueles que sofrem... (Leitura 2729-1.)

Mas, por fim:

esses distúrbios entre os nómadas e o rei da Pérsia (Leitura 2891-1)

levaram:

à destruição do poder real de Creso. (Leitura 2692-1.)

Pois:

Uhjltd, líder dos nómadas (Leitura 2091-1),

atacou com sucesso definitivo o rei de Susa:

a entidade estava na casa do rei, parte da qual tinha sido destruída pelas gentes de Uhjltd. (Leitura 403-1.)

Uhjltd (ou como Cayce pôde ser persa...)

E eis por que tantas leituras se interessam pela Pérsia: esta personagem de nome impronunciável (parece que Cayce dizia: "yoult"!) teria sido uma encarnação anterior do próprio Edgar Cayce. A sua história é uma espécie de reedição da de Ra-Ta, mais desportiva...

Pois a permanência de Uhjltd foi a continuação da anterior (no Egito) como Ra-Ta. (Leitura 294-8.)

Esta leitura, pedida e dada pelo próprio Cayce, para saber qual tinha sido o seu passado, precisa ainda:

Entre os que tinham escolhido nascer neste país, hoje conhecido como o Irão, encontravam-se todos os que tinham tido fé nos ensinamentos dados no Egito, isto é, no país do Sol (...).

Nesse país do Irão reencontrou-se, portanto, um grupo de pessoas que procurou de novo estabelecer esses ideais espirituais ensinados anteriormente no país do Sol (...). E assim nasceu Uhjltd, que, na sua juventude, se tornou o chefe oficial das gentes das planícies. (Leitura 294-142.)

(...) A entidade (Cayce), no que é hoje a Arábia, cresceu sob o nome de Uhjltd. (...)

Nessa época, a entidade tinha poder, prestígio, um papel de rei. Era o chefe militar, em inumeráveis guerras, razias ou expedições, conduzidas contra os povos vizinhos, e isso, particularmente no tempo da guerra contra o rei da Pérsia, Creso.

Foi Uhjltd quem conduziu a expedição contra esse país. Conquistou-o e impôs-lhe a sua lei. (Leitura 294-8.)

As aventuras deste Uhjltd: um verdadeiro romance de capa e espada! Para começar, uma vida de chefe simultaneamente religioso e militar, uma mistura de Maomé e de Lawrence da Arábia. Não sem provas físicas, pois a fortuna das armas nem sempre lhe foi favorável:

No período da segunda incursão sobre a capital (...) Uhjltd foi capturado (...), acorrentado aos muros, pés e mãos, e posto em segredo. (Leitura 294-142.)

Depois conseguiu escapar, não sem ter seduzido uma princesa persa, que viria a casar. Levando no deserto uma vida de fora da lei, Uhjltd construiu uma grande cidade, ou antes um grande campo de tendas. (Leitura 294-142.)

E aí reuniu os seus fiéis, dando-lhes um ensinamento religioso:

Pois, no sentido espiritual, como no sentido físico da palavra, Uhjltd era um excelente ensinador: não tinha ele sido, outrora, o Grande Sacerdote? (Leitura 294-142.)

Ganhou pouco a pouco uma audiência cada vez mais vasta e:

O seu poder como chefe cresceu (...). Começou a contar entre as nações. (Leitura 294-142.)

Nestas leituras, Uhjltd é chamado ora "leader", ora "teacher", isto é, ora chefe militar, ora chefe espiritual.

Depois de uma viagem ao Egito, o seu país de origem, pois era meio egípcio, fez um regresso triunfal ao deserto. Aclamado pelos seus Beduínos:

Esperava-se dele que unisse as diferentes facções que dividiam as tribos. (Leitura 294-144.)

Depois de vencer Creso e pôr fim ao seu reinado (leitura 2730-1), instalou-se na célebre "Cidade das Colinas e das Planícies", que reconstruiu, para aí reinar por sua vez. (Leitura 366-5.)

Fez de Susa um centro religioso, uma cidade de peregrinação, uma nova escola de pensamento. Certas leituras falam de "healing", isto é, de cura pela oração e pela liturgia (como nos templos egípcios sob Ra-Ta):

Pois os ensinamentos de Uhjltd e dos seus colaboradores punham em evidência que a vida espiritual afeta o corpo físico, pela oração e pela meditação. Muitos foram os que foram levados à entidade para que ela os curasse das suas doenças. (Leitura 993-3.)

Uhjltd ensinou à entidade como rezar (...), pois a entidade em questão era o filho desse chefe; ele ajudava-o a acolher e a repartir os diferentes grupos de doentes que vinham ser tratados. A entidade tornou-se assim seu assistente, depois chefe por sua vez. (Leitura 993-3.)

Pois Uhjltd, durante a sua vida no deserto, tinha atravessado duríssimas provas físicas, que tinham desenvolvido os seus poderes psi.

As leituras descrevem uma espécie de renascimento religioso, social e político trazido por Uhjltd. Uma época brilhante de civilização para a cidade de Susa... Completamente desconhecida da arqueologia oficial. Encontrar-se-ão um dia testemunhos disso?

Zend, pai de Zoroastro

A personagem mais misteriosa desta sequência persa é "Zend, pai de Zoroastro", por vezes grafado foneticamente Zan, ou mesmo San, pela secretária de Cayce:

Uhjltd, que se tornou, como diríamos hoje, o líder, o chefe militar e político, antes de Zan (Zend) se elevar por sua vez à posição de líder espiritual desses povos. (Leitura 538-32.)

— As verdades ensinadas por San (ou Zend) a esses povos incluíam o Zend-Avesta? (Livro sagrado dos Zoroastrianos):
Mas eram exatamente essas! (Leitura 288-29.)

Ora este Zend, de quem Uhjltd teria sido o pai na segunda parte da sua vida, não seria, segundo as leituras, nada menos do que uma encarnação de Cristo (ver capítulo seguinte).

Com quem estava Zan nesse período?

Zan, aquele que se tornou o líder (...). Zan não está presentemente no plano terrestre. Veio ainda como um dos filhos dos Homens e como Salvador deste mundo. E quando reaparecer, muitos dos que estiveram associados com ele

serão chamados bem-aventurados. Pois o seu lugar foi preparado, se permanecerem fiéis. (Leitura 538-32.)

Cayce fala noutro lugar de:

A entrada do Mestre no plano terrestre, pois, nessa época, ele se tornou o líder dessas paragens. E há muito a aprender estudando o pensamento persa, ou, mais exatamente, o que hoje se chama a filosofia persa.

— E qual era o seu nome nesse tempo?
San (escrito foneticamente pela secretária de Cayce, que anota: ou Zan, ou Zend...) (Leitura 993-3.)

— Na sua vida persa como Zend, deu Jesus os ensinamentos de base daquilo que viria a ser o zoroastrismo?
Em todos esses períodos em que o princípio de base era a unidade do Pai, ele (Jesus) caminhou (na Terra) com os homens. (Leitura 394-8.)

Segundo Cayce, a religião fundada por Zoroastro tira a sua origem de Zend, apresentado como pai de Zoroastro. O mesmo cujos ensinamentos foram facilitados pela revolução política e religiosa de Uhjltd (que teria sido uma espécie de precursor):

Nesse país, a que hoje se chama a Pérsia, onde essas populações tinham sido traumatizadas pelo desaparecimento do seu chefe, Uhjltd, e pela invasão e dominação dos Atenienses, a entidade esteve entre os que tentaram travar a maré crescente das influências destrutivas. Procurou preservar o que fora criado no tempo de vida do líder (Uhjltd) e assistiu Zend, isto é, Zoroastro e Zend, a restabelecer noutra parte do país uma zona de refúgio. (Leitura 333-2.)

Ou ainda:

Os fiéis de Zend. Isto é, os Zoroastrianos. (Leitura 2091-2.)

A verdadeira doutrina de Zoroastro

Quais eram então os ensinamentos religiosos transmitidos sucessivamente por Uhjltd, Zend, Zoroastro?

Pois bem: a "Lei do Uno" (um só Deus), que tinha sido a dos Egípcios após o desaparecimento da Atlântida. Já as leituras egípcias afirmavam que esta religião era, na sua essência, a mesma que a ensinada pelo Cristo histórico. Retomada na Pérsia por Uhjltd, seria — segundo Cayce — desenvolvida por Zend depois dele, de forma mais completa. Pois, de idade em idade, segundo Cayce, a entidade-Cristo inspirou os Homens para lhes trazer a luz:

— Que papel desempenhou Jesus (...) no desenvolvimento das seguintes religiões: budismo, islão, confucionismo, xintoísmo, platonismo, judaísmo? Como já foi indicado, ele, enquanto entidade, influenciou direta ou indiretamente todas as formas de filosofia ou de religião que ensinaram que Deus é UM (...). Foi Aquele que guiou ou inspirou esses princípios de base, um pouco da mesma maneira que completou o judaísmo (...) com os ensinamentos dados, tal como os conhecemos, durante a Sua vida enquanto Jesus na Galileia e na Judeia. Em todas as formas de religião citadas, portanto, é, na origem, o mesmo Espírito que deu o impulso. Aquilo que os indivíduos fizeram — e ainda fazem — com esses princípios de base é modificá-los, apresentá-los de uma maneira que responda às necessidades imediatas do seu tempo e do seu país. (...)

Pois, como foi dito: "Escuta, Israel, há um só Deus, e Ele é o teu Deus." Este é o pensamento diretor que inspirou Confúcio, Brahma, Maomé, Buda. Estes últimos não foram senão intérpretes, instrutores. (...) Assim, o Espírito do Mestre, o Espírito do Filho, foi manifestado, dado, a cada um na sua esfera respetiva. E hoje como ontem, Deus chama o Homem, onde quer que esteja, para procurar a Sua Face (...) e qualquer que seja a forma de pensamento ou de religião que esse chamamento possa tomar. Hoje, reencontramos os mesmos limites, o mesmo sectarismo, em que cada um grita: "O Cristo, somos nós que o temos. Somos nós que temos a maneira certa de nos aproximarmos dele. E se não fizerem isto ou aquilo, serão excluídos dos seus." Ora Ele disse: "Aquele que guarda os meus mandamentos, esse ama-me." Mas quais são esses mandamentos? "Amarás o teu próximo como a ti mesmo." Esta é a Lei e o Evangelho de todos os tempos, se se acredita que há um só Deus. (Leitura 364-9.)

Portanto, esta religião de Zoroastro era "cristã" antes de o ser no nome.

De um nível moral elevado, insistia na recusa da mentira, no respeito devido a toda a criatura viva, em particular ao animal. Influenciou muito o judaísmo, como tão bem mostrou Paul du Breuil, no seu livro apaixonante *Zarathoustra* (edições Payot, 1978).

Quanto ao próprio Zoroastro (ou Zaratustra), os historiadores não sabem de onde ele teria tirado a sua doutrina, cuja forma originária também desconhecem. Em geral, descrevem apenas formas tardias, degeneradas em maniqueísmo. Nem sequer se conhecem com certeza as datas de nascimento e de morte de Zoroastro, que em geral se situa por volta do século VI antes da nossa era. Paul du Breuil, na obra magistral citada acima, recorda que os discípulos de Platão estavam persuadidos de que este último era uma reencarnação de Zoroastro.

Sugestões para arqueólogos sem medo de nada...

A Pérsia e o zoroastrismo são pouco conhecidos. Embora, segundo Cayce, milhares de anos nos separem das personagens de que ele fala, poder-se-iam, no entanto, encontrar vestígios... Inscrições, objetos preciosos, monumentos: nem tudo desapareceu. Algumas leituras são encorajadoras para os arqueólogos:

A entidade vivia nesse país hoje conhecido como a Pérsia (...) como ajudante de campo do rei Creso. Era alguém com quem era preciso contar (...). Chegado ao poder (...), ergueu muitas construções para os povos dessas regiões. E ainda se podem ver restos dos monumentos que tinha erguido, nas colinas situadas exatamente a sudeste do que hoje é Shushtar. Aí, a entidade construiu uma espécie de memorial à glória de Creso. E ainda há muito ouro nesse lugar! (Leitura 2738-1.)

A entidade era a princesa e soberana desse país que se tornou Ur na Caldeia (...). Ainda se podem encontrar vestígios das suas atividades nessa época e nesse país, que foram conservados nos túmulos. E não apenas testemunhos da vida privada da entidade, mas também testemunhos das crenças religiosas a que ela aderiu depois de ter encontrado Uhjltd. (Leitura 357-2.)

Eis trabalho pela frente para os arqueólogos corajosos!

Os "Grandes Reis" aqueménidas

Se o ciclo de Uhjltd e a fundação de Susa parecem pertencer à Pérsia pré-histórica, outro conjunto de leituras descreve um período mais recente: a Pérsia aqueménida. É a época gloriosa dos "Grandes Reis", sobre os quais, ainda assim, se tem bastante informação.

Este período das leituras caycianas abre com Nabucodonosor (605-562 a.C.) e termina com Alexandre, o Grande (356-323). Os "Grandes Reis" aqueménidas, a partir de Dario, fazem de Susa a sua capital administrativa. As leituras inserem-se desta vez num contexto histórico clássico.

O que têm de interessante é descreverem personalidades misturadas tanto com a história persa como com a história grega e judaica. A Bíblia conta como Nabucodonosor esmagou a revolta de Joiaquim, rei de Judá, e, por fim, destruiu Jerusalém, em 586, deportando os judeus para a Babilónia. A tradição judaico-cristã apresenta-nos estes como valentes crentes perseguidos e os Aqueménidas como terríveis pagãos.

Ora a Pérsia aqueménida era fortemente marcada pela influência de Zoroastro. A sua brilhante civilização assentava num monoteísmo espiritualista,

que não estava assim tão longe do monoteísmo judaico das origens. Se Nabucodonosor, esse, termina a sua vida na loucura (cf. Leituras 2486-1 e 3635-1), os seus sucessores administrarão o Império persa com preocupação de justiça e um espírito liberal, inspirados pela sua fé zoroastriana.

Um conjunto de leituras, particularmente surpreendente, dá uma versão da história de Assuero (Xerxes para os Gregos), de que aqui fica o retrato:

Assuero subiu ao trono por volta dos seus vinte anos. Não era um homem grosseiro. Mas, com a vida fácil e as adulações de que era rodeado por parte dos príncipes e dos seus diversos conselheiros, tornou-se aquilo a que hoje chamaríamos um homem de costumes dissolutos. O seu aspeto geral era belo, mas tinha um nariz "romano", bastante pronunciado, como se diria hoje, com olhos cor de avelã e cabelos louros (...). No seu advento, o seu Império estendia-se por aquilo a que se chama a Pérsia, a Arábia, parte da Turquia, toda a Palestina, todo o Hindustão, tudo o que é hoje o Tibete, a Índia... (Leitura 1096-3.)

É, de resto, o que diz a Bíblia, no *Livro de Ester*, ao falar de "esse Assuero cujo império se estendia da Índia à Etiópia" (mas não se tem a certeza de que se trate de Xerxes I de Salamina, pois vários outros "Grandes Reis" usaram esse nome). Eis ainda o que diz a Bíblia:

"Nesse tempo, estando Assuero sentado no seu trono, na cidadela de Susa, no terceiro ano do seu reinado, deu um banquete a todos os seus altos oficiais e servos, chefes do exército dos Medos e dos Persas, nobres e governadores das províncias. Quis ostentar diante deles a riqueza do seu Império (...). E toda a população da cidadela de Susa, do maior ao menor, recebeu um banquete de sete dias (...). No sétimo dia, alegrado pelo vinho, o rei ordenou (...) que lhe trouxessem a rainha Vasti, coroada com o diadema real, para mostrar a sua beleza ao povo e aos altos oficiais, pois era muito bela. Mas a rainha Vasti recusou."

Então Assuero, furioso, repudia-a e decide procurar uma substituta: o lugar fica livre para Ester! As leituras dão um olhar interessante sobre este caso, mostrando a rivalidade dos diferentes grupos de pressão em torno do rei, em particular a luta entre um partido zoroastriano tradicional e um partido judaico. Este último acabará por vencer no reinado de Assuero. A consulta que se segue foi dada a uma americana de cinquenta anos, que teria sido essa Vasti numa encarnação antiga:

Nessa vida, a entidade era filha de um dos generais e era muito bela (...). Aos dezasseis anos, foi escolhida pelo rei, na sequência das intrigas dos seus pais,

que eram chefes locais e esperavam assim manter o favor real. E, como foi considerada a mais bela de todas as mulheres da Corte, esta entidade Vasti tornou-se a favorita. (Leitura 1096-2.)

Mas não era um papel fácil:

Os príncipes das diferentes regiões começaram a corromper o rei. Com efeito, procuravam fazer prevalecer a sua influência política, colocando junto do soberano criaturas suas, tal como Vasti, a rainha (...).

Havia as que eram chamadas rainhas e havia as camareiras do rei, que serviam para os seus prazeres. E sobre estas velavam os príncipes das diferentes paragens... (Mesma leitura.)

Ora Vasti tinha sido criada em:

... aquilo a que chamaríamos o pensamento religioso e moral dos ensinamentos de Zend, dos quais ele dera o exemplo. A saber: que os dirigentes, os chefes, não deviam ter senão uma só mulher. Contudo, Assuero e os que o rodeavam estabeleceram como regra oficial a escolha de várias. (Leitura 1096-2.)

Vasti, fiel à estrita religião zoroastriana, isto é, à versão persa da Lei do Uno, tinha por princípio: um só Deus, uma mesma dignidade para todo o ser humano e, por consequência, uma só esposa.

Pelo contrário, a poligamia introduzia discriminações entre os sexos, o que era totalmente contrário à Lei do Uno (e à Lei de Moisés, saída da mesma Lei do Uno pelo Egito! Ver o livro de A. Slosman: *Moïse l'Égyptien*, na Robert Laffont).

Assim, Vasti, casada contra vontade com um homem que não partilhava a sua fé, tinha tentado mudar as ideias do rei no plano moral e religioso. No entanto, ele escutava cada vez mais os que lhe faziam notar que não tinha herdeiro, pois Vasti não tinha conseguido ser mãe (...).

E havia períodos em que o rei se deixava levar, bebia e fazia a festa, sob a influência não só do partido indiano, mas também do partido judaico, e de todos os grupos de pressão que tentavam manipulá-lo.

Assim, quando Vasti recebeu a ordem de aparecer no banquete para exibir os seus encantos físicos, essa ordem teria sido sugerida não pelas pessoas do seu povo, mas pelos Judeus, pois havia Judeus e Indianos que assistiam às danças da Corte. E a recusa de Vasti, quando ela tinha pouco mais de vinte anos, levou ao poder, pela escolha de uma nova rainha, aqueles que viriam tomar o seu lugar. (Leitura 1096-2.)

Esta mesma leitura diz, com efeito, que Vasti tinha sido criada na Índia, seu país de adoção, embora fosse de uma família persa.

E por que recusou Vasti exibir-se publicamente a pedido do rei? Não foi apenas por causa das intrigas políticas daqueles que tinham sido colocados em cargos de poder (...), mas por causa da atitude moral que ela estimava dever manter enquanto fiel da religião de Zend. (Leitura 1096-2.)

Embora Cayce não use a palavra, a infeliz Vasti era uma campeã do feminismo — pelo menos da dignidade da mulher. É espantoso pensar que, neste domínio, teremos antes regredido e que as Egípcias ou as Mongóis dos tempos pré-históricos tinham mais liberdade do que as Americanas do século XX (embora estas imaginem ter inventado os direitos da mulher!). (Recordam-se também as teorias de Robert Graves sobre a preeminência das mulheres, sacerdotisas dos cultos lunares no alvorecer da Pré-História.)

Mas ainda não acabaram as surpresas: entre as consulentes de Cayce, outra pessoa ouviu dizer que tinha sido... Ester!

E isto segundo o princípio da reencarnação de grupo, segundo o qual as entidades que se conheceram numa época se reencontram noutra... Esta consulente, uma mulher de negócios americana de quarenta e três anos, teria também tido uma vida atlante, uma vida inca, uma vida egípcia, uma vida no Sião. Em cada uma dessas vidas, teria tido uma situação privilegiada, em particular como princesa no Sião. O conjunto da leitura deixa entender que, estando assim tão bem colocada, teria faltado à caridade, ao mesmo tempo que se concedia indulgências que recusava aos outros. Na Atlântida, teria manifestado muito desprezo pelos pobres robôs meio animais, meio humanos. E só enquanto Ester teria começado a aprender a tolerância. Ela perguntou a Cayce:

— Porque tive de sofrer ataques de paralisia facial?

Porque nessas experiências de vida, como rainha (Ester) e como princesa favorecida de tanta beleza, perdeu, no plano espiritual, quando lhe tinha sido dada uma alta consciência (...). Só hoje esse alto nível de consciência encontra a sua expressão em tolerância, em esperança, em paciência no sofrimento, para que possa encontrar a verdadeira luz. (Leitura 1298.)

A leitura diz que esta entidade não tinha aplicado, no seu comportamento quotidiano, os princípios da lei do UNO, de amor e de compaixão.

Daí a sua triste reencarnação de hoje... Ter sido rainha de tal Império e reencontrar-se com uma paralisia facial neste universo horrível de betão e plástico que é a América moderna — que queda, ainda assim...

Os Reis Magos

As referências à antiga Pérsia terminam, cronologicamente, com um grupo de leituras sobre os Reis Magos (chamados em inglês: *The Wise Men*: os Sábios). Ligam-se ao ciclo persa, na medida em que chegam de países outrora controlados pelos Aqueménidas e porque parecem ter conservado os conhecimentos esotéricos da Pérsia do tempo de Zoroastro:

Nesses tempos que precederam a vinda do Príncipe da Paz à Terra, encontramos a entidade encarnada nesse país que hoje se chama a Pérsia. Era um sábio, um perito, um erudito, que tinha um papel de aconselhamento junto das pessoas; conhecia as matemáticas dos tempos antigos, bem como os ensinamentos dos antigos Persas contemporâneos de Zend (...) e de Ubjltd. Dava àqueles que aconselhava uma melhor interpretação das leis astrológicas, bem como das leis naturais (...).

É assim que encontramos a entidade entre essas personagens altamente folclóricas e que, no entanto, existiram realmente: os Magos que vieram do Oriente nesse tempo. Por isso, na vida atual desta entidade (um Americano de quarenta e nove anos), vemos uma profunda sensibilidade a essas velhas lendas tantas vezes repetidas, e a entidade aceita-as como verdadeiras no fundo de si mesma (...). Esta entidade foi a que levou o incenso à criança. Chamava-se então Achlar. (Leitura 1908-1.)

Outro rei Mago:

A entidade estava entre os Magos que vieram a Jerusalém e a Belém, quando o Mestre nasceu na Terra. A entidade chamava-se Ashtueil e vinha das montanhas do que hoje é a Arábia e a Índia (...). A entidade trouxe o incenso. (Leitura 256-1.)

Mais tarde, esse mesmo consulente perguntou a Cayce:

— Quais das minhas encarnações influenciarão as minhas atividades, as minhas motivações, nos anos que vêm?

A encarnação persa, em que tinha estudado as influências Estelares e as estadias das almas nos planos que rodeiam a Terra, a fim de explicar as motivações das almas humanas. (Leitura 256-5.)

E quantos Magos houve?:

— Numa leitura, diz-nos, Sr. Cayce, que os 5 magos chegaram da Índia, do Egito, do Gobi; e noutra, diz que os magos que trouxeram o incenso vieram da Pérsia. Então, era preciso saber... o que é que está correto? Cita os magos Achlar e Ashtueil; mas como se chamavam os outros?

As duas (leituras) estão corretas. Pois houve mais de uma visita dos Magos. A tradição relatou que havia três Magos. Mas houve o quarto e o quinto, e depois o segundo grupo. Vieram da Pérsia, da Índia, do Egito, mas também da Caldeia, do Gobi, do que hoje é a Indochina, o país Tailandês. (Leitura 2067-7.)

Os Magos, que fazem uma breve aparição no Evangelho de Mateus (cap. II, 1, 3), permaneceram muito vivos no nosso folclore, em particular nos velhos Natais provençais. Talvez isso se deva a informações em primeira mão, trazidas ao local por um grupo de parentes e de familiares de Cristo.

Seja como for, temos um rico folclore sobre os Magos. Alguns místicos, como Ana Catarina Emmerich, falaram deles. Ela descreve em detalhe o seu traje, a sua personalidade, o seu numeroso séquito. Mas nem Cayce nem Ana Catarina Emmerich lhes dão os nomes que entre nós se usam: "Melchior, Gaspar e Baltasar"!

Que os Magos tenham sido astrólogos, investigadores, eruditos, está conforme à tradição provençal:

a entidade vivia nesse país hoje chamado a Pérsia, isto é, a Caldeia, nessa época em que alguns procuravam conhecer e compreender o que iria acontecer no mundo, devido a uma influência insólita, desconhecida até então, senão pelas tradições, que fazia a sua entrada na Terra. Uma influência vinda de algures, que iria marcar a vida da Humanidade, o seu comportamento. Era a época em que os Magos da Índia, da Pérsia, do Egito e também do país mongol, sim, faziam pesquisas sobre os acontecimentos que iriam ocorrer. A entidade era judia, mas, tendo-se desligado da tradição mosaica (...), preferira juntar-se aos que seguiam os ensinamentos de Zoroastro. (Leitura 1293-1.)

Esta mesma leitura precisa que os sinais precursores do nascimento de Jesus tinham sido conhecidos na Pérsia não apenas pela tradição, mas também por novas visões e revelações que os Magos tinham tido. Cayce, tal como o Evangelho, fala dos seus conhecimentos astrológicos (o que embaraça muito

certos eclesiásticos: "Esses Magos, figuras interessantes, é certo... Mas que pena que se tenham dedicado a essas lamentáveis superstições!", já ouvi eu pregar numa igreja de Paris!).

E não só a sua ciência dos astros, mas as suas faculdades psi, que iam a par do seu alto nível espiritual:

Tinham dominado a inteligência das leis da Terra, sem se deixarem dominar por elas. Por isso, eram considerados sábios, eruditos; eram respeitados como santos. Em corpo e em espírito, estavam em harmonia com o objetivo da sua vida. Os Magos eram buscadores da Verdade, que procuravam conhecer esses acontecimentos iminentes. Usando esses poderes a que hoje chamamos psi, descobriram a Criança, o lugar onde Ela estava, e foram lá. Assim, representam, do ponto de vista metafísico, as três fases da experiência humana neste mundo material: o ouro simboliza a matéria; o incenso, o éter, o mundo etérico; a mirra, a força vivificante, curativa, que acompanha aqueles. Por outras palavras, o corpo, o espírito e a alma. (Leitura 5749-7.)

Quanto à tradição provençal, ela não duvida por um segundo de que os Magos tenham sido reis. Alguns eclesiásticos modernos decidiram que isso não era suficientemente democrático...

O que há de muito curioso nas leituras de Cayce é que ele apresenta os Magos como membros de uma "fraternidade" secreta internacional, a dos Essénios (que veremos em detalhe no capítulo seguinte). Os Magos teriam estado em contacto com a fraternidade essénia, que os mantinha a par dos acontecimentos da Palestina:

A entidade vivia no período imediatamente anterior à chegada do Mestre à Terra. Era então um estudante, que trabalhava com os Essénios, preparando-se para os acontecimentos precisos que iriam ocorrer. Acontecimentos que iriam marcar a história do Homem (...).

A entidade trabalhava na química dos metais, aquilo a que se chama alquimia, e viveu o tempo suficiente para ver, no Templo, o momento em que a profetisa Ana e o sacerdote (o velho Simeão) abençoaram o Filho. Teve a alegria de ver realizar-se o acontecimento para o qual tinha trabalhado. Pois tinha comunicado todas as informações aos Magos. (Leitura 2148-7.)

A leitura 1908-1, que fala do mago Achlar, diz que ele estava em relação com uma grande profetisa dos Essénios (a quem Cayce chama Judy), pois tinham em comum:

Uma unidade de pensamento, de objetivos, e diferentes atividades que lhes permitiam ajudarem-se um ao outro. (Leitura 1908-1.)

Na leitura consagrada a esta profetisa, diz-se também que ela estava muito informada das tradições religiosas da Índia e da Pérsia. E:

... tornando-se os contactos difíceis por causa da situação política devida aos Romanos, ela viveu cada vez mais em reclusão (...) até à visita dos Magos do Oriente, um da Pérsia, outro da Índia, o terceiro do Egito. Falaram com os irmãos da fraternidade essénia, mas sobretudo com a entidade Judy que, tendo feito muita pesquisa e estudos, era a mais erudita (...). (Leitura 1472-3.)

Já pensou por que razão os Magos foram ver Herodes, que era apenas o segundo ou o terceiro na hierarquia, em vez dos Romanos, que tinham a autoridade suprema sobre o país? Por causa de Judy.

Ela sabia que isso podia provocar, no coração desse tirano devoto e egoísta, reações suscetíveis de gerar conflitos entre esse déspota e a autoridade romana. Nem os Magos, nem Judy, nem os Essénios proclamaram que esse novo rei iria substituir Roma... Pois ele devia, na realidade, substituir o judaísmo! (Mesma leitura.)

7: A guerra de Troia aconteceu mesmo!

Cerca de 300 leituras falam de encarnações na Grécia antiga. Três delas dizem respeito ao próprio Cayce, que teria tido uma encarnação durante a guerra de Troia. Encarnação de fracasso, desta vez, bem longe dos brilhantes sucessos de Uhjltd e de Ra-Ta:

Uhjltd (...) não tinha ele, outrora, sido o Grande Sacerdote? E, no entanto, falhou na reencarnação seguinte e ainda na seguinte... (Leitura 294-142.)

De facto, não morreu na serenidade, mas na amargura. Pois a sua mulher:

... foi assassinada por traição. (...) Daí, nele, a tendência para desconfiar dos amigos (...).

E esse homem, voltamo-lo a encontrar ainda, com uma vingança, um desejo de destruir: regressado como soldado. (Leitura 288-6.)

Xénon, guardião da cidadela

Uhjltd reencarnar-se-á, portanto:

(...) nas forças gregas, durante a guerra de Troia, no momento em que o assalto foi lançado contra as portas da cidadela. Era o defensor de uma dessas portas e aí morreu. (Leitura 294-19.)

O resto desta leitura contém uma alusão aos ciclos de reencarnação que voltam a reunir entidades que já estiveram ligadas. Já falámos disso no capítulo da reencarnação, mas parece tão importante que se pode recordar. Isto explica também por que Cayce se alonga tanto sobre os países e as épocas das suas encarnações anteriores (e por que um grande número, para não dizer a maioria, dos seus consulentes, o conheceu mais ou menos numa dessas encarnações):

Há, presentemente, muitas pessoas encarnadas no plano terrestre com as quais este homem (Cayce) tinha estado associado e o estará ainda. Pois o ciclo das forças da vida, e das influências da Terra nas forças da relatividade manifestando-se no Universo, traz de volta muitas entidades desse período (grego) à Terra atualmente. As personalidades que hoje se revelam mostram uma incapacidade de se controlarem; se acontece alguma coisa que contrarie, reagem impulsivamente e com cólera às circunstâncias inesperadas. E essa tendência, nessa época (grega), não se tinha melhorado durante a encarnação da entidade (Cayce) no plano terrestre. Assim, na sua vida atual, essas impulsões violentas têm ainda de ser ultrapassadas. (Leitura 294-19.)

Esta disposição deve relacionar-se com as aflições de Marte e de Saturno no tema natal de Cayce. Marte sendo o símbolo da agressividade, do soldado, e Saturno o da Grécia, das coisas antigas... e da mudança, segundo Cayce: logo, reação agressiva às mudanças inesperadas! A mesma leitura insiste em:

... a dificuldade da entidade em controlar-se e moderar-se. (...) Tendo a entidade deixado entrar em si forças destrutivas nas suas encarnações anteriores, terá agora de reconstruir, ressuscitar, restabelecer e reencarnar as suas forças... (Leitura 294-19.)

Nessa vida, ele estava sob as armas quando o poder de Troia se exercia nesse belo país, esse país que as nações do mundo admiraram pela beleza da sua cultura, a sua arte, o seu requinte intelectual e material. Encontramos a entidade como um soldado que defendia uma das portas, e foi precisamente nesse lugar que morreu, pela destruição material do seu corpo físico. Nessa vida, tinha feito muitas experiências diversas: estudante de química, escultor, artesão e, por fim, soldado defensor da cidade nos seus últimos dias. Chamava-se Xénon... (Leitura 294-8.)

Gertrude Cayce:

— Têm diante de vós a alma-entidade que anima o corpo conhecido como Edgar Cayce, presente nesta sala. Queiram falar-nos particularmente dessa experiência terrestre enquanto Xénon, tal como estas fontes de informação no-la apresentaram. Pedimos às forças criadoras, à presença EU SOU desta

entidade, que nos descrevam as atividades e a vida de Xénon, que nos digam como e por que falhou, isto é, perdeu (no plano espiritual), quando esta entidade Edgar Cayce tinha tão brilhantemente triunfado enquanto Ra-Ta e Uhjltd... digam-no de forma compreensível! Como pode esta entidade, hoje, enfrentar esses fracassos e reencontrar o seu nível de desenvolvimento antigo enquanto Ra-Ta ou Uhjltd...

Sim, temos diante dos olhos a entidade agora chamada Edgar Cayce e a sua experiência antiga enquanto Xénon. Para dar uma data (como hoje se conta o tempo), isso passou-se entre 1158 e 1012 a.C.

Durante a sua existência, levantou-se uma contestação entre Gregos e Troianos, os quais, nessa época, procuravam uma justificação para o seu poder, isto é, uma desculpa para justificar uma prova de força que lhes desse a ocasião de libertar a sua combatividade... Sejam quais forem os termos. Sempre houve um combate entre o Bem e o Mal, o Poder e a Força, o Irresistível e o Inabalável... Nessas circunstâncias regressou ao mundo Ra-Ta, isto é, Uhjltd, a fim de encontrar nesta experiência a força de resistir à adversidade, a solidez face aos altos e baixos da vida, mais aos altos! Eis o que esta vida lhe deveria ter trazido.

A entidade foi primeiro estudante de química, de mecânica e de todas as artes que faziam parte da civilização desse tempo e do grupo a que pertencia. Contudo, foi contra a sua própria vontade que foi forçada a participar ativamente no conflito declarado. Não havia muitas hipóteses de os atacantes conseguirem abrir uma brecha, pois as portas fortificadas contra o inimigo tinham resistido a numerosos assaltos; e porque a entidade tinha provado aos defensores da cidade que tinha, fisicamente, a força para guardar essa porta.

Mas ocorreram circunstâncias que enfraqueceram essa força física, trazidas pelas manobras subtis de alguém... E a subtileza não estava no carácter da entidade! (Ter-se-á Xénon deixado embriagar? Ou tê-lo-ão drogado? A leitura não o diz.) E isso, por causa da confiança que nele se depositara, trouxe-lhe, no plano social, a vergonha e, nele próprio, o sentimento de estar desonrado. E esta é uma dessas pedras de tropeço que levaram à perdição — e ainda levam — mais de um indivíduo...

Assim, a entidade viu-se privada da sua força física, da sua aptidão para unir todas as suas forças na ação. Pois tinha adquirido o hábito de confiar demasiado em si própria, o que muitas vezes traz a derrota (...). Assim, desta forma, chegou o fracasso da entidade. Fracasso que lhe deu um tal sentimento de ser rejeitado, desonrado, desconsiderado, que morreu destruindo-se a si mesmo, no momento

em que (...) Aquiles tomou o poder (...). E eis por que razão aquilo de que a entidade mais precisa hoje é de se refazer dessa experiência. E eis como o pode fazer (...) Que ponha a sua confiança n'Ele (Deus), em vez de na sua própria inteligência (...). Assim, superará a tentação que está sempre diante dos seus olhos de se abandonar ao sentimento de fracasso, à vergonha, à desvalorização de si próprio... (Leitura 294-183.)

Também os amigos de Cayce receavam sempre vê-lo suicidar-se novamente… Mas ele aprendera a lição da experiência troiana. O que lhe permitiu superar a prisão, o encerramento do seu hospital, a falência dos seus associados, os seus próprios reveses financeiros…

Aqueles que se interessam pela guerra de Troia poderão constatar que as datas indicadas por Cayce para essa guerra não estão muito afastadas da datação de Eratóstenes, que a situa entre 1140 e 1130 antes de J.-C., com base nos documentos ainda existentes no seu tempo.

O artigo apresenta excertos muito interessantes de leituras sobre a Grécia antiga. Em particular sobre Aquiles, Heitor, Helena e outras personagens célebres ou obscuras. As leituras sugerem que havia na cidadela de Troia agentes duplos, mais precisamente uma mulher chamada Xénia que ajudou Aquiles a atravessar a porta. (Leitura 101-1.)

O cavalo de Troia.

Um engenheiro americano de trinta e cinco anos, construtor, pediu uma consulta a Cayce. Este disse-lhe que, numa encarnação antiga:

Estava nas forças armadas gregas quando ocorreu a guerra de Troia.
Sob o nome de Caphalon, concebera e construíra o cavalo depois introduzido no campo inimigo, o que permitira a tomada da cidade. Era então de grande beleza física, muito respeitado como descendente de uma família ilustre e especialmente dotado pelos deuses. Contudo, morreu no incêndio que se seguiu ao fim do cerco da cidade. (Leitura 470-1.)

O que está em conformidade com a História, pois as escavações de Tell-Hissarlik, na Ásia Menor, provaram que a Troia de Homero fora incendiada.

Joana d'Arc, mãe do "ardente Aquiles".

Todos os períodos da História grega surgem nas leituras caycianas, e não apenas a guerra de Troia. Já vimos, no capítulo anterior sobre a Pérsia, os Gregos como uma ameaça permanente para a cidade de Susa. Muito mais tarde, na época clássica, isto é, no século V antes da nossa era, Cayce reencontra

encarnações contemporâneas de Péricles. Eu própria vi também algumas no período seguinte, o de Alexandre, o Grande, e depois dele, isto é, na época helenística. Sob o Império Romano, as leituras falam ainda de numerosas vidas gregas. E mesmo mais tarde, de encarnações sob o Império Bizantino… O que nos conduz às Cruzadas! Os Gregos fizeram falar de si durante dez mil anos!

Entre as encarnações francesas que estudei na Fundação Cayce, muitas provêm de uma encarnação grega.

Será o caso do próprio Edgar: após o seu suicídio enquanto Xénon, reencontrá-lo-emos na Corte de Luís XV! As leituras indicam mesmo uma vida anterior da rainha Maria Antonieta no tempo de Xenofonte! (ver tomo II)

Eis, por exemplo — e isto não pode ser acaso — o caso da nossa heroína nacional, Joana d'Arc (de quem falámos acima). Antes de ter sido pastora em Domrémy, também ela teria participado na guerra de Troia. Custou-me a aceitar… mas está escrito preto no branco nos dossiês Cayce:

Vivia na época das guerras, nesse país de que Aquiles era o senhor. Contribuiu muito para o poder e a força deste, sendo, na carne, a mãe de Aquiles, e assegurando o poder segundo os princípios que então vigoravam. Mas falhou no plano moral, ao procurar demasiado o engrandecimento do seu poder e da sua posição social, segundo perspetivas terrenas. Daí, agora, a sua aptidão para dirigir homens e mulheres… (Leitura 302-1.)

É certo que a civilização francesa em geral, e particularmente da Renascença ao século XVIII, está impregnada de vibrações gregas: a fachada do palácio de Versalhes, a Praça da Concórdia, a Madeleine e a Câmara dos Deputados aparentam-se com o Parténon… Esta afinidade explicar-se-ia, segundo Edgar Cayce, pelo regresso de um ciclo de almas gregas. A beleza sob todas as suas formas — na moda, na arquitetura, no mobiliário, na pintura, na escultura —, essa pesquisa plástica que foi levada a um nível muito elevado na civilização francesa, vir-nos-ia da Grécia antiga através do jogo das reencarnações de grupo. (Quanto aos esoteristas ingleses, estão convencidos de que o seu país é o lugar de uma reencarnação maciça de antigas almas gregas. Daí o estilo "palladiano", o sentido da democracia e as aventuras de Byron na Grécia?)

Cayce afirma também que os nomes próprios que usamos são significativos de uma vida anterior. Um tão grande número de nós tem um nome grego: Antoinette, Philippe, Gilles, Nicolas (… sem esquecer os meus: Dorothée-Marguerite!).

8: Uma nova leitura dos Evangelhos.

Recorda-se que Cayce foi um grande leitor da Bíblia, que relia de A a Z todos os anos. Não é, portanto, surpreendente encontrar nas leituras uma multidão de citações retiradas das Escrituras.

O que é mais surpreendente é encontrar nelas personagens que não figuram na Bíblia e que, portanto, Cayce não pôde encontrar nela… Mais espantoso ainda é o regresso de certas personagens bíblicas célebres, reencarnadas em consulentes de Cayce. Como acreditar, por exemplo, que essa pequena americana de quatro anos, nascida na Pensilvânia a 30 de Março de 1940, tenha podido ser, numa vida anterior, Isabel, mãe de João Baptista? Ou, mais surpreendente ainda, aquele belo homem de trinta e um anos, Judas, em pessoa?… Mas o que é uma "pessoa", na perspetiva da reencarnação? É certo que, no estado consciente, o pobre Cayce nunca teria ousado afirmar tais extravagâncias!

Alguns acusaram-no de estar completamente louco… (Mas Galileu, quando afirmava que a Terra gira, parecia igualmente louco aos seus juízes da Inquisição!)

Já tínhamos visto, no capítulo sobre a Pérsia, surgir Ester, Assuero e os Magos… Já era surpreendente! Mas tudo se pode esperar de personagens lendárias aparentadas com o Pai Natal! Quando se trata de personalidades rotuladas como "santos" ou "apóstolos" pelas igrejas cristãs há dois mil anos, é mais surpreendente…

O mais chocado com estas leituras foi naturalmente o próprio Cayce, pois a Bíblia de que falava durante o sono não era exatamente a mesma que conhecia de cor no estado desperto!

Não que a mensagem evangélica de base — "Amar um só Deus e o próximo como a si mesmo" — fosse diferente.

Mas certos "pormenores" eram difíceis de digerir para um protestante tradicional… Pormenores que serviram de pretexto a todas as sangrentas guerras de religião ao longo dos séculos! Por exemplo: a Imaculada Conceição de Maria, a sua virgindade, o casamento ou o celibato dos Apóstolos, o significado de Israel, os anos obscuros de Jesus (que terá feito entre os doze e os trinta anos?), o Purgatório, a justificação pelas obras e pela fé, a eternidade das penas do Inferno… Paro, porque a minha pena já cheira a fogueira só com a enumeração destes temas explosivos. Quando se pensa que os cristãos se massacraram entre si em nome dos dogmas que acabei de enumerar!

Mas ainda não vos confessei o pior… Sobretudo, leiam o livro até à última página antes de me condenarem a assar na fogueira. Leiam cuidadosamente todas as leituras antes de me entregarem à Inquisição. E não vão pensar que me permiti inventar fosse o que fosse ao traduzir Cayce: juro perante o tribunal dos meus leitores que lhes disse toda a verdade, e nada mais do que a verdade (cayciana)…!

Assim, o pior, o mais chocante para um bom cristão ocidental, é certamente… a lista das encarnações anteriores de Cristo! Era preciso fazê-lo! Era necessária a audácia ingénua de Cayce para falar disso. Perguntei-me se deveria confessar imediatamente estas leituras escandalosas ou se, com arte de jesuíta, deveria apresentá-las apenas para sobremesa?…

Pois bem, já que aqui estamos, avancemos frontalmente e comecemos por aí!

O Carma de Adão.

Antes de entrar no cerne da questão, gostaria de dizer que tudo o que li sobre Cristo nos textos caycianos é expresso com profundo respeito e grande amor, como o leitor poderá constatar por si mesmo. Ora, o respeito exige respeito, mesmo que as opiniões expressas sejam diferentes daquilo que aprendemos no catecismo.

A ideia de Cayce é a seguinte: uma vez que a reencarnação parece ser uma lei universal, uma lei física, uma aplicação da teoria da evolução, Cristo não lhe teria escapado, tendo de partilhar plenamente a condição humana.

Também não teria escapado ao pecado na Sua primeira encarnação enquanto Adão. Só enquanto Jesus, a Sua última encarnação, teria vencido completamente o mal, o pecado e a morte, liquidando assim o Carma de Adão. Cayce distingue entre a Entidade Cristo, encarnada sucessivamente como Adão, Melquisedeque, Enoque, Zend (de que falámos acima), Josué, José, etc., e a personalidade histórica de Jesus. Isto não vos recorda algo: o apóstolo Paulo falando de Cristo Jesus como do "Novo Adão"? Há séculos que vemos nisso uma figura de estilo, uma comparação simbólica. Eis, porém, que Cayce afirma que a expressão deve ser tomada à letra.

Pessoalmente, creio que seria um erro considerar as encarnações anteriores de Jesus como um pormenor secundário: parece-me, pelo contrário, que são um elemento importante. Respondem a muitas objeções que foram feitas ao longo dos séculos acerca de Jesus. Nietzsche, entre outros, censurava aos cristãos o facto de terem como modelo um homem vencido, executado como um escravo… Hoje dir-se-ia um desempregado, um marginal, um associal. A

desilusão de Judas e dos apóstolos que esperavam um chefe político "musculado" também se compreende.

Mas, se aceitarmos a versão de Cayce, segundo a qual Jesus foi também Josué, esse general triunfante, tão poderoso que deteve o sol e derrubou os muros "ciclópicos" de Jericó; ou esse homem político genial que governou o Egipto como José… então é diferente. Pode pensar-se que Cristo, após essas encarnações de brilhante êxito social, militar e político, já não tinha necessidade de recomeçar, enquanto Jesus, essa corrida às honras!

As pessoas "de bem" são impiedosas: aqueles que nunca pecaram não têm compaixão alguma… Vê-se isso na parábola do filho pródigo: o primogénito, que ficou obedientemente em casa, revela-se no fim um ciumento frustrado. Pode perguntar-se, então, se Jesus teria manifestado tanta bondade se tivesse sido sempre perfeito? Para compreender a decadência dos homens, não teria sido necessário que a tivesse vivido também, primeiro, enquanto Adão?

Eis, pois, esses textos caycianos relativos a Jesus Cristo.

— Explique-nos, Sr. Cayce, as diferentes etapas de desenvolvimento espiritual (pelas quais o homem deve passar) antes e depois da reencarnação na Terra?

Nada melhor o pode ilustrar do que Aquele que foi procurado como exemplo na Terra. Quando, no princípio, o Homem chegou a este plano a que chamamos Terra, e essa alma se tornou um ser vivo sujeito às leis que regem o plano terrestre, o Filho do Homem entrou na Terra como primeiro homem… O Filho do Homem, o Filho de Deus, o Filho da Causa Primeira manifestou-se, portanto, num corpo material.

Não foi a primeira (…) manifestação de um espírito na Terra, mas foi o primeiro homem de carne e sangue com um corpo perfeitamente adaptado às leis do plano terrestre. (Leitura 5749-3.)

— Que significa a citação de Paulo: "Assim como por um só homem, Adão, entrou o pecado no mundo, assim também por um só homem, o último Adão, todos serão vivificados" (Coríntios, XV-22)?

A entrada de Adão no mundo, no princípio, significava que Ele devia tornar-se o Salvador do mundo, pois este fora confiado aos Seus cuidados: "Sede fecundos, multiplicai-vos e dominai a Terra", diz o Génesis (…).

Assim, enquanto Adão, o Filho de Deus é capaz de reconduzir o Mundo, a Terra, à sua fonte de origem. E todo o poder Lhe é dado para ser o guardião da Terra que dominou: pois o ego, a morte, o inferno, o próprio túmulo — de tudo

isso Ele se tornou senhor, pelo facto de ter dominado completamente o seu Eu encarnado na carne. (Leitura 364-7.)

Eis um grandioso comentário do famoso versículo do Génesis: "Dominai a Terra", invocado por cristãos pouco esclarecidos para destruir a Natureza e matar alegremente os animais… A Natureza que importa dominar, diz Cayce, é a nossa própria natureza egoísta… e não o nosso ambiente, que nada tem que ver com isso!

Pois, desde as fundações do mundo, Ele preparou os caminhos, entrando aqui e ali, e por toda a parte, na existência dos homens, de modo a conhecer cada uma das tentações que se erguem diante do Homem, em cada uma das estradas que ele toma. Depois veio como Cristo à Terra, realizando aquilo que faz d'Ele o Caminho. E isso para que nós próprios façamos de nós, por nossa vez, o nosso caminho através d'Ele, para nos aproximarmos, com a audácia do Filho, do trono de Bondade, de Graça e de Perdão, e para sabermos que tudo o que foi feito foi lavado, apagado, naquilo que Ele sofreu. (Leitura 442-3.)

— Por favor, Sr. Cayce, poderia indicar-nos as principais encarnações de Cristo na história do mundo, desde Adão?

No princípio como Amilius; como Adão; como Melquisedeque; como Zend; como Ur; como Asafe; como Jéshua (traduzido em português por Josué, filho de Jozadaque (Esdras, III, 2), que reconstruiu o Templo de Jerusalém após o Exílio); como José; como Jesus. (Leitura 364-7.)

Noutras leituras, Cayce dirá ainda:

Primeiro, no princípio, claro (Ele veio); depois, como Enoque, como Melquisedeque, na perfeição; depois, na Terra, como José, Josué (filho de Nun, diferente do anterior: trata-se aqui do herói do "Livro de Josué", contemporâneo de Moisés); Jéshua, Jesus.
(Leitura 5749-1.)

(…) esse Jesus de Nazaré, esse Jéshua de Jerusalém, esse Josué de Siló, esse José na Corte do Faraó, esse Melquisedeque que abençoou Abraão, esse Enoque que instruiu o povo, esse Adão que escutou Eva. (Leitura 3054-4.)

Do mesmo modo, o Filho do Homem, encarnado na carne de Adão, trouxe o pecado, isto é, a separação de Deus; assim, "no último Adão, o Cristo, Ele trouxe a união com Deus". (Leitura 452-3.)

(…) Daí a necessidade de o Mestre (é assim que Cayce chama frequentemente Jesus), o primeiro Adão e o último Adão, Se manifestar no

mundo material para mostrar o caminho a cada alma e a maneira de abordar todos os problemas, todas as etapas das necessidades humanas, físicas, mentais, espirituais. (Leitura 2205-2.)

Ele, essa Consciência do Cristo (christ consciousness), é Aquele de quem se fala em primeiro lugar quando Deus diz: "Faça-se a Luz", e a Luz foi. E é essa Luz que é manifestada no Cristo. No princípio, Ela tomou consciência física em Adão; e, tal como em Adão todos morremos, assim, no último Adão, isto é, Jesus, tornando-Se o Cristo, todos somos revivificados. Mas não antes d'Ele: pois cada um de nós enfrenta o seu próprio eu, o seu ego, como Ele o fez. E isso só se tornou possível numa vida terrestre quando Ele, Jesus, se tornou o Cristo e abriu o caminho. (Leitura 2879-1.)

Assim, o Homem entrou na Terra como Homem, pelo Espírito do seu Criador, vede, sob a forma do Homem de carne: aquele que, segundo a carne, morre, apodrece, se degrada em pó, quando entra na condição material. O Espírito é um dom de Deus para ajudar o Homem a estar unido a Ele, quando o Homem quer aplicar as suas forças criadoras ao mundo físico. O Homem, enquanto Adão (enquanto grupo, não enquanto indivíduo), entrou no mundo (pois entrou na Terra em cinco lugares diferentes ao mesmo tempo, vede?) numa época em que o Homem não tinha vontade de caminhar segundo as vias do Espírito, mas antes segundo os desejos da sua carne. O que fez entrar o pecado no mundo, porque o Homem se afastava da face do seu Criador, vede? Foi então que a morte se tornou a parte do Homem… (Leitura 900-227.)

Os comentários teológicos de Cayce são muitas vezes pontuados de "vede?" (em inglês: "you see?"), que, apesar da sua bonomia, em nada contribuem para esclarecer a nossa lanterna…

— E diga-nos, Sr. Cayce, quando é que Jesus teve conhecimento de que seria o salvador do mundo?
Durante a sua queda no Éden. (Leitura 2067-7.)

Procura, dia após dia, a vontade do Pai como foi manifestada n'Ele (Jesus). Assim possa ela ser manifestada em ti. Pois Ele não te deixará na desolação, mas virá a ti, se apenas O quiseres convidar. Como nos tempos em que, como vimos, Ele caminhava com os homens sobre a Terra, enquanto Mestre, e estava no meio deles. Ou quando, enquanto José, salvou os seus, que O tinham vendido como escravo aos poderosos reinos desse tempo. Ou quando, enquanto sacerdote de Salém (Melquisedeque), caminhou com os homens e lhes falou na época em que uma pequena tribo particular tomou consciência da sua vocação (a de Abraão) ou quando era Asapha, ou Asafe (…). Ou ainda naquele jardim, onde sobreveio a

tentação… Isto é, o primeiro Filho bem-amado do Pai, que veio enquanto Amilius na Atlântida e que Se permitiu deixar conduzir pelas vias do egoísmo (o texto americano diz bem: "the ways of selfishness"). Em todas essas etapas do desenvolvimento do Homem através das eras, houve períodos em que Ele veio à Terra caminhar e falar com os humanos. (Leitura 364-8.)

É necessária uma palavra de explicação para situar estas diferentes personagens que, segundo Cayce, teriam sido encarnações do Cristo.

— Amilius é apresentado nas leituras como o primeiro homem perfeito na sua forma física, encarnado na Terra. Teria aparecido na Atlântida e, depois, ter-se-ia projetado em Adão.

— Enoque, personagem misteriosa, é o autor presumido de um belíssimo livro profético (publicado em francês pela Robert Laffont).

— Quanto a Melquisedeque, conselheiro de Abraão e "sacerdote de Salém", os teólogos consideraram-no muitas vezes como uma "figura" do Cristo. Este, diz Cayce:

Manifestou-Se em Enoque, que mereceu escapar à morte. (…) E em Melquisedeque (…) que veio ao mundo materializando-Se por si mesmo; e desmaterializou-Se pelo mesmo processo. (Leitura 2072-4.)

Por outras palavras, nem nasceu nem morreu como toda a gente!

Alguns cruzamentos de diferentes leituras tardias deixam também pensar que Hermes, o arquiteto da Grande Pirâmide, foi igualmente uma encarnação anterior de Jesus. Porque é que as leituras não falam mais disso? Mistério… hermético!

— Asafe, ou Asapha, ou Affa, teria sido mestre de coro do rei David e autor dos salmos.

— Jéshua foi Sumo Sacerdote durante o cativeiro na Babilónia. Teria escrito ou reescrito vários dos livros da Bíblia. No regresso do exílio, teria dirigido a reconstrução do Templo e restaurado as antigas liturgias segundo a Tradição de Moisés.

Não me alongo sobre Josué e José, que são muito conhecidos.

Notaram, como eu, a semelhança dos nomes: Josué, Jésha, José, Asafe, Jesus… o que evidentemente não é acaso. Ao percorrer as "sequências de encarnações" indicadas por Cayce, vê-se muito frequentemente, de uma vida para a outra, a entidade usar quase o mesmo nome. (Cf., mais adiante, a leitura dada para Ruth e Alec, dois antigos Essénios.)

As leituras fazem uma distinção entre o Cristo, vivo e activo em todos os tempos, e a sua encarnação temporária enquanto Jesus.

— Porque é que, Sr. Cayce, me sinto mais atraído pelo cristianismo do que pelo judaísmo? perguntou um rabino.

Não tentaste os dois? Não descobriste que a essência de todas as coisas, a Verdade verdadeira, é a mesma? Só há UMA: compaixão e justiça, paz e harmonia! Pois sem Moisés e o seu general Josué (que era Jesus encarnado corporalmente), não há Cristo. O Cristo não é um homem. O homem era Jesus. O Cristo é o mensageiro, que vive em todos os tempos. Sob o nome de Jesus numa época, sob o nome de Josué noutra, de Melquisedeque noutra ainda. E foram esses mesmos que fizeram o judaísmo! Esses vieram, como essa Criança prometida aos filhos da Promessa. E a Promessa está em ti, para que faças o que ele disse: "Apascenta as minhas ovelhas!" (Leitura 991-1.)

Por fim, última pergunta, com a sua resposta surpreendente:

— Como se chamava Jesus nas suas reencarnações em França, em Inglaterra e na América (às quais Cayce tinha aludido)?

Mais do que uma encarnação nesses diversos países, tratava-se do Espírito do Cristo, isto é, do Mestre caminhando entre os homens. Pois, quer fosse entre os sacerdotes, como foi o caso em França, quer entre os humildes monges, como foi o caso em Inglaterra, quer ainda entre os orgulhosos guerreiros na América, era sempre o Espírito do Deus único que soprava "prefere o teu próximo, o teu irmão, a ti mesmo"! Esse Espírito tomou posse de certos indivíduos ou, antes, trabalhou com eles, até que a sua própria personalidade, enquanto indivíduos, fosse posta de lado. E, se queres que Ele caminhe contigo, faz o mesmo: "Não a minha vontade, Senhor, mas a tua, seja feita em mim, hoje, agora!" (Leitura 364-9.)

Os Essénios.

Os Essénios parecem, segundo as leituras, ter sido uma espécie de fraternidade mística e profética:

Uma ordem religiosa no seio do judaísmo. (Leitura 1602-4.)

A entidade vivia então entre os estudantes essénios, em contacto direto com os que profetizavam e faziam pesquisas nos documentos antigos anunciando a vinda dessa nova Luz. (Leitura 489-1.)

Na época em que o Mestre veio à Terra, a entidade estava entre os Essénios que trabalhavam nas predições, sim, nos trabalhos preparatórios para a Sua entrada na vida dos homens desse tempo. (Leitura 1450-1.)

Os Essénios eram um grupo de indivíduos empenhados numa procura sincera, mas não estavam na linha religiosa oficial definida pelos rabinos da época. Uma das suas reuniões poderia ser descrita como uma série de meditações, com o uso de certos ritos e fórmulas rituais (…) que remontavam aos tempos antigos em que fora estabelecido o Tabernáculo (…). Neste género de reunião, interpretavam-se as promessas, as profecias que tinham sido feitas a respeito do tempo e da luz de que viria o Salvador prometido (…).

Todas essas reuniões eram secretas… (Leitura 2067-11.)

— Fomos essénios na época palestiniana?
Sim, como os vossos dois nomes próprios (Ruth e Alec) o indicam. Mas lembrem-se de que os Essénios se dividiam em diferentes grupos, ou divisões, como hoje se encontra nas igrejas. E vocês estavam em dois grupos opostos. (Leitura 2072-15.)

(Ruth é um nome hebraico, e Alec: Alexandre, grego.)

— Qual é a tradução exata da palavra "essénio"?
Espera.

— Era o principal objetivo dos Essénios a formação de indivíduos que seriam canais (em inglês: "channels") para o nascimento do messias e que, mais tarde, seriam enviados ao mundo para representar a fraternidade?
A preparação de certos indivíduos era o primeiro objetivo. A formação de missionários vinha em segundo. (Leitura 254-109.)

— Foram os Essénios que foram chamados, consoante os lugares, Nazires, Escola dos Profetas, Hassidim, Terapeutas, Nazarenos? E eram eles um ramo da grande fraternidade branca, a qual tinha começado no Egipto e recrutava tanto judeus como gentios?
Em traços gerais, sim. Em detalhe, não exatamente. Por vezes foram conhecidos por um ou outro desses nomes. É o caso dos Nazires, por exemplo, que pertenciam à escola de pensamento dos Essénios, vede? Como hoje se diria que há diferentes ramos no protestantismo. Assim existiam diferentes grupos que tinham a mesma origem: a Escola dos Profetas fundada por Elias. O estudo e a propagação dessas profecias tendo começado com Samuel. O movimento não era egípcio (embora adotado pelos do Egipto). Numa outra época, mais antiga,

estes últimos ligaram-se ao conjunto do movimento, no qual se aceitavam Judeus e Gentios em pé de igualdade.

— Por favor, fale das mulheres associadas a este movimento, das que eram membros da fraternidade essénia. Que privilégios tinham, e com que restrições, e como entravam na ordem, e como era a sua vida?
Foi o começo de um tempo em que as mulheres foram consideradas iguais aos homens nas suas atividades e na sua capacidade de viver e transmitir as verdades ensinadas. Entravam na Ordem consagrando-se a ela; em geral, eram nela consagradas pelos seus pais. Mas era sempre livremente, ao longo de todo o compromisso progressivo. Contudo, aceitavam restrições quanto a certos alimentos e, em certas épocas, quanto às relações sexuais. (Leitura 254-109.)

Estes Essénios parecem ter tido um nível cultural muito elevado. No tempo de Cristo, a pessoa que os dirigia era, coisa notável, uma mulher:

Chamada Judy, que ensinava como um mestre, pois era profetisa e curava pela oração. Cerca de vinte e quatro anos antes da entrada no plano terrestre dessa alma a que se chamou Jesus, encontramos os pais de Judy a trabalhar entre os grupos de profetas estabelecidos no monte Carmelo, grupos que tinham começado com Samuel, Elias, Eliseu, Saul e os dos tempos antigos. Devido às divisões que tinham surgido no povo, onde se opunham Fariseus e Saduceus, nascera o grupo dos Essénios, formado por aqueles que tinham a peito manter (…) as tradições dos tempos antigos, quando os homens eram visitados pelo sobrenatural.

Esses Essénios tinham experiências fora do comum: sonhos, visões, vozes, ou outros fenómenos, através dos quais interpretavam os costumes, a Lei, a história do povo judeu, todas as promessas que lhe tinham sido feitas, e como tinham sido interpretadas por aqueles mesmos que tinham a incumbência de as conservar. A entidade Judy foi criada nessa atmosfera, não de discussões e disputas, mas nessas (…) estudos que eram considerados necessários (…). Assim se procurava preservar os documentos e as tradições orais, escrevendo-os (…).

E também as tradições do Egipto, da Índia, da Pérsia e de outros países vizinhos; tudo isso se tornou parte dos estudos e das pesquisas da entidade Judy, nos seus esforços para recolher e conservar todas essas tradições, e manter uma crónica dos acontecimentos.

— Tive, nesta vida na Palestina, uma relação estreita com Jesus? pergunta a consulente que teria sido essa Judy numa vida anterior:
Sim, foi Seu professor durante algum tempo. E tão próxima d'Ele de coração!

(…) E foi você quem O enviou a estudar na Pérsia, no Egipto, na Índia, sim, para que pudesse alcançar o conhecimento perfeito das Suas atividades no plano material… Ele que Se tornou o Caminho e a Verdade. (Leitura 1472-3.)

Estes Essénios parecem também ter desenvolvido os poderes psi que andam a par do conhecimento de segredos esotéricos:

— Judy, a profetisa, assistiu à crucificação ou à ressurreição de Jesus?
Não, mas esteve presente em espírito, isto é, em pensamento. Pois lembre-se de que, nesse tempo, a experiência de Judy lhe permitia estar presente em muitos lugares, sem que o seu corpo físico ali estivesse materialmente. (Leitura 2067-11.)

Os Essénios eram peritos em astrologia:

(…) A entidade estava na Terra da Promessa, numa época em que se esperava a vinda do Santo. Estava associada aos chefes dos grupos conhecidos como Essénios. Em contacto estreito com Judy, a entidade (…) era então uma profetisa, uma adivinha. Estudava a astrologia, como hoje lhe chamamos, isto é, os efeitos dos planetas, do sol, da lua, das estrelas, sobre os comportamentos humanos. (Leitura 2880-1.)

Toda a família de Jesus parece ter sido essénia. A começar pelo primo:

Pois João (o Baptista) era ainda mais essénio do que Jesus. (Leitura 2067-11.)

Isabel, esposa de Zacarias e mãe de João, também o era (leituras 2156-1 e 1602-1), bem como a profetisa Ana, os amigos de Maria e José e, naturalmente, estes. Os primeiros discípulos de Jesus, os Apóstolos, os primeiros cristãos recrutaram-se, segundo Cayce, entre os Essénios. Na época em que começou a falar deles, muito poucas pessoas os conheciam (salvo alguns raros leitores de Flávio Josefo, Gurdjieff ou Anne-Catherine Emmerich!).

Os "Manuscritos" do Mar Morto só foram descobertos em Qumrân em 1947. Foi preciso depois uma boa dezena de anos para os reunir, traduzir e compreender que provinham de uma fraternidade essénia. Em França, depressa se ouviu falar do assunto, porque as escavações no local foram conduzidas por um arqueólogo francês, o padre de Vaux. Mas na América, em 1947… Cayce já tinha morrido! Ora, as suas leituras sobre os Essénios datam de muito antes (por exemplo, a leitura 489-1, citada no início deste capítulo, data de 1934).

É interessante notar também que se encontrou, entre os "Manuscritos" do Mar Morto, um texto sobre astrologia. (Cf.: "Les Horoscopes de Qumrân", in *La revue de Qumrân*)

Maria, alma gémea de Cristo.

O que se diz dela poderá surpreender católicos pouco informados, mas muito menos aqueles que frequentaram os evangelhos apócrifos e os textos esotéricos. Nas leituras caycianas, Maria aparece como uma personalidade de primeira importância, tal como a veem as igrejas ortodoxa e católica.

Cayce diz que ela fazia parte de um grupo de doze raparigas selecionadas pelos Essénios para se tornarem o "canal" pelo qual nasceria o Salvador prometido. Essas raparigas recebiam uma educação cuidada no Templo essénio do monte Carmelo. Foi aí que teria ocorrido o acontecimento conhecido como a Anunciação:

Nos degraus do Templo, que conduziam ao altar, nessa manhã, o sol nascente iluminava essa escadaria por onde subiam as pequenas raparigas escolhidas para irem rezar ao altar e fazer arder o incenso.

E, nesse dia, enquanto subiam, banhadas nos raios púrpura e dourados do sol nascente, quando Maria alcançou o último degrau, houve trovão e relâmpagos.

O anjo apareceu, segurando a pequena Maria pela mão, e conduziu-a até ao altar. Foi a maneira como ela foi designada como a Eleita. Foi mostrada a abrir o caminho às outras raparigas. Pois, nesse dia, era ela quem ia à frente da Procissão.

— Isto passou-se no templo oficial (de Jerusalém), ou no templo (dos Essénios) no monte Carmelo?

No templo dos Essénios, claro. Pois Zacarias fora assassinado no templo oficial, no momento em que punha as mãos sobre os "chifres" do altar, por causa das suas ideias. Assim, aqueles que deviam ser protegidos estavam no Carmelo. (Leitura 5749-8.)

(…) Zacarias foi, primeiro, membro do que se chamaria o clero ortodoxo, oficial. Maria e a sua prima Isabel eram essénias. E é por essa razão que Zacarias escondia a sua mulher Isabel nas montanhas. No momento em que foi anunciada a (de João Baptista) nascimento, Zacarias proclamou as suas convicções e foi assassinado. (Leitura 5749-8.)

O templo do monte Carmelo era o centro religioso da Fraternidade essénia:

A entidade estava na Terra da Promessa nessa época, quando, nesses grupos a que pertenciam, se preparava a vinda do Filho do Homem, do príncipe da Paz (…). Aí, a entidade estava em ligação estreita com os sacerdotes que trabalhavam no Carmelo, na escola outrora estabelecida por Elias, Eliseu, Samuel. Aí se ensinavam os mistérios do Homem, a sua relação com as forças

interiores e exteriores. A entidade era um dos sábios que selecionavam os jovens destinados a ser especialmente educados para se tornarem os canais pelos quais a bênção viria ao mundo. Assim, a entidade estava em contacto com os ensinamentos desses grupos na Pérsia, na Índia, no Egipto e com os dos Hebreus ativos em Olímpia e nas Ilhas do Mar… (Leitura 2520-1.)

Eis agora leituras sobre o nascimento de Jesus:

— Que idade tinha José na altura do seu casamento?

Trinta e seis anos.

— E Maria?

Dezasseis.

— E onde foi celebrado o casamento?

No Templo do monte Carmelo. (Leitura 5749-8.)

— Jesus era o filho "natural", segundo a carne, de José?
Como já lhe foi dito, quando (numa vida anterior) colocou a questão, em Atenas, foi uma conceção devida ao Espírito Santo. E então tomou consciência de que tais coisas podem acontecer àqueles que se abrem totalmente à vontade do Pai-Deus, quando a sua vontade está totalmente unida à d'Ele.

— Mas como se pode pedir ao resto da humanidade que alcance a perfeição de Jesus, se os homens nascem de uma maneira muito menos divina?
Ah, que venha o dia em que os filhos dos homens compreendam enfim o objetivo da procriação na Terra! (…) Pois Aquele que é o Caminho pede que todos O sigam nesse caminho. E, se duas almas se unem com a ideia não de gratificar os seus desejos terrestres, os seus impulsos carnais, mas de serem o canal das almas que vão entrar, então poderão nascer aqueles que acelerarão a evolução da Humanidade. Pois todos nós temos de ser conduzidos mais alto (…) tal como Ele!

— Quer dizer que vamos evoluir ao ponto de as mulheres darem à luz os seus filhos da mesma forma que Maria?
As almas vão evoluir de tal modo que serão um dia capazes de dar à luz outras almas exatamente como o fez Maria. E isso poderá acontecer quando as almas dos homens e das mulheres se tornarem pouco a pouco conscientes de que esse templo do Deus vivo que é o seu corpo, esse canal, pode ser usado para essas comunicações com Deus, o Pai das almas humanas. (Leitura 1158-5.)

— Explique a Imaculada Conceição.

Sendo a carne o resultado da atividade do ser mental (isto é, do corpo espiritual e do corpo mental) projetando-se a si mesmo na matéria, e sendo o Espírito (como Ele disse) nem macho nem fêmea, mas ambos ao mesmo tempo, carne e espírito são UM. Quando o Homem alcançou o estádio de separação completa das Forças Criadoras, no seu espírito, então a carne, tal como a conhecemos hoje, se tornou uma realidade concreta no plano material. A "Imaculada Conceição" é, pois, possível quando o físico e o mental vibram totalmente em uníssono com o espírito: este pode agir rapidamente sobre os mecanismos da carne. (Leitura 5748-9.)

— A Igreja Católica Romana, que ensina que Maria estava sem pecado original desde o momento da sua conceção no seio de Ana, diz a verdade?

É verdade de todas as maneiras. E ainda mais nisto: a tudo o que já foi ensinado, a tudo o que acabámos de falar, é preciso acrescentar, vede, que Maria era a alma gémea do Mestre quando Ele fez a sua entrada na Terra logo no princípio.

— Ana estava preparada para desempenhar esse papel de mãe de Maria?

Apenas em geral. Vede, ela proclamava que a criança não tinha pai e ninguém acreditava nela!

— Então, nem Jesus nem Maria tiveram pai humano?

Nem Maria nem Jesus tiveram pai humano. Foram uma só alma desde que a Terra é Terra. (Leitura 5748-8.)

Noutro lugar, uma leitura diz: Amilius e EU, Adão e Eva. (Leitura 364-6), significando com isso que Maria já estava encarnada na Atlântida.

O interlocutor de Cayce, Thomas Sugrue, confunde "Imaculada Conceição" com "nascimento virginal". No seu espírito, a "conceção imaculada" significa: sem intervenção "suja" (é esse o sentido de "maculado") de um homem!… A definição da Igreja católica é diferente: "Imaculada Conceição" significa que Maria foi, desde a sua conceção, libertada do "pecado original", isto é, da tendência humana para se desviar. Aliás, se Maria é oficialmente qualificada de "Imaculada Conceição" pela Igreja Católica, isso não quer de modo nenhum dizer que tenha sido concebida "pela operação do Espírito Santo": os católicos acreditam que Maria foi de facto filha de Joaquim, segundo a lei física habitual. Cayce traz um elemento novo ao afirmar que ela também teria sido concebida sem a ajuda de um homem. Daí a sua resposta acima: "É verdade de todas as maneiras" (correct in any case), qualquer que seja o sentido dado à pergunta.

— Porque ficou José perturbado quando Maria ficou grávida, sendo ela ainda virgem?

Por causa do meio em que vivia e porque era mais velho do que a jovem que lhe fora dada como noiva. Na verdade, como se diria hoje, por causa do que as pessoas diziam! Contudo, quando lhe ficou assegurado que isto era divino, não só pelo que lhe tinham dito na fraternidade (essénia), mas também pelas visões que tivera, então compreendeu (…). Foi quando ele veio pedi-la em casamento

— Maria tinha entre dezasseis e dezassete anos — que ela foi encontrada grávida. (Leitura 5749-8.)

— Que idade tinha Maria quando foi escolhida para ser educada no Carmelo?

Quatro anos. E entre doze e treze anos quando foi designada como a Eleita pelo anjo, na escadaria do Templo. (Leitura 5749-8.)

O nascimento de Jesus é contado nas leituras, como na tradição provençal: com uma manjedoura que se encontrou por não haver lugar na estalagem; com a Estrela, com os pastores, com o coro dos Anjos cantando: "Gloria in excelsis"… sem esquecer os reis Magos e o seu séquito.

A única diferença em relação à tradição provençal é a personagem do estalajadeiro: na versão tradicional, ele é desagradável e manda ao diabo os futuros pais, declarando que não tem lugar.

Na versão cayciana, se o estalajadeiro recusa receber Maria, é antes para a proteger (leitura 1196-2). Foi instruído e avisado pelos Essénios do acontecimento que se prepara, e não quer que Maria dê à luz sob o olhar curioso dos clientes ou dos espiões. Mas manda a sua filha Sara à manjedoura para ajudar a jovem parturiente (leitura 1152). Não darei aqui as leituras relativas ao Natal: pareceriam saídas de um velho conto provençal!

Quanto à data real do nascimento de Jesus, muito discutida, eis o que disse Cayce, em resposta à pergunta:

— Celebramos o Natal numa data aproximadamente certa?

Sim, com pouca diferença, porque ocorreram muitas mudanças na maneira de contar o tempo, isto é, nos diferentes calendários. É quase certo, 24-25 de Dezembro, como contam o vosso tempo hoje. (Leitura 5749-8.)

— Quando e onde nasceu Jesus na Palestina?

Em Belém da Judeia, nessa gruta que atualmente não está assinalada, mas é chamada uma "estrebaria" (porque na América representam a manjedoura como um barracão!).

— E quando nasceu?

No décimo nono dia do que hoje chamariam o mês de Março.

— E em que ano?

Depende do calendário que se use; segundo o calendário juliano, no ano 4. Segundo o calendário mosaico, ou hebraico, no ano 1899. (Leitura 587-6.)

— Numa das leituras, dizem-nos que o aniversário do nascimento de Jesus corresponde a 19 de Março, segundo o nosso calendário atual. Noutra, dizem-nos que festejamos o Natal no dia certo, isto é, a 24 ou 25 de Dezembro, como se calcula hoje. Então, é preciso decidir!… Porque estas contradições?

As duas datas estão certas; depende do calendário que se use para contar. Quantas vezes estes cálculos foram feitos e refeitos? (…) É preciso ter em conta esses diferentes calendários, seguindo a cronologia dos acontecimentos. (Leitura 2067-7.)

Por outro lado, os católicos dirigem-se à Mãe de Jesus qualificando-a de "Bem-aventurada Maria sempre Virgem". Arriscam-se a ficar bastante surpreendidos com as leituras em que Cayce fala dos irmãos e da irmã de Jesus… E, no entanto, não terão lido no Evangelho este versículo em que os discípulos dizem a Jesus: "A tua mãe e os teus irmãos procuram-te." Os teólogos discutem há vinte séculos para saber se são "irmãos" realmente irmãos, ou apenas "primos". Mas, por mais que tenham explicado que, supostamente, em hebraico se empregava a palavra irmão para dizer primo, a explicação, forçada, não convenceu toda a gente… Eis a versão de Cayce:

— Maria e José tiveram outros filhos?

Tiago, Judas e uma filha. (Leitura 5749-8.)

— Quanto tempo depois do nascimento de Jesus começaram Maria e José a viver a vida normal de um casal casado e quando tiveram o filho chamado Tiago? Dez anos. Tiveram sucessivamente Tiago, uma filha e Judas. (Leitura 5749-8.)

— Maria era obrigada a esperar dez anos antes de conhecer fisicamente José?

Essa relação normal, natural, não ocorreu antes de Jesus partir para fazer os seus estudos, vede. E não era "obrigado". Foi uma escolha feita por ambos, por causa dos seus sentimentos recíprocos. Mas, quando ele estava longe e sob a

proteção daqueles que eram os Seus guias, sacerdotes, então essa relação física começou, como uma experiência normal. (Leitura 5749-8.)

Devo dizer que, enquanto mãe de família, prefiro esta versão. Há algo de verdadeiramente ilógico em dar como modelo às mulheres casadas uma esposa que nunca se deitou com o seu próprio marido!

A família de Jesus.

Para começar, falemos dessa irmã de Jesus:

Pois a entidade vivia nesse país quando o Mestre o percorreu: era a filha de Maria, mãe do Senhor, Ruth.

Daí a sua tendência atual para ajudar os indivíduos, as massas dos que foram materialmente desfavorecidos. (…) Nesta vida, enquanto Ruth, a entidade estava muito ligada aos meios dirigentes, aos Romanos. E, após a Crucificação, após essas experiências inesquecíveis com os discípulos e os Apóstolos, partiu em viagem com aqueles que queriam abrir o mundo romano à influência do Cristo manifestado no homem Jesus (…). A entidade casou com um Romano e encontrou-se com ele em Roma.

Quando se tornou adolescente, após o nascimento de Judas, e quando a morte de José trouxe Jesus, seu irmão, de volta a casa,

… colocou muitas questões sobre esse estranho membro da sua família,

… sobre o qual as pessoas diziam muito mal, ao mesmo tempo que o temiam.

Com a partida desse irmão para o Egipto, onde ia receber a Sua iniciação final, isto é, um ensinamento, com João (ainda outro membro da família de quem se falava com reverência, cuja mãe tinha sido um vaso escolhido pelos sacerdotes essénios, João que descendia em linha direta dos grandes sacerdotes judeus), tudo isso era muito para a entidade Ruth.

É claro que não devia ser fácil ser a filha, a irmã e a prima de semelhantes vedetas!

Quando o primo João regressou e começou o seu ministério, quando renunciou à sua posição como sacerdote no Templo para se tornar um fora-da-lei pregando no deserto, então Ruth ficou consternada (…).

Foi ao regressar de uma reunião (onde Jesus tinha falado) (…) que a entidade encontrou o seu futuro marido (…), um cobrador de impostos, um Romano.

Sendo não só bela de corpo, mas muito ativa em obras de socorro aos desfavorecidos, o que interessava esse Romano, não como os outros, nasceu

entre eles uma simpatia mútua, em razão da idade e das circunstâncias. (…) Ela continuou as suas atividades em associação com esse amigo (…). Pouco antes da Crucificação consumou-se o casamento entre Ruth e esse amigo, que se tinha tornado seu marido, o que ele é também hoje. E Jesus assistiu também a esse casamento, que abençoou. O marido foi chamado a Roma, e foi enquanto lá estava que sobreveio a Crucificação. Período que trouxe à entidade (Ruth) grandes emoções, com o chamamento de Pilatos perante as autoridades romanas, o reencontro com a sua mãe e as santas mulheres, Lázaro, a outra Maria, Marta e todos os amigos da sua mãe (…).

Na última parte da sua vida, a entidade veio a Roma, onde lhe nasceram filhos. Aí, com o seu companheiro, ajudou aqueles que aceitavam os novos ensinamentos (cristãos) (…) e que eram perseguidos. (Leitura 1158-2.)

A consulente de quarenta e sete anos para quem foi dada esta leitura, no mínimo insólita, perguntou:

— Poderia dar-me mais pormenores sobre os meus contactos com Jesus? Acabaram de lhos dar. Os contactos pessoais mais estreitos ocorreram em momentos de luto. Por causa da diferença de idade, de horários e de actividades diferentes, e também da sua timidez, que não era uma falta, mas devida às circunstâncias. Os contactos pessoais fizeram-se apenas por ocasião de mortes, como a morte do seu pai, José. E aí, raciocinando apenas do seu ponto de vista, perguntava-se: Se Ele tinha o dom de curar, porque deixou morrer o meu pai? Se é como tantos proclamam, porque esteve ausente tanto tempo? E porque continua a correr por todo o lado?

— E vi Jesus depois da ressurreição?

Sim, no monte das Oliveiras, como toda a gente.

— As crianças que nasceram à entidade, nessa existência palestiniana, eu conheço-as? E, se sim, como?

É possível que as conheças, como teus netos.

— Hoje conheço a entidade que outrora foi Pedro?

Não, não a conheces. Pode-se conhecer hoje muitos dos Apóstolos e discípulos. Por exemplo, pode-se encontrar Bartolomeu, André, Judas que foi teu irmão. Pode-se conhecê-los. E até Judas! Tu não o conheces, e é melhor para ti que não o conheças. É possível também que João volte à Terra e seja conhecido… (Leitura 1158-9, dada em 1937.)

Alguns anos antes, em 1924, um dos financiadores de Cayce, um jovem agente de bolsa judeu e nova-iorquino, soube que:

Quando o Mestre veio à Terra da Promessa, Se tinha encarnado como o irmão do Mestre, segundo a carne: Judas. (Leitura 137-4.)

— Eu ainda vivia no momento da crucificação de Cristo?

Sim, enquanto Seu irmão. (Mesma leitura.)

— Fulano foi um profeta, ou um dos discípulos de Cristo?

Sim, Bartolomeu.

— E porque tenho tanta afeição por ele?

Por causa dessa vida passada em associação com os discípulos e os Apóstolos, que foram muito queridos à entidade Judas. (Leitura 137-123.)

O mesmo questionador perguntou a Cayce:

— A entidade hoje conhecida como o Sr. Fulano foi Judas Iscariotes?

Sim… Judas Iscariotes, aquele que me traiu.

— É um bom tipo hoje…

Sim, um bom tipo, e que se apoia inteiramente em ti. Incontáveis foram as provas dessa alma, na destruição de incontáveis cidades e países. Contudo, embora hoje tenha muitos bens sob o sol, apoia-se, ainda assim, em ti. A sua alma apoia-se em ti…

— Devo falar-lhe do trabalho que fazemos em Virginia Beach?

Mas sim! Quanto mais numerosos formos, mais fortes seremos. (Leitura 137-125.)

O pobre "Judas" nunca veio, aparentemente, pedir a sua leitura.

O mesmo consulente, que não recuava perante nada, perguntou:

— Pedro está hoje vivo, encarnado num corpo?
Nasceu em 1913. (Leitura 137-123.)

Para terminar com Judas, eis uma leitura interessante, que ilustra a possibilidade de alguém se enganar completamente nos "lembranças" das vidas anteriores. Alguém fez esta pergunta:

— Que explicação poderia dar a esta pessoa, que está convencida de ter sidoJudas Iscariotes noutra encarnação?

Como dissemos, esta entidade tem uma "sensibilidade mediúnica" na sua encarnação atual. E as associações vividas outrora, num período antigo, foram tais que ainda hoje a influenciam, e é isso que causa essa projeção no passado. Nessa experiência de vida antiga, a entidade representava o poder político oficial. Como tal, entrou em contacto com alguns dos discípulos do Mestre. E, entre (…) aqueles que trabalhavam com os Romanos nessa época, encontravam-se a entidade E Judas.

As histórias sobre Judas foram-lhe contadas (…), despertando o desprezo da entidade, que soube que Judas traiu o seu mestre, se tornou culpado de assassinato, de incesto e de outros crimes, com a sua própria família. E, no entanto, foi aceite por Alguém que outros proclamavam seu Mestre. Tudo isso impressionou muito a entidade. E a entidade seguiu as atividades e os relatos fornecidos por Judas de tal modo que, mais tarde, quando entrou em contacto mais estreito com os seus amigos que se tinham juntado à família do Mestre, fez a si própria amargas censuras.

A entidade censurava o seu comportamento. Daí a impressão que hoje fez na entidade a interpretação das visões de certas pessoas, que lhe garantiram que tinha sido Judas! Mas nunca cedas à tentação de te desprezares! Pois sabe, no teu foro íntimo, que o Mestre, teu Senhor e teu Deus, conhece o que fizeste e perdoa-o (…). "A carne é fraca." O Senhor não quer que nenhuma alma pereça por se ter acusado a si própria do que possa ter feito, ou causado, entre os seus contemporâneos. (…) Então, não voltes atrás para olhar essas associações, essas circunstâncias miseráveis. Não te deixes levar por uma vã curiosidade. Mas olha antes para o alto, para Ele que pode chamar-te a conhecê-Lo e a encontrá-Lo face a face…

Concentra-te antes no facto de que cada alma deve conhecer a sua relação com as Forças Criadoras, isto é, o Pai. E deve aplicá-la à sua maneira de se comportar com o seu irmão, mesmo o mais pequeno! (…) Pois, enquanto uma entidade não vir no seu inimigo, ou naquele que odeia porque as suas maneiras lhe desagradam, uma imagem daquilo que adoraria no Pai, não conhece o caminho, em verdade e nos seus atos. (…) Pois não teria Ele confiado os bens terrestres à guarda de Judas? Não lhe teria dado assim a sua oportunidade de enfrentar o seu próprio Eu?

Procura, pois, olhar-te de frente, enfrentar o teu Eu, naquilo que fazes e naquilo que dizes, dia após dia. Pois, fazendo isso, vens a conhecer a tua relação com o teu Criador. E, se chamares, Ele ouvirá. E as Suas Promessas são certas. (Leitura 1265-2.)

Se apresentei um excerto bastante longo desta leitura, é porque ela é típica de Cayce. Nela reencontramos a frase que ele repetiu mil vezes: que cada um de nós deve *meet the self*, isto é, enfrentar o seu Eu profundo e real. E porque esta leitura mostra os estragos que pode provocar uma pesquisa das vidas anteriores mal conduzida. Dizer a um pobre tipo que foi Judas dá que lhe colar um "trauma" para o resto da vida!

Voltando ao círculo de Jesus, muitas outras vedetas do Evangelho surgem ao longo das leituras como estando reencarnadas num consulente actual. Por exemplo… Maria Madalena! Cayce descreve-a fisicamente:

Como a pintou Leonardo da Vinci (…) com cabelos quase ruivos, olhos azuis, traços de rosto que lembravam a sua hereditariedade ao mesmo tempo grega e judaica.

No começo da leitura, cita as palavras de Jesus:

"Em toda a parte onde o meu evangelho for pregado, falar-se-á dela": que herança!

Na vida presente, constata-se que a entidade compreende facilmente os Seus ensinamentos, as verdades que Ele ensinou. Mas procura ter vistas mais largas e não condenes ninguém, pois Ele não condenou nem mesmo os que O perseguiram. Condenar é uma atitude construída no teu mental. Apaga isso da tua vida, através d'Ele que torna tudo possível (…).

É preciso que coordene em si as crenças que tinha numa vida (egípcia) antiga com aquelas que encontrou durante a sua associação com o Mestre Jesus, pois são as mesmas… Como já dissemos, essa religião egípcia era a base, os fundamentos do que viria mais tarde a ser ensinado pelo Mestre nesse período (na Palestina).

A consulente, uma americana de vinte e três anos, devia ser muito sedutora… Numa leitura posterior, Cayce conta a vida de Maria Madalena após a Ressurreição e como ela trabalhou em estreita colaboração com Maria, mãe de Jesus, que foi viver para casa de João… o apóstolo bilionário!

Pois João, como é bem sabido, era o mais rico dos discípulos de Cristo. As suas propriedades seriam avaliadas hoje, em moeda americana, em quase um quarto de milhão de dólares (em 1933)! (Leitura 295-8.)

Na primeira leitura (295-1) dada para esta jovem mulher, hoje avó, Cayce assinala que ela está, do ponto de vista astrológico, sob a influência de Vénus, o que não nos surpreenderá assim tanto! Em seguida, dá uma sequência de vidas

anteriores clássicas (francesa, inglesa, palestiniana, persa, egípcia, atlante), que começa assim:

Antes desta vida, a entidade vivia sob o reinado do último dos Luís. Era sua filha, que fugiu, na neve, durante essa tentativa de evasão no tempo da Revolução. A entidade foi o único membro da família real a sobreviver a esse período: foi conduzida em segredo para um país hoje chamado Áustria.

Não dou aqui toda a passagem relativa à filha de Luís XVI e de Maria Antonieta; voltarei a falar disso num segundo volume consagrado às encarnações francesas. (Ver, a este respeito, o livro de Michel Morin, *Le retour du Lys*, edições Fernand Lanore, 1985.) Voltemos antes às vidas antigas da consulente:

Na encarnação que precedeu esta, reencontramos a entidade, amada por Ele (Jesus), pois, nessa vida, ela era a irmã de Marta e de Lázaro (…).

Na encarnação ainda anterior, estava no Egipto, no momento das dissensões entre o Sumo Sacerdote e o soberano. Era um dos conselheiros do soberano e levou ao Sumo Sacerdote exilado a primeira mensagem oferecendo-lhe o regresso.

E, depois do regresso do Sumo Sacerdote, foi encarregada da música no Templo; poder-se-ão reencontrar algumas das suas composições musicais desse tempo quando a primeira das pirâmides for aberta (…). Na encarnação ainda anterior, vivia no país conhecido como atlante. A entidade era então a princesa desse país; fez a experiência de esplendores faustosos, que não soube utilizar da maneira que teria sido necessário (…). (Leitura 295-1.)

Numa leitura posterior, Cayce mencionou duas outras encarnações: uma na Inglaterra medieval e outra na Pérsia (contemporânea do impronunciável Uhjltd!).

Esta entidade feminina é interessante para nós por vários motivos: primeiro, porque, enquanto filha de Luís XVI, pertence à História de França. Depois, porque, como inúmeras encarnações francesas, é uma antiga egípcia. E, por fim, porque, enquanto Maria Madalena, faz parte do nosso folclore nacional. Recordemos, de facto, que Maria de Magdala (Maguelonne, em provençal) teria, segundo a Tradição, terminado os seus dias na Provença. A lenda conta que, na sequência de perseguições na Palestina, foi abandonada no mar, num mau batel, com o seu irmão Lázaro, a sua irmã Marta e os seus criados. Que a embarcação aportou milagrosamente ao lugar hoje chamado "Les Saintes-Maries-de-la-Mer" e que, daí, toda a família se espalhou pelas Gálias para as evangelizar. Lázaro

subiu a Paris (onde ainda tem uma estação!), Marta purgou o Ródano do monstro que aterrorizava os ribeirinhos: a "Tarasque" (daí a cidade de Tarascon).

Quanto a Madalena, retirou-se para uma gruta selvagem da montanha, para aí viver como eremita. Aí foi enterrada, numa tumba que permaneceu secreta; daí hoje o nome da montanha: a Sainte-Baume (ou gruta). Li e reli as leituras de Cayce: ele não fala destas tradições. É preciso dizer também que, no seu entorno, não havia nenhum provençal para lhe fazer a pergunta (o célebre almirante de Grasse, que tem um monumento em Virginia Beach, tendo morrido há dois séculos!).

O próprio Lázaro, irmão de Madalena, aparece numa consulta dada a um naturopata. Esse consulente, um solteiro de cinquenta e seis anos, nascido na Índia, de pais persas, dava conferências de filosofia nos Estados Unidos. Antes de ter sido Lázaro, tinha sido, como a irmã, atlante e depois egípcio com o nome de Ra-El-La, o que é quase um anagrama de Lázaro! Citei-o no capítulo sobre o Egipto antigo como um dos redatores do Livro dos Mortos (leitura 1924-1). Talvez por isso tenha tido direito a uma pequena ressurreição pessoal…

Para terminar com esta notável família, falemos de Marta. Encontrei a sua leitura, que foi dada para uma "Female, 45 years, protestant", isto é, uma mulher de quarenta e cinco anos, protestante, uma solteira empedernida que vivia com a irmã (mas não Madalena, desta vez!). É verdade que nem os Evangelhos nem o folclore provençal mencionam qualquer marido de Marta… nem uma esposa de Lázaro! A leitura dada para o cunhado de Jesus, que vimos aparecer acima, é interessante porque analisa o conjunto das relações económicas, políticas e sociais entre Roma e as suas províncias, particularmente a Judeia.

Philoas, portanto:

… casou com a irmã do Mestre, a Sua única irmã (sublinha Cayce), e foi mesmo casado por Ele com essa irmã que recebera uma educação na Grécia e em Roma, por causa das relações da sua família com alguns dos Judeus que eram pró-romanos. (Leitura 1151-9.)

Philoas, romano educado à grega, parece ter sido um alto funcionário enviado para exercer funções na Palestina. Segundo a leitura:

Fez em Roma um relatório favorável aos cristãos (…). O que foi tido em conta pelo Imperador, em Roma, e levou a decisões administrativas conformes às sugestões da entidade. Pilatos foi transferido e substituído. (Leitura 1151-10.)

O consulente a quem foi dada esta leitura era, na América do século XX, uma personagem importante: desempenhava um papel de mediador entre patronato e sindicatos. Eis os conselhos que Cayce lhe dá:

A cada um desses grupos, quer sejam sindicatos quer sejam patrões, tens de recordar constantemente que devem ser animados por um ideal (…). Tens de saber (…) que és o canal pelo qual deve passar o espírito de amor fraternal, o espírito de cooperação, o espírito de paciência e de caridade para com todos (…). Esse mesmo espírito esteve na base do poder do Império Romano. E foi apenas quando esse espírito começou a enfraquecer, sob o peso do egoísmo e da procura de vã glória, que esse poder de Roma declinou. Pois tinha esquecido o seu objetivo: ser a guardiã do seu irmão. (Mesma leitura.)

Philoas foi também um dos "peregrinos de Emaús", aos quais Cristo apareceu após a Ressurreição (Evangelho de Lucas):

A entidade foi dos que proclamaram muito alto a Ressurreição (…), pois estava lá no dia em que Cristo apareceu no caminho de Emaús. (Leitura 1151-1.) E viajou com Ele. (Leitura 1151-3.)

Nem todas as vidas fazem surgir, longe disso, personagens célebres ou notáveis do Evangelho. Uma multidão de atores obscuros emerge das leituras: por exemplo, Sobol, carpideira profissional contratada para o funeral de Lázaro (2787); ou Joel e Thaddeus, pastores na noite de Natal (1859 e 262); ou Adhar, pequena irmã de João Baptista, morta de vergonha por causa da forma como o irmão se enfeitava com peles de carneiro… De tal maneira que, na vida seguinte, tinha uma ideia fixa: estar na vanguarda da moda! (E ainda hoje lhe dá grande importância, leitura 1000-14.)

As leituras dão o nome de uma multidão de discípulos de Jesus, de obscuros simpatizantes ou de opositores. Todos os episódios conhecidos dos Evangelhos desfilam diante dos nossos olhos, vistos através da história pessoal de espectadores desconhecidos; há mais de 500 leituras sobre essa época. Entre elas, dois conjuntos absolutamente insólitos sobre a juventude de Cristo e sobre uma vida judaico-romana de Cayce.

Os anos-mistério de Jesus.

Sim: o que fez Ele entre os doze anos (quando os pais O reencontram no Templo entre os rabinos) e os trinta anos, início da sua vida pública?

Os Evangelhos oficiais nada dizem sobre isso. Pelo contrário, os evangelhos apócrifos, os relatos de místicos, falam das viagens de Jesus à Índia (onde teria deixado vestígios em Srinagar, no Cachemira) e ao Tibete. Alguns relatos aludem

a estadias na Pérsia e no Egipto. Numerosas lendas locais, nesses países, ecoam isso.

— Dê pormenores sobre a educação de Jesus em criança.
Dos seis aos dezasseis anos, consistiu em conhecer os mandamentos da Fraternidade essénia. Mas a criança aprendeu também a Lei judaica, ou Lei mosaica, dessa época (…). E lembre-se de que era normal e se desenvolveu normalmente. (Leitura 1010-17.)

Nas leituras aparece a governanta de Jesus, ao mesmo tempo guarda-costas e professora, mas não era uma ama de crianças vulgar. Pertencia a esse grupo de Essénios dirigido pela profetisa Judy, que interpretava os documentos antigos continuando a tradição vinda do Egipto, desde o Templo da Beleza e o serviço do Templo do Sacrifício. Assim, quando chegou o tempo em que Maria devia casar com José e dar à luz o Messias, o Príncipe da Paz (…), o Salvador (…), Judy ordenou que se escolhesse alguém para acompanhar os pais ao Egipto (…). Foi Josie quem foi designada pelos da Fraternidade, por vezes hoje chamada Fraternidade Branca (…). Nessa viagem não havia apenas José, Maria, Josie e a Criança, mas outros grupos que precediam ou seguiam, organizados para a proteção física indispensável ao cumprimento da Promessa (…).

A estadia no Egipto passou-se perto da cidade de Alexandria (…). E um dos trabalhos atribuídos a Josie era estudar certos documentos que tinham sido em parte conservados nas bibliotecas do local, pois a Fraternidade essénia se interessava por eles.

— E qual era a natureza dos arquivos que Josie devia estudar no Egipto?
Esses mesmos documentos a que os Magos vindos do Oriente tinham aludido ao dizerem: "Segundo esses documentos, vimos a Sua Estrela." Tratava-se, como hoje se diria, de previsões astrológicas, bem como de uma massa de informações reunidas ao longo dos séculos por todos os que se tinham interessado pela vinda do Messias (…). Todos esses documentos tratavam não só do que deveriam fazer os pais (de Jesus), mas também dos seus lugares de permanência, das características que teriam aqueles (…) que estariam em contacto com a Criança, e de como as roupas por Ele usadas curariam outras crianças (…). Pois o Seu corpo, sendo perfeito, irradiava saúde, a própria vida. Exatamente da mesma maneira que hoje certos indivíduos emitem vibrações de saúde e de vida, pelo seu ser espiritual, vibrações que destroem qualquer forma de doença física! (Leitura 1010-12.)

Assim, essas duas mulheres excecionais — a governanta, arquivista, e a profetisa — dirigiram todos os estudos elementares de Jesus.

— Queria dar-nos, por favor, Sr. Cayce, um resumo da vida e das atividades de Jesus Cristo, desde o nascimento até ao começo do seu ministério na Palestina por volta dos trinta anos, com os lugares, as viagens, os estudos, etc.?
(…) Durante a sua juventude, de acordo com leis e costumes, viveu na casa do seu pai. Depois, foi tomado a cargo pelos seus mestres (…), primeiro na Índia, depois na Pérsia, depois no Egipto, pois está escrito: "O meu filho será chamado do Egipto." Quanto aos seus estudos, faziam parte do programa de preparação estabelecido para Ele (por Judy). Comportavam, em primeiro lugar, o estudo das bases da Lei. E a Lei, no Grande Iniciado, deve manifestar-se pelo amor, pela piedade, pela paz, para que seja plenamente cumprido o fim para que foi chamado. (Leitura 5749-2.)

— Existem ainda algures manuscritos que deem essas informações que nos faltam? E, se sim, vamos descobri-los em breve?
Há alguns que são falsos. Todos os que existiram, os textos de origem, foram destruídos durante os tumultos de Alexandria. (Leitura 2067-7.)

— Por favor, fale-nos da educação de Jesus na Palestina, das escolas que frequentou, e durante quanto tempo, e o que lá estudou, e sob que nome estava inscrito.

A sua escolaridade na Palestina durou apenas o tempo da sua permanência no Templo, o período em que estava em Jerusalém, como Lucas conta, no meio dos rabinos e dos professores. Os seus estudos na Pérsia, na Índia, no Egipto, cobriram períodos muito mais longos. Nas escolas, estava sempre inscrito sob o nome de Jeshua.

— Fale-nos dos estudos de Jesus no Egipto, nas escolas essénias de Alexandria e de Heliópolis (às quais Cayce aludiu várias vezes; ver também o capítulo sobre o Egipto e a Grande Pirâmide): quem eram os seus professores e em que consistiam os estudos?

Não foi em Alexandria, mas antes em Heliópolis que fez os estudos que conduziam ao sacerdócio, isto é, a preparação para os exames e a sua realização, como fez também João (o Baptista). Estavam cada um numa turma diferente. (Leitura 2067-7.)

O exame em questão terminava com a iniciação na Pirâmide.

— Por favor, descreva-nos os contactos de Jesus com as escolas da Pérsia. Foi em Heliópolis que elaborou um método de meditação em silêncio (no texto: "Entering the silence") e manifestou os seus poderes de curador?
Isso foi antes a sua actividade na Pérsia, na "Cidade das Colinas". O Egipto, esse,

centralizava então os ensinamentos vindos de muitos países. Pois ali estava o centro magnético e vibratório da irradiação da Terra. (Leitura 2067-7.)

— Quanto tempo permaneceu Jesus na Índia?

Dos treze aos dezasseis anos. Um ano de viagem na Pérsia. Passou a maior parte do seu tempo no Egipto, em estudos… Como o demonstrarão amplamente os documentos que serão descobertos e que ainda estão enterrados na Pirâmide… Pois era lá que eram instruídos os iniciados. (Leitura 5749-2.)

— Descreva-nos os ensinamentos que Jesus recebeu na Índia.

Tratavam da maneira de purificar e desintoxicar o corpo, de o fortalecer fisicamente, bem como mentalmente. Nas suas viagens pela Pérsia, Jesus estudou a medicina e os meios de coordenar as energias dos corpos (físico, mental e espiritual) segundo o ensino ali dado por Zu, e por Ra no Egipto, que fora a base dos ensinamentos no Templo. (Leitura 5749-2.)

— Jesus, na Índia (…), estudou em Benares com o mestre indiano Udraka?
Lá esteve três anos. O mestre chamava-se Arcahia.

— Frequentou a escola dos essénios em Jagannath, na Índia?
Todas as escolas eram em parte derivadas das escolas essénias. Mas não era o essénismo puro tal como era praticado no Carmelo. (Leitura 2067-7.)

A alguém que lhe perguntou se Jesus tinha estudado na Grécia com os filósofos, que O teriam chamado, Cayce respondeu que:

Jesus nunca fora seduzido pela sabedoria mundana.

De qualquer modo, a "famosa sabedoria grega" tira todas as suas fontes do Egipto antigo. Como estudos recentes o demonstraram, todos os grandes filósofos gregos fizeram a viagem ao Egipto para aí se instruírem, incluindo Pitágoras e o seu teorema! Esquecera-se que o "milagre grego" é um filho das Pirâmides…

Lúcio, bispo de Laodiceia.

Em Dezembro de 1937, Edgar Cayce, de passagem por casa do seu amigo D. E. Kahn, deu uma leitura para uma consulente de idade madura, uma nova-iorquina de grande elegância e rara beleza. E foi uma surpresa:

A entidade viveu no tempo em que o Mestre caminhava sobre a Terra (…). Foi entre aqueles que desceram das suas colinas e assistiram à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Chamava-se Mariaerh. (…) Crescera nas colinas da

Judeia, perto da casa de Isabel e Zacarias. Por isso, desde a mais tenra infância, ouvira falar de Jesus, esse jovem homem que fora visitar João, pouco antes do começo do seu ministério. A família da entidade era judia, mas de um grupo (…) que se separara do judaísmo ortodoxo, isto é, os samaritanos. Desceu a Jerusalém aos catorze anos, a maioridade para uma mulher, a idade núbil, para aí ser registada no estado civil. (…) Aproveitou para visitar uns primos idosos, entre os quais a sua parente Isabel.

E foi então, quando estava em Jerusalém, que Jesus ali fez a sua entrada triunfal, vindo de Betânia. Foi a primeira vez que a entidade ouviu falar do acontecimento que tivera lugar nessa localidade: a ressurreição de Lázaro. Ouviu também falar das atividades em que a sua família estava envolvida. Assim, desde a juventude, a entidade conheceu a maior parte das que trabalhavam no grupo mais tarde chamado: "As Santas Mulheres". Partilhou as suas atividades: foi toda uma época da sua vida (…). Mais tarde, no Pentecostes, esteve entre as dez primeiras pessoas a ser batizadas nesse dia (…).

Depois encontrou um certo Lúcio, parente de Lucas, com quem trabalhou em estreita colaboração. E esse Lúcio é a entidade que agora se chama Cayce, através de quem são dadas estas informações (…).

Com Lúcio, a entidade partilhou todos os trabalhos missionários, todas as responsabilidades do ministério para a fundação da nova igreja nos seus primórdios (…). E foi com ele para Laodiceia, onde Paulo pregou; e aí ajudou-o em todas as suas atividades, como sua companheira, sua auxiliar, sua esposa. (Leitura 1468-2.)

Chegado a este ponto, Cayce espirrou e parou a meio de uma frase. Depois, já desperto e informado do que dissera durante o sono, acrescentou:

Continuaremos mais tarde, noutra leitura. Já há matéria de reflexão suficiente por hoje. Estas informações são bastante estarrecedoras para nós…

Alguns dias depois, Cayce escreveu à sua ex-mulher da Palestina:

Terei de a rever para falarmos de tudo isto… Espero que não esteja demasiado horrorizada. Mas pense nisso.

A senhora respondeu pelo correio de volta:

Caro Sr. Cayce, … Não estou horrorizada! Penso que a minha leitura, sim, é desconcertante… Estou bem surpreendida por ter podido ser a assistente de uma personagem tão importante… E o senhor, sabia, antes desta leitura, que tinha sido Lúcio?

E a senhora observa que é uma personagem citada no Novo Testamento.

Resposta de Cayce alguns dias depois:

Não, não tínhamos uma certeza bem definida de que eu pudesse ter sido esse Lúcio, e dessa maneira, na leitura de vida geral que eu já tinha tido. Esta revelação devia vir no seu tempo, consigo… Se o tivesse sabido antes, isso não teria significado grande coisa para mim nessa época. Vou agora pedir para mim uma leitura mais completa das minhas vidas anteriores. E estou muito ansioso por saber o que ela dirá…

E assim fez… E eis o resultado:

Sim, temos diante de nós os dossiês relativos à entidade hoje chamada Edgar Cayce e às suas experiências de vida no plano terrestre como Lúcio de Cirene, isto é, conhecido na primeira parte dessa vida como Lúcio Septulus, de uma família greco-romana da cidade de Cirene.

Na juventude, Lúcio tinha a reputação, antes, de um imprestável. Andava para a direita e para a esquerda e tornou-se no que hoje se chamaria um soldado de fortuna. (Leitura 294-192.)

O leitor terá notado que é a terceira encarnação sucessiva em que Cayce faz, mais ou menos, o ofício de soldado: enquanto Uhjltd, combatera à frente da sua tribo; depois, na guerra de Troia, enquanto Xénon; e eis que o vemos de novo nos exércitos romanos. As sequências de vida sucedem-se… e assemelham-se!

Na época em que Jesus exerceu o seu ministério na região de Jerusalém, Lúcio ali veio. Interessado pelas atividades dos discípulos e pela grandeza das lições dadas pelo Mestre, andava atrás deles como um parasita, mas com a ideia de que chegara o tempo de uma revolta contra as legiões romanas, contra o poder de Roma; e a entidade Lúcio esperava que isso acontecesse e desejava-o. Esforçava-se, com esse propósito, por estabelecer contactos e manter-se a par dos movimentos políticos em Roma e entre os Judeus, bem como dos decretos de toda a natureza que eram promulgados.

A entidade era desprezada pelos Judeus do círculo do Mestre. Contudo, fez-se contratar entre os setenta discípulos encarregados de ensinar. Procurando cada vez mais aproximar-se do Mestre, Lúcio tinha contra si o facto de ser estrangeiro; assim, não foi retido como apóstolo. (…)

Após a Crucificação, no momento do Pentecostes, Lúcio assistiu a essa reunião em que o Espírito se manifestou, em que Pedro falou "em línguas"; embora falasse no seu próprio dialeto, a sua mensagem foi ouvida por cada

ouvinte na sua própria língua! Isso impressionou tanto Lúcio que ele se converteu interiormente e decidiu devotar-se totalmente. Desde então, colaborou estreitamente com discípulos e apóstolos.

Mas, quando começaram as perseguições e se devia escolher aqueles que se tornariam diáconos, como Filipe ou Estêvão, Lúcio foi novamente rejeitado, por causa das suas relações com um certo Saulo, mais tarde chamado Paulo. Pois este era um seu compatriota da região de Tarso e cidadão romano como ele. Fizeram-lhe perguntas sobre a sua "judeidade", embora Saulo (isto é, Paulo) tivesse testemunhado que era judeu. E era verdade: a mãe de Lúcio era da tribo de Benjamim, mas não o seu pai.

Seguiu-se toda uma discussão sobre a conveniência de atribuir cargos de responsabilidade na Igreja a homens que não fossem descendentes de pais judeus. Sempre a mesma questão: a Palavra destinava-se apenas ao povo de Jesus, aos Judeus? Durante a permanência de Lúcio em Jerusalém, antes das grandes perseguições em que Tiago foi decapitado e Estêvão apedrejado, esta questão voltou a colocar-se. Pois Lúcio, graças às relações da sua companheira — ou mulher, como se diria hoje — vivia sustentado por Maria (Madalena), Marta e Lázaro. Estes também se perguntavam o que deviam fazer dele. Confunde-se muitas vezes Lúcio com Lucas, que eram parentes. Tiveram ocasião de cooperar estreitamente após a conversão de Saulo, que se tornou Paulo, a quem assistiram cada vez mais.

Quando Lúcio foi aceite por Paulo, decidiu regressar à sua pátria com a sua companheira, para fugir às perseguições e aí estabelecer uma igreja. Foi assim que, na última parte da sua vida, se tornou bispo, isto é, o diretor, o presidente da assembleia dos sacerdotes, ou presbitério. Era assim que se chamava o sacerdote, ou o padre, ou o alto conselheiro, nesses primeiros tempos da Igreja, isto é, aquele a quem se submetiam em última instância todas as questões de teologia ou de direito (…). Nessas matérias, o bispo tinha a última palavra, salvo se, após o seu veredicto, se recorresse ao julgamento da Igreja de Jerusalém, isto é, dos próprios Apóstolos. De tempos a tempos, certos debates levavam a divergências. Como, por exemplo, a questão levantada por Paulo e que agitou muito as gentes da região: saber se os bispos deviam ser casados (…). Assim, surgiram desacordos entre Lúcio e Paulo. (Leitura 294-192.)

No entanto, no Evangelho, Pedro parece ser casado, pois Jesus cura a sua sogra! Pormenor confirmado, aliás, pelas leituras, que acrescentam que o apóstolo Tomé também era casado. Como Lúcio:

O que lhe trouxe, na sua vida, muitos problemas entre ele e a sua mulher. Primeiro, porque ela era muito mais nova do que ele. E depois, porque não tinham filhos. A crise chegou ao ponto de se separarem, e ela foi viver com (…) a profetisa Judy, Isabel e Maria, mãe do Senhor (…).

Finalmente, depois de estas últimas — pessoas de idade e experiência — terem aconselhado a jovem mulher, ela voltou para Lúcio (…).

Então veio um período em que voltaram a estar muito unidos. E, com o nascimento de uma criança, veio um tempo de paz e felicidade, no fim da vida de Lúcio (…).

E verdadeiramente, a entidade enquanto Lúcio pode ter uma influência muito boa e poderosa sobre a vida atual da entidade enquanto Cayce. (Mesma leitura.)

A misoginia do apóstolo Paulo, ou pelo menos a sua incompreensão dos problemas conjugais, é ainda mais flagrante na continuação das leituras de Mariaerh:

Sim, disse Cayce em voz baixa, retomando a história, Mariaerh, a samaritana, vinda das colinas da Judeia, companheira, isto é, esposa, de Lúcio de Cirene, bispo da Igreja de Laodiceia (…). Sim. Quando Lúcio foi colocado à frente da Igreja de Laodiceia por Paulo e Barnabé, e quando a entidade trabalhava para ajudar o marido no seu ministério, atravessou uma dura provação por causa dos ensinamentos de Paulo. Este considerava que os principais chefes das igrejas (…) deviam, como condição prévia à sua ordenação como bispos, ser celibatários. E, a isso, somava-se o facto de Mariaerh não ter filhos; ela sentiu-se particularmente visada pelos sermões de Paulo (…). E tanto mais quanto era muito mais jovem do que Lúcio! Isso trouxe grandes tristezas à entidade (…).

(…) Só muito mais tarde lhe nasceu um filho, filho que cresceu em graça e em favor diante de todos (…). Ela viveu até aos sessenta e nove anos e viu esse filho, Sílvio, escolhido e consagrado pelos seus superiores ao serviço do Mestre. (Leitura 1468-3.)

A separação do seu marido teve de ser tanto mais amarga para a pobre Mariaerh… quanto parece que outra mulher nela esteve envolvida, uma admiradora de Paulo, que fazia a chuva e o bom tempo por onde passava. É, pelo menos, o que contou uma leitura dada um ano depois! (o que prova que o clero cristão, já misógino, não brilhava pela sua compreensão dos problemas familiares…). Cayce anotá-lo-á mais particularmente na leitura 1404-1, onde fala, a propósito da Igreja:

… da sua incompreensão dos valores espirituais da vida familiar.

Noutras encarnações, antes desta vida judaico-romana, Mariaerh já tinha conhecido o seu Lúcio, enquanto Uhjltd, na Pérsia, numa época conturbada em que ela fora algo como enfermeira. E ainda antes, no Egito, onde acompanhara Ra-Ta no seu exílio (ver capítulos anteriores).

Creio que é interessante, para os meus leitores, dar-lhes mais pormenores sobre o caso Mariaerh, porque ilustra bastante bem os mecanismos da reencarnação.

Nesta vida, a consulente já era duas vezes divorciada. Porquê? — perguntou ela a Cayce. Porque, respondeu ele em substância, ela trouxera da sua vida palestiniana uma ideia medíocre do casamento, tendo Paulo tratado de lhe envenenar a existência com a sua máxima: «Aquele que se casa faz bem, aquele que não se casa faz melhor!»

Trocou-se toda uma série de correspondência entre a senhora norueguesa e Cayce, analisando e comentando cada parágrafo de cada leitura dada para ela. Ela assinalou o facto de os seus dois maridos terem sido muito mais velhos do que ela, como Lúcio!

Que os seus pais, tal como os de Mariaerh, preferiam igrejas contestatárias, considerando as igrejas oficiais totalmente esclerosadas. Sentiram-se atraídos pela «Ciência Cristã» (Christian Science), onde ela própria trabalhou durante anos. Nesse grupo religioso, viveu, escrevia ela a Cayce, exatamente os mesmos problemas que a pobre Mariaerh. Ou seja, teve de suportar discussões tempestuosas sobre o tema: «Deve ou não casar-se para servir convenientemente a Igreja? E, se sim, deve fazer-se um casamento apenas "espiritual"?» Problema que a perturbou durante anos! Na Fundação Cayce, cada leitura é seguida de um dossiê, constituído, em geral, pelas cartas do consulente na sequência da leitura, pela resposta de Cayce, etc. Isto é particularmente interessante no caso da reencarnação, porque o interessado pode fornecer pormenores que eventualmente confirmem a veracidade das vidas anteriores indicadas.

No caso de Mariaerh, se não há «provas» propriamente ditas, porque se trata de uma vida demasiado antiga, há pelo menos coincidências perturbadoras. Cayce não conhecia esta senhora antes da primeira consulta. É notável que tenha posto o dedo NO problema que a atormentava desde sempre!

Escreveram-se muito… Não é todos os dias que se reencontra a sua mulher de há vinte séculos! Mais tarde ainda, ele dar-lhe-á outras leituras, com muitos pormenores. Uma sobre uma vida «early America» entre 1794 e 1812:

(…) A entidade fez parte de um grupo, ou de uma seita, chamada os Amigos (Quakers). Vinha dos arredores de Oslo, na Noruega, e instalou-se na «Cidade do Amor Fraterno» (entenda-se: Filadélfia, mesmo significado em grego). A entidade era jovem, tinha apenas quatro anos aquando desta viagem. Os seus pais chamavam-se Abigaïl e Joseph, não Joseph como se diz aqui, mas em norueguês: Joda (…). A sua mãe atual era então a sua irmã mais nova, nascida no novo país. (Leitura 1468-4.)

Ora, a consulente de Cayce era uma americana de origem norueguesa. Este caso ilustra bem um facto frequente nas sequências de encarnações: a transição progressiva de uma nacionalidade para outra; as pessoas escolhem de preferência, ao reencarnarem, uma família que lhes recorde um país onde já viveram!

A senhora escreveu a Cayce:

Isto surpreende-me, que eu tenha vindo da Noruega. Pois, embora outrora estivesse convencida de ter tido uma encarnação norueguesa, acabara por pensar que fazia antes parte da colónia de suecos que imigraram para aqui. Não sabia que também tivesse havido imigrantes noruegueses. (…) Os noruegueses parecem-me muito mais refinados do que os suecos! Aos dezasseis anos, a minha mãe levou-me à Noruega para visitar pessoas, e adorei imediatamente esse país! Chorei quando foi preciso partir… Se alguém passa na rua, aqui, e fala norueguês, eu abrando o passo, escutando atentamente, e compreendo quase sempre fragmentos do que se diz (…). Perdi os meus pais aos dezasseis anos e, desde os vinte, nunca mais conheci noruegueses. À medida que os anos passam, o meu amor pela Noruega e pelos noruegueses não faz senão aumentar… Quanto à minha mãe, que teria sido a minha irmã mais nova nessa vida anterior, sempre me pareceu ser a mais velha das duas, e muitas vezes disse que, se ela tivesse vivido, teria sido eu a tomar conta dela!

No decurso de uma das consultas, a senhora perguntou ainda:

— Nesta experiência de vida americana, estive associada a Edgar Cayce? (que teve uma, senão duas, encarnações americanas antes de ser Cayce.)

Conheceu-o, mas não esteve fisicamente associada a ele. (Leitura 1468-4.)

Edgar contou que sonhara com ela quando ela era essa jovem de Filadélfia. Descreveu-a:

Alta, muito loira, com cabelos muito compridos, olhos azul-avelã, rosto oval alongado. Vestia um vestido de crinolina quase preto, com punhos e gola brancos.

A consulente respondeu que, quando era pequena, estava obcecada pelo desejo de ter cabelos compridos… Numa das leituras, Cayce disse-lhe também que, nessa vida na América, tocava muito piano, e muito bem. A senhora respondeu que continuava a gostar de música e que, quando era criança, não cessava de dedilhar em todo o lado, com as pontas dos dedos… Não conseguia evitar, o que irritava os seus pais! Não apresento aqui os mil e um pormenores que concordam com o conteúdo das leituras… Mas ainda isto:

Anteriormente, a entidade estivera na Noruega, no que é atualmente uma parte do Helzen Fjord. A sua vida foi tão difícil que se despediu de toda a família suicidando-se. É por isso que, hoje, sofre por vezes de uma solidão tão grande

(e é também por isso que escrevia cartas tão longas ao querido Edgar!).

Chamava-se então Amele Schwelenger. E (…), após o nascimento do seu segundo filho (…), destruiu-se lançando-se nas águas do fiorde.

É isso que explica que hoje a entidade sofra tão frequentemente de depressão, de desânimo. A razão pela qual esta informação não foi dada no início das leituras é que corria o risco de a mergulhar na condenação de si mesma e na desmoralização (…). Quanto à data dessa vida: 1592. (Leitura 1468-6.)

Nesta leitura, Cayce disse-lhe também que tivera, além disso, duas outras encarnações gregas: uma em Corinto, em 1028, e outra, muito mais antiga, no tempo de Péricles, em que trabalhava em contacto estreito com ele e com a sua musa Aspásia.

Na vida atual, a consulente, diretora de uma agência de relações públicas, move-se no mundo elegante… E apercebe-se, dizia ela a Cayce, do perigo de se deixar fascinar pelo dinheiro e pelo snobismo…

9: A vida dupla de John Bainbridge.

Após a sua encarnação como Lúcio, reencontraremos Edgar Cayce reencarnado, duas vezes seguidas, segundo as leituras, na América do Norte, sob o nome de Bainbridge. Isso passou-se nas imensas regiões onde a sede de conquista atraía os europeus ávidos de aventuras, aquilo a que chamamos o Far West, salvo o facto de Bainbridge não ser um cowboy, mas um soldado inglês:

Na vida imediatamente anterior a esta (como Edgar Cayce), encontramos a entidade no mesmo país que hoje. Mas era um soldado dos exércitos ingleses, na época da sua progressão pelas Grandes Planícies. O seu nome era John Bainbridge. Nessa vida, nascera em Inglaterra, na Cornualha. Instruído e formado nas forças armadas canadianas, chegou depois a estas planícies

conhecidas agora como América, isto é, os Estados Unidos. Morreu afogado ao atravessar o rio durante uma batalha, perto da sua atual residência (Dayton, Ohio). Nessa vida, imediatamente antes desta (…), levou a existência de um aventureiro, no tempo em que os exércitos reais ingleses, dos quais fazia parte, entraram neste país para o colonizar. Estava em relação com um grupo de colonos que tinham desembarcado na costa Leste desta nova terra a que hoje chamamos Virgínia.

Isso passou-se perto do que é agora a estância balnear chamada Virginia Beach. John Bainbridge participou numa incursão pelas costas Sul do país e sobreviveu. Depois, com as forças armadas que avançavam para o interior, atravessou as cidades desta região, cidades das quais muitas lhe são bem conhecidas na sua vida atual. Abriu caminho até aos Grandes Lagos, até ao local onde se encontra agora Chicago, e onde então existia um forte. Aí participou num combate durante o qual tentou atravessar o Ohio. E foi aí que morreu. (…) E, na sua evolução atual (enquanto Cayce), reencontram-se nele ainda muitos traços de carácter provenientes dessa vida de aventureiro! (Leitura 294-8.)

Não cowboy, mas playboy…

Durante essa estada terrestre, nunca foi casado, embora tivesse tido bastantes aventuras… (Leitura 294-8.)

Com efeito, um certo número de pessoas que vieram consultar Cayce parecem ter estado ligadas a essa vida de aventuras. Entre elas, várias mulheres que teriam sido amantes de Bainbridge, entre as quais uma jovem americana de vinte e dois anos, branca, que soube pela sua leitura que teria sido uma princesa indígena! Teria amado Bainbridge, que a teria abandonado, não sem ter aproveitado a sua fortuna:

Entre as suas vidas anteriores, a que influencia mais fortemente a sua vida atual (…), é a seguinte: foi uma princesa indígena da tribo Powhatan, na Virgínia, e o seu nome era: «Estrela que se levanta». Essa princesa era meia-irmã da célebre Pocahontas (…). Pertencia, portanto, a essas tribos indígenas que os primeiros colonos encontraram instaladas no país (…). Essa princesa tinha visões, praticava a vidência pela água, pela observação da lua e das estrelas.

(…) Ou então interpretava os uivos dos cães (…). Estrela da Manhã assinou um tratado de paz com os recém-chegados e tornou-se amante de um dos colonos. A meio da sua vida, viveu com o chamado Bainbridge. Ora, possuía uma grande fortuna fundiária, e isso trouxe-lhe muitos desgostos. Pois, se perdeu no plano moral, foi unicamente por causa desse Bainbridge, da sua vileza, da sua mesquinhez… Por causa dele, perdeu fé e esperança e confiança no homem

branco. Daí, hoje (…), a pouca confiança que deposita nos indivíduos. (Leitura 543-11.)

… No fim da sua vida, Cayce dizia que sentia bem que a sua pobreza era a consequência do mau uso do dinheiro alheio, enquanto Bainbridge. Essa ave volúvel perdia o seu tempo em:

… inumeráveis escapadelas com o sexo oposto. (Leitura 294-8.)

Parece ter espalhado aqui e ali bastantes filhos ilegítimos, que pouco se preocupou em criar. Como, por exemplo, Clara Bainbridge:

… filha de uma das numerosas companheiras de Bainbridge, nessa vida impossível («in what a life» no texto!). (Leitura 3635-1.)

Duas vidas seguidas sob o mesmo nome: será possível?

Os primeiros comentadores de Cayce tinham identificado um único Bainbridge. Ora, as leituras parecem indicar que Cayce teria tido duas encarnações, e não apenas uma, sob esse nome. Será possível?

A repetição do mesmo primeiro nome de uma vida para outra é bastante frequente nas sequências de encarnação dadas por Cayce (assim como por outros médiuns).

E se a entidade reencarna na mesma família, o que também não é raro, pode haver igualmente repetição do apelido. Um exemplo, na descendência do próprio Cayce: quando o seu filho Hugh Lynn teve um filho, pediu ao pai uma leitura para o recém-nascido. Cayce disse que essa criança era a reencarnação do seu próprio avô, Edgar. E que aconselhava, portanto, que lhe dessem o mesmo primeiro nome, Thomas!

Assim, o primeiro Bainbridge, súbdito inglês, teria abordado, a 7 de outubro de 1625, a costa americana da Virgínia:

Faz hoje exatamente 300 anos, dia por dia, hora por hora, tal como se contam na Terra, que a entidade (Bainbridge, aliás Cayce) desembarcou aqui (Virginia Beach!). Vê? (Leitura 294-39, dada a 7 de outubro de 1925, em Virginia Beach, por Cayce para si mesmo.)

Sabe-se que os primeiros colonos europeus tinham chegado em maio de 1607, tinham fundado Jamestown (12) (um pouco a sul de Washington). Alguns anos mais tarde, John Rolfe, o primeiro plantador de tabaco da Virgínia, casará com Pocahontas, filha do chefe algonquino Powhatan. Estes acontecimentos teriam sido contemporâneos do Bainbridge que desembarcara em 1625, o primeiro John Bainbridge, o do século XVII.

Mas outra leitura diz que Bainbridge vivia em 1742, isto é, 117 anos depois do seu desembarque na Virgínia. Então, duas possibilidades: ou a secretária que transcreveu a leitura se enganou nas datas, o que lhe acontecia por vezes; ou trata-se de uma segunda personagem, no século seguinte. Esta última hipótese parece confirmada pelo conjunto dos textos:

Anteriormente, encontramos a entidade como um aventureiro que veio para este país sob o nome de John Bainbridge (…). Perdeu muito no plano espiritual ao longo dessa vida terrestre. Pois foi uma existência de vagabundo… Muitas pessoas com quem esteve em contacto sofreram por sua causa. Daí o seu regresso rápido ao plano terrestre e esta vida agitada, estas errâncias em cenários que já conhecera na sua experiência anterior. A entidade estava na Terra em 1742. (Leitura 294-19.)

Tratar-se-ia, portanto, desta vez, do segundo Bainbridge, o do século XVIII. Falhar uma vida, recomeçá-la… e falhá-la — será possível? A tradição esotérica afirma que sim. O caso Bainbridge, por mais espantoso que nos pareça, seria um caso-tipo de sequência de reencarnação «repetida», como o mau aluno que repete o ano (sem, no entanto, melhorar, como acontece muitas vezes!).

Comentadores eruditos compararam as leituras dadas a diferentes consulentes que teriam vivido no tempo dos primeiros colonos. Por cruzamento de dados, aparecem nitidamente duas épocas, com personagens diferentes. Embora as leituras pareçam por vezes confundir os dois Bainbridge, eis uma que é clara:

O Sr. Cayce estava nas forças armadas do país do Norte, perto do local onde vive atualmente (Dayton, Ohio). Estava acampado nesse lugar. A destruição do seu corpo físico foi muitas vezes súbita, aqui, pela água. E, na sua encarnação anterior, imediatamente antes, foi o fundador de Jamestown, na Virgínia. Daí, sempre, o apelo da costa. (Leitura 5717-5.)

… E o regresso de Cayce a Virginia Beach, situada muito perto de Jamestown!

A árvore jaz onde caiu.

Estas três vidas sucessivas de uma mesma entidade (eis que me ponho a falar como Cayce!) esclarecem-nos outra lei: voltaríamos necessariamente aos lugares onde criámos carma. É o que eu chamaria o carma geográfico… A vida de Edgar Cayce entre Ohio e Virgínia devia permitir-lhe corrigir as asneiras dessas duas vidas de «inútil», ou de «patife» (wastrel, como ele diz!), vividas no mesmo lugar. Há muito que meditar sobre este vínculo cármico entre o homem e a paisagem que o rodeia. Talvez o camponês Cayce, que toda a vida gostou de jardinar e

plantar árvores, tivesse uma dívida para com este solo que devastara enquanto soldado? (Porque os soldados desse tempo não tinham nada de ecologistas!):

Enquanto Bainbridge, a existência terrestre da entidade foi a de um patife, se a considerarmos em si mesma. Mas tinha de conhecer os extremos do bem e do mal, na sua própria experiência vivida, tanto quanto na dos outros. É por isso que a entidade foi conduzida a este lugar, porque, como disse o Mestre, a árvore jaz onde caiu. (Leitura 5755-1.)

Ou seja: é a partir do lugar onde caiu que tem de se levantar!

Estas leituras chamam também a atenção para os casos de passagem de uma raça para outra numa sequência de encarnações. O da princesa indígena reencarnada em branca americana no século XX sugere que, entre os cidadãos atuais dos Estados Unidos, alguns dos que têm tanto orgulho em ser brancos talvez tenham sido vermelhos (ou negros?) na sua vida anterior?

Portanto, se a lei do carma é verdadeira, e se é justa, as reservas onde morrem os últimos índios devem estar povoadas de antigos Buffalo Bill que pagam a sua violência de brancos de outrora?

10: Terá Edgar Cayce sido francês?

Fiquei muito surpreendida ao descobrir nos dossiês de Cayce mais de 300 encarnações francesas. Por outras palavras, uma proporção não negligenciável dos consulentes de Cayce, no início deste século, teria vivido anteriormente em França. Não é curioso pensar, se Cayce diz a verdade, que Thomas Jefferson teria sido gaulês? E as bruxas de Salem, cruzados? A quase totalidade das encarnações francesas desses dossiês tinham sido anteriormente egípcias, como o próprio Cayce.

A França eterna.

Cayce pertencia ainda a uma geração de americanos do Sul marcada por uma herança cultural francesa. Essa herança, na geração seguinte, quase desapareceu por razões históricas: a derrota do Sul na Guerra da Secessão e o reduzido número de franceses que imigraram para os Estados Unidos comparativamente a outros países europeus. Por isso, os consulentes de Cayce nunca lhe colocaram uma única pergunta sobre França.

Encontrei uma consulente francesa nos dossiês de Cayce — a ave rara! Era uma arqueóloga que vivia na Califórnia. Na sua leitura, dada a 25 de março de 1938, Cayce aproveitou para falar da entidade «França»:

Pois cada nação, cada povo, construiu, pelo próprio espírito dos seus cidadãos, uma posição correspondente ao lugar que quer ocupar no emaranhado dos assuntos da Terra. E não apenas da Terra, mas também do Universo. E, no que respeita às pessoas de França, elas construíram uma dependência e uma independência sobre a alegria dada pela Beleza. Sobre o respeito concedido ao corpo considerado como sagrado. Assim como sobre o respeito pelas Forças Criadoras presentes no interior de toda a experiência de vida. (Leitura 1554-3.)

O que tem de curioso é a frase sobre os «assuntos do Universo»: será que a França enviará colónias para Vénus, «plano» planetário da Beleza? A consulente colocou um grande número de perguntas sobre as suas vidas anteriores, às quais Cayce respondeu com uma boa vontade excecional. Descobriu-lhe várias vidas francesas, entre as quais uma pouco gloriosa, como esposa abandonada de um Cruzado. Por outro lado, esta senhora tinha adotado um sobrinho, Georges, meio indochinês, meio francês, e capitão de aviação. Perguntou onde já o tinha conhecido:

Numa vida na Grécia, onde ele já estava numa posição de capitão. (Mesma leitura.)

Note-se que Georges é um nome grego e que, só pelo nome, já se poderia ter deduzido uma vida grega! A leitura diz também que ele acabara por ascender a uma posição importante, em que desprezara as pessoas das classes inferiores (incluindo os «metecos»!). Isso explicava a sua reencarnação atual numa classe de pessoas que sofrem de um desprezo tão generalizado quanto injustificado: os mestiços!

Outra mulher, americana, recebeu a seguinte leitura durante a Segunda Guerra Mundial:

Antes desta encarnação, a entidade viveu no país agora conhecido como França. Era no tempo das Cruzadas (…).

Nunca tenhais a ideia de que a França possa ser eliminada da Terra, apesar do sofrimento em que vive hoje a nação francesa. Ela é como um dos sete pecados capitais e também como uma das doze virtudes da Família humana. (Leitura 2072-15.)

Esta garantia de uma perenidade da França, a França eterna, existe noutras profecias, mas Cayce seguramente ignorava estas últimas.

As misteriosas encarnações francesas de Edgar Cayce.

Existe um certo número de leituras em que Cayce relata as suas próprias encarnações em França, mencionando três grandes nomes correspondentes a três épocas: Richelieu (portanto, o reinado de Luís XIII), Luís XIV e Luís XV. Dá uma multidão de pormenores sobre estes três reinados, isto é, em linhas gerais, sobre dois séculos, o XVII e o XVIII. Mas, como descreve sempre uma pequena vida de criança, muito curta (morte antes da adolescência), parece que estamos perante várias vidas francesas repetitivas, como no caso anterior da dupla vida de John Bainbridge na América. Esta criança teria vivido na Corte, enquanto bastardo de uma filha de França, isto é, neto do soberano reinante.

Fiz pesquisas na Biblioteca Real de Versalhes, onde estão inventariadas todas as personagens que viveram na Corte: cada uma é objeto de fichas muito detalhadas. Todos os que pertenceram, de perto ou de longe, à família real são conhecidos (nessa Corte de Versalhes onde, no fim de contas, não existia «vida privada» para os príncipes de sangue).

Não encontrei nenhuma criança que se possa identificar com certeza: nenhum neto ilegítimo de Luís XIII, de Luís XIV ou de Luís XV correspondendo perfeitamente às descrições de Cayce.

Em contrapartida, se se tratar de duas crianças diferentes, sob dois reis diferentes, é plausível.

Um comentador de Cayce, que não nomearei por caridade, tentou demonstrar que se trataria de um neto negro de Luís XIV… Conclusão um pouco leviana. Fui eu própria verificar a Versalhes e não encontrei nada nos arquivos que possa sustentar essa teoria, que os historiadores sérios consideram fantasista. Acrescentemos, aliás, que o próprio Cayce nunca disse que essa criança teria sido negra. O comentador em questão parece, além disso, ignorar completamente a língua francesa e não consultou os documentos originais dos arquivos de Versalhes.

Desenvolverei esta questão com mais pormenor no segundo tomo desta obra, ao mesmo tempo que as fascinantes vidas anteriores de certas personagens conhecidas da História de França. Já encontrámos Joana d'Arc, São Martinho de Tours, Madame Royale… mas há muitas outras! Termino o capítulo dando um breve excerto de leitura:

Na vida anterior, encontramos a entidade (trata-se do próprio Edgar) na Corte dos Franceses, quando Luís XV era rei, e quando a entidade foi confiada à Guarda Real, mas foi por pouco tempo em número de anos, tal como se contam no plano terrestre. Esta entidade, pois, foi confiada a um guarda da Corte Real, que

pertencia à Casa do rei, e que perdeu a vida ao defender a criança que lhe fora confiada (…) e o nome dessa criança era Ralph Dabi (Rafael?). (Leitura 294-8.)

Do ponto de vista da datação, esta pequena vida de criança intercalar-se-ia entre as vidas de John Bainbridge. E explicaria por que razão Edgar Cayce se reencarnou finalmente numa família americana de origem francesa…

IV: O desenvolvimento metódico das faculdades «Psi».

1: Toda a gente pode ser «vidente».

Por vezes, ao chegar a uma encruzilhada, em que seria preciso tomar uma decisão, não se sabe bem qual, porque não se vê com clareza. Então procura-se alguém que possa «ver» por nós.

Ora, Cayce considera que cada um de nós pode encontrar a sua resposta, isto é, ser o seu próprio «vidente». Pois, diz ele, as faculdades psi:

existem de forma latente em cada indivíduo. (Leitura 256-2.) Todas as entidades têm poderes psi, místicos e dons de vidência. (Leitura 1500-4.)

A grande originalidade de Cayce é que ele não hesita em encorajar toda a gente a desenvolver os seus poderes psi. Uma nova raça de humanidade vai nascer em que as pessoas viajarão à velocidade do pensamento, verão os espíritos da Natureza, já não precisarão de rádio nem de telefone para comunicar à distância…

Mas, se forem mal utilizados, com fins egoístas, esses poderes psi são perigosos para quem os maneja e para as suas vítimas:

Pois estas faculdades podem tornar-se muito, muito perturbadoras, se não estiverem enraizadas no forte hábito de caminhar o mais estritamente possível num caminho espiritual. (Leitura 1460-2.)

— Para esta pessoa, qual seria a melhor maneira de desenvolver as suas faculdades de vidência?

Que trabalhe na compreensão de si mesma, pois as visões, a vidência, são da natureza das forças espirituais e mentais. É numa perspetiva de assistência aos outros, para os ajudar a elevar-se, que estas forças se desenvolverão melhor. Devem ser todas utilizadas, mas sem motivações egoístas. (Leitura 900-5.)

Pois pode-se usar as forças «psi» ou para o Bem ou para o Mal; para o Mal, se for apenas por vaidade; para o Bem, para um progresso, se as forças, que guiam o Eu interior, forem suavizadas pela promessa de uma verdade, de um caminho,

de uma luz. Devem ser colocadas sob uma direção espiritual e não submetidas ao egoísmo da entidade. (Leitura 1460-2.)

O que se chama «faculdades psi»?

A parapsicologia trata de tudo o que não se explica «cientificamente». Todos esses fenómenos que escapam à análise racional proviriam de faculdades não lógicas: as faculdades psi. Ou seja:

— a vidência, ou faculdade de discernir os acontecimentos passados e futuros, afastados no espaço ou no tempo. É também a faculdade de ver as auras que envolvem os seres vivos;
— a psicometria, ou faculdade de descrever a história de um objeto que se tem na mão;
— a mediunidade, ou aptidão para comunicar com as entidades desencarnadas;
— o xamanismo, ou possibilidade de interpretar a linguagem dos animais, das plantas, do solo, as vozes do vento, de comunicar com os espíritos da Natureza (gnomos, fadas, anjos, etc.);
— a telepatia, ou comunicação mental com pessoas situadas a grande distância;
— a rabdomancia, ou arte de encontrar o que está escondido sob a terra, e a radiestesia que dela deriva;
— a ciência dos sonhos: interpretação, possibilidade de dirigir os sonhos à vontade, etc.;
— o dom de cura pela oração, pela palavra, pelo pensamento, pelo contacto das mãos, etc.

Todas estas faculdades, e muitas outras ainda, descritas por numerosos autores conhecidos, são a herança de cada ser humano:

No começo do mundo, as forças psi eram a expressão natural da entidade humana (…). Os ciclos do Tempo trazem hoje de novo à Terra aqueles que manifestaram estas forças psíquicas de forma mais brilhante e mais benéfica. (Leitura 364-11.)

… entre os quais o nosso próprio Cayce, que outrora foi um grande médium no Egito!

O verdadeiro sentido da expressão faculdades psi (em inglês: «psychic forces») é a manifestação, no mundo material, das forças espirituais e mentais, ocultas e latentes. (Leitura 3744-1.)

Quanto ao desenvolvimento destas aptidões, é algo a encorajar:

Cada alma tem a possibilidade de realizar tudo o que pode ser realizado na Terra. Se quiser desenvolver as suas aptidões parapsicológicas, pode perfeitamente fazê-lo. Isso depende dos ideais que prossegue. (Leitura 3083-1.)

Cada alma é uma porção de Deus, e essa é a origem desta força psi, isto é, espiritual, que procura incessantemente exprimir-se. (Leitura 531-2.)

Pois podemos tudo saber, tudo conhecer e responder a todas as questões: «O que eu faço, vocês podem fazê-lo tão bem como eu!» — dizia Cayce aos que o rodeavam:

Cada entidade é uma parte do Todo Universal. A esse título, todo o conhecimento, toda a inteligência de tudo, é acessível à consciência de cada entidade, e isso faz parte da experiência humana. (Leitura 2823-1.)

Libertar-se de toda a dependência.

Como se reconhece um guru malfazejo? Pelo facto de nunca encorajar os seus fiéis a manterem-se de pé. Mantém-nos numa atitude de dependência, impedindo-os de se assumirem a si próprios, em vez de os educar a desenvolverem a sua liberdade, isto é, a usar os seus atributos divinos. Pois somos deuses decaídos, a reconquistar progressivamente os nossos poderes divinos. Cayce, pelo contrário, tal como Krishnamurti [13], sempre encorajou cada um a encontrar o seu próprio caminho, sem depender de quem quer que seja:

Queres tornar-te um autómato? Um ser manipulado por uma força exterior a ti mesmo? Ser o joguete de uma influência, tornar-te um objeto de que se puxam os fios e cujas ações são decididas por outros? (…) É assim que se perde a autonomia, que a personalidade acaba por ser submersa pela de outra pessoa (…). (Leitura 270-28.)

Treina a tua mente para se tornar consciente da divindade que nela habita e, sobretudo, não te diminuas; pelo contrário, não percas uma ocasião de glorificar essa divindade presente no fundo de ti. (Leitura 2421-2.)

Pois o teu corpo é o Templo do Deus vivo. Conserva-o em toda a sua beleza. Cuida dele e apreciá-lo-ás melhor no seu justo valor. E assim tomarás consciência de que ele é o lugar onde te encontras com a Sua presença. (Leitura 3179-1.)

E é precisamente essa presença divina que é a fonte de todos os poderes psi. As técnicas para se «ligar» a essa divindade interior são múltiplas. Mas passam por um relaxamento do corpo físico: é preciso primeiro estar «bem na própria

pele» ao nível do corpo. Daí a necessidade de relaxar antes de qualquer pesquisa psi.

Depois, existe desde sempre aquilo a que se chama «suportes de mantia»: técnicas, ou processos diversos, que ajudam a desenvolver a escuta interior. Pessoalmente, utilizo a astrologia, o fogo na lareira ou a chama da vela, o pêndulo, o I-Ching, a fotografia. Outros observam a água, as nuvens, as cartas, o cristal, as borras de café, etc.

Os romanos interpretavam o voo dos pássaros, os gregos e os druidas escutavam as árvores e as fontes… E a Pítia sentia os vapores de enxofre que subiam das entranhas da Terra. Todas as técnicas, todas, são boas na medida em que ajudam a «ligar-se» à sua voz interior, à voz divina que está no fundo de nós.

Cada um dos cinco sentidos pode — e deve — também atuar no registo psi. Por exemplo, certos odores numa casa são reveladores da presença de uma entidade desencarnada. Pode-se «ver», mas também se pode «ouvir»: é a clariaudiência, em que se ouve interiormente, por vezes sem palavras! Certos médiuns usam o tato. Por exemplo, aquela jovem mulher que encontra na biblioteca o livro que procura… passando os dedos pela lombada dos volumes alinhados nas prateleiras, avisada pela sensação de que ele «cola» aos seus dedos. O gosto pode ser usado em psi. Tal como essa bruxa que chupa um açúcar que o consulente apertou na mão, ou o sabor detestável dos frutos comestíveis que crescem num lugar onde foi cometido um homicídio.

Em suma, todos os nossos sentidos são utilizáveis para desenvolver o «sexto sentido»!

As faculdades psi vêm da alma e operam por meio dos sentidos, quer seja a audição, a visão, o olfato, etc., ou qualquer parte do sistema sensorial. (Leitura 5752-1.)

As faculdades psi são de uma infinita variedade. Cayce não falou de todas, mas dedicou-se mais particularmente a:

— a leitura das auras e a sua interpretação;
— a cura espiritual;
— a numerologia;
— a astrologia;
— a interpretação dos sonhos.

Darei, portanto, aos meus leitores uma seleção de leituras sobre cada um destes temas.

Intuição e imaginação.

A intuição pode, pois, ser considerada como o começo prático da parapsicologia.

— Dê-nos, Sr. Cayce, diretivas para desenvolver a intuição.

Confiai, ainda e sempre cada vez mais, no que vem do mais profundo de vós. Eis uma maneira muito corrente, mas muito eficaz, de desenvolver a intuição: sempre que surge uma questão, interrogai o vosso eu mental e obtende dele a resposta, sim ou não. Confiai nessa resposta. Não ajais imediatamente (se quereis desenvolver as forças da intuição), mas, rezando e meditando, olhai para dentro de vós e perguntai se é sim ou não. A resposta vem ao mesmo tempo que a intuição se desenvolve. (Leitura 283-4.)

Note-se que é exatamente isso que se faz em radiestesia quando se usa o pêndulo: coloca-se-lhe uma pergunta precisa e a sua resposta, sim ou não, indicada pelo sentido de rotação, não faz senão exprimir a resposta do eu profundo (cf. *Premières leçons de radiesthésie*, ed. Solar, Presses de la Cité, Paris).

— Como poderia a entidade estudar este sentido intuitivo e treinar-se para o desenvolver de forma prática?

Treinar a intuição? Mas é como a eletricidade! Como se domina? Controlando em si as ideias, as atividades do mental, as atividades do corpo, que assim permitem às atividades espirituais abrir caminho. Treinar-se para a intuição? Não; antes, aprender a governá-la (…). Ao controlar, ao dirigir estas forças da intuição, surgem essas potências que se manifestam através do corpo físico. Mantende o corpo, o espírito, a alma, ligados às esferas das energias celestes, em vez de às forças terrestres. (Leitura 255-12.)

Assim, é claro: a intuição pertence àqueles que não estão completamente aprisionados na matéria, mas sabem, algures dentro de si, desprender-se dela:

Se a entidade quisesse confiar nas potências da sua intuição, que são de natureza psi, isto é, desenvolvem-se a partir da alma, isso tornar-se-ia para ela uma grande força e até um caminho para a fé… (Leitura 809-1.)

A leitura acima indica bem que estes fenómenos não são «diabólicos», como por vezes dizem as Igrejas, mas, bem pelo contrário, um poderoso fator de progresso espiritual.

Quanto à imaginação, tão denegrida ao ponto de lhe chamarem a «louca do lar», pode também ser considerada uma faculdade psi. A sua criatividade deveria ser respeitada:

A entidade possui uma imaginação viva, isto é, um dom de visão. E, demasiadas vezes, esta faculdade foi abafada pelo seu meio familiar; seria bom que cada pessoa exprimisse as suas esperanças, os seus medos interiores latentes, no seu espírito em evolução. Que, portanto, essa imaginação, ou dom de visão, seja guiada por ideais à sua medida. Pois há o corpo físico, o corpo mental ou intelectual e o corpo espiritual; cada um destes corpos tem as suas faculdades próprias e precisa de se exprimir. (Leitura 2443-1.)

É de notar que a palavra francesa «rêverie» toma muitas vezes o sentido negativo de «rêvasserie», ao passo que a mesma palavra francesa, usada em americano, significa «imaginação criadora». Esta está na base de técnicas de autocura por visualização e, a esse título, suscitou recentemente o interesse dos psicólogos. A imaginação está também na base da criação artística e literária, mas isso toda a gente o sabe! O que se sabe menos é que ela está também na base do humor, que certas leituras aparentam às faculdades psi:

A entidade tem sempre tendência para fazer espírito (…). Em certos momentos, a entidade vê tão bem o humor das situações que já só vê o ridículo, em vez de usar a força criadora que está no humor (…). Em geral, a entidade é muito intuitiva. (Leitura 2421-2.)

Os que cheiram a enxofre…

— E que pensar, Sr. Cayce, daqueles que criticam os médiuns, a vidência, a parapsicologia?

Em França, na chamada «boa sociedade», é de bom-tom criticar e condenar aqueles que trabalham nos domínios variados da parapsicologia. Os céticos opõem sempre os mesmos argumentos: «Eu fico-me pelo bom senso.» Ou então: «Todos esses charlatães são perigosos.» (Traduza-se: «Mamã, tenho medo de tudo o que é novo!»)

Na aristocracia católica e na burguesia, há medo, porque cinco séculos de Inquisição, de fogueiras, de guerras de religião paralisaram a liberdade de pensamento. As épocas de civilização brilhante, como a Renascença ou o século XVIII, coincidiram, no entanto, com um renascimento dessa liberdade… e um desenvolvimento da parapsicologia! A intelligentsia parisiense, seja de direita ou de esquerda, e, de forma geral, em França, a maioria dos que detêm uma parcela de poder sente-se ameaçada assim que se fala de vidência, de curas psi, etc. Em

geral, os seus argumentos são muito "carneirinhos", porque nada conhecem nestes domínios: condenam-nos sem nunca se darem ao trabalho de se documentar. O mesmo fenómeno existe nos Estados Unidos, onde se perguntou a Cayce:

— Porque ridicularizam tantas pessoas a ideia de que as faculdades psi também poderiam fornecer informações úteis?

Ele respondeu:

É porque não se compreendem as leis que governam estes fenómenos parapsicológicos. Uma grande parte desta incompreensão deve-se ao mau uso do conhecimento obtido por esses poderes. Mau uso que, com efeito, pôde trazer forças destrutivas, e isso ainda pode acontecer. Mas a única realidade vital é a que se manifesta no plano material, isto é, físico, por aquilo a que se chama parapsicologia. Os que ridicularizam as manifestações desta são mais dignos de compaixão do que de condenação, pois arriscam-se a encontrar-se em situações de frustração e de infelicidade que serão necessárias ao desenvolvimento da sua alma. Pois, sem as forças psi que animam o mundo, a vida física seria como um barco sem piloto. É precisamente esse elemento psi que é a força diretora, a força vital de toda a existência. O espírito, a alma da nossa condição existencial é precisamente essa força dita oculta, ou psi. (Leitura 3744-1.)

Deve-se consultar aqueles que, profissionalmente, desenvolveram as suas faculdades psi? Sim, isso pode trazer uma ajuda preciosa. O próprio Cayce só deu a sua mensagem através de milhares de consulentes… No fim da sua vida, o seu sucesso tornara-se tal que tinha de marcar consultas com dois anos de antecedência!

Mas não era o único homem do seu tempo capaz de fazer boas vidências. Eu própria conheci outros, homens e mulheres que não lhe eram inferiores, como, por exemplo, a extraordinária Marthe Robin em França.

Um só homem perante uma tal procura era demasiado. Por isso, as leituras sugeriam formar alunos… coisa que Cayce nunca fez, por falta de tempo ou por modéstia.

— Deveríamos começar um programa de formação para que Edgar Cayce tenha assistentes?

Mas sim, seria preciso. Já o dissemos muitas vezes (…). (Leitura 254-46.)

Não tenhais medo. Pois o desenvolvimento de numerosas aptidões psi tornar-se-á a força que guiará centenas de videntes na sua tarefa de assistir as pessoas (…). (Leitura 254-4.)

Como muitas vezes dissemos aqui, os canais por onde esta informação dada nas leituras pode passar são em número ilimitado. Eles terão êxito, desde que não projetem o seu eu individual, a sua personalidade enquanto indivíduo (sobre as mensagens que transmitem). (Leitura 254-53.)

2: Podeis ver as auras.

Nos quadros antigos, as figuras santas são rodeadas por um nimbo de luz; por vezes é apenas a cabeça que se destaca sobre uma auréola: os pintores de outrora sabiam que o corpo humano é rodeado por um campo de energia luminosa.

As primeiras fotografias de auras, na nossa civilização, foram tiradas por dois investigadores russos, os Kirlian. E aquilo que o aparelho deles conseguiu captar, os nossos olhos também o podem perceber.

«Cayce via naturalmente as auras das pessoas e acreditava que toda a gente era capaz disso. Ele próprio o conta num pequeno livro encantador que escreveu no fim da sua vida, o único livro que alguma vez escreveu em estado de vigília[14]!

Tão longe quanto tento lembrar-me, vi cores à volta das pessoas. Não me consigo recordar de ter visto seres humanos que não tivessem atingido a minha retina com os seus azuis, os seus verdes, os seus vermelhos fluidos a correrem à volta da cabeça e dos ombros. Levei muito tempo a dar-me conta de que as outras pessoas não viam essas cores. E só tardiamente ouvi pela primeira vez a palavra "aura" e aprendi a usá-la para descrever o que eu via, esse fenómeno para mim tão comum! Nem sequer imagino as pessoas sem a sua aura. Vejo-a mudar nos meus amigos e nos meus próximos ao longo da sua existência. Doença, desgraça, amor, felicidade — todos esses estados se veem na sua aura. Para mim, a aura é como a meteorologia da alma… Ela mostra em que direção sopram os ventos do destino. Muitas pessoas são capazes de ver as auras (…).

A aura de uma pessoa revela muitas coisas a seu respeito. E, quando compreendi (…) que isso tinha um significado espiritual, comecei a estudar as cores com a ideia de as interpretar. Ao longo dos anos, acabei por construir um sistema de interpretação, que comparo de tempos a tempos com a experiência de outras pessoas que veem as auras. E é interessante notar que, na maioria das vezes, essas pessoas e eu próprio concordamos na mesma interpretação. As

únicas divergências dizem respeito às cores que estão nas nossas auras pessoais (…).

Por exemplo, eu tenho muito azul na minha aura: por isso, a minha interpretação dessa cor nem sempre coincidirá com a de uma pessoa cuja aura não contenha azul; pois ela interpretará essa cor com mais objetividade do que eu! Uma amiga minha tem muito verde na sua aura, e ela não gosta muito dessa cor na aura dos outros! Dá-lhe uma interpretação negativa, embora seja a cor dos curadores. Acontece-me ler certos livros que tratam de ocultismo e do simbolismo das cores. Em geral, estão de acordo com aquilo que eu próprio experimentei. A leitura da aura de um indivíduo é toda uma arte, que se domina com o tempo, por uma observação constante e incessantes afinações (…).

Bem entendido, eu não leio auras profissionalmente: nem me atreveria a pensar nisso! Mas estou convencido de que é uma aptidão que um dia toda a gente possuirá. Por isso, esforço-me por encorajar as pessoas, por as habituar a esta ideia de que há uma aura (…).

Uma amiga contou-me que, quando uma pessoa, seja quem for, lhe mente, ou procura enganá-la respondendo de forma evasiva, ela vê uma faixa de verde-limão na aura do interlocutor, na horizontal, mesmo acima da cabeça. Nunca falha, e os seus estudantes maravilham-se com a sua aptidão para detetar qualquer mentira!

E eis o que outra pessoa me contou: um dia, estava num grande armazém, no sexto andar. Quando chamava o elevador para descer, reparou numa secção com camisolas vermelhas, tão brilhantes que teve vontade de as ver de perto. No entanto, o elevador chegara e ela ia entrar, quando sentiu que já não lhe apetecia: o interior do elevador, embora bem iluminado, pareceu-lhe escuro. Algo não estava bem. Instintivamente, disse ao ascensorista para continuar sem ela. Depois voltou a ver as camisolas vermelhas e, ao examiná-las, percebeu o que lhe provocara o mal-estar: aquelas pessoas amontoadas no elevador não tinham aura! E, enquanto ela olhava para as camisolas vermelhas, o cabo do elevador partiu-se. O elevador esmagou-se no chão e todos os ocupantes foram mortos!

… Assim, a leitura das auras pode revelar-se de grande utilidade! Outra pessoa que conheço vê as encarnações passadas dos seus interlocutores. Quando estes falam de algo que conheceram no decurso de uma das suas vidas anteriores, ela vê-o. Se alguém lhe disser: "Sempre gostei de Itália e tenho vontade de lá ir", ela vê a silhueta, por exemplo, de um italiano da Renascença na aura da pessoa que fala (…), isto é, uma imagem da personalidade que o seu

interlocutor tinha nessa vida. E o que é isso senão uma "leitura de vidas anteriores"? Pode parecer estranho, mas a primeira vez que me contaram isto, fui cético! Até que, numa noite, sentado no alpendre da minha casa, eu próprio vi a coisa! Um dos meus amigos falava com paixão da história de Inglaterra. Na sua aura, vi então a silhueta de um jovem monge… E lembrei-me então da leitura que eu tinha dado (a dormir!) para esse amigo: nele era descrito como monge em Inglaterra numa das suas vidas! (…)

Creio que a maioria das pessoas vê as auras, mas sem se dar conta de que as vê! (…) Se disserem: "Mas porque é que ela usa essa cor? Não lhe fica bem!", ou "Como esse vestido lhe assenta bem", viram a aura, nos dois casos. A primeira pessoa usava uma cor que destoava da sua aura, ao passo que a segunda usava uma cor que harmonizava com ela. Observem cuidadosamente as cores que predominam na roupa dos vossos amigos: verão que variam com o seu comportamento.

O vermelho.

Representa tradicionalmente o corpo, a Terra, o fogo do inferno! (…) Indica força, vigor, energia. Mas a sua interpretação depende da nuance e da sua correlação com as outras cores. O vermelho escuro indica um temperamento violento e uma tendência para perturbações nervosas. Uma pessoa com vermelho escuro na aura pode parecer forte exteriormente, mas há algures um sofrimento que atinge o seu sistema nervoso. Este tipo de pessoa será dominador e impulsivo. Se a nuance de vermelho for mais clara, teremos então uma pessoa impulsiva ou centrada em si mesma. O vermelho escarlate pode indicar um ego invasivo. Rosa, vermelho-coral, são cores ligadas à imaturidade. Veem-se habitualmente nos jovens. No caso de um adulto, isso indica uma mentalidade de adolescente tardio, uma preocupação infantil consigo próprio. Sempre que há vermelho, há tendência para perturbações nervosas. Tais pessoas deveriam tomar tempo para se acalmarem e saírem de si mesmas. O vermelho, cor do planeta Marte, corresponde ao DÓ da escala musical. No cristianismo primitivo, o vermelho estava associado à Paixão de Cristo. Era a cor da guerra, da luta, do sacrifício.

O laranja.

Cor do Sol, é revitalizante. É, em geral, uma boa cor, indicando uma abertura aos outros. Contudo, nuance! Se o laranja vivo indica vitalidade e autocontrolo, o laranja escuro denota uma atitude de desleixo, de falta de ambição e, normalmente, de preguiça. As pessoas que têm laranja na sua aura estão sujeitas a perturbações dos rins. Na liturgia cristã, o laranja simbolizava a glória, a força,

os frutos da Terra, coisas naturalmente associadas ao Sol. Na escala, o laranja corresponde à nota RÉ.

O amarelo.

Dourado, brilhante, indica a saúde dos que estão «bem na sua pele», dos que cuidam de si com justeza, não se preocupam em excesso e aprendem facilmente. São felizes, amistosos e prestáveis. Mas, se o amarelo é pálido, são tímidos. Se o amarelo puxa para o vermelho, são tímidos (…) e indecisos, deixando-se conduzir pelos outros. O amarelo corresponde ao MI e ao planeta Mercúrio.

O verde.

Se for esmeralda, e particularmente com um toque de azul, é a cor da cura. Prestável, fortificante, amistoso, o verde é a cor dos médicos e enfermeiros, que têm sempre verde na sua aura. Raramente é uma cor dominante, mas antes um contraponto. Quanto mais tende para o azul, mais é útil e digno de confiança. Mas, se tende para o amarelo, enfraquece. O verde-limão, com muito amarelo, simboliza o engano. Em regra geral, o verde curador, intenso, só se vê em pequena quantidade, mas é bom tê-lo na aura. Corresponde a Saturno e à nota musical FÁ. Na liturgia cristã primitiva, associava-se à juventude, à fertilidade da Natureza.

O azul.

Sempre foi a cor do Espírito, o símbolo da contemplação, da oração, do céu (…). Diz-se também que o azul é a verdadeira cor do Sol e que é a cor de Júpiter, que rege os pensamentos mais elevados e as grandes ideias. Quase todas as nuances de azul são boas, mas as mais intensas são as melhores. O azul pálido indica uma pessoa superficial que, apesar disso, luta para conquistar a sua maturidade. O azul médio revela alguém que trabalha arduamente para se melhorar (…). O azul-marinho revela o trabalhador de fundo que se mergulha na sua tarefa. As pessoas do azul escuro, ou intenso, prosseguem em geral uma busca espiritual e dedicam a sua vida a uma grande causa, com desinteresse (seja a ciência, a arte, o serviço social, etc.). Vi com este azul escuro intenso muitas irmãs de caridade, escritores e também cantores! O azul está associado à nota SI. Na liturgia, simbolizava os mais altos estados espirituais da alma.

O índigo e o violeta.

Estas cores indicam um ser que prossegue uma experiência religiosa ou que procura uma causa a que se entregar. À medida que a encontra e a ela se consagra, estas cores dão lugar ao azul intenso. Parece que este último é uma

emanação natural da alma, logo que esta tomou o caminho que lhe convém. Mas os que têm púrpura tendem ao orgulho, porque há uma infiltração de rosa. As perturbações cardíacas, as dores de estômago são frequentes em quem tem índigo, violeta e púrpura na sua aura. O índigo corresponde à nota LÁ e ao planeta Vénus. O violeta corresponde à Lua e à nota SI. Do ponto de vista litúrgico, o seu significado era a penitência e a tristeza.

O branco.

É, racionalmente, a cor perfeita para a qual todos tendemos. Se as nossas almas tivessem atingido a harmonia absoluta, todas as nossas vibrações coloridas se fundiriam num branco brilhante. Cristo teve essa aura (…).

A cor é a luz, e a luz é a manifestação da Criação. Sem luz, não haveria vida. A luz é o primeiro testemunho da Criação. À nossa volta existem cores que não podemos ver, do mesmo modo que há sons que não podemos ouvir, porque o nosso mundo de compreensão é demasiado estreito. Vemos apenas algumas cores entre o vermelho e o violeta. Para além de um e de outro existe um número insuspeitado de cores. Algumas são tão brilhantes que teríamos um choque se as víssemos e ficaríamos cegos (…). A terapia pelas cores tornar-se-á corrente quando tivermos aceite a existência das auras e aprendido a lê-las… Naturalmente, não podemos, de um só golpe, transformar as nossas auras em pura luz branca. Mas podemos aprender a detetar os sinais de desordem nervosa, física e mental e, assim, tratá-los como convém, graças ao diagnóstico feito pela aura. (…) Esta emana do corpo inteiro, mas, habitualmente, é mais intensa à volta dos ombros e da cabeça. É aí que se vê mais facilmente. Provavelmente por causa dos numerosos centros glandulares e nervosos localizados nesse local.

De forma geral, as cores escuras denotam mais esforço prático, poder de vontade, força mental. As cores de base mudam à medida que a pessoa se desenvolve ou estagna! Mas os tons mais leves, os pastéis, fundem-se e esbatem-se rapidamente à medida que o temperamento se afirma. O espírito, construtor da alma, é o fator essencial que rege a aura. A alimentação, o ambiente e outras condições também têm os seus efeitos.

A forma da aura pode ajudar à sua interpretação (…). Várias vezes vi pessoas cujas auras tinham pequenos ganchos luminosos. Sempre se tratava de alguém que tinha uma responsabilidade importante perante grandes grupos humanos enquanto dirigente ou inspirador.

Uma vez vi um homem cuja aura era atravessada por um raio de luz vindo de cima e caindo sobre o seu ombro esquerdo, com branco, verde em quantidade e muito vermelho misturado com azul. Interpretei-o como uma inspiração que esse homem recebia e que utilizava para um fim construtivo. Perguntei-lhe se não seria escritor, pois tive a sensação de que era precisamente a aura necessária para esse tipo de trabalho. Respondeu-me que sim, mas que agora fazia antes um trabalho de professor e conferencista, esforçando-se por ajudar outrem através das suas informações.

E como se aprende a ler as auras?

As pessoas «ordinárias» podem aprender a ler as auras? Graças a elas, os médicos poderiam localizar imediatamente o órgão doente dos seus doentes (alguns já o fazem assim). Quanto aos empresários, poderiam ver ao primeiro olhar se estão a contratar um empregado honesto!

Será que certas drogas favorecem a leitura das auras? Será que os rituais religiosos usados em diferentes igrejas tinham por objetivo iniciar os fiéis na leitura das auras? Era seguramente o caso entre os essénios [15] (ver acima, Capítulo 8 *Uma nova leitura dos Evangelhos*, secção *Os Essénios*). Hoje, os grupos de oração, de meditação ou de estudo que eu animo fazem a experiência disso com muita facilidade.

O primeiro passo importante é aprender a olhar verdadeiramente para a pessoa cuja aura se quer ver.

É a qualidade da «escuta», se assim posso dizer, a qualidade da atenção, que devemos trabalhar. Outra condição indispensável é não nos enrijecermos em relação aos resultados. É preciso começar colocando-se na atitude da criança que brinca: se resultar, tanto melhor! Se não resultar, não faz mal, recomeça-se mais tarde. Uma parte de jogo facilita enormemente o funcionamento dos mecanismos psi.

As motivações também são importantes: com que objetivo, exatamente, deseja ler as auras? Se pensa que isso seria uma grande ajuda no serviço que presta aos outros, então tem uma atitude aberta e generosa, que facilitará a perceção da aura.

A tradição atribuía aos santos de outrora um dom de «dupla vista» que incluía, entre outras coisas, a aptidão para ler essas auras.

Na prática, seria preciso, como indica Cayce, começar por estar atento às cores que as pessoas trazem consigo:

Pode ser um jogo apaixonante observar quantas pessoas enérgicas e vigorosas usam um toque de vermelho, ou o colocam na sua casa e no seu jardim. Divirta-se, pelo contrário, a contar o número de pessoas tranquilas que usam azul. Os que são calmos, seguros de si, abertos à espiritualidade, nunca andam sem azul vivo… como se fizessem virar para azul tudo o que tocam! E olhem para as pessoas brilhantes, radiantes, aquelas que gostam de rir e de brincar, os «raios de sol», que nunca estão cansados nem pessimistas — vejam-nas usar amarelo ou ver as coisas em amarelo-botão-de-ouro como a flor!

As cores refletem a alma, o espírito e o corpo, mas lembrem-se de que indicam uma falta de perfeição, um inacabamento. Se fôssemos aquilo que deveríamos ser, a pura luz branca emanaria de nós… Se por acaso virem em alguém essa luz branca, sigam-no como a Estrela… Pois é uma! Mas, entretanto, pode-se contentar com menos, reconfortar-se com o azul, fortalecer-se com o vermelho e rir nos raios solares do amarelo dourado!

Meditação e auras.

Certas práticas favorecem, em geral, o desenvolvimento das faculdades psi: obriguem-se a olhar para uma vela acesa, sentados em casa numa atitude confortável. Ou então, deitados sob uma árvore, façam o vazio em vós mesmos. Ou então, caminhem na Natureza abrindo-se à alegria que ela irradia… Cayce não cessou de encorajar os seus consulentes a praticar a meditação silenciosa, em que se escuta o eu interior. Pode-se começar, valendo-se das fórmulas sagradas clássicas propostas pelas diferentes religiões, como o rosário, a oração do coração ortodoxa, a recitação da encantação do «Aum», etc. Todas as religiões, de uma forma ou de outra, ensinaram técnicas de meditação fundadas na repetição de um «mantra» ou palavra sagrada — repetição que coordena pouco a pouco os ritmos interiores, abre os chacras às energias cósmicas, pacifica e permite elevar-se acima da matéria física (e das emoções que dela vêm).

Pode acontecer que um indivíduo tenha dificuldade em visualizar certas coisas. Mas, no mais profundo da meditação, experimenta energias que surgem quando o Espírito das Forças Criadoras (: Deus), a dimensão universal da alma, o espírito (…) se fundem no Todo (em vez de a entidade se perder num emaranhado de influências confusas). É então que as visões da alma surgem graças à meditação. (Leitura 987-4.)

A vida citadina não ajuda os indivíduos a perceber as realidades invisíveis. É necessário fazer longas estadias na Natureza, comunicar com ela, contemplar longamente as árvores, os animais, as nuvens, o mar, as montanhas… Esta

contemplação acaba necessariamente por trazer um refinamento da visão de todas as cores, visíveis e invisíveis! A meditação, pelo despertar dos centros glandulares, traz uma perceção especial das cores «áuricas»:

Como se sabe, a vibração é a própria essência da cor. À medida que a cor, portanto a vibração, chega à consciência, subindo ao longo dos centros glandulares, o indivíduo faz, na sua meditação, a experiência de uma tomada de consciência das cores. Trata-se de uma experiência muito precisa, bem definida. (Que varia consoante cada indivíduo, explica Cayce na leitura 281-30.)

3: A numerologia: conte com ela!

Entre os «suportes de mantia», isto é, as técnicas (ver acima) que desencadeiam a intuição facilitando a vidência, uma das melhores é certamente a numerologia.

Desde sempre, os números foram usados assim. Os esoteristas judeus, mais particularmente os cabalistas, fizeram grande uso da numerologia, isto é, da interpretação simbólica dos números. Mas isto é muito mais antigo do que o judaísmo, que tira a sua ciência do Egito antigo e de Zoroastro… e, por essa via, provavelmente da Atlântida!

Cayce encorajou vivamente o desenvolvimento da numerologia como um caminho que permite melhorar ao mesmo tempo as faculdades psi e o caminho espiritual de cada um.

— As faculdades psi da entidade podem ser expressas, ou desenvolvidas, pela numerologia?

No que diz respeito aos indivíduos, cada um vibra a certos números, em função do seu nome, da sua data de nascimento, da sua relação com diferentes atividades. E esses números aparecem então como forças, ou como fraquezas, ou ainda como ajudas, ou como a indicação de uma mudança, ou, enfim, como forças espirituais. Mas são antes, como dissemos, sinais, presságios: é preciso tomá-los como avisos, como uma ajuda que nos é dada, como um contributo construtivo para a nossa vida pessoal (…) Em numerologia, há numerosas escolas que têm autoridade. Estudem-nas, se querem perceber alguma coisa! No entanto, confiem sempre no Espírito de Verdade; deixem-no fazer o seu caminho até vós, seja qual for a via que tome (…). (Leitura 261-15.)

Mais acima, no início da leitura, Cayce precisava:

No que diz respeito a esta entidade, ela pode, sim, trabalhar sobre os símbolos da numerologia. Mas as forças intuitivas que surgem através dela

fazem dela um caminho espiritual mais seguro, mais saudável, com menos perigo de se perder. Pois, no que diz respeito aos números, a numerologia:

UM indica a força, o poder, a influência. No entanto, pode ter todas as fraquezas das outras influências que com ele se conjugam. Mas UM é conhecido como o poder, a força e até como a união do Eu com as Forças Criadoras que se exprimem através da matéria e da sua atividade sob qualquer forma.

DOIS é a divisão. E no seu múltiplo, isto é, QUATRO, a divisão chega ao máximo de fraqueza. Em SEIS e em OITO, é o mesmo. Contudo, importa precisar que, se UM é força, DOIS é fraqueza, TRÊS é a força de UM combinada com a fraqueza de DOIS. QUATRO sendo sempre ainda mais divisão e fraqueza. SEIS representa as mudanças que foram operadas na dupla força de TRÊS. SETE é o número espiritual. OITO indica a mudança que facilita as trocas. NOVE dá força e poder, com alternância. Estes dados são apenas indicativos. Nada mais do que sinais, que podem sempre ser modificados pela força atuante da causa de que emanam. A força da vossa intuição é superior, pois pode vir mais do Espírito de Verdade unido à Energia Criadora. Assim, a resposta pode ser-vos mostrada através de qualquer coisa: os Urim e os Thummim (instrumentos divinatórios da antiga religião judaica), ou os sonhos, ou os números, etc. Pois é Ele (o Cristo) quem é a força de todas estas técnicas e quem assim se manifesta em vós e através de vós, se obedecerdes às Suas recomendações.

— Se assim é, como se pode usar este método dos números para vir em auxílio de outrem?

Como indicado acima. (Leitura 261-15.)

E aqui vai ainda outra leitura dada por Cayce sobre numerologia:

Muitos já abordaram o assunto sob diferentes ângulos (…). Mas partiremos do ponto de vista seguinte: tornar a numerologia útil às pessoas, na sua vida pessoal. Se os Antigos, em todas as civilizações, deram um muito grande interesse aos algarismos, isso indica bem que muitos indivíduos, nas circunstâncias mais variadas, lhes atribuíram valor. Acreditava-se que os números tinham uma influência na liturgia ou nos rituais de adoração religiosa privada. Consoante a circunstância, atribuía-se certos poderes a certos números (…). E se essa influência era real ou não, isso dependia da confiança, da fé, que as pessoas punham nesses rituais, nessas crenças.

E, no entanto, se se considerarem esses números, pode ver-se que, de uma forma científica, há números que quebram certas combinações da matéria, ou formam outras, e isso na própria Natureza. Isto é, na resposta do Homem às

condições naturais que o rodeiam, há uma intervenção recorrente de certos números. Como na música, em que tudo assenta na escala das notas (…) que se pode dividir ao infinito. O mesmo acontece nas associações e combinações de cores (…) e nos elementos ou corpos simples da Natureza. (…) Então, que espanto há em que os Antigos (…) tenham depositado a sua confiança na numerologia, no estudo simbólico dos números? A mais alta autoridade neste domínio é certamente (…) o Talmude, que combina a ciência dos antigos persas, ou caldeus, com a dos egípcios, dos indianos, dos indochineses, etc. (…).

UM é o começo, com certeza! Antes de UM, não há nada, e depois de UM, também não. Se Tudo está em UM, como UM só Deus, UM Filho, UM Espírito. Assim, este número é a essência de toda a força, de toda a forma de energia. Todas as atividades emanam do UM.

DOIS é a combinação, e aí começa a divisão do TODO ou UM. Se DOIS pode fazer nascer a força, faz ao mesmo tempo nascer a fraqueza. Podem ver a ilustração disso na pintura, na música, nos metais, em qualquer coisa! TRÊS é a combinação do UM e do DOIS. Isso cria a força, pela criação de uma alternância na divisão: DOIS contra UM, ou vice-versa. Há aí uma força, a maior das que se pode encontrar nas combinações numéricas. QUATRO: aqui ainda, é a divisão (…) que cria a fraqueza máxima.

CINCO indica a mudança (…).

SEIS volta a recriar a beleza das influências simétricas de todos os números que criam força.

SETE, igualmente, significa as forças espirituais, como mostra o seu emprego em todo o tipo de liturgias. (…).

OITO mostra ainda esta combinação de força e fraqueza.

NOVE é a plenitude nos números, embora não tenha tanta força como o DEZ, nem a fraqueza do OITO. NOVE manifesta a realização nas forças da ordem natural, realização que traz uma mudança iminente na vida.

DEZ: neste algarismo, temos (…) a força que reside no pequeno número.

Em ONZE, vê-se de novo a beleza dos números, mas também a traição nos números…

DOZE é um produto acabado, elaborado, que se encontra por toda a parte na Natureza. Foi dado como uma combinação de todas as forças existentes: as das formas naturais, as das forças místicas, as dos números na sua relação dentro das combinações. Como a voz dos DOZE…

E agora, como podemos aplicar praticamente tudo isto à nossa vida quotidiana? Qual é o meu número pessoal? E como, de que maneira, sou influenciado pelos números?

A numerologia, ou ciência dos números, pode ser qualificada de não essencial por aqueles que sentem, ou sabem, que ela só os pode influenciar se eles o permitirem. E o mesmo sucede com qualquer outra força da Natureza (…). Assim também com o efeito dos números.

Somai o período do ano, dependendo de onde se parte, aos números do nome. (O número final) dá o seu significado numerológico ao indivíduo. Chega-se lá somando os números correspondentes a cada letra do alfabeto de que o nome é composto. A sua soma total dará aquilo que caracteriza o indivíduo. (…) E se usardes a numerologia, que seja sempre de uma forma benfazeja, nunca para trazer forças de destruição! (Leitura 5751-1.)

Cayce adverte claramente o leitor contra o abuso da numerologia: tornar-se seu escravo ou usá-la com fins destrutivos. A numerologia, bem compreendida, não deve ser determinista:

Lembrem-se de que estes números, e os números em geral, em si mesmos, só têm um significado relativo, conforme o pensamento do Homem a seu respeito. Não são infalíveis! Pois o Homem tem o poder de modificar o seu pensamento sobre qualquer coisa e, por esse pensamento, perturbar qualquer fator de causalidade… incluindo os algarismos das datas de nascimento! (Leitura 137-119.)

Com efeito, a análise do carácter pela soma do valor numérico das letras do nome (ou dos algarismos e letras da data de nascimento) pode dar bons resultados… Mas nem mais nem menos do que qualquer outra técnica de investigação psicológica. Os resultados obtidos pela numerologia são comparáveis aos obtidos pela grafologia, pela astrologia (que, aliás, assenta numa base numerológica), pela radiestesia, pela quirologia, etc. A numerologia pode também ajudar o médico no seu diagnóstico médico. A Dra. Jeannine Fontaine tinha-me surpreendido muito, numa consulta, ao pedir-me que contasse em voz alta até 20. Perguntei-lhe a razão: «É — disse-me ela — que o número em que o doente tropeça revela o seu problema de fundo, tanto físico como psicológico.» (Ver Dra. J. Fontaine, *Médecine des Trois Corps*)… Na verdade, a prática da numerologia, como a de todas as outras técnicas psi enumeradas acima, serve sobretudo para afinar a intuição, isto é, para desenvolver as nossas faculdades mediúnicas.

4: A astrologia da era do Aquário.

A astrologia de Cayce tem algo de surpreendente… É difícil de engolir para os astrólogos formados na escola do século XIX, cuja perspetiva materialista empobrece. Cayce, ele, reintroduz na astrologia duas dimensões que lhe devolvem o seu impulso:

— a reencarnação;
— as estadias planetárias… nada menos do que isso!

Por outras palavras, o seu mapa natal não descreve apenas as condições da sua vida atual, nem sequer apenas as suas encarnações anteriores. Isso é a Astrologia cármica (cujos princípios expus num livro publicado na Robert Laffont em 1983).

O seu mapa conta também as suas estadias nos planetas do nosso sistema solar, entre duas vidas na Terra. Sim, Vénus, Marte, a Lua… já lá estivemos todos, para dar uma volta! Sem o nosso corpo terrestre, entenda-se. E poderemos lá regressar após a morte, sem que seja necessária qualquer nave espacial.

Sim, já habitou Marte.

Cada alma, segundo Cayce, escolhe a sua data de nascimento, a que ele chama «entrada no plano terrestre», ou ainda «entrada no plano da matéria». E essa entrada é escolhida em função dos ciclos do Tempo que convêm à evolução de cada alma, como já dissemos no capítulo sobre a reencarnação. Ora, esses ciclos do Tempo são determinados por posições planetárias.

O primeiro princípio cayciano é, portanto, que escolhemos a nossa data de nascimento em função do nosso programa de encarnação. Esse programa lê-se facilmente no nosso mapa astrológico de nascimento.

O segundo princípio é que a nossa vida atual é a resultante não só das nossas vidas terrestres anteriores, isto é, das nossas encarnações, mas também das nossas estadias planetárias. Encarnações antigas e estadias planetárias são igualmente legíveis no mapa. Este, tal como o seu nome, resume toda a sua história desde o Começo dos Tempos:

Todas as almas foram criadas no começo. E, desde então, procuram o seu caminho para voltar para onde vieram. (Leitura 3744-4.)

O regresso faz-se por uma progressão espiritual que é também uma progressão através do nosso sistema solar:

— Poderia Jesus ser descrito como a alma que primeiro percorreu o ciclo das vidas terrestres para chegar à perfeição? Incluindo a perfeição nas suas vidas planetárias?

Sim. Enquanto homem, vê. (Leitura 5749-14.)

E como, segundo Cayce, a entidade Cristo é o protótipo do ser humano, que cada homem é chamado a seguir, no mesmo «percurso do combatente»:

Quando um indivíduo se encarna na Terra, já pode ter passado por todas as outras esferas planetárias, uma vez, duas vezes, ou mais. Essas mudanças têm por objetivo trazer-lhe experiências que lhe permitam compreender cada tipo de relação, engrandecida na sua esfera específica. Na Terra, encontramo-las todas reunidas. (Leitura 311-12.)

Para Cayce, os «planetas», ou «esferas», ou «planos planetários» do nosso sistema solar são tantos «lugares» reais, bem reais, onde temos uma lição específica a aprender. Entre as estadias planetárias, podemos encarnar na Terra para pôr em prática as lições aprendidas nesses lugares do céu. A Terra é um campo de experiência onde todos os tipos de relação podem ser experimentados.

E, quando tivermos aprendido todas as nossas lições cósmicas, tanto através das estadias planetárias como das terrestres, seremos libertados: sairemos deste sistema solar para levantar voo rumo a outras galáxias.

Muito numerosas são as leituras em que Cayce diz de uma criança: que ela levantou voo desde Vénus, ou que chega de Saturno…

Uma vez admitida a teoria da reencarnação, somos obrigados a colocar a pergunta: e para onde vamos entre duas vidas terrestres?

Os dogmas oficiais das igrejas oferecem-nos três alternativas: o Céu, o Inferno ou o Purgatório. Ora, segundo testemunhos inumeráveis sobre o que se passa depois da morte, as almas atravessam estados e lugares muito mais variados, com uma mistura de felicidade e sofrimento. Céu, Inferno e Purgatório não são senão um resumo esquemático dos diversos estados de consciência vividos após a morte ou antes do nascimento:

Existem muitos lugares de estadia noutros reinos do sistema solar (…). Não que conservemos um corpo físico, terrestre, em Mercúrio, Vénus, Júpiter, Úrano ou Saturno, etc. Mas, quando se abandona o corpo para ir para esses reinos planetários, faz-se uma tomada de consciência, à medida que se reage às

condições de existência que esses planetas oferecem, devido à sua posição no sistema solar. (Leitura 2823-1.)

Assim, quando a alma deixa o ambiente material que é o da Terra, chega às regiões astrais. Estas representam etapas no despertar da consciência. Foram-lhes dados nomes de planetas, isto é, são centros de atividade onde se cristalizam certas forças. Não que os que habitam nesses planetas sejam seres de carne e osso como os que se veem na Terra. Mas os seres conscientes aí tomam a forma e o modo de existência adaptados ao ambiente planetário. (Leitura 1650-1.)

Pois, durante esses períodos intermédios entre as estadias terrestres, o ser mantém-se consciente. Porque a alma é imortal, continua a viver, está consciente, e sabe-o; tem plena consciência do que foi construído por ela. (Leitura 2620-2.)

— E a alma escolhe a planeta para onde vai após cada encarnação?

Na Criação, todas as forças estão em relação umas com as outras e com as da carne no plano terrestre. Desenvolvendo-se de plano em plano, seguem-se as ramificações das condições traçadas pela vontade durante a existência. E isso através das eternidades (…).

Em Mercúrio encontra-se tudo o que diz respeito à inteligência.
Em Marte, à agressividade, à cólera.
Na Terra, à carne.
Em Vénus, ao amor.
Em Júpiter, à força.
Em Saturno, ao começo das provas terrestres. Pois Saturno é o lugar onde toda a matéria imperfeita é rejeitada com vista a uma refundição.
Em Úrano encontra-se tudo o que diz respeito às faculdades psi. Em Neptuno, ao amor místico.
Em Septimus (Plutão), à tomada de consciência. (Leitura 900-10.)

— Por favor, Sr. Cayce, enumere-nos os planetas, pela ordem do desenvolvimento das almas, e dê, para cada um, a sua influência característica.

Acabaram de lhos dar. As influências planetárias (…) podem ser por vezes modificadas, consoante a força de vontade dos indivíduos, do ponto de vista humano, entenda-se. Pode ilustrar-se isto com o exemplo desse homem que foi chamado Jesus e cuja característica era a unidade perfeita com o Pai Criador. Teve de passar por todos os estádios de desenvolvimento. E tornou-se perfeito na Sua inteligência, na Sua agressividade, na Sua carne, no Seu amor, na Sua

morte, nas Suas faculdades psi, no Seu amor místico, no Seu conhecimento consciente. Perfeito na arte de manejar as forças mais poderosas. É por isso que Ele é como o protótipo, pois, tendo satisfeito as leis cósmicas, tornou-se perfeito (…). Assim, é um modelo para os homens, e apenas para eles, pois viveu e morreu enquanto Homem. (Leitura 900-10.)

— E como é a vida nos planetas?

Não há nada de estranho em que a música, a cor, os fenómenos vibratórios existam nos planetas. Tal como os planetas são uma parte e um esquema do Universo total. (Leitura 5755-1.)

Cada planeta tem a sua forma particular, as suas vibrações próprias:

Cada força planetária vibra segundo o seu comprimento de onda específico, diferente das outras. A entidade que entra no campo de força de um planeta entra no seu registo vibratório; não muda obrigatoriamente, mas é uma graça de Deus que possa fazê-lo! (Leitura 281-55.)

Não se atinge de uma só vez a vibração exata que, colocando-nos no mesmo comprimento de onda que o Criador, permite a união com Ele (…). Daí as numerosas etapas de desenvolvimento existentes no Universo, no grande sistema das forças universais. Cada etapa do desenvolvimento deve manifestar-se através da carne, que permite testar as nossas vibrações no Universo. Dessa maneira, e por essa razão, todos os seres devem manifestar-se na carne e assim desenvolver-se através das eras do Tempo e das imensidades do Espaço, aquilo a que se chama a Eternidade. (Leitura 900-16.)

Daí o facto de a entidade passar por essas etapas, esses estágios, que alguns viram como degraus de escada, ou como ciclos, e que alguns experimentam como lugares. (Leitura 5755-1.)

A volta ao sistema solar.

As citações de Cayce sobre cada um dos planetas são tão abundantes que foram reunidas em vários volumes muito grandes… Citarei, para cada um, apenas um breve excerto característico.

Mercúrio.

As aptidões mentais que se exprimem na condição mercuriana dão a uma alma-entidade, quando entra depois na condição terrestre, um nível muito elevado de inteligência e capacidades intelectuais muito fortes. Assim, pode observar-se, naquele que vem desse ambiente mercuriano, uma facilidade de aprendizagem, uma potência mental, muito superiores às que possuem os que

chegam de uma estadia em Saturno, Marte, Vénus, Úrano, Plutão ou na Lua. (Leitura 945-1.)

De Mercúrio vêm essas altas capacidades intelectuais, essa necessidade de analisar as coisas em profundidade, em si mesmo, e essa necessidade de tirar sempre conclusões. (Leitura 2144-1.)

Da sua estadia em Mercúrio vem-lhe essa acuidade de perceção intelectual, essa facilidade de adaptação a problemas matemáticos (…). (Leitura 553-1.)

As influências combinadas de Mercúrio com Úrano dão génio:

As influências de Mercúrio misturadas com as de Úrano dão as mais altas possibilidades intelectuais: tem-se então indivíduos (…) que decifram facilmente o carácter das pessoas e, assim, se adaptam inteligentemente às diversas associações, bem como aos seus patrões. São capazes de dirigir as atividades dos outros nas suas associações com eles. Isto é particularmente verdadeiro quando se trata de recuperar, acumular ou reunir alguma coisa: dinheiro, bens relativos ao equipamento ou à qualidade de vida. Estão à vontade nas profissões ligadas ao dinheiro, como segurador ou banqueiro. (Leitura 630-2.)

Vénus.

Na astrologia tradicional, o planeta foi sempre símbolo de harmonia; é isso que Cayce diz:

Este dom de simpatia, isto é, de ser capaz, em qualquer circunstância, de tentar aliviar o sofrimento de outrem (…). Este traço de carácter vem não só de Vénus, mas também da sua influência sobre diferentes estadias terrestres da entidade. (Leitura 309-1.)

Nos aspetos astrológicos do nascimento, vemos que a entidade trouxe das suas estadias em Vénus o amor da beleza e, em especial, o amor do canto. (Leitura 1990-3.)

Vénus é a influência diretora desta experiência de vida; assim, encontramos que a casa deveria ser o meio privilegiado de expressão da entidade (…). É construindo uma casa cheia de arte e de beleza, onde a beleza esteja presente sob todas as formas e em todos os andares, que a entidade poderia ter mais sucesso nesta vida. E a casa, o lar, é o mais elevado «ofício» a que uma alma individual é chamada. (Leitura 2571.)

As influências venusianas dão um temperamento amoroso, aberto, honesto, que faz amigos a cada esquina da rua (…). No entanto, se essas relações se

tornam agradáveis ao ponto de levar a entidade a negligenciar a vida espiritual, então podem tornar-se nocivas. (Leitura 1442-1.)

A entidade esteve, em segundo lugar, sob a influência de Vénus. A experiência anterior desta entidade, uma vida francesa, seguia-se a uma entrada em Vénus. Resultado, praticamente: uma criança do amor! (…) Em Vénus, a forma corporal é próxima da que temos no plano tridimensional da Terra (…). Ela abrange tudo aquilo a que chamais amor, que, claro, pode ser licencioso ou egoísta; mas que pode também ser tão vasto e tão largamente aberto que aí se encontra o mínimo de egoísmo e o máximo de ideal, o máximo de generosidade. O que é o amor? Então, o que é Vénus? É a Beleza, o Amor, a Esperança, a Caridade. (Leitura 5755-1.)

Os maus aspetos da Lua implicando Vénus tornam a vida afetiva particularmente difícil:

Um ser cujas forças lunares e venusianas se opõem à sua felicidade na sua atual estadia terrestre. E essas forças a entidade tem de as superar aqui e agora, pois constituíram, noutras esferas, as próprias condições daquilo que a entidade deve hoje encarar de frente. E essas influências, que, na sua vida atual, se exercem por intermédio da Lua e de Vénus, trazem muitas perturbações à sua vida prática e amorosa. (Leitura 2553-8.)

Marte.

De Marte provém a tendência do corpo-espírito para se irar. A cólera não é má, se for governada. Pois há coisas na Terra que não são bem governadas. E há uma força poderosa na própria cólera. (Leitura 361-4.)

Porque também há um bom uso da cólera:

— Na leitura dada por si a 24 de julho de 1932, o que queria dizer, Sr. Cayce, com a frase: «Irai-vos, mas não pequeis»?

Aquele que controla a sua cólera está a aprender a primeira lição básica das leis da experiência terrestre. Aquele que controla a sua cólera (…) pode, ao mesmo tempo que detesta a coisa que lhe provocou esse sentimento de cólera, amar, ainda assim, a alma daquele que é a causa. E, apesar de tudo, testemunhar a essa pessoa paciência, esperança, amor, doçura e pureza de coração. Os mansos herdarão a Terra, disse Ele. E os que têm o coração puro verão Deus. Foi isso que Ele nos prometeu. Crês n'Ele? Então, estar irado e, ainda assim, não agir mal, é sentir que essas promessas te pertencem. São destinadas a ti, a ti. (Leitura 262-25.)

Marte não é apenas «maléfico»:

Marte indica a aptidão para amar tanto quanto para odiar. (Leitura 2902-1.)

Encontramos em Marte uma elevada opinião de si mesmo. O que é excelente, desde que não se abuse. (Leitura 262-25.)

No conjunto, aquilo que Cayce diz de Marte está muito próximo da tradição astrológica ocidental, exceto no que se segue:

Há uma grande quantidade de emoção implicada na combinação de Mercúrio com Marte, emoção que nasce no mental e procura encontrar a sua expressão na vida. (Leitura 3664-1.)

Na descrição cayciana do Homem, as emoções nascem do corpo físico, e este nasce do desejo de Marte (símbolo da centelha de todo o começo e também de todo o desejo amoroso).

Júpiter.

Para a maioria dos astrólogos, este planeta simboliza a expansão:

Uma influência benfazeja, a consciência do Universo para aquele que está na Terra. Este planeta impele à harmonia nas relações com outrem, dá à entidade o dom da palavra e uma boa voz para cantar. (Leitura 3188-1.)

Com efeito, muitos artistas líricos, como Maria Callas, ou artistas de variedades, são marcados pelo planeta Júpiter, ou pelo signo que ele rege, Sagitário. Por outro lado, a influência de Júpiter encoraja a sinceridade (leitura 2571-1), uma boa adaptação aos outros, o ensino, e, de forma geral, as responsabilidades sociais e políticas (leitura 309-1). Os curadores são marcados por este planeta (mesma leitura; cf. Maurice Mességué, que tem Júpiter como regente do Sol!). O planeta facilita também os bons contactos com o estrangeiro (1037-1), e os seus maus aspetos assemelham-se aos de Marte: agressividade e violência (leitura 1990-3). Recordar-se-á também que o mapa dos Estados Unidos é marcado por uma conjunção Sol-Júpiter em Caranguejo.

Saturno.

Uma das particularidades da astrologia cayciana é a sua interpretação de Saturno:

Em Saturno, encontramos a tendência para a mudança e, por isso, a tendência para abarcar demasiados assuntos e de uma forma confusa. (Leitura 1426-1.)

De Saturno vem esta tendência para começar incessantemente novas experiências, novas associações, novas atividades, com uma tendência para raramente as terminar. (Leitura 361-4.)

A tradição astrológica ocidental vê antes Saturno como símbolo do Tempo, do chumbo, da permanência, do bloqueio, da inibição… Cayce vê-o como um símbolo da mudança no Tempo. Pois Saturno é descrito por ele como uma espécie de prisão planetária, cuja função é obrigar as pessoas a mudarem profundamente:

Em numerosos planetas dentro deste sistema solar, encontram-se indivíduos que são banidos, exilados, em certas condições, em esferas onde devem permanecer para o seu desenvolvimento. Aí regressam, ainda e ainda e ainda, até que por fim estejam preparados para encontrar o Eterno Criador de todo o nosso Universo. (Leitura 3744-3.)

Acontece por vezes que a entidade espiritual seja banida para Saturno, que é o lugar do sistema solar onde toda a matéria insuficiente é rejeitada para aí ser refundida (…). Por exemplo, encontramos uma entidade que, no plano da Terra, manifestou tanto ódio, tanta hipertrofia do seu eu carnal, ao ponto de todos os seus desejos lhe parecerem naturais; esses maus desejos terão de encontrar a sua refundição, a sua purificação nas esferas das forças relacionais de Saturno. Haverá, pois, uma passagem da entidade espiritual através dessas esferas, passagem que ela terá de viver, a fim de poder ainda manifestar o desenvolvimento que terá adquirido no plano terrestre.

Pois todas as entidades devem manifestar-se na carne e unir a sua vontade à de Deus, isto é, à Força Criadora do Universo. E isso de tal modo que o seu desenvolvimento atinja este plano da Terra e, depois, a partir daí, prossiga noutros sistemas dos quais o nosso sistema solar não é senão uma pequena parte (…). Assim, a entidade deve desenvolver-se na esfera terrestre até ter atingido o estádio de perfeição a partir do qual poderá ir para os planos espirituais, como se lhes chamaria por comparação com o plano físico, ou carnal, que é a Terra. (Leitura 900-25.) É para trabalhar a sua própria salvação, como se diria cá em baixo, que a entidade, o indivíduo, se bane a si mesmo assim. (Leitura 3744-2.)

Pois a Terra e Saturno são diferentes. Para Saturno vão aqueles que precisam de se renovar ou recomeçar, isto é, aqueles que eliminaram da sua experiência terrestre uma grande parte daquilo que deveriam ter trabalhado e que terão de voltar a dinamizar passando através de outros campos de força planetários. (Leitura 945-1.)

O próprio Cayce diz que fez uma estadia:

nos campos de força de Saturno, após a sua vida falhada como Bainbridge (leitura 294-8). A mesma observação lê-se na leitura dada para Arthur Lammers, que tinha participado na guerra de Troia e que, depois disso, teve de passar por:

Saturno, lugar onde toda a matéria insatisfatória é lançada. (Leitura 5717-1.)

Saturno é, portanto, o caixote do lixo da nossa Terra… A combinação das influências saturninas com as outras influências planetárias é descrita de forma por vezes surpreendente:

As influências de Marte e de Saturno desenvolvem-se nesta entidade no sentido de um gosto por tudo o que toca à música (pois a entidade vem de Vénus). A entidade empreende sem cessar novas atividades, iniciando novas relações, não só para si mesma, mas também impelindo os outros à sua volta. (Leitura 324-5.)

Seria preciso desenvolver ao máximo as forças latentes de Vénus; caso contrário, os impulsos vindos de Saturno levarão a entidade a ter muitos lares, muitos casamentos. E isso não é muito bom nesta experiência de vida, se ela quer desenvolver-se, pois a coerência interior e a perseverança são irmãs da paciência, que é justamente a lição que a entidade deve aprender nesta vida. (Leitura 1431-1.)

Ora, se se meditar sobre a clássica regência dos planetas sobre os signos, lembrar-se-á que Saturno é o segundo regente de Aquário e de Balança… Dois signos de ar cuja estabilidade e paciência muitas vezes deixam a desejar! Quanto à combinação Saturno–Marte, de acordo com o que diz a astrologia tradicional, ela dá grandes políticos:

É alguém que as forças que recebeu em Marte e Saturno tornaram lento a irar-se, mas extremamente subtil na prossecução dos seus objetivos, bons ou maus. (Leitura 221-2.)

Saturno traz mudanças que estão longe de ser sempre agradáveis, daí esse pessimismo saturnino:

Encontramos em Saturno todas essas mudanças que surgem em certas épocas, que fazem com que a entidade caia facilmente no desânimo e no choro. Mas lembrem-se de que Ele exprimiu isso chorando com os que choram e regozijando-se com os que se regozijam (…). Então, minimizem essas tendências para o desânimo e o pessimismo. (Leitura 2571-1.)

No entanto, a combinação de Saturno e de Úrano é particularmente violenta, pois Úrano acentua a tendência para a mudança:

Em Saturno encontram-se as mudanças súbitas e violentas, esses influxos que fazem estilhaçar um ambiente bloqueado no seu crescimento e provocam uma modificação súbita da conjuntura material. Isso manifesta-se aparentemente por uma intervenção de outrem que faz reagir o Eu implicado nessa relação humana. O que traz períodos em que são postos à prova a tua resistência, a tua paciência, o teu amor pela verdade e pela harmonia (…). Pois a combinação dessas influências saturninas com Úrano traz extremos no material tanto quanto no mental. (Leitura 1981-1.)

Úrano.

É um planeta muito importante atualmente, pois Úrano rege Aquário, constelação na qual o nosso Sol em breve se irá levantar… Como acabámos de ver acima, é o planeta dos extremistas!

A astrologia ocidental, desde a sua descoberta no século XVIII, considera que Úrano simboliza o relâmpago, a revolução, o imprevisto, a intuição científica tão genial quanto inesperada, a amizade e a necessidade de espaço, tanto material como mental. Cayce confirma:

Em Úrano encontram-se esses extremos para os quais a entidade é levada. (Leitura 3478-2.)

Úrano traz à entidade essa curiosidade pelo insólito, pelo oculto, pelos fenómenos espirituais, por toda a atividade que liga a entidade à consciência universal. Isso seria muito bom se fosse equilibrado, mas quando surgem dúvidas e medos, a entidade é levada aos extremos. (Leitura 3617-1.)

Em Úrano encontram-se os extremos, o interesse pelo insólito, pelos mistérios do Tempo, pelos mistérios da vida, pelos mistérios das vidas humanas na Terra (…). Mas atenção: se alguém desprovido de agressividade não chega a nada, aquele que não controla a sua violência é bem pior! (Leitura 3188-1.)

Um número bastante grande de leituras liga Úrano à Atlântida, pois o planeta simboliza a eletricidade, o génio da tecnologia; recorda-se também que os atlantes foram engenheiros fora do comum (ver capítulo 3). A entidade não é apenas um atlante, mas também um uraniano. Daí essa certeza interior, por vezes, de que ela tem razão e de que todos os outros, sem exceção, se enganam! Ou então o contrário: que toda a gente tem razão, menos ela! O que dá uma personalidade bastante especial, influenciada (…) por Úrano, que a leva aos extremos nos seus desejos. A entidade tem uma necessidade urgente, e

constante, de amar alguém, o que pode ser muito bom, ou muito mau… (Leitura 3226-1.)

Como muitas outras entidades que entraram na Terra neste ciclo de 1910-1911, esta é atlante. E isso, combinado com a influência uraniana, dá alguém extremista, em certos momentos. Esta entidade pode tornar-se uma alma muito evoluída ou, pelo contrário, trazer guerra e tribulações a um grande número. (Leitura 2428-1.)

Encontramos em Úrano os extremos e, contudo, para esta entidade, a consciência total da sua plenitude, datando dessa experiência de vida na Atlântida. (Leitura 2794-3.) Aqui encontramos Mercúrio, Vénus, Júpiter e Úrano. E Úrano, sim, que, nessa vida na Atlântida, deu à entidade essas competências fora do comum e traz essas circunstâncias súbitas, extremas, que surgem na sua vida. (2791-1.)

Assim, para saber se uma entidade viveu na Atlântida, seria preciso olhar no seu mapa natal para a força e a posição de Úrano. Parece-me certo que a Atlântida vibrava sob a sua influência, nem que fosse pela súbita, tão uraniana, das catástrofes que a afetaram.

Atlantes e uranianos regressam hoje:

Um atlante! Um que fará da sua vida um magnífico sucesso ou um miserável fracasso. E isso, combinado com o influxo uraniano, faz aparecer a entidade como um espírito bastante cínico. (Leitura 3376-2.)

Úrano tem outra característica: o planeta parece ser também um lugar de refundição para certas almas que precisam de mudança, como Saturno.

Estas passam por Úrano para:

acentuar nelas o que é bom e o que é mau. (Leitura 311-2.)

Trazendo assim o mal a um extremo tão pouco suportável que será preciso mudar! Úrano, considerado por muitos como o planeta da astrologia, desenvolve muito as faculdades psi:

E como as faculdades psi que se manifestam provêm de uma experiência em Úrano, isso dá (…) alguém muito incisivo e, no entanto, ora obstinado, ora flutuante (…). Assim, ela mantém não só a sua família, mas também os seus amigos e os seus parceiros amorosos, na incerteza do que fará, obrigando-os a adivinhar quais serão as suas atividades. Aptidão para o imprevisível que pode servir num cargo de responsabilidade. (Leitura 630-2.)

As tuas estadias em Úrano, meu irmão, deram-te uma viva curiosidade intelectual pelas coisas escondidas. Fizeram de ti um extremista (…) Deram-te também esse desejo de solidão, em certos momentos, para melhor exprimires a tua inteligência, e esse interesse pelo ocultismo e pela mística. (Leitura 553-1.)

Úrano está associado ao Cristo, em quem os extremos se encontram:

Da influência uraniana vem o interesse pelas coisas espirituais, bem como a consciência do que é sórdido ou mesquinho. Os extremos, sabes, só se encontram no Cristo. Assim, nos estados de abatimento extremo, sabe que Ele te escuta! (Leitura 1968-1.)

Neptuno.

Mas estes extremistas atlantes não eram apenas uranianos. Eram também neptunianos, como sugere Platão, que diz que Poseídon–Neptuno foi um dos reis da Atlântida. Neptuno rege a água, os oceanos, os sonhos, a intuição, a poesia mística:

Ao interpretar os arquivos (akáshicos) relativos a esta entidade, encontramo-la não só na Atlântida, e uma verdadeira atlante, mas também em Úrano e Neptuno. Daí a sua aptidão para se tornar uma iniciada. Mas atenção à escolha dos seus parceiros, à escolha dos grupos que frequentará, e às etiquetas a que se irá juntar. Assim, Mercúrio dá-lhe essa inteligência brilhante; Úrano e Neptuno, esse interesse pelo ocultismo e pela mística. (Leitura 2795-1.)

Os neptunianos são também bons jardineiros:

Em Neptuno, há esse poder da água e das forças aquáticas. E a aptidão para fazer reviver, para dar vida a todas as coisas. E quase tudo o que for plantado na terra pela entidade viverá. (Leitura 2641-1.)

Com este fenómeno espantoso:

E as flores, os ramos cortados, florescerão ou darão um maior perfume ao contacto com o corpo desta entidade, ou perto dela. E raros são os que têm este dom. (Mesma leitura.)

Conhecia-se o «vago» neptuniano, as ilusões e a fuga para os sonhos, a droga ou a bebida, devido à influência do planeta. Mas nem sempre é assim, porque o misticismo bem compreendido supõe também uma psicologia, um rigor, que ajudam a gerir melhor a vida prática, como se viu nas grandes ordens monásticas da Idade Média:

De Neptuno vem o interesse pelas coisas espirituais e pela psicologia. (Leitura 3126-1.)

De Neptuno vem esta vida levada com rigor, de uma maneira ao mesmo tempo metódica e mística. (Leitura 255-5.)

É por isso que Neptuno inspira todo o tipo de criadores diversos: arquitetos, juristas (leitura 2051-5), marinheiros (2213-1), escritores com tendência para a celebridade (4228-1). Cayce insiste na diferença entre o influxo neptuniano e o influxo uraniano:

Esta pessoa tem grandes aptidões intelectuais. Ao longo das suas aparições na Terra, conserva a influência enobrecedora de um pensamento místico que, de muito alto, inspira a sua ação no século. Pois está ancorada nessas forças místicas, espirituais, que se encontram em Neptuno, assim como nas forças ocultas que se encontram em Úrano. (Leitura 551-3.)

O texto distingue entre as *mystic forces* de Neptuno e as *occult forces* de Úrano. É verdade que se podem ter desenvolvido grandes faculdades psi e usá-las sem qualquer amor místico.

A astrologia atual considera Neptuno como a oitava superior de Vénus, o amor, e Úrano como a oitava superior de Mercúrio, a inteligência. O influxo uraniano dá uma perceção rápida como o relâmpago, uma inteligência das razões ocultas. Ao passo que o influxo neptuniano faz perceber as vibrações superiores do amor místico, isto é, a união com Deus.

Plutão.

O planeta foi identificado em 1930. Mas Cayce já falara dele muito antes, desde 1923, chamando-lhe: Septimus, o que significa o «Sétimo». Com efeito, Plutão é o sétimo corpo celeste importante depois da Terra (afastando-nos do Sol). Mais tarde, quando o seu nome se tornar oficial, Cayce dirá Plutão como toda a gente. Também lhe chamou por vezes Vulcano, o que é talvez uma lembrança do nome deste planeta na Antiguidade (em que certamente o conheciam). Como isso gerava confusão, respondeu à pergunta:

— Existe um planeta antigamente conhecido como Lilith ou Vulcano?

Plutão e Vulcano são um só e o mesmo planeta. Mas não Lilith. Lilith designa uma personalidade. (Leitura 826-8.)

Em 1939, teve o pressentimento de que este planeta ganharia muita influência nos anos vindouros:

Trata-se de algo que está a ganhar importância no Universo, mais exatamente nas zonas celestes perto da Terra. Se alguns acreditaram que o impacto de Plutão se apaga gradualmente, não é assim. Pelo contrário, não cessa de crescer

e será uma das influências diretivas sobre a atividade dos homens vindouros, na sua relação com as forças do mundo espiritual (…). Por agora, os homens estão apenas a tomar consciência disso. Mas, daqui a cem a duzentos anos, haverá uma poderosa influência de Plutão sobre a raça humana. Pois este planeta é o mais próximo das atividades terrestres, e pode ter a certeza de que exercerá uma influência crescente. (Leitura 1100-27.)

— E de que natureza?

A tendência para estar centrado em si mesmo e para concentrar a sua ação nas forças da Terra vem de Plutão. (Leitura 3126-1.) Da posição de Carneiro e da de Septimus vem esta força no plano financeiro, que se desenvolverá até aos últimos dias neste plano terrestre. Por várias gerações vindouras, os seus efeitos far-se-ão sentir, a menos que a vontade do indivíduo os corte pela raiz. (Leitura 5717-1.)

As influências astrológicas combinadas neste nativo parecem à primeira vista desfavoráveis, pois vêm, em grande parte, de Sírio e de Plutão. A sua influência traduz-se por mudanças súbitas nos assuntos sociais, familiares, nas relações de negócios ou nas relações físicas. E, no entanto, estas circunstâncias desfavoráveis podem ser usadas. (Leitura 1727-1.)

Em matéria financeira, através de Carneiro e de Septimus (…), estas influências marcam aqueles que, governados pela sede de poder e pela dureza, tendem a usar todas as outras forças com vista a obter ganhos financeiros pessoais (…). (Leitura 5717-2.)

Plutão é certamente a oitava superior de Marte:

Atenção a certas influências (…) que se veem em Marte e em Vulcano (Plutão). Atenção ao fogo, às armas de fogo, aos explosivos (…). Atenção aos acessos de cólera, ao ressentimento que se constrói pela cólera nas relações com os outros (…). Mantenham o contacto com as forças do Amor. (Leitura 1735-2.)

Assim, Plutão dá aos nativos que influencia um poder que os impele a enfrentar os problemas materiais.

Empenham-se em conquistar a Terra e, em particular, o dinheiro. E, neste combate marciano com as realidades da vida terrestre, podem ganhar um conhecimento das leis do Cosmos. É por isso que Cayce dizia acima que, em Plutão, estava a tomada de consciência…

Os luminares: Sol e Lua?

O que diz Cayce destes dois astros maiores?

A influência mais forte que se exerce sobre o destino do Homem é a do Sol, em primeiro lugar. Depois vêm os planetas mais próximos da Terra, ou aqueles que sobem com o Ascendente no horizonte no momento do nascimento. (Leitura 3744-3.)

No entanto, o Sol e a Lua formam um todo inseparável, pois são para nós tão complementares como o yin e o yang, o dia e a noite, o avesso e o direito… Mas:

O Sol indica a força vital e a Vida, enquanto a Lua indica as mudanças. (Leitura 5746-1.)

Recorde-se que o I-Ching se chama em chinês: o Livro das Mudanças, pois não há vida sem mudanças incessantes!

A partir dos aspetos astrológicos, pode reencontrar-se uma estadia feita na Lua por esta entidade. Daí a influência lunar sobre este nativo. Nunca durma com o rosto exposto ao luar! Haveria também muito a dizer sobre a exposição aos raios do Sol. Pois Lua e Sol governam as emoções. (Leitura 1401-1.)

Como o Sol é fonte de Vida, na materialidade terrestre, a beleza do satélite da Terra, vivida nessas estadias lunares, de onde a alma do indivíduo parte a viajar para os outros planetas (…), dá uma experiência vital à entidade ou alma quando passa por ali. (Leitura 805-4.)

Os habitantes da Lua, satélite da Terra, precederam aqueles que, adaptados à matéria, vieram habitar na Terra sob a forma material. E esta entidade esteve entre os que assim habitaram na Lua; permanece muito influenciada por duas estadias que fez lá. (Leitura 264-3.)

A astrologia clássica pensa que o Sol rege os assuntos sentimentais… mas, aparentemente, a Lua também:

Os elementos da Lua influenciam os assuntos de amor. (Leitura 900-6.)

A influência da Lua sobre esta entidade atua particularmente sobre a satisfação material dos desejos amorosos. (Leitura 900-14.)

A Lua atua no sentido de um aumento de tudo o que é físico e, igualmente, impele a entidade a desenvolver-se para uma alta vocação estabelecida… O efeito do Sol, porém, aqui, é como um traço brilhante que ilumina as relações deste ser com aqueles que encontra. (Leitura 288-1.)

E, em conformidade com a tradição astrológica, os nativos fortemente lunares são mutáveis:

Com esta Lua adversa, a entidade muda com as fases da Lua. Não nos seus objetivos nem nas suas intenções profundas (…), mas na maneira como se exprime perante os outros. (Leitura 39-2.)

A Lua, estando mal no aspeto (…), a entidade vive períodos em que tudo o que toca (…) é marcado pela sorte, mas, noutros, tudo corre mal! (Leitura 2855-1.)

A entidade fez uma estadia na Lua. Daí, ao longo dos anos, à medida que se desenvolve, este facto de que, embora bela de corpo e sabendo exprimir-se, aparece como uma pessoa inconsistente. (Leitura 1620-2.)

Sol e Lua são ambos igualmente essenciais ao bom funcionamento dos nossos órgãos:

Assim, astrologicamente, no sistema solar a que a Terra pertence, os outros corpos celestes têm uma influência sobre os centros de controlo do corpo humano, como o Sol sobre o cérebro, a Lua sobre o sexo. (Leitura 2608-1.)

Tudo o que é elemento «Água» no nosso corpo é regido pela Lua; é isso que diz a astrologia clássica. A Lua tem o domínio das águas, porque:

No começo, o nosso próprio plano, a Terra, foi colocado em órbita. A criação dos outros planetas, na origem, atribuiu-lhes como função reger o destino de toda a matéria criada. Exatamente como a divisão das águas, que se fez sob a ação da Lua, é ainda regida por ela, no seu caminho à volta da Terra. (Leitura 3744-3.)

A Lua e os desencarnados.

Na tradição esotérica, a Lua cheia permite uma comunicação mais fácil com os mortos. Aliás, quantos de nós sentem uma espécie de excitação que os faz pairar acima de si mesmos nas noites de Lua cheia? E era nesse momento que se realizavam os sabás de bruxas, que oficiavam as sacerdotisas dos cultos lunares de que fala tão bem Robert Graves. A Lua seria um relais entre a Terra e os outros lugares do astral. E eis uma coisa extraordinária evocada por Cayce, a propósito da Lua. Em 1937, encontrava-se entre os seus consulentes um homem que se ocupava de mergulho submarino. Propunha-se fotografar o naufrágio ainda submerso do paquete *Lusitania*, torpedeado ao largo da Irlanda durante a Primeira Guerra Mundial. Interrogou Cayce:

— Para essas fotografias, qual é o período do ano, mês, dia, hora, melhor para a visibilidade?

Cayce respondeu que era a Lua cheia de maio, ou a de junho, ou a de agosto, e acrescentou:

Além disso, certas coisas deveriam ser tomadas em consideração por aqueles que quiserem fotografar este naufrágio. Estes períodos que vos foram dados como sendo os melhores para a visibilidade e a eficácia operacional são aqueles em que a influência da Lua sobre as águas é a maior. E isso especialmente nestas paragens onde estes indivíduos, isto é, as almas daqueles cujos corpos ainda estão presos no naufrágio, trabalharão com estas forças lunares. Pois, para muitos, a sua libertação é uma viragem tão importante como a data do naufrágio.

— Os mergulhadores podem esperar simpatia, ou hostilidade, da parte daqueles que morreram no momento do naufrágio?

Simpatia, e até ajuda, como indicámos. Pois há centenas que estão ali, num estado de angústia. Ajudarão neste trabalho, e de uma forma diretiva. (Leitura 1395-1.)

Esta zona a sul da Irlanda é afetada por amplitudes de maré muito significativas: as marés aí são excecionalmente fortes. Cayce faz eco das tradições bretãs sobre os marinheiros perdidos no mar, que regressam nas noites de Lua cheia, ou que "dão voz" durante as tempestades de equinócio.

Signos do Zodíaco. Planetas e influência dos astros.

O Zodíaco está à nossa volta como uma lanterna mágica que tivesse doze janelas de cores diferentes. Os planetas passam, alternadamente, através dos doze vidros coloridos da lanterna.

A cada passagem, a sua luz é modificada por uma cor da lanterna? E é como se todas as lições do Cosmos que devemos aprender estivessem resumidas em doze capítulos. A escola cósmica compreende doze matérias, ou então doze classes, do ensino primário ao secundário... É por isso que Jesus escolheu doze apóstolos, que lhe deram muito que fazer:

Cada um dos doze apóstolos simbolizava um centro maior, uma das regiões, ou reinos, através dos quais a consciência começou a tornar-se consciente no seu corpo sobre a Terra. É por isso que Ele encontrou, tal como tu próprio encontras no teu íntimo, essas doze pedras de tropeço, essas doze coisas que não só te repugnam, mas te desiludem, ligadas às reações das pessoas e das coisas. É o preço da carne, da tomada de consciência na matéria, e isso é apenas transitório. E passará, sabe-o. Mas só permanecem para sempre a beleza, o amor, a esperança, a fé. (Leitura 2823-1.)

E já no Egito antigo se sabia que havia doze etapas obrigatórias:

A entidade (...) trabalhava no Templo; esteve entre os raros que passaram por todas as qualificações do templo do Sacrifício, isto é, ocupou o que hoje se chamaria a cátedra de ensino de cada uma das doze casas pelas quais passava o Sol, segundo o que se ensinava, simbolizando o percurso de cada indivíduo no mundo material. (Leitura 3474-1.)

Os signos do zodíaco têm talvez menos importância do que afirma a astrologia oficial. E a astrologia de Cayce está muito longe das rubricas da astrologia jornalística:

No que diz respeito às constelações do zodíaco, isto é, aos signos zodiacais, na vida desta pessoa, são apenas influências que vão e vêm na sua existência, e não forças constrangedoras presentes na alma profunda da entidade. O que é bastante oposto ao que hoje se ensina na Terra. (Leitura 8-1.)

Dever-se-ia compreender que é a estadia feita pela alma num desses lugares planetários, mais do que as posições natais dos planetas, que exerce uma influência (...). Uma entidade não é influenciada pelo facto de a sua Lua estar em Aquário, ou o seu Sol em Capricórnio, ou Vénus nesta ou naquela casa, ou signo (...), etc. Não. Essas posições celestes são importantes para a entidade por causa de uma estadia que aí fez enquanto alma. É assim que os planetas exercem a mais forte influência sobre uma entidade que habita a Terra. (Leitura 630-2.)

Do mesmo modo, os aspetos entre os planetas descrevem essas estadias planetárias:

As estadias para além da Terra, durante os períodos intermédios entre duas encarnações, traduzem-se pelo que se chama os aspetos astrológicos. Não que a entidade se tenha manifestado fisicamente nos planetas, mas habitava aí no estado de consciência específico de cada um desses planetas. E estes têm uma influência, pode crer-se, sobre o mental de um nativo. (Leitura 2144-1.)

Quanto aos signos, ainda seria necessário chegar a um entendimento... Pois a precessão dos equinócios reconduz-nos quase um signo atrás (obrigando a uma subtração de 24 graus). Mais ainda, os diferentes calendários utilizados ao longo dos séculos, em diferentes épocas, falsearam o nosso zodíaco.

Se estudardes astrologia, não disponhais os signos segundo o calendário egípcio, mas segundo o persa. Pois a interpretação dos Persas (Caldeus) é melhor do que a dos Egípcios (...). As variações do Tempo foram corrigidas pelos Persas, mas não pelos Egípcios, cujos cálculos falseiam os signos em trinta graus. (Leitura 2011-3.)

A astrologia cayciana não é determinista.

De qualquer modo, estadias planetárias ou não, Cayce afirma expressamente que a vontade do Homem é mais forte do que a influência dos astros, conforme dizia Tomás de Aquino:

É preciso que se compreenda que nenhuma influência, de qualquer planeta que venha, nenhuma posição, do Sol, da Lua, ou de qualquer corpo celeste, ultrapassa o poder da vontade do Homem, esse poder que o Criador deu ao Homem no princípio dos Tempos, quando este se tornou uma alma vivente. Pois o Homem dispõe do poder de escolher. (Leitura 3744-3.)

No que diz respeito às influências astrológicas, e ao uso que delas se faz, trata-se apenas de tendências interiores. O que cada um faz com essas influências depende das escolhas que fez. Daí a necessidade de cada alma, cada entidade, ter um ideal, um objetivo espiritual, segundo o qual viverá os esquemas da vida e as suas associações com os seus irmãos humanos. (Leitura 1710-3.)

Alguns nativos são pouco influenciados pelos seus planetas de nascimento:

Ao dar aqui as influências que provêm das experiências passadas da entidade, vê-se que ela é muito pouco influenciada pelas suas estadias nos astros. Pois as suas tendências de carácter não vêm tanto desses aspetos astrológicos, mas antes do que a entidade fez deles ao longo das suas estadias terrestres anteriores. (Leitura 2542-1.)

Por vezes mesmo, deixam de o ser de todo:

Esta entidade (...) através das suas experiências na Terra, avançou (...) até um elevado nível espiritual: já não precisa de reencarnar (...). E os aspetos astrológicos nada têm a ver com a sua experiência de vida. (Leitura 5366-1.)

Cerca de 20% dos indivíduos, atualmente, estão sob a dependência do que fizeram das suas pulsões ao longo das suas encarnações anteriores. Como já dissemos, alguns continuam na linha do seu céu natal; outros apenas em parte. Finalmente, há pessoas que agem num sentido diametralmente oposto ao dos seus planetas. (Leitura 5753-3.)

— É bom para nós estudar os efeitos dos planetas nas nossas vidas, de modo a melhor compreender as nossas tendências, as nossas inclinações, e a forma como somos influenciados por esses planetas?

Se for estudado corretamente, sim, é muito, muito bom. Como proceder para estudar corretamente a astrologia? Na linha dos conhecimentos já adquiridos

pelo homem moderno. Mas dai ainda mais do que isso, nas vidas que estudais. Fazei compreender que a vontade deve ser sempre o fator determinante para o Homem, na sua maneira de se conduzir, e que essa vontade o deve conduzir sempre mais alto.

— E como pode a astrologia ajudar o homem na Terra hoje?

A posição dos planetas mostra as tendências para uma vida dada, sem referência à vontade do nativo. Então fazei compreender ao indivíduo como a sua vontade deve tudo superar.

— E as tendências de um nativo são influenciadas sobretudo pelos planetas mais próximos da Terra no momento do seu nascimento?

Pelo planeta que se encontra no zénite no céu quando o nativo chega ao seu lugar (...), isto é, pelo planeta, ou esfera, que é visto como aquele de onde a alma e o espírito tomaram o seu impulso para vir à Terra. (Leitura 3744-3.)

— E um horóscopo deve basear-se na hora do nascimento físico ou na hora do nascimento da alma?

(O consulente quer dizer: na hora em que a alma veio encarnar no feto, ou no recém-nascido, uma vez que esse fenómeno pode ocorrer em data variável, entre a conceção e o nascimento, ou mesmo depois deste!)

Na hora do nascimento físico. (Leitura 826-8.)

Essas alternâncias de estadias planetárias e terrestres constituem para nós etapas indispensáveis ao nosso crescimento, etapas que dominamos pelo uso da nossa vontade:

A alma, portanto, deve regressar ao seu Criador, e a vontade humana é o instrumento a utilizar para reconduzir a entidade, a alma, à Causa Primeira (: Deus, em linguagem cayciana!), a fim de que um dia possa ser capaz (...) de invocar o Nome que a fará unir-se totalmente com o Todo. (Leitura 633-2.)

É por isso que a vontade foi dada ao Homem, quando este chegou a esta forma humana tal como a vemos atualmente moldada na matéria. Isto, para que possa escolher. (Leitura 262-52.)

E se o homem, com a sua vontade, utilizar mal os seus planetas? Isto é, falhar a sua vida?

— Se uma alma não melhora, o que acontece?

Mas é precisamente por isso que ela reencarna. É esse, justamente, o objetivo da reencarnação: que possa ter a sua oportunidade! Poderá a vontade do homem desafiar indefinidamente o seu Criador? (Leitura 826-8.)

Pois cada alma, cada entidade, é cocriadora com a Consciência do Universo (: Deus). (Leitura 2571-1.)

Ainda algumas particularidades da astrologia cayciana.

Primeiro, a atenção dada às pessoas nascidas com os planetas (Sol ou outro) na "cúspide", isto é, na ponta, no início de um signo.

Por outras palavras, pessoas que estão entre dois signos, entre duas séries de vibrações, e como que sentadas entre duas cadeiras!

Os que nasceram no início de uma nova influência (zodiacal ou astral), quando a anterior está a esbater-se (...) têm frequentemente vidas em que se sentem como num desfiladeiro estreito, num passo apertado. (Leitura 801-1.)

Através das cúspides, o nativo vive uma mudança de influências sentida inconscientemente, ou reconhecida conscientemente, e isso traz-lhe sempre uma atitude de rebeldia face àqueles que desejariam dominá-lo. (Leitura 220-1.)

Para uma entidade nascida no último dia do signo de Peixes:

Esta entidade chega numa cúspide. E isso arrisca-se a produzir nela conflitos emocionais. (Leitura 2411-1.)

Outro ponto sobre o qual Cayce insiste muito: a importância das estrelas fixas, e particularmente Órion, as Plêiades, e sobretudo Arcturo. Esta última seria "um outro sol", e a porta de saída do nosso Universo. Quando estivermos libertos, depois de termos dominado as nossas lições do Cosmos, deveremos terminar a aprendizagem deste sistema solar com uma estadia em Arcturo:

Encontramos aqui o Sol, e Arcturo, que é um sol maior, dando a força mental e espiritual para ajudar a alma a desenvolver-se. (Leitura 137-4.)

As entidades que estiveram em Arcturo têm todas algo de excecionalmente poderoso. O próprio Cayce, antes da sua vida persa, teria feito uma estadia nessa estrela de primeira grandeza:

Pois nos campos de força de Arcturo, tudo é ampliado, no poder da vontade e na conquista de si mesmo. Esta é maior do que a conquista de inúmeros mundos, e trata-se aqui da conquista do nosso, isto é, da conquista dos atributos solares, os do nosso Sol. (Leitura 115-1.)

Arcturo marca o céu desta entidade, isto é, essa estrela é a central de energia de onde a entidade regressou à Terra. Pois Arcturo é a porta do nosso sistema solar. E, no entanto, a entidade regressou dele, com um objetivo preciso. (Leitura 2454-3.)

Cayce insiste no poder, na irradiação, na força, na tomada de consciência universal daqueles que fizeram essa etapa em Arcturo (leituras 3454-3, 105-2, 4228-1, 957-1, 757-8, etc.). Arcturo abre perspetivas para fabulosas viagens interplanetárias em mundos pluridimensionais:

Neste sistema solar que é o nosso, a entidade deve passar por todas as outras esferas (...). Vai primeiro para essa central de energia, Arcturo, mais próxima das Plêiades (...), e, assim, de próximo em próximo, ao longo dos séculos dos séculos, e através do Espaço, que é UM, deve ir a diversos centros de atividade (...). E por vezes, depois de dez mil anos, uma entidade pode regressar à Terra para manifestar o poder que adquiriu nessas travessias. Quando uma entidade entra num desses planos planetários, toma aí a forma adaptada a esse plano que ocupa. Aí, não há apenas três dimensões, como na Terra, mas pode haver até sete, como em Mercúrio, ou quatro, como em Vénus, ou cinco, como em Júpiter. Mas há apenas uma dimensão em Marte. Pode haver muito mais em Neptuno, ou então nenhuma!, até que a entidade tenha sido purificada pelos fogos de Saturno. (Leitura 311-12.)

É um pouco triste regressar à Terra, com "apenas" as suas três pobres dimensões, sobretudo quando se experimentou a expansão em Arcturo... Mas é necessário, pois:

Se as estadias astrológicas (nos astros) correspondem às forças mentais, aquelas que se manifestam nos sonhos, as estadias na Terra, plano da matéria, correspondem à expressão dessas forças mentais através das emoções. (Leitura 2571-1.)

É preciso compreender que as estadias na Terra dizem respeito ao trabalho sobre as emoções, enquanto as tendências mentais inatas provêm das experiências da alma nas regiões planetárias em torno da Terra. (Leitura 1401-7.)

Pois cada etapa do desenvolvimento deve manifestar-se na carne (...). (Leitura 900-16.)

5: A arte de interpretar os sonhos.

Cayce considerava-os uma fonte indispensável de informação:

Na nossa época, hoje (em 1923), não se dá interesse suficiente aos sonhos. Seria preciso, para ajudar a família dos homens a desenvolver-se, aprofundar o conhecimento do subconsciente, do mundo da alma, do espírito. O sonho é isso (...). (Leitura 3744-4.)

Para que serve sonhar?

Nos sonhos (...) cada alma individual passa em revista as suas próprias atividades, sob ângulos variados. (Leitura 257-136.)

Os sonhos são uma experiência natural (...). Não procureis coisas sobrenaturais ou artificiais; o sonho é natural, vem da Natureza, da atividade criadora de Deus, vem do desejo de Deus de oferecer ao Homem um caminho para o Conhecimento. (Leitura 900-143.)

Os sonhos são uma manifestação do subconsciente. Toda a situação pessoal, antes de se tornar realidade, é primeiro sonhada. (Leitura 138-16.)

O sono é esse momento privilegiado durante o qual a alma analisa o conteúdo das suas atividades (...). Nesse momento, procede a comparações segundo os critérios da harmonia, da paz, da alegria, do amor, da paciência, todos frutos do Espírito. O ódio, as palavras ferinas, os pensamentos sem bondade, a opressão, são os frutos de Satanás. A alma ou detesta aquilo por que passou, ou então entra na alegria do Senhor. (Leitura 364-4.)

Nos sonhos, é dada a correlação entre o corpo mental (a inteligência) e as forças do subconsciente. E, como o consciente raciocina apenas por comparação e o subconsciente por indução, eis por que a correlação entre ambos é apresentada em sonho de forma simbólica. (Leitura 137-60.)

Os sonhos que são apresentados à pessoa vêm para a esclarecer, ajudá-la a tomar consciência do que deve fazer na sua vida quotidiana, se quiser tirar daí as conclusões. (Leitura 373 3937-1.)

Os sonhos mostram a coordenação entre as condições existentes na inteligência física e as experiências do subconsciente, isto a fim de dar à entidade as lições de que necessita e que poderá aplicar na sua vida de todos os dias. (Leitura 900-185)

Utilizar os sonhos.

Cayce tinha um casal de amigos nova-iorquinos muito interessados na investigação sobre os sonhos. Durante semanas e meses, o marido e a mulher anotaram os seus sonhos e Cayce deu-lhes uma análise.

Do conjunto deste trabalho, resulta que o sonho descreve de forma simbólica o estado dos nossos diferentes corpos — físico, mental e espiritual — a todos os níveis. Uma necessidade alimentar, por exemplo, pode ser indicada em sonho. Essa seria a origem de um grande número de pesadelos:

Alguns sonhos são de natureza puramente física. Trata-se de uma reação à ingestão de certos alimentos que o sistema digestivo não pôde assimilar corretamente. É então que se tem pesadelos! (Leitura 4167-1.)

Uma mulher que seguia um regime alimentar pouco adequado contou a Cayce o sonho seguinte:

— «Chovia amido, fécula. Eu sentia que devia sair para essa chuva e barrar-me de amido em todo o lado, para atenuar as minhas dores.»

Este sonho mostra-vos de forma simbólica aquilo que seria bom para o vosso corpo. O amido, as féculas, são um elemento necessário ao equilíbrio do corpo físico. O vosso regime priva-vos disso, provocando dificuldades em eliminar as toxinas. Foi isso que provocou as dores. Consumam mais féculas. (Leitura 136-D.)

Mas o sonho pode também caracterizar um estado mental. Uma pessoa teve um pesadelo no qual um homem, indivíduo violento e selvagem, ameaçava partir tudo em sua casa. Cayce analisou assim o sonho:

Essa grande boca que faz tanto barulho é o vosso Eu de temperamento... Controlai esse Eu, pois esse personagem temível deve ser agarrado e dominado! (Leitura 136-D.)

Os sonhos dão-nos lições espirituais, de que há inúmeros exemplos na Bíblia.

— Qual é o significado deste sonho em que me estendiam uma colher e uma chávena com as quais eu alimentava as pessoas com um alimento espiritual?

Isto quer dizer que deveis dar a informação em pequena dose e não a despejar de uma só vez sobre o vosso ouvinte, pois isso provocaria nele uma rejeição! Sabei que nenhum de nós, que somos espíritos limitados, tem o monopólio da Verdade. (Leitura 286-6.)

Toda a gente pode beneficiar da ajuda dos seus sonhos:

Não há indivíduo que não tenha sido, uma vez ou outra, avisado, em sonho, do que iria acontecer e do que lhe iria suceder na sua vida de todos os dias. (Leitura 5754-3.)

Os sonhos anunciam-nos as circunstâncias futuras, para nos prepararem. Cayce utilizará a análise dos sonhos para dirigir um grupo de financeiros de Nova

Iorque. O seu principal consulente, para os sonhos, foi aliás Morton Blumenthal, que era corretor da bolsa. A esses amigos, Cayce podia dizer, segundo os seus sonhos, como deviam conduzir os seus negócios, o que deviam vender ou comprar no mercado. Poupou assim aqueles que confiaram nele de serem arruinados no crash da Bolsa de Nova Iorque em 1929.

Eis, por exemplo, o sonho que um desses homens de negócios teve:

— Um homem tentava vender-me um rádio. Alguém pôs veneno na maçaneta da porta de entrada da minha casa e queria que eu lhe tocasse. Eu estava aterrado. Tentava forçar-me a tocar nessa maçaneta envenenada. Ao debater-me, acordei, encharcado em suor frio.

Neste sonho é-vos apresentada a conjuntura económica que vem aí nos negócios que conduzis. A oferta de compra de um rádio relaciona-se com uma compra de ações de rádios, ou de valores neste setor, que em breve vos serão oferecidas. E isso ser-vos-á apresentado de tal forma que se acreditará tratar-se de um negócio magnífico. O veneno posto na porta é um aviso: não façais nenhum investimento, não compreis nenhum título do mercado do equipamento rádio nas duas a três semanas que se aproximam.

E eis outro género de aviso:

— Sonhei com algo como um licor alcoólico que corria sobre o tapete da nossa sala, diante do fogo, escapando-se de uma garrafa ou de um barril que vertia.

Trata-se aqui, como se pode ver, de um aviso dado à entidade a respeito dos álcoois e do seu uso neste lugar. Atenção a não abusar (...). Não deixeis que essas tendências se tornem uma pedra de tropeço prejudicial à vossa saúde, à vossa vida doméstica ou social. (Leitura 137-97.)

Um aviso relativo à segurança quotidiana:

Sonhei que me diziam para ir a Deal passando de carro pela 42.ª rua. Mas — respondi eu — tenho previsto passar pela 23.ª rua!

Isto é um aviso: modificai o vosso itinerário para ir a Deal e vereis depois porquê! Este sonho mostra-vos que há uma força que vos guarda e vos protege. Portanto, não tomeis esse caminho! (Leitura 900-79.)

A imagética dos sonhos.

A dificuldade, na interpretação dos sonhos, é que a chave é diferente para cada um de nós. Há um simbolismo geral, mas também um simbolismo próprio

de cada indivíduo e de cada grupo de indivíduos. Os símbolos diferem conforme o inconsciente coletivo de cada país.

Quando consulto um dos inúmeros manuais de interpretação dos sonhos publicados nos Estados Unidos e tento aplicá-los aos meus próprios sonhos, é dececionante: muitas vezes os meus símbolos europeus não coincidem com os que são entendidos além-Atlântico.

— Como posso interpretar os meus sonhos da melhor maneira possível?

Isso virá. Interpretai-os vós mesmos, como os sentis. Não segundo um manual, ou segundo o que dizem os outros, mas antes sabendo que se trata de símbolos, de sinais. (Leitura 1968-1.)

Esta pessoa pode analisar os seus sonhos e interpretá-los melhor do que qualquer um, porque os analisará melhor para si mesma do que o melhor dos especialistas. E isto é verdade para toda a gente! (Leitura 257-138.)

Se os símbolos diferem para cada indivíduo, ou cada grupo humano, é porque estão ligados a uma experiência pessoal (ou coletiva) particular.

Por vezes, os sonhos são dados em claro: o símbolo não o é. Por exemplo, eu tinha sonhado com um pequeno epagneul que pertencia a Fénia, amiga do meu filho. No sonho, ela passeava numa praia grega embalando tristemente o cão nos braços. Ora, não se tratava de um cão "simbólico", mas desse epagneul que todos nós amávamos, que se chamava Rémo (e parecia ser uma alma animal muito evoluída). O sonho era o anúncio, em claro, da sua morte. Mas, noutras circunstâncias, a presença do cão pode ser apenas simbólica. Por exemplo, a secretária de Cayce disse-lhe um dia: «Sonhei com um cão... e com um fogo.»

O cão representa simbolicamente o lado fiel do vosso Eu e também o seu lado infiel, numa relação de trabalho baseada na confiança que vos é dada. O fogo simboliza os fogos interiores do vosso Eu. E é um aviso. Pois, se esses fogos não forem controlados, dilacerar-vos-ão e queimar-vos-ão. Portanto, sede vigilante e tende cuidado para não vos lançardes em certas atividades incompatíveis com a confiança que vos é dada. Caso contrário, arriscais-vos a tornar-vos... uma não-entidade! (Leitura 288-8.)

Muito interessante é também este sonho relativo a uma serpente:

— Vi um pequeno monte de folhas mortas. E, enquanto o observava, vi que se mexia. Pensei que devia haver ali uma serpente por baixo. Assim, peguei num pau e caminhei direito para cima disso. O monte tinha-se deslocado (...) e uma

serpente pôs a cabeça de fora dizendo: «Não me batas. Eu já não te incomodarei.»

Eis a análise de Cayce:

À medida que desintoxicais o vosso corpo e melhorais as vossas relações pessoais (facto indicado pelo deslocamento do monte de folhas), emergem em vós a sabedoria e o conhecimento de todas as coisas (simbolizados pela serpente). Embora as tentações possam surgir (a serpente simbolizando o bom e o mau uso de todo o conhecimento), podem ser dominadas pelo uso do pau (símbolo da vontade). (Leitura 294-D.)

Os símbolos que aparecem nos sonhos representam o Eu profundo, ou outras pessoas, ou factos, designados pelo seu atributo marcante. O aspeto "lúdico" dos sonhos produz bastante frequentemente jogos de palavras, porque, no sono, o espírito "brinca" livremente:

Tive um sonho perturbador e confuso (...): eu estava em Nova Iorque, onde tinha problemas. Creio que estava associado com um tal Wolfe na bolsa de Nova Iorque.

Isto relaciona-se com o caráter atribuído ao lobo (em inglês: *wolf*) mais do que com um homem chamado Wolfe. Isto é: nos negócios bolsistas em questão, há um indivíduo que se comportou com a voracidade de um lobo, fazendo-vos aparentemente um favor mas tirando partido daquilo que sabe sobre vós. (Leitura 137-41.)

Um exemplo clássico é o dos meios de transporte. A vida na Terra é uma viagem, a bordo de um veículo que é o nosso corpo. Assim, barcos, aviões, carros, etc., simbolizam frequentemente o corpo:

— Eu conduzia um carro numa estrada que seguia ao longo da margem de um lago. De repente, vi que circulava pela berma: arriscava-me a passar por cima da margem e cair no lago. Eu tinha tempo de travar... contudo, não o fiz! Saltei para fora do carro e mergulhei no lago. O carro tombou sobre mim e matou-me.

Aqui — diz Cayce, em substância — não se trata de um facto anunciado de antemão: o acidente é puramente simbólico. É:

Um aviso: é preciso mudar as vossas condições de vida física e ocupar-vos da vossa saúde, enquanto ainda é tempo. Não vos limiteis a pensar nisso. Fazei-o já. A lição é esta: saber o que é preciso fazer e não o fazer é realmente uma falta. (Leitura 140-10.)

— Fulano e eu estávamos num barco. Havia trovões, um combate violento, tiros. O fim chegou quando o barco foi atingido por um raio: a caldeira explodiu e fomos mortos.

O barco é a viagem da vida. Os combates simbolizam as mudanças, acompanhadas de provas, que vão vir. A explosão e a morte simbolizam uma mudança de nível na tomada de consciência, a qual alcança uma maior paz, depois de se estabilizar. Tudo isto é um aviso para as duas pessoas em causa; devem colocar-se numa vida reta, justa, um para com o outro, a fim de poderem trazer-se reciprocamente uma maior harmonia. (Leitura 136.)

Não se deve acreditar que, sempre que se sonha com a própria morte, isso vá acontecer em breve. Muitas vezes trata-se de uma morte simbólica, indicando uma mudança de consciência:

— Sonhei que morria.

Isto significa que nasceis para novos pensamentos, para um novo estádio do vosso desenvolvimento mental, à medida que as vossas forças mentais e físicas se desenvolvem. Isto significa o despertar do vosso subconsciente, despertar análogo ao que se manifesta logo após a morte física. (Leitura 136-6.)

A partir destes poucos exemplos, vê-se que a interpretação deve fazer-se descendo às profundezas do nosso Eu, por meditação ou oração, até sentirmos ter encontrado a interpretação correta, isto é, ter sentido o choque da verdade! Se se procura honestamente, encontra-se sempre...

Não se deve crer que os pesadelos, como acima, conduzam sempre a acontecimentos desastrosos. Como diz também Jane Roberts em *Seth Speaks: The Nature of Personal Reality*, os pesadelos têm uma função de descarga. Durante anos, por exemplo, eu não quis interpretar os meus sonhos, que, noite após noite, eram pesadelos. Era melhor esquecê-los. Não me impediam de acordar em plena forma de manhã! Então? O livro de Seth dá a explicação: estabelece-se durante a noite uma auto-limpeza do ser inteiro. Os mecanismos reequilibradores dos três corpos repõem as coisas em ordem, rejeitando os medos acumulados durante o dia. Assim, o pesadelo tem uma função de "jogo" que descarrega: é o caixote do lixo das nossas angústias!

Estes sonhos desagradáveis funcionam exatamente como as crianças que se libertam dos seus medos brincando "ao lobo", "ao prisioneiro", "à múmia" (jogo em que se finge até estar morto!).

Os sonhos descrevem as nossas vidas anteriores.

— Qual é o significado de duas séries de sonhos que tive há alguns anos, e nos quais eu vivia aparentemente uma outra vida?

Estudai como vos foi dito, e reencontrareis aquilo que vistes nessas experiências de uma vida anterior, no tempo de Noémi, de Orpa e de Rute, nas colinas da Judeia... (Leitura 2175-1.)

O nativo reviveu, portanto, em sonho, uma vida bíblica na Palestina: é um fenómeno muito, muito frequente, o de se rever assim noutra existência. As pessoas explicariam melhor certos sonhos se integrassem neles a possibilidade de vidas anteriores:

Antes desta vida atual, a entidade tinha-se estabelecido no país onde nasceu desta vez, perto do que é hoje Toledo, no Ohio. E sente grande interesse por essa região, estando quase consciente de que aí já viveu noutras circunstâncias. E estas aparecem-lhe por vezes em sonho. (Leitura 5264-1.)

No que diz respeito às vidas anteriores, podem exprimir-se mais (...) nos sonhos (...). Pois esta entidade sonha muito; deveria escrever mais vezes as suas experiências de sonho. (Leitura 3135-1.)

No que diz respeito às vidas anteriores na Terra, plano da matéria, elas influenciam as emoções da entidade, tal como as suas estadias nos outros planetas (...) e essas pulsões profundas que surgem das forças escondidas, latentes; o mental pode por vezes entrever isso, pelo tempo de um relâmpago, quando aparece sob a forma de sonhos.

Assim, esta pessoa teve, e terá ainda, alguns sonhos impressionantes. Pois foi atlante e aplicava na sua vida essas verdades espirituais de que falámos. Essas recordações sobem por vezes muito perto da superfície (...)! (Leitura 1968-1.)

A entidade viveu no golfo Pérsico, na costa norte de África, e também no alto vale do Nilo. É por isso que se interessa particularmente por esses países. E, quando sonha, no seu sono ou nas suas devaneações acordadas (...) são imagens desses países que lhe aparecem. Porque essas paisagens fizeram outrora parte do seu vivido. (Leitura 2147-1.)

O próprio Cayce sonhou várias vezes com cenas relacionadas com uma ou outra das suas vidas anteriores, em particular uma em que assistira a um duelo até à morte entre Aquiles e Heitor na guerra de Troia. Sonhos desse tipo esclarecem as relações que podemos ter com as pessoas que nos rodeiam.

Foi assim que me vi em sonho, com a minha filha Eléonore, em Versalhes, no momento da Revolução. A multidão vinda de Paris invadia o palácio,

massacrando aqueles que ali encontrava. A minha filha sugeriu que nos escondêssemos numa sala secreta, como existem em Versalhes. A entrada ficava atrás de uma placa de lareira, de fácil acesso. O sonho era tão vivo, com impressões sensoriais tão fortes, tão precisas, que não consigo acreditar que as teria "inventado"! Por exemplo, eu trazia uma saia da época, pregueada na cintura, cujas pregas sentia a cada movimento; aquela indumentária permitia-me grande agilidade, graças à qual eu conseguira subir pela chaminé... E ainda ouço o terrível estrondo da multidão que avançava à entrada de uma galeria onde estávamos. E a voz calma da minha filha, que, ontem como hoje, nunca perde o sangue-frio.

Este sonho explicou-me tantas coisas sobre ela e sobre mim, e por que motivo sinto sempre um choque ao visitar, pela centésima vez talvez, o Palácio de Versalhes! E por que motivo a Revolução de 1789 me interessa tanto... Ao passo que conheço pessoas que adoecem de horror e até desmaiam ao visitar a Conciergerie! Terão lá sido presas, antes de serem executadas na Praça da Concórdia, que não conseguem atravessar sem estremecer? Algumas, até, à noite, veem desfilar nessa praça as carroças dos condenados à morte que chegam diante da guilhotina! Para mim, eu só vejo da Concórdia a sua beleza, as suas vibrações gregas e egípcias. Assim, suponho nunca lá ter sido guilhotinada! Nada disso é surpreendente, segundo Cayce, pois:

O sonho não é outra coisa, para um espírito humano, do que o facto de se ligar ao seu armazém pessoal de recordações vividas, que volta a pôr-se em movimento. (Leitura 262-83)

A comunicação com os mortos.

É um capítulo muito importante da arte de sonhar... Pois muitas vezes os mortos não têm outro meio de nos fazer compreender aquilo que recusamos ouvir. Procuram em vão contactar-nos, mas nós recusamos, evidentemente, vê-los e escutá-los. Então já não lhes resta senão a comunicação pelo sonho.

— Sr. Cayce, sonhei que a minha mãe me aparecia; disse-me: estou viva.

Cayce, interrompendo-a:

Mas ela ESTÁ viva! (Leitura 136-45.)

— Sonhei que ouvia uma voz que me dizia: A sua mãe está viva e feliz.

A sua mãe está, de facto, viva e feliz, porque não há morte, apenas uma transição do plano físico para o plano espiritual. O nascimento no plano físico é

considerado uma nova vida. Pois bem, é o mesmo para o nascimento no plano espiritual: é também o começo de uma nova vida, de uma nova experiência.

— A mamã está realmente a tentar dizer-me que vive e que é feliz, ou sou eu que estou doida?

Não, não está doida. A alma da sua mãe vive efetivamente, em paz, e deseja que o saiba (...). A Vida é mais vasta do que uma vida, e a morte não é o fim (...).

— O pai e a mãe vieram ter comigo em sonho, e pareciam felizes por me ver, mas diziam-me que a minha irmã se tinha suicidado.

Este sonho mostra-lhe, graças à intervenção do seu pai e da sua mãe falecidos, os pensamentos que a sua irmã alimenta. É porque ela vive em condições pouco satisfatórias. Como vê, o seu pai e a sua mãe contam consigo para esclarecer, orientar e apoiar essa irmã. Dê-lhe conselhos espirituais, que lhe permitam compreender melhor e amadurecer; caso contrário, experiências negativas destrui-la-ão. Ela pensa no suicídio (...). (Leitura 136-D.)

Os conselhos dos mortos nunca devem ser negligenciados:

— A minha mãe apareceu-me em sonho. Vi-a muito distintamente. Disse-me: Vai consultar o osteopata! (...)

Deve ir (...). É novamente uma lição para si, que lhe permitirá verificar pela experiência quotidiana certas verdades que lhe foram dadas. (Leitura 136-45.)

A sobrevivência dos mortos é uma dessas verdades.

— Como pode esta pessoa comunicar com o espírito do seu pai que morreu?

Exatamente como já lhe foi dito. Estude o que se passa nessa zona-fronteira entre a vida e a morte. Estude-a, pense nisso, coloque o seu Eu nessas condições em que o consciente dá lugar ao supraconsciente, que então se torna diretor. Nesse momento, podemos entrar nesse tipo de comunicação, como faz esta pessoa durante o sono. Mas, no entanto, não se deve contar com isso, porque isso pode tornar-se stressante para a outra entidade (aquela que está "morta") em certos momentos. (Leitura 900-8.)

— Sonho continuamente com o meu marido falecido. O que quer isso dizer?

Pois! Exatamente como lhe é dito: sem, contudo, ficar com o coração nas mãos, preste atenção a estas informações que lhe são apresentadas nesses sonhos, pois são-lhe dadas para a assistir, ajudar, reconfortar, tanto física como material e espiritualmente. É uma ajuda que se procura trazer-lhe. (Leitura 2218-1.)

Pois é evidente que o amor entre dois seres não termina com a morte. A entreajuda entre os vivos e os mortos é uma coisa natural a que a Igreja chamava "a comunhão dos santos". Cayce, porém, adverte os seus consulentes:

Não é que não haja a comunhão dos santos. Mas atenção, há também a comunhão dos pecadores! Não vades procurar esses! (Leitura 2787-1.)

Ainda assim, em sonho há mais segurança, pois não se vai "procurá-los"...

Técnicas para sonhar melhor.

Os feiticeiros índios, como conta Carlos Castaneda, ensinam técnicas de sonho aos seus iniciados. Sonhar a dois e encontrar-se à vontade em sonho. Controlar os sonhos, decidir antes de adormecer onde se vai passear em espírito e o que se vai explorar. Não há limite algum. No Egito também, claro, se ensinava tudo isso, como conta Joan Grant em *O Faraó Alado* (ed. Robert Laffont). Os primeiros graus da iniciação começavam pelo estudo dos sonhos todas as manhãs. Como muitos de nós já foram egípcios, não me parece demasiado difícil pedir-lhes que analisem os seus sonhos, como se fazia em Dendérah... Eis o que podem fazer, na prática:

- organizem o vosso tempo de modo a reservar alguns minutos de manhã para escrever os vossos sonhos:

Os sonhos deveriam ser escritos. Caso contrário, no momento em que o físico retoma o seu equilíbrio de vigília, perde-se muito do que poderia ter sido útil. (Leitura 294-46.)

Escreva o seu sonho imediatamente, antes que se apague, mesmo que ainda não o compreenda; relê-lo-á vários dias ou meses depois, e verá que situação ele descreveu, da qual talvez não tivesse tomado consciência então:

- evite ser despertado por um despertador ruidoso. Seria preferível, na véspera, dar a ordem ao seu subconsciente para o despertar a tal hora da manhã: também é eficaz;

- trabalhe numa pesquisa espiritual. O progresso nesse domínio anda a par de um refinamento da consciência e da memória:

Os que estão mais próximos dos reinos espirituais guardam mais facilmente a lembrança das suas visões e dos seus sonhos. (Leitura 5754-3.)

É por isso que a meditação e a oração, especialmente antes de adormecer, melhoram em geral as perceções psi e a lembrança dos sonhos, bem como a inteligência do seu significado:

- deite-se cedo e não tenha medo de acordar a meio da noite, para escrever imediatamente o sonho de que está a sair (pois há vários períodos de sonho durante a noite). Certas horas são mais favoráveis a este tipo de estudo, mas isso varia de pessoa para pessoa. Pode ver-se no seu mapa astrológico: alguns acordam sempre de noite entre a uma e as duas da manhã, porque Mercúrio (símbolo do mental) se encontra no seu mapa na casa III, a qual corresponde às duas primeiras horas depois da meia-noite;

- releia o seu "diário de sonhos" antes de se deitar. Isso estimula o sonho que virá. Antes de adormecer, concentre-se neste ou naquele tema, ou faça autossugestão dizendo: "Esta noite, vou sonhar com esta ou aquela pessoa, com este ou aquele tema." Se reler os seus sonhos anteriores, ficará surpreendido ao constatar que eles vão buscar a sua imagética simbólica aos factos e gestos encontrados durante o dia, ou nos poucos dias anteriores.

Os psicólogos e investigadores americanos trabalharam muito sobre os sonhos. Isso não tem nada de surpreendente, se se souber que o sonho é regido, em astrologia, pelo signo de Caranguejo. Ora, o mapa dos Estados Unidos é iluminado pelo Sol em Caranguejo.

Na Fundação Cayce, toda a gente conta os seus sonhos; é até o tema de conversa mais interessante do lugar! No entanto, os meus amigos tinham dificuldade em ajudar-me a interpretar os meus: a minha imagética simbólica, demasiado europeia, remetia para um mundo de imagens de que eles realmente não tinham qualquer ideia, o que é normal. Há uma linguagem do sonho que é preciso aprender como as palavras de uma língua estrangeira.

6: Ser profeta no seu país... As profecias de Edgar Cayce.

O que é uma profecia? É um acontecimento conhecido antecipadamente, graças a meios de informação parapsicológicos. Todos aqueles de que falámos — astrologia, numerologia, sonhos, vidência, clairaudiência, etc. — podem dar esse tipo de informação.

Mas pode realmente anunciar-se com toda a certeza um acontecimento com antecedência? Sim e não. A liberdade, a vontade humana, têm o poder de contrariar os acontecimentos, de mudar ou anular aqueles que se preparavam... Daí o perigo do ofício de profeta! Como se vê na história do pobre Jonas, contada na Bíblia.

O Senhor Javé encarrega Jonas de ir profetizar a Nínive, "a grande cidade, que levava três dias de marcha a atravessar" (como Paris!). Depois de uma viagem atribulada, enriquecida por uma estada no esófago de um cetáceo, Jonas chega enfim a Nínive. Instala-se na praça principal e aí entrega a sua mensagem: os habitantes ultrapassaram os limites; "a sua malícia subiu até Javé" e os seus malfeitos pedem castigo. Jonas profetiza: "Ainda três dias e Nínive será destruída!"

Missão pouco agradável, como se imagina. Mas, ó surpresa, "o povo de Nínive acreditou em Deus. Fizeram penitência", desde o rei até ao último dos seus súbditos, incluindo os animais! E o rei declarou, em substância: pediremos perdão, comprometemo-nos a agir bem; "e quem sabe se Deus não mudará de intenção, se a Sua cólera não se acalmará, e assim não pereceremos?"

"E Deus — diz a Bíblia — viu que eles se afastavam da sua conduta má. Arrependeu-se das profecias de desgraça que lhes fizera e não as realizou." Assim, os ninivitas foram poupados... desta vez! O profeta, esse, perdeu a face, como conta com humor o Livro de Jonas!

Esta história coloca-nos claramente perante o nosso poder enquanto homens. Se há catástrofes na Terra, é claro que fomos nós que as provocámos ao violar alguma lei cósmica. Incluindo as catástrofes geológicas (como sugere a história de Sodoma e Gomorra, aparentemente destruídas por uma erupção vulcânica devido à perversidade dos seus habitantes).

Parece que nos é muito frequentemente possível endireitar o rumo e afastar as ameaças de catástrofe. É a opinião de Cayce. Deveria ser também a de qualquer pessoa que cultive, profissionalmente ou não, um dom de profecia. Nunca se deveriam fazer previsões, ou profecias, senão "sob condição". Pois o poder de um só homem, ou de um pequeno grupo de homens, pode bloquear o processo de catástrofe quando ele já está desencadeado:

— Os abalos geológicos que predissestes para 1936-1938 no Alabama serão progressivos ou súbitos? (Pergunta feita a Cayce em 19 de novembro de 1932.)

Progressivos.

— E que forma tomarão?

Sede certos de que isso dependerá muito da filosofia das pessoas, daquilo que entendem por "Verdade" (...). Pois, como deveis compreender, as atividades dos indivíduos, segundo a sua linha de pensamento e os seus objetivos, criam uma ambiência que (se for positiva) pode preservar uma cidade ou um país. Essa cidade, esse país, não são então atingidos pelas catástrofes

geológicas, e isto graças à aplicação concreta das leis espirituais pelos indivíduos. (Leitura 311-10.)

Como, aparentemente, nada aconteceu no Alabama na data prevista, é porque os cidadãos desse Estado reajustaram as suas maneiras de ver...

No que diz respeito às mudanças futuras e à sua realização no Tempo e no Espaço, isso dependerá dos indivíduos e dos grupos humanos. Dependerá do que fizerem, perante a Vontade divina, isto é, perante o desígnio de Deus sobre o Homem. As mudanças geológicas só trarão abalos aos assuntos dos homens na medida em que essas mudanças tiverem sido provocadas pela atividade humana, conforme se tenha aplicado ou não as leis divinas, a esta geração. (Leitura 1602-6.)

— Disseram-nos que, do ponto de vista astrológico, haveria em maio de 1941 acontecimentos, agitação social e até uma revolução em Nova Iorque. É verdade, devemos esperá-lo?

Como já vos indicámos, isso dependerá dos próprios homens e das suas atividades. No que vos diz respeito, o que vos acontecerá dependerá da atitude que adotardes. Se vos instalardes na cidade de Nova Iorque com uma mentalidade derrotista, então esperai o pior! Mas se vos instalardes lá numa perspetiva otimista e agirdes do mesmo modo, então não vos preocupeis!

— Então devo ficar na cidade de Nova Iorque com a minha família?

Pois bem, isso depende de vós e do que acabámos de indicar! (Leitura 1602-2.)

Como se vê, Cayce não faz diferença entre os abalos geológicos (sismos, erupções, etc.) e os abalos políticos.

Ele estima que todos os acontecimentos futuros, seja qual for a sua natureza, dependem da atitude dos homens.

No seu pensamento, nenhuma profecia é, portanto, absoluta, e seria fazer-lhe um mau processo constatar que Nova Iorque continua de pé e que o Alabama também não se mexeu... É preciso, pois, tomar as profecias de Cayce, que daremos mais adiante, com esta reserva: que todo o acontecimento futuro depende da vontade dos indivíduos ou dos grupos humanos em causa. Aparentemente, também não basta ir chorar nas pias de água-benta:

Deveis rezar pela paz, mas não só! Ainda é preciso procurá-la, vivendo vós mesmos a segunda parte do mandamento divino: ama o teu próximo como a ti mesmo. (Leitura 3976-22.)

(E é provável que este mandamento se estenda não só ao próximo humano, mas também ao próximo... animal[16]! — pois as epidemias que atingem o homem viriam de um Carma de crueldade para com o mundo animal, Carma reatualizado por agentes microbianos.)

Cayce analisa a causa de todos os males da humanidade:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e o teu próximo como a ti mesmo: aí está contida toda a Lei, toda a resposta às questões terrestres, e para cada alma. Aí está a chave dos assuntos mundiais atuais (...). Ora, a resposta do Homem foi sempre a vontade de poder, pelo dinheiro, pelo poder, pela posse da terra, etc. Isso nunca foi à maneira de Deus, e nunca o será. Agir antes progressivamente, passo a passo, com a preocupação do respeito por outrem — é essa atitude que teve um efeito protetor na história do mundo, ali onde houve dez cidades, ou múltiplas cidades, ou nações, protegidas da destruição.

Apesar de termos a impressão de que a história de Abraão não passa de uma parábola, um conto para meter medo às crianças, quando ele via essas cidades na planície, ameaçadas de destruição, e intercedia para que fossem poupadas (...), é preciso, ainda assim, que compreendamos no nosso coração que somos responsáveis dos nossos vizinhos e dos nossos irmãos. (...) E quem é o nosso vizinho? Aquele que mora na porta ao lado, ou aquele que vive do outro lado do mundo? Nem verdadeiramente um nem verdadeiramente o outro, mas aquele que precisa da nossa compreensão, aquele que deu um passo em falso, aquele que caiu. (Leitura 3976-8.)

Um dia seremos todos profetas.

"No fim dos tempos, os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão", diz o apóstolo Paulo. Mas o Evangelho assinala noutro lugar a multiplicação dos falsos profetas que marcará o "fim dos Tempos". Quando se desenvolvem sistematicamente os seus poderes psi, chega-se necessariamente ao estádio da previsão... ou da profecia: sente-se com antecedência certos acontecimentos. Pressente-se o futuro e, se uma catástrofe tiver de acontecer, recebe-se interiormente o anúncio... o que é muito útil! Cayce encorajou vivamente, portanto, os seus consulentes a desenvolver esta perceção dos acontecimentos futuros.

— Como posso desenvolver as minhas faculdades psi para prever as dificuldades que surgirão e aproveitar as minhas oportunidades com antecedência? Isto para mim mesma, para os meus filhos, para os outros?

Deixai antes que isso venha como um efeito colateral do desejo de progresso espiritual, em vez de começardes por técnicas materiais. Pois é certo que essas manifestações fazem parte de um todo. Mas, se os dons de profecia forem procurados apenas pelas suas vantagens materiais, por satisfações terrestres, então perdem a sua criatividade e morrem. (Leitura 1947-3.)

A alguém que lhe fazia a mesma pergunta, mas queria mais precisamente desenvolver a escrita automática, Cayce aconselhou:

Começai por ler a Bíblia, para encontrar as passagens que dão o aviso procurado, bem como a instrução a alguém que queira trazer algo à humanidade. Feito isso, a entidade pode tornar-se de grande ajuda para outrem, graças a esses poderes que escolheu desenvolver (...). E, ao estudar essas passagens da Bíblia, não vos contenteis em lê-las, mas procurai captar o seu significado profundo no plano do amor universal. (Leitura 5124-1.)

Sabe-se que certos crentes protestantes recorrem à adivinhação pela Bíblia: depois de fazerem uma pergunta, abrem ao acaso uma página. E, nessa página, encontra-se o versículo que dá a resposta. Seria um erro troçar desta prática: é exatamente o que fazem os chineses que consultam o oráculo do I-King! Pessoalmente, experimentei ambos com sucesso. Em contrapartida, Cayce, ao contrário de Kardec, não é entusiasta da comunicação com os espíritos em geral.

Provavelmente, no seu tempo e no seu meio, abusara-se disso: demasiadas senhoras idosas reuniam-se para enganar o tédio em torno de uma mesa. Interrogavam-se os espíritos... quaisquer que fossem! Ora, por falta das precauções necessárias, por falta de seriedade e prudência, corre-se certamente o risco de atrair espíritos do baixo astral. Cayce, tal como Allan Kardec, fundador do espiritismo, considera que o "guarda-fogo" é a fé em Deus, o desejo verdadeiro e honesto de progresso espiritual ("Paz aos homens de boa vontade": a verdadeira boa vontade é, por si só, uma proteção).

— Devo treinar-me na escrita automática, ou recorrer a um médium?

Como já vos indicámos, em vez da escrita automática ou do recurso a um médium, procurai escutar a vossa voz interior. Se a informação passar por aquilo que tendes à mão, pela escrita automática, muito bem. Mas atenção a certas influências exteriores. Não esqueçais que o Universo, Deus, está dentro de vós. A comunhão com as Forças Cósmicas da Natureza, isto é, com o Criador, é o vosso direito enquanto Homem. Caminhai com Ele, nada menos do que isso! (Leitura 1297-1.)

Essas influências exteriores: sabei de onde provêm. É bem verdade que vos avisaram: "Provai os espíritos." Essa é toda a questão. Procurai viver na vossa própria vida a aplicação da Lei divina; então não haverá dúvida no vosso foro íntimo. (Leitura 3548-1.)

Ser controlado ou dirigido por uma entidade de que não se sabe se reclama o Espírito de Verdade é arriscar-se a ser despedaçado (...). Põe-te nas mãos d'Aquele que disse: "Eu sou o que Sou." (Leitura 1376-1.)

Para se proteger de más influências, de espíritos parasitas:

Ponde-vos sob o manto, a veste protetora do Cristo. Não enquanto homem, nem enquanto indivíduo, mas enquanto Cristo, Consciência Universal de amor que vemos manifestar-se naqueles que esqueceram o seu eu (...). Pois Ele prometeu: Se me chamardes, eu ouvirei ("Batei e abrir-se-vos-á"). Isso é a proteção. (Leitura 1376.)

Cayce mostrou-se mais favorável aos sonhos:

— Seria eu capaz de profetizar graças aos meus sonhos?

Dizei antes "interpretar"...

— Então, seria eu capaz de interpretar?

Sim, se apenas quiserdes abrir o vosso eu, de modo a tornar-vos um "canal" (da graça)! (Leitura 262-5.)

Uma vez protegido pela confiança posta no Cristo Cósmico, qualquer pessoa pode encontrar em si mesma as respostas, ouvir os avisos necessários à sua segurança. Tal como na cura psi, toda a arte consiste em:

... entrar no seu eu profundo, abrindo-se às perspetivas espirituais pela meditação tal como aqui vos foi aconselhada. É preciso envolver o seu eu na Consciência Crística, que vos servirá de guia no que vos for revelado (...). E essas potências de intuição que surgem das profundezas do eu, durante a meditação, dar-vos-ão muito e guiar-vos-ão, ao começo. (Leitura 513-1.)

As profecias de Edgar Cayce: são os homens que provocam os cataclismos geológicos.

Edgar Cayce fez um certo número de profecias, muitas das quais ainda não se realizaram, pelo menos nas datas que indicou. Isso pelas razões que explicámos acima, isto é, a interferência da vontade humana. O que é interessante nestas profecias é que elas coincidem com as que temos na Europa — e temos muitas! Mas é certo que Cayce nunca ouvira falar delas (nem, aliás, a atual equipa da

Fundação Cayce, como pude constatar). Esta virgindade absoluta de Cayce relativamente às profecias europeias é, para nós, uma garantia da sua honestidade.

Infelizmente, há poucas leituras sobre a Europa. Se Cayce fala dela, fá-lo de forma muito geral. Isso deve-se ao facto de não ter, no seu meio, europeus e, particularmente, franceses, suficientemente preocupados com o futuro da Europa para lhe colocarem uma lista de perguntas detalhadas.

No entanto, existe uma leitura extraordinária, datada de janeiro de 1934, em que a Europa aparece finalmente:

Sobre os abalos geológicos que hão de vir, eis ainda: a Terra romper-se-á no oeste da América. A maior parte do Japão deverá afundar-se no mar. A parte superior da Europa (isto é, olhando um mapa, a Europa do Norte) ver-se-á mudada num piscar de olhos. Terra firme aparecerá ao largo da costa Este da América. Haverá soerguimentos no Ártico e na Antártida, o que trará erupções vulcânicas nas regiões tórridas, e então chegará a inversão do eixo dos polos, que terá como consequência que os países de clima frio e semi-tropical se tornarão tropicais, com musgos e fetos. Isso começará nos anos 58 a 98, quando vierem esses tempos em que a Sua luz poderá de novo ser vista nas nuvens. Quanto ao tempo exato, à estação, aos lugares, isso só será dado àqueles que invocarem o Seu Nome e trouxerem nos seus corpos a marca daqueles que foram chamados e escolhidos por Ele. (Leitura 3976-15.)

Palavras misteriosas... Sobre essa inversão do eixo dos polos, de que Cayce falará várias vezes:

— Qual será a mudança maior, ou o começo de tal mudança, se houver uma, que marcará o ano 2000?

Esse deslizamento do eixo dos polos. Isto é, o começo de um novo ciclo. (Leitura 826-8, 11 de agosto de 1936.)

Voltando à leitura anterior (de 19 de janeiro de 1934), perguntou-se a Cayce:

— Quais são as mudanças que hão de vir este ano no plano geológico?

E Cayce, como se não tivesse ouvido a pergunta, continuou no seu impulso profético:

Aparecerão águas livres no norte da Gronelândia. Ver-se-ão novas terras aparecer no mar das Caraíbas. A Índia será libertada da maior parte desse sofrimento material que este povo provado sofreu. Alguém que se elevou ao poder na Europa central será aniquilado. O jovem rei reinará em breve. Na

América, as forças políticas serão de novo estabilizadas. Os povos retomarão o poder, expulsando em muitos lugares as cliques de políticos. A América do Sul será sacudida de uma ponta à outra (...).

— E de que país falais, Sr. Cayce, quando evocais um jovem rei?

Da Alemanha. (Leitura 3976-15, janeiro de 1934.)

Esta leitura é muito surpreendente, pois, se se pode supor que Cayce aí fala de Hitler como de "esse homem que reina sobre a Europa Central", ainda não vimos surgir um "jovem rei".

Ora, as profecias europeias que possuímos, algumas datando já de há mais de dez séculos, anunciam efetivamente um futuro "grande Monarca", descendente dos Capetíngios, que deve nascer obscuramente algures na Alemanha. Nostradamus chama-lhe "O Grande Chyren", anagrama de Henry, e Marie-Julie Jahenny, a vidente de La Fraudais, perto de Nantes, chama-lhe "Henri da Cruz" (ver Mythe et légendes du Grand Monarque, de Éric Muraise, Livre de Poche).

Cayce faz-se, assim, eco de um ciclo profético que interessa à Alemanha, à França e à Europa Ocidental em geral, sem nunca ter ouvido falar dele em estado de vigília (tal como, ao que parece, hoje os seus netos, a quem fiz notar esta surpreendente profecia). Que tantos videntes, de épocas diferentes, vivendo em diversos países, e que não combinaram entre si, falem deste "Grande Monarca" vindouro, é verdadeiramente perturbador… Quanto às terras que emergirão do Atlântico, trata-se, evidentemente, do reaparecimento da Atlântida, de que já falámos. Anunciada "para 68 ou 69", numa leitura de junho de 1940, faz-se esperar… (Nessa data, foram os estudantes que irromperam nas ruas, mas não a Atlântida!)… Outra questão:

— O desenrolar detalhado das erupções da Terra, que devem ocorrer em 1936, já está fixado, de tal modo que me possa dar pormenores? O que acontecerá à costa do Pacífico, como será afetada, e que precauções se podem tomar antes, durante e depois dessa catástrofe?
(Pergunta feita em 1934.)

Toda essa atividade vulcânica e sísmica está hoje dependente dos indivíduos, ou dos grupos humanos envolvidos nessas regiões. E isso depende das suas necessidades, das suas motivações, etc. Que certos desses acontecimentos sejam inevitáveis e destinados a ocorrer, isso está escrito. Mas dar uma data, um momento preciso, hoje, isso não o podemos fazer. (Leitura 270-32.)

Com efeito, Cayce previu abundantemente as catástrofes futuras na Califórnia. Aliás, não é mistério para nenhum geólogo que se trata de uma zona

muito instável, e os próprios californianos sabem bem que uma espada de Dâmocles está suspensa sobre as suas cabeças. A costa Leste também está ameaçada:

— Sinto, há vários meses, que deveria deixar a cidade de Nova Iorque. Que pensa disso?
(Pergunta feita em 1941.)

Sim, seria bom. Há demasiada agitação. Esse tipo de vibrações só continuará, o que é muito perturbador para si, assim como essas energias de destruição, embora essas forças destruidoras só entrem em ação na próxima geração.

— Los Angeles é um lugar seguro?

Los Angeles, São Francisco, a maior parte desses lugares, serão destruídos. Mesmo antes de Nova Iorque. (Leitura 1152-11.)

Se constatarem uma atividade acrescida do Vesúvio, ou da montanha Pelée (na Martinica), então a costa sul da Califórnia e o território compreendido entre Salt Lake City e o sul do Nevada podem esperar, nos três meses seguintes, uma inundação devida a sismos. Mas estes serão ainda mais importantes no hemisfério Sul. (Leitura 270-35 — 21 de janeiro de 1936.)

Na noite de 3 de março de 1936, Edgar Cayce teve um sonho profético sobre a sua futura encarnação nos Estados Unidos, descrevendo um ambiente completamente diferente do atual:

Eu nascia de novo em 2100, no Nebraska. O mar, aparentemente, cobria todo o Oeste do país, e a cidade onde eu vivia ficava na costa. O nome da minha família era estranho. Muito jovem, eu declarara ser Edgar Cayce, que vivera duzentos anos antes. Cientistas, com longas barbas, muito pouco cabelo e óculos de lentes grossas, foram chamados para me examinar. Decidiram visitar os lugares onde eu dizia ter vivido e trabalhado: o Kentucky, o Alabama, Nova Iorque, o Michigan e a Virgínia.

Levando-me, a mim, a criança, com eles, esse grupo de cientistas partiu para visitar esses locais, numa nave voadora com a forma de um charuto metálico, que se deslocava a grande velocidade. A água cobria parte do Alabama. Norfolk, na Virgínia, tornara-se um imenso porto marítimo. Nova Iorque tinha sido destruída, seja por uma guerra, seja por um terramoto, e estava a ser reconstruída. As indústrias estavam dispersas pelo campo. A maior parte das casas era de vidro. Descobriram-se muitos documentos sobre Edgar Cayce, que foram reunidos e levados para o Nebraska para aí serem estudados pelo grupo.

Dê-se ao trabalho, caro leitor, de olhar para um mapa dos Estados Unidos. Já localizou o Nebraska? Situado entre o Dakota do Sul e o Kansas, alinhado verticalmente com o Texas, este Estado encontra-se no pleno centro dos Estados Unidos. No sonho de Cayce, é toda a metade oeste da América do Norte que submergiu sob o oceano! Aterrador… Será inevitável?

As tendências nos corações e nas almas dos homens são tais que provocam essas convulsões geológicas. Pois, como temos indicado tão frequentemente aqui, não é o mundo, a Terra, as condições geológicas, nem sequer as influências planetárias (…) que governam o Homem. É antes o Homem que, pela sua submissão às leis divinas, é capaz de pôr ordem no caos; ou então, se despreza as leis divinas, se se recusa a associar-se a elas, pode criar o caos e abrir a porta às forças que destruirão o seu meio de vida. Pois Ele disse: "O Céu e a Terra podem passar; as minhas palavras não passarão!" Considera-se frequentemente esta frase como poesia. Mas se aplicar essas palavras aos assuntos mundiais e ao Universo atual, o que é que, afinal, sustém tudo? O que mantém os fundamentos da Terra? O Verbo de Deus! (Leitura 416-7.)

O que é inquietante é que os Atlantes, maciçamente reencarnados na América, têm uma única obsessão: manipular as forças da Terra. Já se viu que as suas gigantescas barragens, construídas com desprezo pelo terreno, provocavam sismos. Que a poluição modificava dramaticamente os ecossistemas. Essa fúria de querer matar a Natureza, aquilo a que chamam mantê-la under control (mantê-la sob controlo), cobrindo-a de betão, por exemplo, estamos nós a imitá-la. Pois também na Europa os Atlantes se reencarnam… E que dizer dos russos com os seus projetos de desvio dos grandes rios da Sibéria? Esses planos hercúleos trazem a marca da busca de poder, das ambições políticas e materiais, e de modo algum da escuta paciente da Natureza, escola das Leis divinas.

… É o que diz Cayce!

Eis uma leitura geral sobre o futuro geológico dos Estados Unidos e do Canadá:

Muitos pontos da costa Leste serão abalados, tal como a costa Oeste e o centro do país. Dentro de muito poucos anos, surgirão terras no Atlântico, bem como no Pacífico. E aquilo que é atualmente a linha costeira estará no fundo do oceano. Muitos campos de batalha da presente guerra mundial estarão sob o mar (…). Partes do que é agora a costa Leste, à altura de Nova Iorque, e a própria cidade de Nova Iorque, desaparecerão. Mas isso só acontecerá noutra geração. As partes sul da Carolina e da Geórgia desaparecerão, essas muito mais

cedo. A água dos Grandes Lagos escoar-se-á para o golfo do México, em vez de seguir pela via fluvial sobre a qual tanto se tem discutido (o São Lourenço). (…) Nessa altura, a região atualmente habitada pela entidade (Virginia Beach) estará entre as zonas de segurança. Tal como o estarão o Ohio, o Indiana, o Illinois e a maior parte do Canadá do Sul e do Leste (… mas é o Quebeque!), enquanto a oeste haverá muitas perturbações nesse país. (Leitura 1152-11, dada a 15 de agosto de 1941.)

Excelente programa para os canadianos: a mudança do eixo dos polos fará derreter os seus campos de neve, fará crescer coqueiros em Montreal, e terão finalmente areia quente… Bem o merecem!

E eis também porque Cayce foi instado a mudar-se para Virginia Beach, a fim de aí instalar as suas leituras, para que sobrevivessem pelo menos dois séculos… Virginia Beach é um subúrbio desse Norfolk que deverá suplantar Nova Iorque como porto:

Norfolk, com os seus arredores, tornar-se-á o grande porto marítimo da costa Leste, o maior, maior do que Filadélfia e Nova Iorque. (Leitura 5541-2, em julho de 1932.)

Em virtude dessa profecia, o preço dos terrenos não para de subir em Virginia Beach… Quanto ao Mediterrâneo, que é a nossa Califórnia, é igualmente considerado instável pelos geólogos e por Cayce:

— Quando é que essas mudanças geológicas se tornarão aparentes?

Quando ocorrerem as primeiras ruturas no mar do Sul, no Pacífico Sul, certamente esses abalos aparecerão sob a forma de submersões ou, pelo contrário, de emergências de terras no outro extremo do mundo, isto é, no Mediterrâneo, na zona do Etna, então saberemos que começou. (Leitura 311-8, dada em abril de 1932.)

Cayce faz eco das profecias de La Salette, onde se anunciava que "Marselha seria engolida". Contudo, em parte alguma se fala do desaparecimento total da França, no plano físico:

Nunca tenham a ideia de que a França possa ser eliminada da Terra. (Leitura 2072-15.)

Profecias económicas e políticas.

As convulsões geológicas serão certamente acompanhadas por guerras, revoluções, crises políticas…

Toda uma série de leituras foi solicitada a Cayce sobre esse tema, entre 1932 e 1945. Eis alguns excertos:

(Em 1932) a Europa é uma casa desmembrada. Há alguns anos existiam ali povos poderosos, que foram esmagados por causa do egoísmo de alguns, despreocupados com o respeito pelos direitos de outrem. Esses povos estão a viver uma experiência de renascimento, e isso é o espinho na carne de muitas nações políticas e financeiras da Europa (…).

— E a que nação se refere mais particularmente?

À Rússia. (Leitura 3976-8.)

Mais tarde, a 22 de junho de 1944, Cayce dirá:

Da Rússia virá a esperança do mundo, não sob a forma do que se chama comunismo, bolchevismo. Não, mas a Liberdade, a Liberdade! E cada homem viverá para o seu próximo! O princípio nasceu. Levará anos e anos a concretizar-se, mas da Rússia virá novamente a esperança do mundo. Guiada por quê? Pela amizade com a nação que inscreveu na sua moeda: "Em Deus confiamos" (In God we trust).

Nessa mesma leitura, cada nação importante recebe a sua reprimenda:

"In God we trust": aplicam essa fórmula do fundo do coração quando pagam as vossas contas? Quando rezam? Quando enviam os vossos missionários para o estrangeiro? Dizem: "Dou isto porque em Deus ponho a minha confiança"? E não porque contam com cinquenta cêntimos de lucro? (…) Na aplicação prática desses grandes princípios, em comparação com o que fazem outras nações do mundo, a América, certamente, pode orgulhar-se de algum resultado. Mas quando esquece esse princípio, aí está o pecado da América.

E o mesmo se passa com a Inglaterra, país de onde vieram essas ideias, que não são um ideal, o de tentar estar um pouco melhor colocado do que o vizinho (…). Esse é o pecado da Inglaterra. No que diz respeito à França, onde esses grandes princípios foram aplicados pela primeira vez (do respeito pela liberdade, de que Cayce fala acima), acontece-lhe abusar das gratificações do corpo; esse é o pecado da França.

Nesse país que outrora foi Roma, onde esses mesmos princípios se desenvolveram, o que causou a sua elevação e depois a sua queda, como a Torre de Babel? As dissensões e as atividades que reforçaram a escravatura, favorecendo alguns, de tal modo que só essa elite podia pretender pensar corretamente, em acordo com as forças mais elevadas (…). Isso parecia-lhes um

direito enquanto homens, mas, no fim, esse elitismo conduzia à morte. Eis o pecado da Itália.

O pecado da China?

Aquela quietude de que ela não queria sair, a não ser para um crescimento muito lento. Há como uma corrente de progresso através deste país que, desde há séculos, pede que o deixem em paz, apenas para se satisfazer das riquezas interiores que traz em si. A China despertou, cortou o cabelo (…). E começou a pensar, e a fazer alguma coisa com as suas ideias. Um dia, este país será o berço do cristianismo, na sua nova forma de ser aplicado à vida dos homens. Ainda falta muito, à maneira como nós contamos os anos. Mas, no coração de Deus, isso far-se-á no espaço de um dia. Pois, amanhã, a China despertará (…).

É como com a Índia. O berço do saber, que não é aplicado na prática, mas apenas conhecido interiormente. Qual é o pecado da Índia? O egoísmo, e, se se tira o "-ismo", simplesmente o ego! (Leitura 3976-29, de 22 de junho de 1944.)

Que a China venha um dia a ser o campo de realização dos princípios crísticos, que nós não fomos capazes de aplicar, ouvi-o eu dizer muitas vezes, em Châteauneuf-de-Galaure, onde Marthe Robin, profetisa desconhecida, falava disso desde há muito tempo (sem ter lido Cayce).

— A China substituirá um dia a América?

Como já dissemos, a América deve rezar mais. E agir no sentido do que reza. Caso contrário, será arrastada para esses problemas de que falámos. O que provocará um deslocamento da civilização cada vez mais para ocidente (…). Se a China persistir na sua atitude atual e reconquistar a sua identidade, então já não se poderá interferir nela a partir do exterior. (Leitura 1598-2, de 29 de maio de 1938.)

— A América estará envolvida na próxima guerra?, perguntou-se a Cayce a 29 de maio de 1938.

Isso depende do que acabámos de dizer. Se a América agir como reza, não. Mas se agir num sentido e rezar noutro sentido, isto é, se autorizar o reinado daqueles que procuram um alargamento egoísta dos seus desejos pessoais, então, sim, corre o risco de ser arrastada para a guerra. (Leitura 1598-2.)

Cayce tinha evocado várias vezes Hitler nas suas leituras. Ele fala:

… dos nazis, os arianos, que, pouco a pouco, não cessam de despertar as animosidades (…). (Leitura 416-7, em 1935.)

Os alemães serão a reencarnação maciça dos iranianos, ou persas antigos (Aryas, que é a mesma palavra que Irão)? A menos que se trate de um fragmento da Atlântida (ver p. 177)…

Isso explicaria o uso abusivo que Hitler fez da palavra ariano (sublinhada por Cayce nesta leitura) e Nietzsche do nome "Zaratustra"…

— Falem-nos da situação na Alemanha.

Um homem que representa todo um país, enquanto mantiver nele distinções de classe e de massa, só pode trazer perturbações e combates. Enquanto o seu poder se mantiver dentro dos limites indicados pelo princípio: "Sou o guardião do meu irmão", e sem o forçar!, isso vai. Mas ser "o guardião do seu irmão" não significa "vou dizer-lhe tudo o que ele deve fazer, isto e aquilo, para o obrigar a respeitar a norma"! Mas, antes, que todos são livres perante a Lei, a de Deus. (Leitura 3976-19, de 24 de junho de 1938.)

— E a situação em Espanha?

As perturbações reais, aqui, estão apenas a começar. Pois, se se recusar conceder uma justa consideração a cada um dos partidos, então virão outros, que devorarão os despojos do país. Isso é o resultado de uma semente semeada no passado, há muitíssimo tempo. (Mesma leitura, 1938.)

Em termos claros, a guerra de Espanha é o pagamento de uma dívida cármica, provavelmente criada pela violência da "Reconquista" (contra mouros e judeus) e pela da conquista das Américas.

Quanto aos Estados Unidos, que são objeto de múltiplas leituras:

Como já dissemos, os problemas da América arriscam vir-lhe mais do interior do que do exterior. (Leitura 3976-26.)

Pois vós, povo americano, que vos reclamais dos princípios da cristandade, e até os inscrevestes na vossa moeda: "In God we trust", não deveis pôr a vossa confiança no poder do Homem, nem no da política nem no da economia (…). E, enquanto viverdes, possa a luz de Cristo, que é amor, estender-se a toda a Terra, e não o egoísmo, o poder, o dinheiro (…). Nos Estados Unidos, na hora atual (em 1937), há causas de perturbação, especialmente nas relações entre o Trabalho e o Capital (…). Se o ideal de justiça for mantido por aqueles que estão no poder, haverá uma tendência geral para mais segurança, mais prosperidade económica, mais paz. (Leitura 3976-17.)

As crises que surgem noutros países (Cayce falou anteriormente do comunismo, do fascismo, dos nazis) são um aviso para os Estados Unidos. Pois a

quem pertence a riqueza? E a quem pertence a terra e os seus recursos? Pertencem àqueles que herdaram uma posição de poder? Ou àqueles que, com o suor do seu rosto, produzem essas riquezas? (…) E se não houver reciprocidade entre dar e receber, se nenhuma consideração for concedida aos trabalhadores, quando lhes é devida, se aqueles que são os produtores não beneficiarem dos lucros excedentários criados pelo seu trabalho, então haverá grandes perturbações neste país. (Leitura 3976-19, 1938.)

Com efeito, se isto (os direitos dos trabalhadores) não for tido em consideração, uma revolução pode chegar a este país (os E.U.A.) (…). Pois é isso que acontece para reequilibrar os níveis quando há abundância de bens nuns setores e pobreza noutros. É assim que surgem os crimes, os motins e todas as perturbações, quando aqueles que estão no poder não tomam em consideração cada nível da atividade humana, cada aspeto da vida quotidiana.

Tais condições ocorreram noutros países (…) como a Rússia, a Itália, a Alemanha. E acontece ainda atualmente em Espanha, na China, no Japão. De que se trata? Da opressão exercida sobre os trabalhadores por aqueles a quem foi dado o poder, para o usarem como se fossem os guardiões dos seus irmãos. E não, de modo algum, como se vê nalguns países, para desprezar os direitos de outrem (…).

Pois todos os homens são UM aos Seus olhos. O Senhor não faz discriminação entre as pessoas, e essas discriminações nunca podem durar muito tempo. (Leitura 3976-19, de 24 de junho de 1938.)

— E qual deve ser a nossa atitude para com os negros (“the Negro” no texto), e como se pode sair da melhor forma possível do carma criado nas relações com eles?

Eles são teus irmãos. Aqueles que criaram essa servidão, sem verem para além da ponta do nariz, criaram assim algo que agora têm de enfrentar (…). Pois Ele fez todos os homens do mesmo sangue.

— O fascismo é uma ameaça para o nosso país?

Todo o movimento que seja estranho à fraternidade dos Homens e à paternidade de Deus é perigoso.

— Disse aqui, Sr. Cayce, que o dinheiro é a raiz de todos os males que perturbam o nosso país. Poderia dar-nos as razões e o que se poderia fazer para resolver esses problemas financeiros?

A causa primeira é o medo de passar necessidade, sentido por aqueles que controlam e dirigem os investimentos de capital (…). E como se pode remediar isso? Apenas pela paciência, pela perseverança, pelo regresso à confiança em Deus, e não à sede de poder pessoal. Pois aqueles que têm fome pouco se importam com a fonte de onde vem o poder, desde que o seu ventre esteja cheio! E, a menos que todos se entendam para se elevarem até uma conceção mais universal, esses problemas arriscam trazer um dia aqui, na América, a revolução. (Leitura 3976-24, junho de 1939.)

Avisos válidos, evidentemente, para nós! Em 1941, na perspetiva da participação dos Estados Unidos na Guerra, perguntou-se a Cayce:

? — A guerra civil nos Estados Unidos resultará disso, e quando, e como?

Como tantas vezes vos dissemos aqui, isso depende daqueles que viram claro, que compreendem os problemas, as tensões entre Trabalho e Capital, empregado e empregador, conforme rezam e vivem em acordo com a sua oração, e uns com os outros. (Leitura 3976-26, de 28 de abril de 1941.)

Como se viverá na Era do Aquário?

— (Disse-se) que a Atlântida ressurgiria de novo em tempos de crise, quando passarmos da era dos Peixes para a do Aquário. A Atlântida vai surgir de novo? Isso causará uma mudança súbita? E em que ano?

Em 1998, é possível que haja grande agitação, trazida pelas convulsões progressivas que vêm. São esses períodos de atividade do ciclo solar, isto é, esses anos em que a passagem do Sol através de diferentes esferas se tornará um ponto de viragem essencial da mudança entre a Era dos Peixes e a Era do Aquário. É uma evolução progressiva, não cataclísmica, na experiência da Terra nesse momento.

— Pode dar-se uma data para o começo da Era do Aquário?

Isso já foi dado (…) e só começareis verdadeiramente a compreendê-lo em 1998. (Leitura 1602-3.)

— Em vista de mudanças que poderiam ocorrer politicamente e que afetariam as condições económicas e sociais, aconselha a comprar uma casa no campo, com um pequeno pedaço de terra, com a ideia de se ser o mais possível autossuficiente?

Como já dissemos, isso seria o ideal para cada indivíduo neste país (os E.U.A.). Cada um deveria ser capaz (…) de criar ou construir um retiro no campo, onde pudesse produzir essas coisas de que se precisa para a subsistência material.

Pois considerai a época antiga: não eram assim tão loucos! Quando eram as famílias que produziam na sua quinta, quanto melhor era a qualidade de vida dos indivíduos, a qualidade dos produtos. E não havia metade das coisas e das pessoas inúteis que há agora! (Leitura 470-35.)

Toda a leitura 470-35 incentiva a agricultura biológica, a usar os adubos naturais, o adubo verde, o composto, etc. Os meus leitores poderão informar-se junto de Nature et Progrès (Associação europeia de agricultura biológica, 14 rue Goncourt, 75011 Paris, tel.: (1) 700.60.36.)

Cada indivíduo deveria possuir um pedaço de terra suficiente para se alimentar. Pois a Terra é a nossa Mãe, exatamente como Deus é o nosso Pai no plano espiritual; a Terra é a nossa Mãe no plano material. (Leitura 470-35.)

Esta leitura incentiva não só cada um a cultivar o seu jardim, mas também a agrupar-se em cooperativas alimentares agrícolas:

… considerai-as seriamente (…). Isso poderia tornar-se um dia não apenas um movimento a nível local, mas também nacional. E seria uma solução para certos problemas deste país (os E.U.A.) e uma forma de assegurar melhores produtos a um povo melhor. Esperais uma nova raça de homens? Mas o que fazeis para a preparar? Deveis prever alimento para os seus corpos, bem como para o desenvolvimento da sua inteligência e da sua alma. (Leitura 470-35.)

À hora em que escrevo, a América, no seu conjunto, não escutou os conselhos de Cayce. Talvez seja preciso esperar que vá suficientemente longe no horror da alimentação artificial e da poluição citadina, para finalmente regressar a essa simbiose com a terra? Mas confio que isso acontecerá. Também na Europa, e isso é-nos mais fácil, porque não cortámos completamente as nossas raízes terrenas.

Eis outra passagem em que Cayce fala da "mão verde":

… os legumes e as frutas estão ligados ao caráter do homem que os cultiva. Se cuida deles com amor, isso faz toda a diferença!
(Mesma leitura.)

Recorda-se também que, no sonho de Cayce citado mais acima, ele via com espanto as indústrias "dispersas pelo campo". Esse regresso à terra é igualmente objeto, na Europa, de um grande número de profecias.

O regresso de Cristo.
Outra perspetiva que agita muito os crentes americanos: o regresso de Cristo ("The Second Coming"). É uma coisa de que pouco se fala entre nós e, no

entanto, é muito interessante. O regresso de Cristo é aquilo que pedimos, sem pensar nisso, quando recitamos o versículo do Pai-Nosso: "venha a nós o Vosso Reino". E se os judeus esperam essa vinda do Messias glorioso, é porque:

Israel simboliza todos os que procuram a Verdade, não apenas os descendentes de Abraão, mas toda a nação, toda a tribo, qualquer que seja a língua que fala. (…) É esse o significado da palavra "Israel". (Leitura 2772-1.)

E Cayce explica longamente que a palavra Israel significa espera de Deus, e essa espera não terminou. Depois evoca a Grande Pirâmide, nas paredes interiores da qual estão inscritos todos os acontecimentos futuros, incluindo:

A entrada na Terra do Messias, nesta data: 1998. (Leitura 5748-5.)

Uma entrada que não passará despercebida, desta vez:

E as mudanças na matéria são um sinal (…) como disseram os Antigos, quando o Sol escurecer e a Terra se quebrar em diversos lugares. E então será proclamado, através da perceção dos corações, dos espíritos e das almas daqueles que procuraram o Seu caminho, que a Sua estrela apareceu (…). Pois Ele está a preparar a Sua manifestação diante dos Homens. Àqueles que procuram, na última parte do ano do Senhor, como se contam os anos entre os homens, em 36, Ele aparecerá! (Leitura 3976-15.)

Em 2036? E eis outra pergunta:

— Jesus Cristo existe atualmente numa esfera (planetária) particular, ou está no plano terrestre, noutro corpo?

Como foi escrito, tendo-Lhe sido dado todo o poder sobre a Terra e nos dois (…) Ele está, portanto, Ele próprio, atualmente, no espaço. E também nessa energia que dinamiza cada entidade individual, segundo a sua fé e a sua crença. Isto, enquanto Entidade espiritual. Portanto, não num corpo carnal na Terra; mas pode vir à vontade para aquele que quer ser Um com Ele e age por amor, de modo a tornar isso possível. Mas Ele voltará, da mesma forma que O viram partir, no corpo que ocupava durante a Sua vida na Galileia (…).

— Quando Jesus Cristo voltar, estabelecerá o Seu reino sobre a Terra, e esse reino durará eternamente?

Mas voltem a ler o que foi escrito, as Suas promessas, com as palavras que vós escrevestes (…). Ele reinará mil anos, e Satanás será de novo solto por um tempo. (Leitura 5749-1).

Acontecimentos interessantes a que eu gostaria muito de assistir; e vocês?

Nas diferentes profecias, o regresso de Cristo está sempre ligado à presença do Anticristo e à famosa batalha de Megido (ruínas da cidade antiga de Salomão, que hoje se chama Tell-Megiddo, em Israel. O que é traduzido em inglês por "Armageddon". Aí terá lugar, segundo a Tradição, a última grande batalha entre as forças do Bem e as do Mal).

A podridão dos ministros dos cultos será posta em evidência em certos lugares, e ocorrerão perturbações, combates. E haverá um período de flutuação, pois chegarão ao plano terrestre os emissários do Trono de Vida, do Trono de Luz e de Imortalidade, que virão ensinar os Homens, e farão guerra, nos ares, aos emissários da Sombra. E então sabereis que o Armageddon é iminente. (Leitura 3976-15.)

Mas não é tudo: Cristo voltará com os Seus amigos íntimos, que já tinham aparecido no período palestiniano: João voltará, será conhecido. (Leitura 1158-9, em 1937.) A entidade estava próxima do mais jovem dos discípulos (…) esse João que deveria em breve agora voltar ao plano terrestre. (Leitura 1703-3.)

Várias leituras dão o seu nome: mais uma vez João (leitura 3976-15) e até o seu apelido: Peniel. Os comentadores americanos de Cayce, *Gott mit uns!*, não duvidam nem por um segundo de que ele nasça nos Estados Unidos (e, de preferência, branco, como é óbvio…).

As leituras sobre isso não são claras, claras… Quem viver verá!

Anexo. Informações práticas.
Os principais acontecimentos da vida de Edgar Cayce.

1877: 18 de março, às 15h30, Hopskinville, Kentucky: nascimento de Edgar Cayce.

1893: Edgar tem dezasseis anos. Tendo terminado a escolaridade, trabalha na quinta de um dos seus tios e sonha tornar-se pastor.

1899: Agosto: o pai de Edgar, L. B. Cayce, instala-se na própria cidade de Hopskinville. Edgar acompanha-o. Encontra trabalho como vendedor na livraria Hopper e conhece Gertrude Evans, a sua futura esposa.

1900: Edgar é representante da papelaria Morton, em Louisville, Kentucky, e da companhia de seguros do pai em Hopskinville. Muito cansado, perde a voz. Outono: é contratado no estúdio fotográfico de W. R. Bowles, em Hopskinville.

1901: Inverno: o Dr. Hart adormece Edgar sob hipnose.

31 de março: Layne obtém dele a primeira de todas as "leituras"; graças a isso, ele recupera a voz.

1 de abril: primeira leitura para um doente que não ele próprio: Layne. Este cura-se. Sucesso imediato em Hopskinville. Layne e Cayce abrem um consultório, onde Cayce dá leituras duas vezes por dia. Layne prepara os remédios e "conduz" as leituras. Primeiras leituras dadas para ausentes que Cayce "vê" à distância.

1902: Primavera: Cayce trabalha como fotógrafo em Bowling Green, Kentucky, esperando bem nunca mais ser curador. Perde a voz e só a recupera quando aceita voltar a dar leituras para os pacientes trazidos por Layne, uma vez por semana. Cura da pequena Dietrich, com atraso mental. Grandes artigos na imprensa local. Edgar Cayce, sempre sem dinheiro, não quer receber pagamento.

1903: 17 de junho: finalmente, casamento com Gertrude Evans!
A Ordem dos Médicos proíbe a equipa Layne-Cayce de exercer (mas oferece, ainda assim, uma bolsa de estudos a Layne, para que possa estudar Medicina na universidade). Cayce, encantado, pensa que está finalmente livre dos seus pacientes! No dia seguinte, volta a perder a voz. O Dr. Blackburn encarrega-se de o ajudar a recuperá-la, conduzindo uma nova leitura que Cayce faz para si próprio. A voz regressa.

1905: Cayce monta um estúdio fotográfico, com um sócio, em Bowling Green. Dá leituras na arrecadação, com o Dr. Blackburn como sugestionador, e em ligação com um comité de médicos.
1906: 23 de dezembro: incêndio do estúdio, no qual Cayce acabara de fazer uma exposição de gravuras. Fica totalmente arruinado. Obrigado a retomar as consultas para viver, dá leituras financeiras e bolsistas para o consórcio de produtores de trigo de que o pai faz parte. Não se seguem os seus conselhos: falência do consórcio. Edgar, enojado, espera bem nunca mais dar leituras… Perde a voz.

1907: 16 de março: nascimento do seu filho mais velho, Hugh Lynn.

1909: a família regressa a Hopskinville.

1910: Edgar trabalha para os irmãos Russel, em Anniston, Alabama. Depois associa-se a um amigo para explorar um novo estúdio. Conhece o Dr. Wesley Ketchum, que conduz as suas leituras. Mas Ketchum alerta a imprensa. Artigos no *Boston Herald* a 29 de setembro e no *New York Times* a 9 de outubro, que divulga o seu nome ao grande público. "Os estranhos poderes de Edgar Cayce espantam o corpo médico", ou "o homem iletrado que se torna médico quando o hipnotizam".

O Dr. Ketchum funda uma sociedade para o apoiar: esta sociedade tem quatro sócios: Ketchum, o pai de Edgar, Edgar e um dos seus amigos (Albert Noe): a "Psychic Reading Corporation".
Outono-inverno: Edgar instala-se como "diagnosticador mediúnico" (*psychic diagnostician*) e dá leituras duas vezes por dia, continuando ao mesmo tempo a fotografia.

1911: viagem a Chicago. Muita imprensa, mas o corpo médico esquiva-se e maltrata Edgar adormecido, sob pretexto de "experiências".

22 de maio: primeira leitura conhecida evocando a reencarnação (Edgar não a leu; nesta época, ele nunca relê as leituras). A 28 de março nascera um segundo filho, Milon Porter, que morre a 17 de maio do mesmo ano.

1911-1912: Gertrude adoece; está a morrer de tuberculose. Cayce dá-lhe uma leitura, que recomenda tratá-la com uma forte dose de heroína, manipulações osteopáticas e inalações de álcool de maçã num tonel de carvalho calcinado! O tratamento resulta e Gertrude é salva. Gertrude torna-se a única condutora das leituras de Edgar.

1912: rutura com Ketchum. A família instala-se em Annistan, depois em Selma, Alabama, onde Edgar abre um novo estúdio fotográfico.

Encontro com a família Kahn: David permanecerá até ao fim amigo e colaborador de Cayce; sugere-lhe que desenvolva as leituras psicológicas e profissionais.

1914: Hugh Lynn, brincando com o material do laboratório, provoca uma explosão de magnésio. Arrisca-se a perder um olho. Cayce dá uma leitura para ele e salva-o.

David Kahn é mobilizado e parte para França com o contingente americano. Regressará são e salvo, como Cayce lhe tinha predito.

1917: morte de Léon Kahn, irmão mais novo de David, porque os médicos recusaram a prescrição de Cayce.

1918: 9 de fevereiro: nascimento do terceiro filho de Edgar e Gertrude: Edgar Evans. David Kahn traz a Cayce muitos novos clientes, alguns dos quais europeus.

1919: primeira leitura de astrologia, dada para um jornalista texano, sobre o mapa natal de Edgar. (Mas ele esquecê-la-á até à leitura dada para Lammers em 1923), a partir da qual a astrologia será verdadeiramente integrada nas leituras.

Edgar e o seu amigo David Kahn decidem ir prospetar campos de petróleo no Texas, a fim de reunirem fundos para construir um hospital. Grandes dificuldades no terreno, com os sócios.

1922: o sonho texano termina; dissolução da sociedade de prospeção petrolífera.

1923: Arthur Lammers contrata Cayce, manda-o vir com a família para Dayton, Ohio, e encomenda-lhe toda uma série de leituras.

Em setembro, os Cayce contratam uma secretária: Gladys Davis. Morton Blumenthal, de Nova Iorque, amigo de David Kahn, propõe os fundos para construir o hospital.

2 de novembro: primeira leitura de uma longa série, sobre os sonhos, pedida por Morton Blumenthal.

1924: Blumenthal instala a família Cayce em Virginia Beach, que as leituras não cessam de aconselhar.

1925: começa a construção do hospital, financiada pelos Blumenthal. Morton trabalha no projeto da "Atlantic University", que funcionará com o hospital.
1927: Cayce dá um grande número de leituras financeiras para orientar o grupo de corretores e homens de negócios de Nova Iorque, amigos dos Kahn e dos Blumenthal. A 6 de maio é criada a "Association of National Investigators", antepassada da A.R.E.

1928: 11 de novembro: inauguração oficial do hospital Cayce.

1928-1929: funciona a Atlantic University.

1929: outono: *crash* da Bolsa em Nova Iorque; crise económica e desemprego. Dezembro: sai o primeiro boletim oficial da associação: *The New Tomorrow*.
1930: outono: Morton Blumenthal deixa o grupo.

1931: 28 de fevereiro: o hospital fecha definitivamente as portas e o edifício é vendido.

6 de junho: a Associação é reorganizada e torna-se a A.R.E., tomando o nome "Association for Research and Engligtenment", que as leituras aconselham desde 1928. Nessa época, ninguém sabe ao certo o que isso quer dizer; as duas palavras não significam nada de especial, mas confia-se nas leituras.

11 de novembro: os Cayce são detidos em Nova Iorque e acusados de dizer a "boa aventura". O caso termina com um arquivamento.

1932: primeiro congresso da A.R.E.

1940: Segunda Guerra Mundial. Os dois filhos de Cayce são mobilizados. Edgar, submergido pelos pedidos de leituras, dá até seis e sete por dia. A sua saúde não resiste.

1944: Cayce é hospitalizado no hospital de Roanoke. Uma crise cardíaca deixa-o paralisado do lado esquerdo. Está muito debilitado.

1945: 3 de janeiro: morte de Edgar Cayce.

11 de abril: morte de Gertrude, no dia de Páscoa.

1946: a A.R.E. recompra o antigo hospital Cayce, na Atlantic Avenue, em frente ao mar, e aí instala os seus arquivos, em particular as 14 246 leituras (que foram conservadas graças à intervenção de Gladys Davis).